

A VIDA DELA

Contos de Toshiko Tamura



A VIDA DELA

Contos de Toshiko Tamura

Organização:

Karen Kazue Kawana e Neide Hissae Nagae

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REITOR: Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior

VICE-REITORA: Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DIRETOR: Prof. Dr. Adrián Pablo Fanjul

VICE-DIRETORA: Profa. Dra. Silvana de Souza Nascimento

DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS

CHEFE: Profa. Dra. Lusine Yeghiazaryan

VICE-CHEFE: Prof. Dr. Mario Ramos Francisco Junior

COMISSÃO ORGANIZADORA

Profa. Dra. Neide Hissae Nagae (USP)

Karen Kazue Kawana (Unicamp)

GRUPO DE PESQUISA PENSAMENTO JAPONÊS: PRINCÍPIOS E DESDOBRAMENTOS (CNPq)

LÍDER DO GRUPO DE PESQUISA: Profa. Dra. Neide Hissae Nagae

NÚCLEO DE TRADUÇÃO DE CONTOS DE TOSHIKO TAMURA

Daniela Motano Patrocínio

Igor T. Yamanaka

Karen Kazue Kawana

Mariane Andrade

Pedro Malta Chicaroni

Thais Diehl Bresolin

Organização:
Karen Kazue Kawana e Neide Hissae Nagae

A VIDA DELA

Contos de Toshiko Tamura



São Paulo, 2025

DOI: 10.11.606/9788575065396

ORGANIZAÇÃO

Karen Kazue Kawana

Neide Hissae Nagae

REVISÃO

Organizadoras e autores

REVISÃO DO PREFÁCIO E DIAGRAMAÇÃO

Priscila Gerolde Gava

DESIGN DE CAPA

Karen Kazue Kawana

Priscila Gerolde Gava

Catálogo na Publicação (CIP)
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo
Elizabeth Barbosa dos Santos – CRB-8/6638

T159 Tamura, Toshiko
A vida dela [recurso eletrônico] : contos de Toshiko Tamura /
Organizadoras: Karen Kazue Kawana, Neide Hissae Nagae. -- São
Paulo : FFLCH/USP, 2025.
1.285 Kb ; PDF

ISBN 978-85-7506-539-6
DOI 10.11.606/9788575065396

1. Literatura japonesa – Contos. 2. Literatura feminina japonesa –
História e crítica. 3. Escritoras japonesas – Século XX. I. Kawana,
Karen Kazue, *coord.* II. Nagae, Neide Hissae, *coord.* III. Título.

CDD 895.635

Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra,
desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença *Creative Commons* indicada.



Sumário

Agradecimentos.....	6
Conquistar um lugar no mundo: à guisa de Prefácio da antologia de contos de Toshiko Tamura.....	7
Toshiko: mulher e escritora.....	14
Sangue vivo.....	21
A escritora.....	29
O batom da múmia.....	34
Manhã de chuva	69
Noite de primavera	77
Os sedutores frutos de goji	89
A vida dela.....	98
Esplendor	114
Antes de desmoronar.....	129
Sobre os tradutores	144

Agradecimentos

Agradecemos à Professora Neide Hissae Nagae, líder do Grupo de Pesquisa “Pensamento Japonês: Princípios e Desdobramentos” (CNPq) e à Habilitação em Língua e Literatura Japonesa do Curso de Letras e ao Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) pelo apoio à realização de nossas atividades e à publicação deste livro.

Conquistar um lugar no mundo: à guisa de Prefácio da antologia de contos de Toshiko Tamura

A literatura feminina, hoje, tem merecido destaque no mundo todo, incluindo o Brasil. Em iniciativa inédita, o Ministério da Educação e Cultura promove esse movimento por meio de nomes de literatas que figuram na lista de obras de leitura obrigatória para os exames vestibulares de 2026. Uma política governamental necessária, sem dúvida, em meio a um mundo que ainda privilegia os homens depois de tantos movimentos feministas que ficaram conhecidos mundialmente na década de 1960 e as lutas pelas igualdades no sentido mais amplo.

Ironia ou não, o Japão do século X viu o florescimento de uma literatura feminina sem igual no mundo, por meio de uma política governamental bastante curiosa. As origens japonesas mostram uma valorização do matriarcado, que foi se perdendo a partir das organizações administrativas e culturais importadas da China confucionista, e nos primórdios as mulheres se destacaram no âmbito literário. Como é do conhecimento geral, poetisas sempre estiveram presentes nas coletâneas de poemas desde antes do século VIII, como nos mostram a coletânea *Miríade de Folhas*, *Man'yōshū*, as vinte e uma antologias oficiais organizadas entre o século X e XIV, assim como as “haikuístas” pós Bashō por volta do século XVII. Enquanto escritoras, algumas despontaram com os diários literários, permeados por poemas, a partir do final do século X até meados do século XIV, e com as narrativas – *monogatari* – e os ensaios – *zuihitsu*. Representando esta última forma literária mencionada, o *Livro do Travesseiro*, *Makura no Sōshi*, do início do século X, de autoria da dama da corte Sei Shōnagon, possui duas traduções para o vernáculo, além de vários trabalhos acadêmicos centrados em si. As *narrativas de Genji*, *Genji monogatari*, de Murasaki Shikibu, também do início do século X, possui apenas alguns tomos traduzidos e trabalhos de pesquisas que o têm como tema. Entre os diários, temos uma tradução indireta de *Towazugatari*, do início do século XIV, um dos últimos, que recebeu o nome de *Confissões de Lady Nijō*.

Esse florescimento da literatura feminina de maneira esplendorosa no período antigo deu-se a essa tradição matriarcal e, em grande parte, também à política do clã Fujiwara de perpetuar sua hegemonia por meio do parentesco externo com os herdeiros ao trono e imperadores. As mulheres recebiam elevada educação e esmerada formação para tornarem-se damas da corte, princesas ou imperatrizes. Muitas delas foram responsáveis pelas obras de autoria feminina mencionadas acima e que foram desaparecendo do cenário literário japonês com o passar dos séculos,

sobrando alguns poucos nomes femininos entre os compositores de *haikai* que se desenvolveram no século XVII.

O conjunto dessa manifestação literária que teve o seu ápice nos últimos séculos da era Heian (794-1192) foi denominada a posteriori de *joryūbungaku*, 女流文学, ou seja, “literatura do estilo feminino”, e essa nomenclatura foi utilizada durante muito tempo para se referir inclusive às poucas escritoras que surgem na modernidade japonesa, a partir do final do século XIX, e que se destacaram. Em dado momento da história da literatura japonesa, passou-se a utilizar a expressão *joseibungaku*, 女性文学, “literatura feminina”. Na *Coletânea de documentos de pesquisa da literatura japonesa, Nihon bungaku kenkyū shiryōsho*, organizado em cem volumes, o que leva o nome de *Literatura moderna ao estilo feminino, Kindai joryū bungaku*, 近代女流文学, consta entre os 20 volumes que compõem o terceiro bloco de publicações dessa coleção organizada pela sua Comissão de Publicação pela editora Yūseidō em 1985. Esse volume contempla as escritoras Kanoko Okamoto, Fumiko Hayashi, Taiko Hirabayashi e Ineko Sata. Os artigos sobre elas são escritos por várias mulheres e homens, sendo que algumas das próprias contempladas no livro versam sobre outras escritoras. Sumiko Watanabe, Akiko Ogata, Hiroko Kobayashi e Kei Hasegawa são nomes que constam nessa obra coletiva que utilizava *joryū bungaku* e, anos mais tarde, estão presentes no livro publicado pela Sekai shisōsha em 2000: *Josei Bungaku o manabu hito no tame ni* [Para estudar a literatura feminina], organizado por Sumiko Watanabe, professora da Universidade Daitō Bunka de Tóquio. A obra apresenta um livro geral sobre a literatura feminina com muitos outros nomes que assinam os artigos. Nele, Toshiko Tamura figura entre outras 13 mulheres no item que leva o seu nome na parte IV intitulada “Situação atual das pesquisas organizada em itens por escritoras”. Aiko Kurosawa, professora da Universidade Internacional de Okinawa, é quem assina as seis páginas sobre Tamura, destacando-a como a primeira escritora profissional que obteve sucesso no círculo literário da época e digna de ocupar uma posição de destaque na era moderna, seja pelo seu estilo de escrita ou pelos assuntos por ela tratados. Após uma breve apresentação sobre a escritora, Kurosawa apresenta as obras que considera principais. *Akirame*, あきらめ [Resignação] de 1911, recebeu o Prêmio do concurso de obras literárias do matinal do Jornal Asahi. Elaborada em momento de dificuldade financeira no qual a autora foi forçada pelo marido a concorrer a ele, a obra trouxe um reconhecimento que a faz voltar ao cenário literário e lhe dá destaque para continuar a publicar obras como *Sangue vivo*, *Ikichi*, 生血, de 1911, publicado no volume inaugural da revista Seitō; *A escritora*, *Onna sakusha*, 女作者, de 1913, antes intitulada *Yūjo*, 遊女 [Mulher dos prazeres], publicada na revista Shinchō; *O batom da múmia*, *Miira no kuchibeni*, 木乃伊の口紅, de 1913, publicada na revista Chūō Kōron; *Hōraku no kei*, 炮烙の刑 [Castigo por queimadura], de 1914 pela mesma editora; *Os sedutores frutos de goji*, *Kuko no mi no yūwaku*, 枸杞の実の誘惑, de 1914 pela Bunshō Sekai e *Vida dela*, *Kanojono seikatsu*, 彼女の生活, de 1915, e Kurosawa diz haver mais (2000, p. 108-109).

Em quadro elaborado por Rika Nishida (2000, p. 253-277), no livro organizado por Sumiko Watanabe, estão as produções de 1883 a 1999. Nele, a elaboradora separa as obras literárias femininas e as masculinas, e acrescenta um campo destinado aos principais acontecimentos da época. Aqui, apresentamos as mulheres que

precederam Toshiko Tamura, que consta em 1903 com *Vestes húmidas pelo orvalho*, *Tsuyuwakegoromo*, 露分衣, que seria sua obra de estreia, publicada sob o nome Roei, recebido de Rohan Kōda, respeitado autor no círculo literário da época, de quem Tamura foi discípula, mas do qual se afastou para se tornar atriz de teatro com Kidō Okamoto e outros. Dez anos antes de sua obra de estreia, havia muitas autoras femininas que antecederam inclusive a escritora Ichiyō Higuchi (1872-1896) e a tankaísta Akiko Yosano (1878-1942). Nesta apresentação, praticamente uma lista, nem sempre citaremos as obras de suas autorias ou veículo de publicação, pois a intenção é apenas registrar esses nomes femininos para lembrar que, embora fossem muitos, com atuações relevantes no mundo da literatura da sociedade da época, a maioria não é conhecida entre os brasileiros.

Desse modo, a primeira do referido quadro é Toshi Kishida (1864-1901) com o discurso de 1883 *Garotas em redoma de vidro – a imperfeição do casamento* [*Hakoirimusume – kon'in no fukanzensei*], e que aparece em 1884 sob o nome de Toshiko Kishida, com dois textos na revista *Jiyū no tō*, sendo um deles no número inaugural. Após uma lacuna no ano de 1885, em 1886 surgem outros nomes como Shizuko Wakamatsu (1874-1896) com outras obras publicadas em 1887 e 1890, e Utako Nakajima (1845-1903); Shōen Nakajima (ou Toshiko Kishida) em 1887 e 1889 e no mesmo ano, com outra obra sob o nome de Toshiko Nakajima; em 1888, Kaho Tanabe (ou Miyake) (1869-1943) também em 1891; em 1889, Akebono Kimura (?1872-1890) com outra obra em 1890; Shikin Shimizu (1868-1933) em 1891, 1892, 1897, 1898, 1899; Kusuoko Ōtsuka (1875-1910) em 1891, 1900; em 1892, Ichiyō Higuchi com mais 2 obras em 1893, 2 obras em 1894, 3 obras em 1895 e uma em 1896; em 1895, Inabune Tazawa (1874-1896 e em 1896; em 1896, Usurai Kitada (1876-1900) e também em 1898, 1899, 1901; Em 1899, Toshiko Nakajima (ou Toshiko Kishida); em 1900 Joshi Matsunoya (?-?) e em 1902; em 1901, Akiko Yosano também em 1904; em 1902, Yachiyo Osanai (ou Okada) (1882-1962) e Kimiko Koganei (1871-1956). Encerramos as enumerações dessas mulheres atuantes no âmbito da literatura de forma ampla, seja na poesia, no teatro, nos ensaios e nas traduções, nas artes plásticas e no ensino, muitas delas sob a proteção de grandes nomes masculinos do Japão da época.

Inserida nesse meio literário já fértil, Toshiko Tamura, ou Toshi Satō (1884-1945), foi uma mulher que viveu a primeira fase da modernidade japonesa, um momento de grandes e decisivas transformações, encantadora para uns e nem tanto para outros. Nascida em Edo, a capital do xogunato desde o século XVII e que foi o local de efervescência cultural do Japão desde então, a jovem Toshi cresceu em um rico mundo da cultura tradicional japonesa formada no longo período de paz e isolamento parcial do arquipélago japonês. Um novo universo se descortinava com as novas influências ocidentais introduzidas de modo mais ativo a partir de 1868, em que começa a tão complexa era Meiji, representativa e polêmica. No âmbito da poesia japonesa, Akiko Yosano (1878-1942), com seus *tanka* modernos, foi uma das poucas mulheres que, como já dito, se destacaram cedo nesse mundo da literatura em que os homens eram a maioria. Pensando nos escritores que nasceram na mesma época que Toshiko, logo nos vêm à mente Naoya Shiga e Saneatsu Mushanokōji, os quais criaram novas bases artísticas e literárias a partir de 1910, com a corrente Shirakaba, formada basicamente pela elite japonesa. Estes já sentiam as contradições daquele mundo em que viviam e traziam propostas humanistas, de formação do indivíduo por meio das artes e da educação. Não chegavam, no entanto, a

ter o mesmo tipo de ideias socialistas e feministas que eclodiram quase que simultaneamente em 1911, com a revista feminina *Seitō*, com a qual Toshiko teve contato antes de ir viver no Canadá e Estados Unidos entre 1918 e 1936.

Não é comum encontrar o nome de Toshiko Tamura e seus trabalhos em materiais didáticos de literatura japonesa ou de história da literatura. No entanto, na série voltada para iniciantes da editora Mineruba shobō, *História da literatura japonesa* [Hajimete manabu nihon bungakushi], Takashi Enomoto, o organizador, contempla a escritora na 4ª. seção de Literatura Feminina – *Josei bungaku* – intitulada “As mulheres de ‘As Meias Azuis’, os temas das oposições entre mulheres e homens” [Seitō no onna tachi, danjo sōkoku no tēma] juntamente com outra escritora chamada Senko Mizuno (1888-1919), cujo nome aparece pela primeira vez no quadro em 1907. Natural da província de Fukushima, Senko vai para Tóquio depois de ser reconhecida por Katai Tayama com a obra *Torō* [Esforço em vão], publicada na revista *Bunshō Sekai* em 1909, torna-se sua discípula e continua a escrever outras obras como *Onami* [Onami] e *Musume* [Garota] na revista *Chūō Kōron*, conseguindo se manter como escritora. Falece em 1919 e deixa uma coletânea de obras que leva o seu nome, publicada em 1920 (ENOMOTO, 2010, p. 452-3). É possível mencionar a obra *História da literatura feminina japonesa para iniciantes – moderna e contemporânea* [Hajimete manabu nihon josei bungakushi – kingendaihen], de 2005. Nesse sexto volume da série produzida pela mesma editora Mineruba, organizado por Hiroko Iwabuchi e Sachie Kitada, são apresentados os variados caminhos traçados pelas escritoras do período moderno e contemporâneo por meio de temas e formas de expressões distintas da literatura masculina que se desenvolveram em paralelo. Trata-se de edições mais recentes que evidenciam a preocupação em inserir devidamente as mulheres no panorama da literatura japonesa. Apesar disso, Tamura Toshiko é a única mulher contemplada no *Guia de Literatura do século 21* [21 seiki nihon bungaku gaido], que conta com 10 volumes, figurando no volume 7, organizado por Maiko Odaira e Tizuko Naitō em 2014.

A autora é contemplada também pelo viés das mulheres que estão na esteira de uma literatura de cunho autobiográfico conhecido no Japão como *watakushishōsetsu* ou *shishōsetsu*, figurando no livro *História da literatura a partir do “eu” – com foco na dimensão do romance do eu*, [“Watakushi” kara kangaeru bungakushi - watakushishōsetsu toiu shiza], organizado por Aya Ihara e mais sete autores em 2018. O segundo capítulo é dedicado exatamente à obra que dá nome a esta antologia de Tamura, com a qual apresentamos suas obras traduzidas. “A vida e as estratégias da mulher que ‘escreve’ – *A vida dela* de Toshiko Tamura e o jornalismo” [“Kaku” onna no seikatsu to senryaku – Tamura Toshiko “Kanojo no seikatsu” do jōnarizumu] é o título desse capítulo. Nele, a pesquisadora Nami Kitō mostra a discussão sempre polêmica sobre a identificação da protagonista com a autora e que foi alvo de três edições especiais de revistas representativas de sua época: *Shinchō*, em 1913 e 1917, e *Chūō Kōron*, em 1914, apelando aos leitores que poderiam enxergar a plausibilidade nessa relação. Além disso, Kitō explora a visão sobre Tamura como mulher enquanto figura que apresentaria novas características ou que manteria os traços antigos, abordando o aspecto regulador que estaria sempre presente em sua vida de casada e, portanto, propiciando a leitura de uma imagem mesclada entre a autora e a protagonista de obras suas.

Boa parte das obras de Tamura consta nesta coletânea de obras traduzidas pelo Núcleo do Grupo de Pesquisa liderado por Karen Kawana, que também dirigiu o Núcleo de Tradução de Yuriko Miyamoto, cuja antologia foi publicada em 2024 pelo Selo Caminhos da editora Desalinhos sob o nome – *Mulheres sobre as quais desejo escrever: coletânea de textos de Yuriko Miyamoto*, de organização dela e de Bruna Tiemi Ogawa. São contempladas 27 obras da autora, bastante atuante no movimento proletário, como ficou conhecido no Japão. Este livro dá continuidade ao belíssimo trabalho de divulgar as escritoras japonesas, junto a outras iniciativas já existentes, mas ainda totalmente insuficientes para cobrir os nomes aqui citados acima e outros nem lembrados.

Hoje, algumas poetizas e autoras do período clássico, assim como do período moderno e contemporâneo, podem ser lidas via tradução direta, por meio de publicações de editoras e de trabalhos acadêmicos e publicações online.

Entre as mais antigas, Akiko Yosano (1878-1942), Ichiyō Higuchi (1872-1896), Yuriko Miyamoto (1899-1951), Ineko Sata (1904-1998), Fumiko Hayashi (1903-1951) entre outras, têm sido alvo de tradução ou de apresentações no Brasil, mas muitas continuavam ocultas até pouco tempo atrás, como permaneceu Toshiko Tamura até o momento.

Por isso, os nove “contos” aqui reunidos, resultantes de um trabalho desenvolvido no Núcleo “Toshiko Tamura – tradução de contos” do Grupo de Pesquisa “Pensamento Japonês: Princípios e Desdobramentos”, cadastrado no CNPq pela Universidade de São Paulo, e inseridos na Linha de Pesquisa de Tradução Linguística e Intercultural Japonês-Português, reveste-se de grande significado. Curiosamente, a segunda obra de Toshiko Tamura, intitulada *A escritora*, remete a um apagamento da mulher na língua japonesa, pelo simples fato de ela não ter o gênero tão marcado como no português. No original, *Onna sakusha*, 女作者, a autora lança mão do atributivo de “mulher” para “escritor”, criando uma forma distinta do que é possível de se fazer com os nossos artigos e desinências. Por esse ângulo, trata-se de um apagamento feito pelo próprio japonês, e que requer a mencionada marcação. Por outro lado, se à tradução do título fosse dado o quase pleonasma vicioso de *A escritora mulher*, isso causaria um estranhamento pelas marcações excessivas do gênero. No entanto, poder-se-ia pensar nessa opção como uma ênfase para resgatar a diferença linguística. São muitas as possibilidades de reflexão.

Os seis membros e tradutores que integram este projeto, que aqui encerra uma etapa importante, são pessoas que em algum momento tiveram ou ainda têm ligação com o Curso de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, em nível de Graduação e ou de Pós-Graduação e que exercem outras funções como seres sociais atuantes no âmbito da divulgação da língua, da literatura e da cultura japonesa. Cada qual, em seu estágio de desenvolvimento e formação no âmbito da tradução e da pesquisa, nos oferecem diferentes formas de fruição da leitura das obras de Toshiko, e esperamos que continuem a trilhar o caminho do estudo dessa autora e de suas produções e a aprimorar também os estudos de tradução no par linguístico japonês-português.

É bastante gratificante que esse núcleo que atua na linha de pesquisa de Tradução Linguística e Cultural Japonês Português esteja avançando na preparação de tradutores e de pesquisadores que contribuem com a divulgação da literatura japonesa no Brasil, e sejam capacitados a também refletir sobre o pensamento da

época em que essa escritora e outros literatos contemporâneos a ela viveram, formando um conjunto mais consistente a ser compartilhado entre os interessados. Sem dúvida, trata-se de uma colaboração para a ampliação da massa crítica nos estudos japoneses no Brasil e que nos enche de orgulho.

Apesar disso, ainda há muitas lacunas a serem preenchidas, de modo que a publicação dessas obras de Toshiko Tamura reveste-se de um valor ímpar no atual cenário brasileiro e mundial em que as escritoras são um dos grandes alvos da atenção do público.

Como mulher que viveu em um mundo majoritariamente masculino no Japão e no mundo, ainda nos resta conhecer mais sobre a Toshiko que viveu fora do Japão, boa parte no ainda desconhecido mundo ocidental e outra parte no continente chinês depois de ter retornado ao seu país que já tinha territórios japoneses na China. A criação da revista mensal Josei, 女声, Voz Feminina, em Xangai, em outubro de 1942 foi o objeto de seu trabalho incansável ao qual dedicou-se integralmente, desde a sua organização, elaboração de matérias e do editorial, e da circulação. Infelizmente, essa vida cheia de sonhos e realizações foi encerrada precocemente com sua morte após acidente em 13 de abril de 1945, fazendo-nos imaginar quantos outros projetos ela poderia ter concluído. Um estudo sobre a revista foi publicado em 2024 sob o título *A revista em língua japonesa Josei durante a guerra sino-japonesa – centrada na feminista Toshiko Tamura*, Nitchū senjika no chūgokugo zasshi Josei – feminista Tamura Toshiko o chūshin ni [日中戦時下の中国語雑誌 『女声』 —フェミニスト田村俊子を中心に] por Makiko Yamazaki e mais quatro autoras. O livro apresenta as demais mulheres redatoras da revista Josei e, além da chamada “caixa de confiança”, que recebia consultas de leitores, tomamos conhecimento dos temas cobertos pela revista, que versavam sobre matérias de literatura e artes, cinema, teatro, algumas voltadas para crianças, além de informações de âmbito internacional.

Nessa atuação de Toshiko, já utilizando o sobrenome Satō de sua família, é possível ver a postura de uma mulher firme, determinada a contribuir para o engrandecimento das mulheres em solo chinês e no qual residiam muitos japoneses. Contribuição semelhante ela fez durante sua longa estadia no Canadá e nos Estados Unidos, por meio do jornal Tairiku Nippō, entre outros, em um momento em que poucas figuras femininas atuavam fora do solo japonês.

No Japão, muitas comparações positivas e negativas têm sido feitas sobre seus trabalhos, em relação à sua atuação comparada a de outras escritoras que a precederam e sucederam. Embora algumas obras dessas escritoras estejam divulgadas entre nós, ainda faltam estudos e análises, não só das obras individuais como também de trabalhos comparativos, e esperamos que eles comecem a surgir daqui por diante.

Um estudo mais antigo intitulado *Tamura Toshiko* foi desenvolvido por Harumi Setouchi (1922-2021), conhecida como Jakuchō Setouchi, depois que se tornou monja em 1973, e que realizou a mais recente tradução de *As narrativas de Genji*, em uma edição primorosa composta por dez volumes para a língua japonesa moderna entre 1996 a 1998. Nessa publicação sobre Toshiko, que ganhou o prêmio literário Tamura Toshiko em 1961, Setouchi avalia as obras iniciais da autora como dotadas de um olhar sóbrio e sábio na auto-observação de um ego feminino moderno que floresceu a partir de sua obra de estreia *Resignação*, e que a partir da publicação de *Pressão*,

Appaku, 圧迫 de 1915, ela mostra que aquele seu ego desnudo e brilhante de vozes lamuriosas e os atritos sentimentais que atormentavam as contradições entre o ideal e o real, que eram abundantes nas obras de Toshiko, não mais estavam presentes (SETOUCHI: 1982, p. 278-279).

Em certa medida, podemos conferir essa opinião de Setouchi, por meio da leitura das obras aqui reunidas nesta coletânea de obras da fase inicial de Tamura, antes de sua primeira saída do Japão em 1918, como foi a escolha do grupo.

São obras escritas em primeira pessoa ou terceira pessoa do singular e que retratam personagens ligadas às artes e à literatura e enfrentam a brutalidade masculina tão comum na época em que as mulheres eram inferiorizadas e se viam assim, de mão atadas, muito em função da dependência econômica. Mas essas personagens são também mulheres destemidas que seguem seus impulsos, seu coração, com coragem. São sensíveis e, por isso mesmo, as contendas e os relacionamentos complicados lhes são mais difíceis, embora ternos ao mesmo tempo. Como não poderia deixar de ser, o submundo do sexo, os amores desencontrados e os recônditos da alma feminina são descritos de forma precisa e minuciosa nessas mulheres e suas vidas, seus afetos e desafetos de uma época em que a independência feminina desponta com grande vigor no Japão por meio de escritoras como Toshiko Tamura. Os homens surgem como figuras de opressão, mas ao mesmo tempo de obsessão que o amor impõe. Nomeadas ou inominadas, elas representam muitas outras das que mergulham em seu próprio interior, ilusões e decepções.

Cada obra mostra as facetas dessas mulheres por diferentes ângulos – como são, como somos – idealistas, realistas, um pouco de tudo, contestadoras ou conformadas, ora mais ora menos, mas uma coisa é certa: a autoafirmação, a independência e a liberdade são suas buscas, um sonho que não conseguem vislumbrar com muita nitidez. O que é ser mulher no mundo em que se vive. Em suma, um sonho ainda a se delinear e se desvendar, perseguido em todas as épocas e em qualquer lugar. Deparamo-nos com cenas, um recorte de momentos de uma vida, com finais sem fim, como é a luta que continua.

Parabenizo a equipe de tradutoras e tradutores que dedicaram parte de seu precioso tempo para a conclusão de mais este trabalho que se concretiza em nosso Grupo de Pesquisa Pensamento Japonês: Princípios e Desdobramentos e espero que continuem suas trajetórias em novos projetos no Grupo e fora dele com muito sucesso.

Agradecemos também aos demais membros do Grupo de Pesquisa, que trilharam em seus núcleos, caminhos que seguem em paralelo ao deste, em discussões e encontros internos e externos; aos professores e funcionários do curso de Letras Japonês do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa da Universidade de São Paulo, e a todos, que direta ou indiretamente possibilitaram a publicação deste livro.

São Paulo, 28 de março de 2025
Neide Hissae Nagae

Toshiko: mulher e escritora

Karen Kazue Kawana

Toshiko Tamura (1884-1945), nascida Toshi Satō, cresceu no distrito de Asakusa, conhecido como parte do *shitamachi*¹ de Tóquio. Essa era uma área mais popular, boêmia e comercial, que ainda preservava os traços do período Edo (1600-1868), já que os teatros tradicionais e os artistas que se apresentavam em seus palcos viviam ali. Por essa razão, Toshiko era chamada de *edokko* (filha de Edo), pelos seus pares do universo literário oriundos de camadas mais altas da sociedade.

O contato da autora com o teatro começou ainda na infância, pois o avô de Toshiko a levava para assistir a apresentações de teatro *kabuki*. Além disso, atores, gueixas e artistas frequentavam sua casa nessa época e sempre havia pessoas cantando e conversando sobre teatro ao seu redor. O sobrenome Satō era da mãe, o pai o adotou ao se casar para administrar o negócio familiar de distribuição e etiquetamento de arroz (*fudashi*), atividade que remontava também ao período feudal, quando o grão servia como moeda de troca e pagamento. Os pais de Toshiko se separaram quando ela era adolescente e, apesar de ter vivido algum tempo com a nova família do pai, ela posteriormente retornou à casa da mãe. Depois da separação, esta última, que também apreciava o teatro, havia passado a dar aulas de cantos tradicionais que acompanhavam as performances de teatro *kabuki* (*nagauta*) e de marionetes (*gidayū*).

Em 1901, Toshiko entrou na Nihon Joshi Daigaku (Universidade Feminina de Tóquio), uma universidade privada criada pelo educador Jinzō Naruse (1858-1919) para estudar literatura japonesa. Apesar de uma universidade voltada para mulheres ser uma proposta inovadora na época, a visão de Naruse sobre a educação feminina era conservadora e se alinhava com a ideologia do *ryōsai kenbo*, ou da “boa esposa, mãe sábia”, propagandeada pelo governo e segundo a qual a função social das mulheres seria a de apoiar os maridos e criar os filhos para servirem à nação. Escritores como Yuriko Miyamoto (1899-1951) e Raichō Hiratsuka (1886-1971) também chegaram a ser alunas da instituição. Toshiko, no entanto, abandonou os estudos depois de um ano e entrou no círculo literário do escritor Rohan Kōda (1867-1947), de quem foi discípula por alguns anos, publicando seu primeiro conto, “*Tsuyuwake*

¹ *Shitamachi* pode literalmente ser traduzido como “cidade baixa” e se contraporia à área onde estavam as residências dos nobres e senhores feudais, construídas em partes mais altas de Edo, ou seja, Tóquio.

goromo” (“Roupas úmidas de orvalho”), sob o pseudônimo de Roei (露英²) em fevereiro de 1903. Ele foi escrito sob a orientação de Kōda em um estilo ficcional similar ao de Ichiyō Higuchi (1872-1896), conhecida escritora do período Meiji (1868-1912), cujos contos de temática sentimental, e muitas vezes trágicos, em estilo literário clássico eram muito elogiados. O conto de Toshiko narra a história de Okimi, jovem órfã que procura convencer o irmão a não se separar da esposa. Okimi mora com a família do irmão, mas ele deixa a mulher para viver com a amante. Em um final dramático, a jovem, que sofre de tuberculose, sai na chuva para pedir que o irmão retorne e morre em consequência disso.

Em uma época em que os escritores japoneses se inspiravam no naturalismo, no realismo e em outros estilos de literatura ocidental, Toshiko não se sentia confortável seguindo o estilo de literatura clássica de seu mestre e, buscando uma nova forma de expressão artística, ela se envolveu com o movimento *shingeki* (Novo Teatro), inspirado no teatro ocidental, chegando a atuar e a integrar grupos teatrais por algum tempo depois de deixar o círculo literário de Kōda em 1906. As críticas que recebeu, particularmente aquelas que faziam referência à sua aparência, deixavam-na insegura, levando-a, inclusive, a realizar uma cirurgia plástica no nariz, e faziam com que não acreditasse que poderia ser uma grande atriz apesar de ser uma mulher atraente (SETOUCHI, 1993).

Em 1909, aos vinte e cinco anos, ela se casou com Shōgyo Tamura (1874-1948), que havia conhecido no círculo de discípulos de Kōda anos antes. Este fora estudar nos Estados Unidos em 1903 e, antes de partir, pediu que Toshiko esperasse seu retorno para que se casassem, ao que ela aquiesceu. Os dois passaram seis anos separados antes de sua união (que nunca foi oficializada, já que Toshiko não foi incluída no registro familiar do marido). Não se pode dizer que a vida conjugal dos dois fosse feliz, pois, apesar de Shōgyo reconhecer Toshiko como escritora e não a impedir de buscar sua realização artística, ele não era um escritor de sucesso e as questões financeiras provocavam fissuras na relação dos dois. E, como Toshiko também possuía uma personalidade forte, as brigas entre o casal eram frequentes.

A carreira literária de Toshiko finalmente ganhou fôlego e ela se tornou conhecida depois de ganhar um concurso literário promovido pelo *Asahi Shinbun* (*Jornal Asahi*) de Osaka em 1910, no qual se inscreveu por pressão de Shōgyo, que se sentia frustrado por ela não contribuir para a manutenção do casal. Apesar de sua insegurança em relação ao próprio talento, ela acabou cedendo diante da insistência do marido que ameaçava deixá-la se não se pusesse a escrever. Para sua surpresa, seu romance “*Akirame*” (*Renúncia*) ganhou o concurso. O prêmio era um valor substancial em dinheiro. A obra foi serializada no jornal no ano seguinte. O enredo do romance trata de Tomie, uma jovem que, como ocorreria em seguida com a própria autora, ganha um concurso com uma peça teatral e se torna repentinamente famosa. Ela deseja se dedicar à carreira literária, mas as circunstâncias e as obrigações familiares a levam a deixar Tóquio, renunciando a seu sonho para ir cuidar de uma parente idosa no interior. As demais mulheres que surgem nessa obra, como as irmãs e as amigas de Tomie, também têm sua liberdade de agir e fazer suas próprias escolhas restritas pelas determinações da sociedade patriarcal da época.

² Esse nome foi dado a Toshiko por Rohan Kōda, o primeiro ideograma faz parte do nome deste último.

A relação turbulenta com Shōgyo, a falta de dinheiro e a guinada que Toshiko experimenta em sua vida quando ganha o concurso literário e adquire autoconfiança para se dedicar à escrita são narrados em “*Miira no kuchibeni*” (“O batom da múmia”), novela publicada em 1913. De fato, muitos de seus textos que descrevem as dificuldades e conflitos dos relacionamentos conjugais têm conteúdo autobiográfico.

Toshiko abandonou definitivamente a carreira teatral pouco depois de ganhar o concurso do *Asahi Shinbun* e passou a escrever assinando suas obras com o sobrenome de Shōgyo, pelo qual ficou conhecida, tornando-se uma das primeiras escritoras a viver unicamente de sua escrita. Seus textos faziam sucesso especialmente entre o público feminino. Shōgyo, por sua vez, tinha dificuldades para vender seus manuscritos e, ao final, passou a ser sustentado pelo trabalho da mulher até abrir seu próprio negócio, um antiquário, em 1916. No ano seguinte, Toshiko se envolveu com Etsu Suzuki (1886-1933), então jornalista do *Asahi Shinbun* (*Jornal Asahi*) que havia conhecido anos antes e com quem passou a viver, deixando Shōgyo. Etsu ainda era casado e, talvez para fugir de uma situação escandalosa, em 1918, ele foi a Vancouver, no Canadá, para trabalhar no jornal *Tairiku Nippō* (*Diário Continental*). Toshiko, que passava por um momento de crise na escrita e na vida pessoal, decidiu ir ao seu encontro depois de juntar dinheiro suficiente para pagar por sua passagem.

Etsu foi editor do *Tairiku Nippō* de 1918 a 1924 e, entre 1924 a 1932, do *Nikkan Minshū* (*Diário do Povo*), ambos voltados para a comunidade nipônica que vivia na região. A adaptação de Toshiko ao país não foi fácil a princípio, pois ela não falava a língua e não sentia muita afinidade com a comunidade nipônica local, em geral, composta por imigrantes provenientes de áreas rurais do Japão com uma mentalidade mais conservadora. Além disso, os canadenses viam os imigrantes japoneses com preconceito e animosidade. Contudo, aos poucos, ela foi se envolvendo com as atividades de Etsu, com quem se casou oficialmente em 1923, que se esforçava para criar e organizar os trabalhadores japoneses em um sindicato. Toshiko começou a escrever colunas no jornal de Etsu, contribuindo com *haiku*³ e poemas longos que assinava com o pseudônimo “Tori no ko” (Filhote de pássaro).

Em fevereiro de 1932, Etsu retornou ao Japão no que deveria ser uma viagem curta, mas foi acometido por uma apendicite e morreu em um hospital de sua cidade natal, Toyohashi, em setembro de 1933. Ele teria retornado ao país na companhia de uma mulher proveniente de Hiroshima que havia conhecido ainda no Canadá e com quem vivia em Tóquio. Não é possível saber se Toshiko tinha conhecimento desse fato (SOKOLSKY, 2015).

Dois meses após a morte de Etsu, Toshiko foi para Los Angeles, onde planejava passar alguns meses, no entanto, ela permaneceu no país por quase três anos. Seu renome pregresso como escritora e os contatos que tinha nos Estados Unidos permitiram que ganhasse dinheiro escrevendo artigos para o *Rafu Shinpō* (*Los Angeles Times*), jornal voltado para a comunidade nipo-americana. Em dezembro de 1933, Toshiko publicou uma série de ensaios nos quais descrevia suas impressões sobre Los Angeles, seu clima, belezas naturais e a comunidade local, comentando, também, as dificuldades e os conflitos dos niseis que se viam divididos entre se integrar ao país onde nasceram e observar os valores de seus pais. Ela assinou seus trabalhos usando o sobrenome de Etsu até 1935, passando a empregar o pseudônimo

³ Também conhecido como haikai no Brasil.

“Yukari” (Terra de excepcional perfume) quando iniciou uma nova coluna no *Rafu Shinpō* no qual publicava entrevistas com americanos de descendência japonesa de Los Angeles.

Em fevereiro de 1936, seu visto de permanência nos Estados Unidos expirou e ela não conseguiu renová-lo. Sem alternativa e sem recursos financeiros, Toshiko se viu obrigada a retornar ao Japão, para onde se dirigiu no mês seguinte, depois de passar quase duas décadas vivendo no exterior. Ela havia deixado o Japão no período Taishō (1912-1926), uma época de otimismo social e político, quando era uma escritora de sucesso com uma legião de fãs que apreciavam os textos nos quais ela retratava mulheres em busca de espaço para si, tratava da sexualidade e dos desejos femininos e descrevia os conflitos que elas experimentavam no Japão que se modernizava, mas, ao mesmo tempo, ainda as restringia com sua mentalidade patriarcal. Ao seu retorno, o que encontrou foi um Japão militarizado, que restringia cada vez mais a liberdade de expressão dos artistas e dos intelectuais. Assim mesmo, Toshiko foi bem recebida pelos antigos conhecidos e pelo público que esperava que ela voltasse a escrever textos parecidos com aqueles que a tornaram famosa antes de sua partida. No entanto, ela não era a mesma pessoa daquela época.

No círculo de relações da autora, encontravam-se velhos conhecidos como Shigure Hasegawa (1879-1941), editora da revista *Nyonin Geijutsu* (*Arte das Mulheres*) e depois da *Kagayaku* (*Brilhante*), Yachiyo Okada (1883-1962), Hideko Maruoka (1903-1990) e Yoshiko Yuasa (1896-1990). Ela também se aproximou de escritores da vertente de literatura proletária como Yuriko Miyamoto, Ineko Sata (1904-1998) e Tsurujirō Kubokawa (1903-1974), marido de Ineko com quem Toshiko viria a se envolver pouco depois.

Toshiko publicou mais de cinquenta ensaios e nove contos em jornais e revistas durante o curto período de três anos em que permaneceu no Japão. Eles eram assinados com seu sobrenome de solteira: Satō. Seus ensaios, em geral, tratavam de suas experiências no estrangeiro e traziam reflexões sobre as diferenças culturais que observava entre o Ocidente e o Japão, e revelavam a sensação de desconforto que experimentava vivendo de novo neste último. Seus contos, em geral, traziam niseis norte-americanos como protagonistas, especialmente jovens mulheres que se viam divididas entre observar os valores de seus pais, que consideravam conservadores, antiquados e com os quais geralmente não se identificavam, e o desejo de se integrar e serem aceitas no país em que nasceram e foram educadas.

Ao final de 1938, Toshiko deixou o Japão rumo à China, onde atuaria como correspondente especial da revista *Chūō Kōron* por alguns meses, porém, os meses se transformaram em anos e ela passou o resto da vida no país. Entre as explicações para sua partida, encontram-se razões de ordem financeira, pois Toshiko era uma mulher que gostava de viver com luxo e gastava mais do que ganhava com sua escrita, o que a levava a pedir dinheiro emprestado dos conhecidos com frequência (dinheiro que não costumava devolver). Outra explicação seria o clima lúgubre e conservador do Japão militarista da época que, para alguém como ela, acostumada a uma atmosfera mais liberal, era muito frustrante. Por fim, ela também havia se envolvido com Tsurujirō Kubokawa, marido de sua amiga Ineko Sata, e partir seria uma forma de fugir de um escândalo.

Há poucas informações sobre a vida e as atividades de Toshiko na China. Em 1942, ela se tornou editora de uma revista feminina chamada *Nü-sheng* (*Voz feminina*) em Xangai, patrocinada pelo governo japonês de ocupação, na qual respondia às cartas enviadas pelas leitoras em uma coluna chamada “Cartas à editora”. O fato de a revista ser financiada pelo governo militarista japonês a tornou alvo de críticas, porém, é difícil dizer se ela se alinhava com sua ideologia, o mais provável é que ela precisasse sobreviver e esse fosse o meio que encontrou para permanecer ativa como escritora naquele momento. A coeditora da revista, Guan Lu, era simpatizante do Partido Comunista e muitos dos escritores contratados por ela secretamente faziam parte dele.

Toshiko morreu em decorrência de um derrame cerebral em abril de 1945, poucos meses antes do final da Segunda Guerra, aos 61 anos. Cartas, diários e manuscritos da autora dessa época se perderam.

Como Toshiko não deixou herdeiros, seus amigos criaram um prêmio literário conferido a escritoras, financiado com os *royalties* de suas obras. A primeira ganhadora foi Harumi Setouchi (1922-2021)⁴, com um livro que reunia ensaios sobre a própria autora.

O túmulo de Toshiko se encontra no templo Tōkeiji, em Kita-Kamakura.

Contos desta coletânea e traduções

Os contos desta coletânea foram traduzidos por Daniela Motano Patrocínio, Igor T. Yamanaka, Karen Kazue Kawana, Mariane Andrade, Pedro Malta Chicaroni e Thais Diehl Bresolin — alunos e ex-alunos de graduação e pós do programa de Letras-Japonês da Universidade de São Paulo — ao longo de 2022-2023 como parte das atividades do Grupo de Pesquisa Pensamento Japonês: Princípios e Desdobramentos (CNPq).

Selecionamos contos escritos por Toshiko Tamura a partir de 1911, depois que ela ganhou o concurso literário do *Asahi Shinbun* (*Jornal Asahi*) de Osaka, e anteriores à sua partida para o Canadá em 1918 por uma questão de escopo e porque foram eles que a lançaram no universo literário japonês, onde fez sucesso entre o final do período Meiji e início do Taishō. Eles trazem figuras femininas diversas que têm desejos, sexualidade e vivem as contradições e as frustrações de ser mulher na sociedade japonesa da época. Algumas podem ser consideradas *alter egos* da própria autora e descrevem suas dúvidas em relação ao seu talento, seu amor pela arte e suas frustrações com o casamento.

Em geral, elas são jovens, educadas, algumas são solteiras, mas a maioria, como a própria Toshiko, é casada e vive relacionamentos insatisfatórios, nos quais homens e mulheres permanecem juntos mais por codependência do que por amor. O amor é o verniz com o qual essas mulheres revestem seus relacionamentos, no entanto, ele é muito tênue.

A escrita é densa, ornamentada, rica em imagens que fazem alusões a sentimentos e ao estado de espírito das protagonistas. Elas sofrem violências, mas também revidam, buscam independência e afeto, fazem suas próprias escolhas e

⁴ Ela passou a se chamar Jakuchō Setouchi depois de se tornar monja budista.

enfrentam as consequências disso. Esses contos constituem uma amostra do que Toshiko escreveu nesse período.

Cada tradutor fez suas próprias traduções e estas foram cotejadas pelos colegas que, por sua vez, fizeram comentários e deram sugestões. Elas não são, obviamente, definitivas. Procuramos não fazer grandes alterações textuais e de estilo em nossa revisão final, pois entendemos que cada tradutor possui diferentes graus de traquejo com o ato tradutório, além de seu próprio repertório literário e linguístico, então não achamos que faria muito sentido promover uma espécie de “homogeneização” das traduções visando algum tipo de fluidez. Cada tradução é, afinal de contas, única.

Nosso desejo era realizar um exercício e, por meio dele, trazer uma autora japonesa até então inédita para o português, pois assim ela se tornaria conhecida, passando a existir para os leitores que não têm acesso ao texto original. Agora que isso foi feito, outras pessoas podem retomar o que começamos⁵.

Observações

Os nomes próprios seguem a convenção ocidental, com o prenome precedendo o sobrenome.

Alguns nomes femininos são precedidos de um “o”, um “prefixo de embelezamento”, honorífico, comum no período em que os textos foram escritos. Essa característica foi mantida. Exemplos: Okimi, Otoku, O-Chima⁶.

Embora os tradutores usem o termo “empregada” para designar as mulheres que realizavam serviços domésticos nas casas das famílias dos contos, em geral, não existia a contratação empregatícia no início do século XX, apenas um acordo entre famílias ou comerciantes que utilizavam a mão de obra de pessoas menos abastadas em troca de casa e comida para elas, o que ajudava com a despesa da própria família que tinha uma parente “favorecida” com tal serviço. O termo mais próximo do sentido original talvez seja “serviçal”, outra alternativa possível seria “criada”, mas como ambas as palavras nos parecem ter conotações indesejáveis, mantivemos “empregada”, apesar de estarmos conscientes de sua insuficiência.

As traduções estão organizadas em ordem cronológica e trazem o nome da revista e o ano em que os contos foram publicados pela primeira vez.

As notas de cada tradução foram escritas por seus respectivos tradutores.

Empregamos o sistema Hepburn revisado para transcrever os sons da língua japonesa para o alfabeto romano:

- mácrons (ō, ū) indicam as vogais longas em japonês (ex: Shōgyo);
- apóstrofos separam o *n* silábico (ん) da vogal *i* e da letra *y* (ex: Jun’ichi);
- o *n* silábico (ん) se mantém diante de consoantes labiais *b*, *m* e *p* (ex: Shinbun);

⁵ Há artigos sobre a autora escritos por Daniela M. Patrocínio, Mariane Andrade e Thais Bresolin no primeiro volume da série *Pensamento Japonês*, publicado pelo Grupo de Pesquisa do qual fazemos parte; e de Karen Kazue Kawana, na revista *Prajna*, todos disponíveis para download gratuito. Links abaixo, nas referências.

⁶ Mantivemos tanto a forma separada por hífen quanto a sem ele, pois, na ausência de um consenso, as duas nos parecem escolhas possíveis.

- o *sokuon*⁷ é escrito com consoantes duplas/geminadas (ex.: *edokko*);
- Em relação à pronúncia, o *ch* se pronuncia *tch* (como em *Ichikawa*) e o *g* é sempre oclusivo (*gi* = *gui* e *ge* = *gue*, como em *geijutsu*).

Referências

CUNHA, Andrei dos Santos; NAGAE, Neide Hissae (Orgs.). **Pensamento Japonês**. Volume 1. Porto Alegre: Bestiário, 2024. Disponível em https://bestiario.com.br/livros/pensamento_japones.pdf. Acesso em 23 de mar. 2025.

KAWANA, Karen Kazue. Toshiko Tamura: sobre a escritora e a resistência possível para as protagonistas de suas obras. **Prajna**, vol. 3, n. 5, 2022, p. 143-171. Disponível em <https://revistaprajna.com/ojs3/index.php/prajna/article/view/63/62>. Acesso em 3 ago. 2024.

SETOUCHI, Harumi. **Tamura Toshiko**. Tóquio: Kodansha, 1993.

SOKOLSKY, Anne. **From new woman writer to socialist**: the life and selected writings of Tamura Toshiko from 1936-1938. Leiden: Brill, 2015.

⁷ Ou pequeno “tsu”, indica o som dobrado de uma consoante ou uma breve pausa.

Sangue vivo

Tradução de Daniela M. Patrocínio

Parte um

Sem dizer uma palavra, Akiji levantou-se e foi lavar o rosto. Sem se mover, Yūko ouviu os sons dos passos em pé no *engawa*¹. A batinha do quimono sem forro, amarrado com um *obi* de crepe roxo azulado, envolvia impecavelmente seu calcanhar e se curvava sobre as pontas de seus pés.

Sob o brilho do céu, cujas finas vestes com as quais se cobriu na noite anterior ao adormecer pareciam ainda não ter sido despidas, as flores vermelhas e brancas de todos os cantos do jardim estavam com as pálpebras pesadas.

Yūko olhou o aquário próximo aos seus pés, seu rosto foi subitamente tomado por uma expressão abalada e ela se agachou.

— Bolinhas Carmesins, Escamas Escarlate, Aurora, Floco de Neve — disse, apontando com o dedo, dando um nome para cada peixe dourado.

O céu da madrugada era refletido no aquário, a luz difusa cintilava na superfície da água como se folhas de prata caíssem por toda a sua extensão. Escamas Escarlate graciosamente cortou pela água e, de repente, disparou, nadando.

Yūko arrancou uma das flores de cinerária roxa que estavam enfileiradas ao lado do aquário e a atirou na água. Um peixinho de um vermelho vivo, que ainda não havia sido nomeado, teve sua pequena boca tocada pela pétala da flor e, assustado, mergulhou em direção ao fundo, agitado suas grandes nadadeiras. Nisso, as folhas de prata tremularam lentamente por todos os lados.

Yūko colocou o braço esquerdo sobre os joelhos erguidos e apoiou o cotovelo direito sobre ele, pressionando a testa contra a palma da mão. O pulso direito, como se não pudesse aguentar o peso da cabeça que pendia, parecia prestes a se dobrar. O polegar encostou bem no canto de um dos olhos, e ela o apertou.

A mulher mordeu a ponta do mosquiteiro de crepe vermelho e começou a chorar. O homem olhava para as luzes da cidade através da janela, enquanto a fina

¹ Espécie de varanda tipicamente japonesa.

cortina de bambu, soprada pelo vento, batia em seus ombros.

— É tarde para chorar, não é? — disse.

Um vago odor de peixe fazia-se sentir.

Yūko, que não conhecia aquele odor, aspirou-o profundamente.

— Cheiro de homem.

Ao pensar nisso, Yūko ficou enojada e estremeceu, como se algo a percorresse, pulsando da ponta dos dedos das mãos até os dedos dos pés, em cada centímetro de sua pele.

— Não, não, não.

O desejo de pegar uma espada nas mãos e confrontar algo, face a face, a tomou — quantas vezes seu corpo foi envolvido por esses sentimentos noite passada?

Em um rompante, Yūko enfiou a mão dentro do aquário, e, de modo abominável, agarrou um peixe dourado.

— Vou te transformar em espetinho.

Pensando assim, retirou-o da água enquanto tirava o alfinete de ouro que fechava a gola do simples quimono sem forro que vestia. A água do pote de vidro se movia como fios platinados desordenados.

Quando mirou no globo ocular do tamanho de uma semente de gergelim e o perfurou com a ponta do alfinete, o peixinho dourado bateu as nadadeiras contra seu pulso. Os respingos da água malcheirosa caíram no *obi* roxo de Yūko. Quando o alfinete foi pressionado no interior do peixinho dourado, Yūko fincou a ponta do alfinete na ponta do próprio dedo indicador. Rente à unha, uma singela gota de sangue, vermelha como rubi, formou-se rapidamente.

As escamas do peixinho dourado emitiam um brilho pálido, suas manchas vermelhas secaram e seu elegante brilho se apagou. O peixinho dourado estava morto com a boca redonda aberta em um *pop* para cima, suas nadadeiras, que se assemelhavam a um leque florido aberto, pendiam murchas e caídas como se tivessem sido amassadas.

Yūko o segurou entre suas mãos observando-o durante algum tempo, e então o lançou em direção ao jardim. As luzes do céu, que clareavam cada vez que piscava os olhos, iluminavam o cadáver, que repousava sobre as poldras, se espalhando em todas as direções como se envolvessem o peixinho com sua luminosidade pálida.

Yūko foi para o *zashiki*². A luz, que não havia sido apagada, se incorporou ao reflexo cor de bétula que ardia na testa da mulher. Ela foi até a frente do grande espelho abaixo da janela e, ao se sentar, levou o dedo machucado até a boca — as lágrimas fluíram, lentamente, de ambos os olhos como se transbordassem seus sentimentos.

Levando as mangas até o rosto, Yūko chorou. Chorou e chorou, mas continuou triste.

No entanto, tal doçura, como quando pressionava sua bochecha com firmeza contra o peito de uma pessoa querida, deixava suas lágrimas levemente coloridas.

² "Zashiki" é uma sala utilizada para receber visitas com tatames na arquitetura japonesa.

Agora, ao colocar meu dedo na boca... senti o calor dos meus lábios, por que isso me deixa tão triste?

Chorou o quanto quis. Se todas as minhas lágrimas abandonarem este corpo, não morrerei sem fôlego? Enquanto tiver fôlego, deixarei que minhas lágrimas fluam.

Chorou, apenas chorou, as lágrimas apenas caíram, ela ficaria feliz se pudesse morrer coberta pelo orvalho das flores como se estivesse dormindo abraçada por uma flor de lótus. O calor das lágrimas! Mesmo se banhasse seu corpo com lágrimas quentes, ao ponto de consumir sua pele com chamas, seu corpo nunca mais retornaria ao estado original.

Yūko, de repente, levantou o rosto e olhou para dentro do espelho, enquanto mordida os lábios. Sem estremecer, a superfície do espelho refletia claramente as formas dos objetos. O quimono se abriu na altura dos joelhos e algo vermelho pôde ser visto.

Ela olhou fixamente para aquilo. Pensou na pele embaixo daquela única camada de tecido de crepe.

Mesmo se enfiasse a agulha em cada poro, um por um, e escavasse a carne fina, pedaço por pedaço, não conseguiria apagar a sujeira em que, uma vez, submergiu.

Akiji, que fora lavar o rosto, voltou com um lenço nas mãos, e quando viu Yūko, entrou silenciosamente na sala ao lado. A empregada parecia ter chegado antes da hora, e ouviu a voz do homem conversando com ela.

Imediatamente, a empregada entrou para limpar o quarto, quando viu Yūko, a cumprimentou com um sorriso no rosto, mas Yūko não devolveu a saudação. Como se tivesse despertado de um sonho exaustivo que a havia devorado profundamente, balançou a cabeça e fungou como uma criança, sentada de lado desleixadamente com o corpo sem forças.

O ruído barulhento da limpeza matinal da pousada, do abrir e fechar das portas de vidro, ecoava pelo espaço. No momento em que o barulho estridente do bonde passando soou, Yūko lembrou assustada que aquela pousada ficava de frente para a rua principal. Por onde deveria sair? Devia pedir para a empregada tirá-la pela porta dos fundos? Enquanto Yūko pensava naquilo, tirou um pedaço de papel da manga, cortou uma pequena tira e envolveu o dedo machucado.

Parte dois

Sob o sol do meio-dia, duas pessoas caminhavam pela cidade, uma atrás da outra. Uma com um guarda-sol azul claro e a outra usando um chapéu panamá.

Também não era possível ver a brilhante cor dos quimonos amassados e desalinhados das duas figuras, como se todas as cores tivessem sido arrebatadas pela ardente luz do sol. Os dois apenas continuavam caminhando docilmente como dois delinquentes castigados pelo sol escaldante do meio-dia. A parte detrás de suas golas os queimava como ferros em brasa, e as brancas *tabi*³ foram tingidas pela poeira seca de cor marrom amarelado.

Os dois entraram na rua seguinte.

O vento passava direto sob os beirais estreitos, encontrando-se com o chão úmido como o fundo de um fosso. Uma mulher com um lenço de mão sujo no

³ Meias usadas com sandálias de tiras.

pescoço tecia sem ânimo no chão imundo e escuro da casa do outro lado do poço. Os dois subiram os degraus de pedra. Quando terminaram, Yūko foi até a cerca e contemplou a barragem de Mukōjima.

Como se a margem e o rio estivessem cansados do calor, nenhuma sombra lançada pela luz dourada do sol se movia. As telhas metálicas, que se juntavam sem brechas, repeliam os intensos raios de verão, sobre o horizonte da cidade escaldante, rastejava uma fumaça preta, os olhos de Yūko foram ofuscados e ela os dirigiu para a sombra. Akiji olhava para as costas de uma jovem garota que aparentava ser uma aprendiz de gueixa que, *blem, blem, blem*, batia um sino em frente ao santuário xintoísta.

O interior do salão de consagração do tempo de Shōten⁴ estava escuro como se fosse guardado por uma cortina negra. Como se a cor dos artefatos de prata inspirasse algo por todos os lados, muitas velas estavam acesas ao redor dos aros de um grande castiçal, em cima, em baixo, para a esquerda e para a direita, suas luzes brancas brilhavam com um tom misterioso. Era como se a chama da oração amaldiçoasse aquele sol escaldante. As chamas cintilavam em flashes débeis nas pontas das velas, como o brilho que só seria encontrado nos olhos de um jovem monge que havia jejuado para provar seu ascetismo.

As sombras de duas ou três pessoas podiam ser vistas ali.

Os dois desceram os degraus de pedra da frente. A rua silenciosa, que brilhava sem qualquer sombra, parecia coberta por placas de cobre queimado. Ela não conseguia olhar para a rua e se sentia sufocar. Yūko abaixou o guarda-chuva.

— Eu tenho que deixá-lo. Eu preciso deixá-lo.

Yūko pensou nisso tantas vezes. Ela se sentia ansiosa, queria se afastar do homem e ficar sozinha para refletir profundamente sobre o incidente da noite passada. Mas Yūko não teve coragem de dizer isso para o homem de forma alguma. Sentia que o próprio corpo não era livre, como se suas mãos e pés estivessem presos com algemas de ferro.

A mulher que foi violada por mim está tremendo. Fica ali incapaz de dizer sequer uma palavra, ela apenas é arrastada por aí sob o sol escaldante. Até onde ela pretende me acompanhar? De repente, Yūko se questionou: *será que, em seu silêncio, ele está pensando esse tipo de coisa?* E suavemente enxugou o suor da testa.

A suposta aprendiz de gueixa que havia sido avistada perto do santuário passou rapidamente pelo casal. Por baixo da estampa vermelha do guarda-chuva, a delicada nuca da garota era claramente visível sob a gola do quimono. A bainha do quimono azul marinho com extravagantes padrões de flechas se enroscava nos pés descalços e se soltava deles, se enroscava e se soltava, revelando os pés descalços da mais pura cor branca. Seu *obi hakata*⁵ de cor roxa estava bem apertado em um nó em formato de concha, com as pontas longas do laço viradas para cima.

Ignorando o mundo ao seu redor, Yūko contemplou fixamente a bela e inocente figura que reluzia sob o céu cintilante arrastando as longas e finas mangas de seu quimono. E então a invejou. Assim que expôs o corpo, que não fora lavado das

⁴ Originalmente uma divindade do panteão indiano e presente no budismo como divindade guardiã. Shōten, ou Kangiten, foi incorporada ao panteão xintoísta recebendo outras associações, como ser a divindade da harmonia conjugal, representada como um ser com a cabeça de um elefante e corpo humano, e também como duas figuras do mesmo tipo se abraçando.

⁵ *Obi* é um cinto de tecido usado com roupas tradicionais japonesas e uniformes para estilos de artes marciais japoneses. O *obi hakata* é um *obi* mais sólido, feito com padrões de tecelagem distintos.

impurezas da noite passada, àquele sol escaldante, sentia que exalava um odor semelhante ao de um peixe apodrecendo sob a luz do sol. Yūko desejava que alguém, qualquer pessoa, agarrasse seu corpo e o jogasse fora.

O casal continuou andando em silêncio. Chegando ao fim da larga rua, entraram em um beco estreito.

A loja de gelo, onde pendia um mensageiro do vento⁶ vermelho, molhava a sombra sob a tela de junco. Da frente de uma casa, via-se uma mulher vestindo somente um quimono simples, com os braços escuros expostos, ensinando *gidayū*⁷ a uma criança. Sentiu um cheiro de óleo frutado vindo da loja de artigos diversos de alpendre estreito. Akiji foi na frente, entrando em um atalho nos fundos de uma loja de *soba* que conduzia ao parque.

A luz do sol ofuscou seus olhos, fazendo com que a cor vermelha do salão de consagração adquirisse um tom de terracota. A fonte de Ryūto Kannon⁸ estava seca. A água não caía nem mesmo da bica. Olhando para a estátua de Kannon, colocada em um lugar alto, cujo grande corpo de bronze brilhava, atingido pelo sol escaldante que havia secado a água da fonte, Yūko sentia que tais chamas queimavam seus cabelos.

Um grupo de mulheres passeava, suas faces do mais profundo branco. Elas vestiam *yukata* amarrados por *obi* vermelhos, ao caminhar, as bainhas grudavam na pele molhada pelo suor, deixando suas roupas de baixo vermelhas à mostra. Um homem passeava enquanto se abanava com um leque, usava somente um quimono fino, deixando a pele do braço desnuda. Várias pessoas se reuniam ao redor da fonte que não jorrava água.

Todas elas encaravam atentamente o casal. Akiji desviou o olhar visivelmente descontente com a situação. Yūko não achava que havia grande diferença entre o menosprezo que as pessoas demonstravam por eles e a opinião que ela tinha de si própria. *Deixe que me olhem o quanto quiserem. Sei que, no final das contas, pessoas como eu, cuja podridão envolve toda carne, não são raras para essas pessoas.*

Mais uma vez, Akiji começou a andar. Yūko tinha vontade de lançar seu corpo contra algo, mas também sentia o desejo de dizer alguma coisa bem grosseira, no entanto, ela não queria dizer nenhuma palavra para aquele homem. Após atravessar a multidão em frente ao *Hanayashiki*, um belo parque de diversões, Akiji parou diante de um local onde artistas se apresentavam fazendo acrobacias sobre bolas de borracha.

— Vamos dar uma olhada! — disse, e entrou sem esperar uma resposta. E Yūko apenas o seguiu em silêncio.

O segundo andar do teatro onde as apresentações eram realizadas estava tomado pela escuridão. As colunas, os tatames e as almofadas estavam úmidas e grudentas ao toque como se diversas pessoas tivessem se deitado sobre eles, deixando impregnado seus suores noturnos. Havia cinco ou seis pessoas dispersas pelo segundo andar. Todas elas se agarravam ao corrimão com força, assistindo à performance que ocorria abaixo, com a expressão de quem havia descoberto um

⁶ Também chamado de sinos de vento, ou sinos da felicidade, o mensageiro do vento é um objeto constituído por tubos de metal ou bambu suspensos por um fio que, com a ação do vento, produz um som.

⁷ Abreviação de *gidayū-bushi* (義太夫節) um estilo narrativo do teatro de fantoches *bunraku*, criado por Takemoto Gidayū.

⁸ É um dos 33 Kannon, ele é normalmente representado montado em cima da cabeça de um dragão, pois diz-se que o dragão é o mais forte dos animais.

tesouro inigualável. Akiji, ao encontrar um lugar confortável, colocou uma almofada sob as coxas, olhou para o rosto de Yūko, e então sorriu.

Um tilintar, como o de sinos, ressoou pelo ambiente. Um garoto, que vestia uma camiseta cor de carne, anunciava a próxima performance com uma voz grave. Toda vez que a cortina do anúncio exposto do lado de fora se movia, subindo e descendo levemente, ocultava os rostos das pessoas que estavam em pé na frente do palco com os rostos erguidos, e o palco caía nas sombras. Quatro ou cinco garotas com os cabelos puxados e presos firmemente em pequenos anéis, formando um *ichō-gaeshi*⁹, com as faces vermelhas pintadas com pó de arroz e vestindo blusas cor-de-rosa, estavam de pé com os braços entrelaçados. Cada uma subiu em uma grande bola de borracha e começou a rolar segurando aros mesclados de vermelho e branco. Passavam o aro das pernas para as mãos, trazendo-os para os ombros enquanto se equilibravam na bola e giravam de um lado para o outro. O vislumbre da pele atrás das pequenas orelhas e de seus rostos pintados de branco deixou Yūko melancólica. Depois disso, Yūko se retirou, foi para a parte de trás, um lugar alto como um camarote, e se sentou enquanto retirava do *obi*, um leque de laca.

Cada vez que o balançava, um suave e nostálgico cheiro de perfume se desprendia do leque. No mais tênue levantar da cortina, a cortante luz da tarde é refletida em todos os lugares como se fosse arremessada, desde as cabeças das pessoas que ali se reuniam até a superfície do lago ao longe, se espelhando também nos olhos de Yūko. Ela notou que as jovens e os homens grandes que faziam suas performances observavam a plateia do lado de fora entre um ato e outro, um sentimento de cansaço permeava o teatro escuro. Antes que percebesse, uma garota vestindo um *furisode*¹⁰ e um *hakama*¹¹ amarelo apareceu. Seus longos e volumosos cabelos estavam moldados em um coque alto, formando um *shimada*¹², preso por um adorno roxo estampado.

Deitada de costas em um suporte, a garota girou um guarda-chuva na ponta dos pés. As alvas luvas *tekko*¹³ estavam atadas aos pulsos finos, as longas mangas estavam penduradas para fora de ambos os lados da plataforma. Com os pés, ela abriu o estreito guarda-chuva, pegando sua borda com a mesma parte do corpo, girando, girando e girando-o como um moinho de vento. Até mesmo suas caneleiras eram brancas. As pequenas meias brancas às vezes se perdiam entre as dobras do *hakama* masculino de cetim amarelo, enquanto as mangas longas que pendiam balançavam. Nesse instante, o coração de Yūko certamente estava sendo tocado pela música do *shamisen*¹⁴ da área reservada onde as cordas eram torcidas, torcidas e, mais uma vez, torcidas por habilidosas mãos.

A garota sorriu ao descer da plataforma, retirando-se para trás do palco enquanto acenava com a cabeça. Seu penteado havia sido desfeito. A imagem das

⁹ Penteado usado por meninas no início da adolescência por volta do final do período Edo (1600-1868), passou a ser usado por gueixas e cantoras de *gidayū* e acabou por se popularizar.

¹⁰ Um estilo de quimono distinguível por suas mangas compridas, é o estilo mais formal de quimono usado por mulheres jovens no Japão.

¹¹ Um tipo de vestimenta tradicional japonesa. Cobre a parte inferior do corpo e se assemelha a uma calça larga.

¹² Penteado popular entre as mulheres solteiras no período Edo.

¹³ Um acessório de couro ou tecido que cobre a parte superior do braço, pulso e o dorso da mão para proteger a área de ferimentos, sujeira e extremos climáticos.

¹⁴ Um instrumento de cordas usado para acompanhar o *jōruri* — tipo de recitação dramática — em canções folclóricas. Consiste em uma haste e um torso coberto com couro de gato, e três fios são presos a ele para fazê-lo soar com uma palheta.

mangas compridas da roupa cerimonial permaneciam na mente de Yūko. Assim como as demais pessoas, Akiji se agarrava ao corrimão e olhava para baixo, enquanto Yūko encarava fixamente aquele pescoço fino.

Um garoto entrou em uma das diversas tinas cheias de água da chuva que estavam empilhadas sobre os pés de uma garota e começou a fazer truques com água, sendo seguido, por sua vez, por diversas crianças que fizeram apresentações parecidas a essa. Yūko sentia que estava tão exausta que seu corpo derretia em meio ao próprio suor. Assim que se lembrou de que havia algo pelo qual deveria estar sofrendo, ela sentiu vontade de falar:

— Que seja! Que seja! — *por mais fundo que eu caia, sempre verei a sombra de pessoas que caíram ainda mais fundo*, pensou Yūko, sentindo carinho pelas pessoas no interior do teatro. O *hakama* masculino de cetim amarelo permanecia diante de seus olhos.

Akiji não manifestou a intenção de ir embora mesmo que o espetáculo comesse a repetir as mesmas cenas diversas vezes. Talvez estivesse com sono, pois acabou pressionando a cabeça contra os braços dobrados sobre o corrimão. Yūko observou o homem, mas se manteve calada. Então, foi tomada por uma sensação semelhante à de quem procura agarrar algo dentro de um sonho, as imagens de um pequeno rosto coberto de pó de arroz e de faixas vermelhas gradualmente cresceram e se expandiram nesse sonho, e ela teve a sensação de que sua testa também se abaixava.

O ar úmido e fétido de vez em quando acariciava delicadamente todo o corpo de Yūko. O som das palmas esparsas e trêmulas demonstrava o desinteresse da plateia em frente ao palco. Nesse momento, Yūko passou a ouvir um som semelhante a um veloz bater de asas perto de seus ouvidos.

Sentia as pálpebras, até então imóveis, se moverem. Yūko se levantou de repente, olhando ao seu redor, porém não encontrou nada.

Olhou para trás, começando pelo pilar cheio de fuligem, até o piso de tatame coberto de sujeira como se a imundice o tivesse impregnado, inesperadamente, algo negro, como uma grande barbatana de peixe se movendo naquele tapume, chamou sua atenção. Yūko fitou tal movimento sem mover sequer um músculo. Quando o movimento parou, Yūko cutucou a coisa preta com o leque. Cada vez que empurrava com o leque, a coisa preta, pouco a pouco, deslizava para fora do tapume. Quando, sem querer, fez com que uns trinta centímetros dela aparecessem e deu uma olhada nas suas formas, percebeu que era um pedaço da asa de um morcego.

Yūko deixou o leque cair com um estampido, e então correu em direção ao assento de Akiji, no entanto, o homem sequer a notou. Mais uma vez, ela olhou para o tapume, enquanto sentia o sangue congelar em suas veias. Não se via mais nenhuma asa negra. A pálida luz do sol, típica do crepúsculo, fluía através do vão da parede ao lado.

Os dois deixaram o teatro. Logo anoiteceu e era possível ver sombras frescas como as profundezas da água sobre o branco dos *yukata*. Akiji caminhava no mais profundo silêncio, e Yūko percebeu que estava com fome a ponto de ficar zozinha, então, quis se separar do homem silencioso no meio do caminho. Pensava nisso e sequer se incomodava com o quimono encharcado de suor que, pegajoso, tocava a parte de trás de suas pernas.

— Me pergunto até onde essa mulher vai me seguir — a aparência do homem parecia dizer isso, pensou Yūko.

— Eu tenho que comer algo, qualquer coisa — disse o homem.

— Eu quero voltar para casa.

— Voltar?

— Sim.

O homem, novamente, se calou e continuou andando. Quando cruzaram a ponte do lago e subiram a montanha, os dois se sentaram nos bancos da loja de gelo ao final da ponte como se fossem fugitivos. A água regada sobre os arbustos gotejava de suas folhas.

Quando o sol se pôs, grupos de pessoas, que haviam lavado o suor de seus corpos e vestiam *yukata* nos quais as marcas das dobras eram visíveis, caminhavam de um lado para o outro. Os dois levaram seus corpos, ainda cobertos com o suor do dia, de Nioumon até Umamichi. E, então, andaram pela beira do rio e observaram a correnteza, onde as sombras do crepúsculo já se reuniam, junto a alguns montes de cascalho.

Yūko se apoiou em uma estaca entre os montes de cascalho, pensando que o homem poderia agarrar seu corpo e arrastá-la para qualquer lugar.

— *O morcego está sugando o sangue vivo da jovem que vestia o hakama masculino de cetim amarelo, sugando o sangue vivo...*

De repente, teve a mão tomada pelo homem. Naquele momento, percebeu que o papel que havia enrolado na ponta de seu dedo indicador havia se soltado sem que notasse. Ela sentiu um cheiro desagradável.

Seitō, 1911

A escritora

Tradução de Thais Bresolin

O que restava dentro da cabeça dessa escritora eram apenas refugos que sobram depois de se espremer com pouca força. Mesmo que retorcesse esse saco de ideias, não extrairia uma palavra robusta, nem expeliria meia frase com cheiro de sangue. Ela dedicava-se com dificuldade ao texto solicitado no final do ano, sentando-se todos os dias diante da sua escrivaninha, mas apenas distraía-se preenchendo os espaços quadriculados do manuscrito com desenhos de folhas de cânhamo ou linhas verticais.

A escritora sentava-se ao lado do braseiro em um quarto de estilo japonês de quatro tatames e meio no andar superior da casa. Lá fora da janela, havia dias em que uma ventania violenta, capaz de destruir tudo, soprava; e dias sonolentos em que tênues raios de sol sem brilho, que roçavam delicadamente como se fossem desaparecer, espiavam pela janela corrediça de papel que estava aberta. A cor do céu nesses dias continha uma luz que não era transparente, mas opaca, como se houvesse outra cor misturada a ela, e o céu se expandia ensolarado, gentil e silencioso, como se risse da deselegância das grandes árvores que se encolhiam na floresta, despidas completamente diante da soberania do inverno. Então, esse céu também despeja a luz do seu alegre sorriso sobre o rosto da escritora que o fita fixamente. Para a autora, esse céu assemelhava-se ao sorriso da pessoa que amava. Lembrou-a do sorriso do homem generoso e gentil de cílios perspicazes e grandes olhos redondos, que nunca exibiram uma sombra sequer de desdém.

A escritora sentiu como se essa nostalgia inesperada puxasse sua manga repentinamente. Abrindo os olhos, seu coração foi totalmente devorado pelo sorriso do amado e, naturalmente, a escritora sentiu que o afeto oferecido a ele se assemelhava ao estímulo macio de um pincel de pó tocando a pele. Essa sensação era exatamente como se um pequeno pedaço de tecido verde pálido surgisse debaixo de uma seda branca: era um bom sentimento, com um ar refinado, antigo e fresco. Então, essa escritora, que queria transformar essa sensação em um brinquedo para os seus caprichos, fechou os olhos para apanhar a imagem do seu amado e colocá-la no fundo das suas pupilas, esticá-la na palma da sua mão e apertá-la, ou então pegar essa imagem e jogá-la para o céu para observá-la à distância até cansar. Com isso, preencher letra por letra o manuscrito aborrecia-a ainda mais.

Essa escritora sempre passava pó de arroz no rosto. Ela já se aproximava dos trinta anos, mas ainda usava maquiagem pesada. Quando ninguém estava por perto,

alegrava-se em segredo com uma maquiagem espessa como se fosse subir ao palco. Ela era do tipo de mulher que não conseguia largar o pó de arroz mesmo que estivesse se sentindo um pouco mal e até maquiava-se para ficar de repouso. Quando estava de cara lavada, sentia como se houvesse algo feio e nu pendurado em seu corpo, não só porque isso a incomodava, mas porque suas emoções não se tornavam desprendidas, como se seu coração se entregasse naturalmente ao calor libidinoso do sangue e da carne, sua dor era insuportável. Quando estava sem maquiagem, seu humor sempre era estranhamente errático e ciumento e ela demonstrava esse desconforto com olhares e resmungos. Ela perdia seu poder de sedução e ficava rabugenta. Isso era o que assustava essa mulher mais do que tudo. Por isso sempre cobria seu rosto limpo com pó de arroz. Apreciando seu aroma ao dissolver-se na oleosidade de suas bochechas e nariz, seus sentimentos, manchados pelo aroma daquela mistura, mergulhavam-na em lascívia e ela era absorvida pela sedução.

Essa escritora maquiava-se mesmo em dias em que estava impaciente por não conseguir escrever de modo algum o texto que deveria escrever. Ela também tinha desenvolvido o hábito de apenas ter ideias interessantes sentada à penteadeira enquanto dissolvia o pó de arroz. Quando tocava com a ponta dos dedos frios a solução de pó e água, essa escritora conseguia sentir que estava tocando seu novo espírito. E, enquanto passava a solução no rosto, tecia pouco a pouco uma ideia. Isso acontecia com frequência. Os escritos dessa mulher geralmente nasciam do pó de arroz. Por isso, sempre cheiravam a maquiagem.

Porém, desta vez, não importava o quanto aplicasse a mistura de pó de arroz, nenhuma ideia vinha-lhe à mente. Como se a pele ficasse seca e os vestígios da maquiagem ressecassem e rachassem, não sentia aquele saudoso redemoinho de sangue tépido se formando dentro da sua carne. Na sua fúria, seus grandes olhos ficavam pequenos por causa da vermelhidão que os tomava e suas bochechas ficavam grandes como as de um texugo moldado em açúcar caramelizado. Nada fazia sentido. O que enchia sua mente era que não havia sobre o que escrever e que não conseguia escrever. Tinha uma sensação arrepiante que a deixava sem fôlego, de que uma mão macia com longas unhas, como pernas de uma aranha, agarrava-a, um dedo após o outro, da sua orelha ao seu pescoço. Então, esta manhã, a escritora chorou copiosamente diante do seu marido.

— Eu nunca tive um problema tão grande! Quero fugir para longe daqui. Depois diga o que quiser pra eles. Porque eu não consigo escrever uma página sequer.

Depois de ouvir isso, o marido, que fumava diante do braseiro, fez uma breve pausa e finalmente disse:

— O que eu tenho a ver com isso?

Falou fingindo indiferença. De fato, uma pequena vingança encerrava-se no seu coração, como se dissesse: “Onde está quem falou que não precisava de ajuda, que ia sempre cuidar das próprias coisas sozinha?” Ele observou a escritora, projetando o queixo inexistente. Ao ver isso, a escritora sentiu como se a carne do seu rosto tivesse sido removida repentinamente, restando apenas ossos, mas logo respondeu com uma voz penetrante que cortou como um golpe:

— O que foi que você disse? — falou olhando fixamente o marido.

— Disse que não tenho nada a ver com isso. Que foi? O que você escreveu este ano? Quantas centenas de páginas escreveu este ano inteiro? Se não tem mais sobre

o que escrever, você é mesmo inútil. Se eu tivesse que escrever, poderia escrever umas quarenta ou cinquenta páginas em um dia. Não falta sobre o que escrever. Tem assunto por todo lado. Pode escrever sobre qualquer coisa do dia a dia, por exemplo, já pode começar escrevendo sobre a briga dos vizinhos, que o irmão mais novo apossou-se da casa e não deixa o irmão mais velho entrar. Mulheres não têm jeito. Gastam centenas de páginas para escrever dez ou vinte delas. E demoram dez, quinze dias para isso. Sem dúvida você é uma mulher inteligente.

A voz do homem ressoava como sandálias *geta* baratas correndo sobre o calçamento e, histérico, ele continuou falando sem parar. Conforme os olhos da escritora arregalavam-se, suas sobrancelhas também subiam, mas sua expressão não era de choro e, por fim, ela começou a gargalhar debochada.

— Então é assim? Estou surpresa de ouvir uma coisa dessas de alguém que costumava escrever.

A escritora cruzou os braços e, balançando as pontas dos pés, saiu saltitando pelo quarto. As lágrimas que havia derramado estavam geladas. Ela viu-se refletida de relance como uma peteca passando diante do grande espelho. Divertindo-se com a confusão de cores da parte de baixo do seu quimono, a escritora dirigiu-se ao espelho e balançou sua bainha, mas de repente, sem saber por que, como se uma parte do seu corpo se contraísse, sentiu uma importuna vontade de atormentar alguém e ficou impaciente. A escritora virou-se para o marido, mostrou as gengivas repentinamente e, com o punho fechado, cutucou a testa dele com o nó central do dedo médio. Ele a ignorou.

— Seu ridículo, palhaço, invejoso.

Mesmo ouvindo isso, o marido não falou uma palavra. A escritora deu uma joelhada nas costas do marido, que estava sentado com um joelho dobrado e ele caiu diante do braseiro, mas logo levantou-se novamente e, em silêncio, estendeu as mãos sobre o pequeno braseiro com pés em formato de patas de leão.

— Ei, ei, ei.

Dizendo isso baixinho, a escritora agarrou a gola do marido e, desta vez, derrubou-o para trás.

— Fique pelado. Tire a roupa.

Era o que dizia enquanto puxava com toda força seus *haori* e quimono. Quando o marido afastou a mão dela, a escritora colocou a mão dentro dos lábios dele e puxou-os com força para separá-los. Quando sentiu a umidade quente da boca com as pontas dos dedos, um lampejo instantâneo brilhou na cabeça dessa escritora: seu corpo e sua carne estavam sendo acariciados com a ponta do dedo mindinho do seu marido. Então, beliscou a bochecha do marido com força suficiente para machucá-lo.

O marido, acostumado com os ataques doentios da mulher, permaneceu estoicamente calado, com cara de quem dizia: “Ela começou com isso de novo”. Ele pensou “Mas que megera!”, mas sua boca continuava fechada para deixá-la fazer o que quisesse.

A escritora empurrou a cabeça dele novamente com os dedos e retornou para o andar de cima. O tênue fogo do braseiro parecia rubi derretido e, dentre as brechas que se abriam como a boca de uma romã, o ar tremeluzia com o calor do fogo. Ao sentar-se diante da escrivaninha laqueada e adornada com flores de ameixeira feitas

de conchas de ostras, seu corpo estava cansado como se todo seu sangue tivesse sido drenado. Sentiu-se tão triste que as lágrimas começaram a escorrer.

— Que mulher imprestável eu sou — repetia essas palavras, chorosa.

Não havia uma mulher tão ridícula como ela entre todas as suas amigas, refletiu a escritora. Lembrou especialmente de uma amiga que viera visitá-la há dois ou três dias e que parecia mais presunçosa do que de costume. Ela viera declarar que se casaria, mas não viveria na mesma casa que o marido. Ela amava muito o homem com quem ia casar-se, mas não morariam juntos mesmo depois do matrimônio. Decidiram viver apaixonados e separados pelo resto de suas vidas.

— Mesmo casada, eu sou minha. Eu sou eu. O meu amor não é para os outros. O meu amor é para mim. O meu amor é para mim — disse para a escritora, mostrando os dentes encavalados.

Sentindo-se pressionada pelas palavras da amiga, a escritora calou-se por um breve momento.

— Você diz que sofre, mas é o tipo de pessoa que sabe se conformar. Você virou uma pessoa conformada porque o seu coração sofre tanto. Não importa a situação, não posso desconsiderar a mim mesma. Eu sou eu. Se quiser vê-lo, irei até ele; se não quiser vê-lo, não irei encontrá-lo.

— Mas você vai pensar na pessoa com quem vai se casar todos os dias, não é? Não tem como não pensar, não é? — perguntou a escritora com os olhos marejados.

A amiga simplesmente concordou descascando uma tangerina com o dedo mindinho levantado.

— Não há uma mulher menos dona de si do que eu. Se me puxarem com força para a direita, eu vou para a direita. O mesmo vale para a esquerda. Sou preguiçosa.

— Também não é assim. Você está falando isso agora porque aconteceu alguma coisa, não é? — disse a mulher, colocando um gomo da tangerina na boca. — Vou viver para mim mesma. Cada um é sua própria arte. Viver pela sua arte é o mesmo que viver para si mesma.

— Sofro tanto a ponto de querer me matar. Não sei pelo que vale a pena viver. Sinto que preciso desesperadamente me agarrar a algo, mas não sei no que ou como me agarrar. Eu também pensei em religião. Tenho vontade de acabar logo com isso me tornando uma devota.

— Eu já pensei muito sobre isso e cheguei à conclusão de que não há outro jeito a não ser viver por mim mesma. Tenho que viver para mim mesma — dizendo isso, a mulher vestiu a capa preta do homem que amava e partiu.

A escritora pensava há muito tempo em viver sozinha. Essa vontade de estar só a provocava com frequência. Mas ela não conseguiria viver assim. Era impossível para ela voltar a levar uma vida solitária.

— E por que foi que você se casou? — perguntou a amiga para a escritora naquela ocasião.

— Ele é o meu primeiro amor.

— Então não tem jeito.

Parecendo ainda querer falar mais alguma coisa, a escritora não teve outra reação a não ser sorrir.

O primeiro amor. Foi quando a escritora tinha dezenove anos. Talvez não tenha sido amor e apenas a captura de um jovem homem para se divertir. Mas o botão acidentalmente desabrochado do seu coração apaixonado pelo jovem naquela

época continuava até hoje protegido, à sombra em um canto do seu peito. A afeição que sentia agora pelo homem vinha das gotas de orvalho que escorriam desse botão à sombra. Não havia dúvidas de que essas gotas verteriam continuamente até o fim da vida da escritora. Mesmo que ficasse sozinha, mesmo que eles se separassem, o calor dessas gotas viraria uma lembrança do homem e o primeiro passo para fazê-la sentir-se novamente atraída por ele.

A escritora não disse isso à amiga. O peito da escritora ficou apertado quando ouviu a amiga dizer que viveria uma relação na qual se rejeita o desejo carnal, como uma virgem. Ela não sabia que tipo de pessoa era o amado da sua amiga. Só sabia por boatos que era um artista novato. “O que minha amiga vai contar aqui, sentada à minha frente, daqui a um ano?” Foi o que pensou a escritora, mas ficou intimidada pela força demonstrada pela amiga, que dava uma interpretação plausível para o que era viver sua própria vida.

Voltando a si, a escritora entrevistou o manuscrito ainda em branco e empurrou-o para longe. Precisava escrever algo. Mas sobre o que escreveria?

— Você é inútil.

Lembrou repentinamente das palavras que o marido dissera há pouco. Por que ela rira na ocasião? Essas palavras eram tolas, mas sentiu brotar uma vontade de desafiá-lo e dar-lhe alguma resposta.

— Como eu poderia ser uma mulher inútil? — disse e sentiu vontade de implicar com ele novamente.

Seja como for, queria arrancar aquele seu sentimento com os cinco dedos da mão. Iria irritar o homem ainda mais. A escritora chegou a pensar nisso.

Não importa quanta umidade perfumada ela expelisse, o coração daquele homem logo a absorvia como uma pedra de amolar e exibia apenas uma superfície lisa e seca.

— Vou me separar de você.

— Tá — responderia o homem invariavelmente ao ouvir suas palavras.

E se dissesse:

— Eu te amo, afinal de contas.

Ele era o tipo de homem que responderia:

— É mesmo?

Mesmo que as palavras passassem diante dos seus olhos, mesmo que as emoções penetrassem uma a uma o seu coração, aquele homem deixava tudo deslizar para longe sem se incomodar. Seu corpo deve estar cheio de serragem. Suas veias, onde a vida corre gota a gota, devem estar obstruídas. Pensando nisso, a escritora percebeu que não valeria a pena se dar ao trabalho de descer e enfrentá-lo.

Hoje chove intermitentemente. Não se ouve o barulho da chuva, apenas o som de gotas escorrendo ritmadas. As lufadas de vento brincam ruidosamente com as frestas da janela corrediça de papel. A escritora lembrou-se de uma pessoa que prometera visitá-la em um dia chuvoso, mas, sem despertar seu interesse, esse pensamento desapareceu rápida e suavemente. A sua atriz preferida preparava uma salada de nabo no palco. Suas mãos estavam vermelhas e pareciam geladas. “Queria segurá-las com força e tentar aquecê-las com o calor dos meus lábios.”

Shinchō, 1913

O batom da múmia

Tradução de Karen Kazue Kawana

1

Um vento solitário soprava, a ponta de um cipreste alto que se destacava e parecia uma coroa balançava de um lado para o outro ao vento. O céu do entardecer do início de janeiro estava coberto por nuvens encardidas de tonalidade amarelo-clara, o telhado de um pagode de cinco andares de cor verde-água surgia entre as copas nuas que pareciam desenhadas a caneta.

Com a mão enfiada na abertura do quimono junto a seu peito, Minoru observava o céu em pé diante da janela do andar superior enquanto imaginava onde estaria seu marido que havia saído cedo naquela manhã sem destino certo em busca de trabalho. Embora o sol poente brilhasse vagamente na parede ao lado como uma pálida mancha retangular, esta última também desapareceu em algum momento e o poder do crepúsculo apagava todas as coisas de um extremo ao outro do lado de fora. Minoru pensava que não podia se esquecer de comprar tofu para o jantar, mas, sem ânimo para descer, ouvia o som do apito do vendedor e, apesar de saber que ele já seguia duas ou três casas adiante, não desceu. E observava o céu do entardecer.

Se fosse um dia de céu claro, uma cerração violácea se estenderia sobre o bosque de Ueno naquele momento. Era como se o céu daquele dia, que havia estado em íntimo contato com a copa das árvores, soprasse um bafejo violáceo sobre elas no momento de se separarem, pensou Minoru enquanto observava a paisagem. No entardecer de hoje, tanto as árvores quanto os telhados, cada um deles, imóveis e com uma cor ressecada, se escondiam sob as sombras do lusco-fusco que os envolviam em silêncio. Minoru achava essa paisagem entristecedora e, quando voltou os olhos para baixo, uma moça que havia saído pela porta de treliça dos fundos da casa do mestre de *koto*¹ sorriu olhando para o rosto de Minoru e a cumprimentou com um aceno de cabeça. Sempre que Minoru via o rosto desta moça, recordava-se da vergonha que sentiu ao ser vista por ela com a mão sobre o ombro do marido enquanto os dois olhavam na direção do bosque ao anoitecer depois de uma chuva estival no verão passado. Essa memória também surgiu agora em seu interior junto com o sorriso da moça e, por isso, Minoru retribuiu ao cumprimento encabulada

¹ Instrumento musical tradicional japonês semelhante à cítara.

como uma menininha. Então puxou ruidosamente as persianas e desceu ao andar de baixo.

Apesar de ouvir o apito do vendedor de tofu vindo de algum ponto da rua, ele não veio para este lado. Minoru também fechou as persianas do primeiro andar e saiu pelo portão depois de acender a luz da sala.

Havia mais duas ou três novas lápides no cemitério comunitário diante de seus olhos. Não havia ninguém na viela que parecia uma linha branca coberta por papel prateado com o cemitério de um lado e o ginkgo na esquina do outro. Uma cachorra magra e de costelas salientes, cuja cor lembrava a do gesso à sombra opaca do entardecer, brincava correndo de um lado para o outro com um graveto na boca. A cachorra se aproximou das pernas de Minoru, que tinha os olhos fixos na direção de onde o marido retornaria, sentou-se voltada no mesmo sentido de Minoru e, balançando ligeiramente a ponta do rabo acima do chão, olhava na direção do ginkgo distante.

— Mei! — chamou Minoru em voz baixa, olhando para a cabeça da cachorra que se encontrava abaixo da manga de seu quimono.

Ao ser chamada, a cachorra permaneceu na mesma posição e ergueu apenas o focinho para observar Minoru, mas logo inclinou a cabeça e moveu as pequenas orelhas como se tentasse captar algum som misterioso no ambiente em que os ruídos dos seres vivos se desvaneciam e se tornava silencioso. Um vento frio, de levantar os fios de cabelo das pessoas um a um desde a raiz, soprava da direção do cemitério onde se erguiam incontáveis mortes. Minoru, que olhava para a direita e para a esquerda da viela estendida à sua frente, voltou para dentro levando consigo apenas a imagem solitária da lâmpada da entrada da pensão, duas ou três portas à frente, o único brilho acanhado de um mundo pálido.

Uma garoa intermitente havia começado a cair quando Yoshio retornou. Com os ombros cobertos por roupas ocidentais muito largas e desproporcionais, e sua cabeça de tamanho menor do que a média, voltados na direção de Minoru, Yoshio entrou na sala de chá iluminada levantando os cabelos escorridos com as mãos e seguiu até o cômodo dos fundos, onde se deitou jogando o corpo no chão junto com o embrulho que carregava.

— É inútil! Inútil! Não consegui vender meu manuscrito em nenhum lugar.

— Não faz mal. Acontece.

Minoru havia mesmo concluído que a busca fora infrutífera ao ver Yoshio retornar com o embrulho. Minoru teve pena dele ao imaginá-lo vagando por horas como um pequeno pardal sob a chuva.

— Você comeu?

— Não comi nada. Passei por várias editoras.

Como Yoshio estava deitado de barriga para baixo com a cabeça contra o tatame, sua voz soou abafada para Minoru.

Minoru não sentia vontade de tocar nos *hashi* quando Yoshio estava ausente, então hoje também ela não havia comido nada assim como Yoshio que estivera fora. Por isso, ao ouvir as palavras de Yoshio, a ideia de fazer uma refeição a encheu subitamente de prazer, e ela foi à cozinha onde se pôs a trabalhar. Yoshio não moveu um dedo, permanecendo como estava até que a comida ficasse pronta.

— Sou realmente um fracasso, não é mesmo? Não sou nem capaz de sustentá-la.

Yoshio comeu em silêncio, baixou os *hashi*, disse isso e se deitou de novo. Minoru, que não conseguiu dar uma resposta, arrumou a mesa, foi até a frente da cômoda e, depois de refletir bastante, retirou várias coisas das gavetas e as colocou em uma pilha.

— Ei, você vai até lá?

— Sim. Não há outro jeito, certo?

Depois de preparar o embrulho, Minoru colocou um casaco sobre a roupa que usava no dia a dia, foi para perto da cabeceira de Yoshio, puxou a barra do *hakama* e prendeu a sobra de tecido com um cordão para facilitar a caminhada.

— Estou indo. Tudo bem? Não vai se sentir sozinho?

Minoru se ajoelhou e acariciou a testa de Yoshio. Sua testa estreita estava fria.

— Eu vou com você.

— Então troque de roupa. É meio estranho ir com roupas ocidentais.

Enquanto Yoshio se despia, Minoru foi para a frente do espelho, colocou um cachecol e ficou em pé segurando o grande embrulho. Então pensou que, se fosse sozinha, poderia ir e voltar de riquixá, mas indo com ele, teria que caminhar sob a chuva, mas não conseguiu abrir a boca para lhe dizer isso.

Minoru fechava portas e janelas e retirava os guarda-chuvas da prateleira segurando o embrulho pesado com uma das mãos. Quando ele a atrapalhava, ela o largava no meio do cômodo, esquecia-se de onde o havia deixado e ficava procurando aqui e ali.

Os dois saíram pelo portão de madeira do jardim e deram a volta até a frente da casa, cada um deles tinha um guarda-chuva na mão.

— Cuide da casa, viu? Vou trazer um presente para você! — disse Minoru, ao descobrir a forma branca da cachorra em um canto escuro do jardim molhado onde as gotas de chuva haviam cessado de cair.

A cachorra estava acostumada a ser trancada dentro da casa sempre que os dois saíam juntos. Ouvindo os sons, a esperta cachorrinha havia adivinhado que os dois saíam e ela espontaneamente procurava se enfiar na casa por baixo da varanda antes que a colocassem para dentro.

Mesmo depois de fechar o portão e ir para o lado de fora, Minoru não conseguia se esquecer da aparência tranquila da cachorra. Após caminharem um pouco, como se o tivesse notado pela primeira vez, Yoshio tentou tirar o embrulho das mãos de Minoru.

— Deixe que eu levo.

Havia bastante gente esperando pelo trem atrasado na estação sob a chuva. Embora tivesse começado a chover há pouco, a terra, as árvores e as roupas das pessoas, tudo exalava um desagradável cheiro de umidade que se espalhava de modo imperceptível sob o ar frio. Minoru havia se afastado de Yoshio, que segurava o embrulho embaixo do sobretudo, e não se aproximou dele. Mesmo depois de subirem no trem, entreolhando-se e sempre conscientes da aparência indigente de

cada um, este casal evitava a todo custo revelar sua relação de marido e mulher no interior do vagão de luzes brilhantes e cheio de olhos estranhos. De vez em quando, Minoru via um pedaço do embrulho de tecido sair por baixo do sobretudo de Yoshio. A estreita bainha da frente do sobretudo se abria diante dos joelhos, parecendo apertada. Minoru afastava o rosto e, com essa imagem miserável de Yoshio em sua mente, olhava para as luzes embebidas de chuva do lado de fora do trem.

Minoru surgiu de uma rua secundária de Nakachō, e as piscadelas de seus cílios pareciam revelar sua autocomiseração, que escondia atrás das gotas que estremeciam e caíam do guarda-chuva. Quando chegou até Yoshio, que a esperava em pé na frente da iluminação de uma loja na esquina com o guarda-chuva em riste, havia uma espécie de sorriso de cumplicidade no rosto de Minoru.

— Correu tudo bem?

— Tudo certo!

Ter o volumoso e incômodo embrulho retirado do meio deles e substituído por leves notas de dinheiro no bolso da mulher, devolveu-lhes a sensação de que eram duas pessoas normais. Enquanto um enorme bonde respingado de chuva passava vagarosamente logo à sua frente, Minoru observava o rosto do homem com a expressão de quem desejava restabelecer uma obrigatória intimidade entre os dois, algo que até então havia sido relegado em algum canto, e forçou um sorriso.

— Faça o que tiver vontade! — disse Yoshio, também sorrindo e esfregando a ponta do queixo com uma das mãos.

No entanto, Yoshio pensou ver uma aguçada sombra, uma intenção oculta, passar sob o rosto sorridente de Minoru, e isso lhe deu uma sensação desagradável.

— Está frio. Preciso beber algo.

Minoru se adiantou e caminhou à frente de Yoshio. Ao olhar para o outro lado, a fachada de todas as lojas estava nublada pela chuva, gotas pingavam das lâmpadas molhadas. Guarda-chuvas de oleado bloqueavam a luz das lâmpadas — salpicos brilhantes voavam das marcas de tamancos deixadas pelas pessoas e dos rastros dos veículos na rua enlameada.

Os dois entraram em um pequeno restaurante ocidental na frente do escritório da administração do distrito.

Não havia nenhum cliente no salão. Minoru, que fora para a frente do espelho examinar seu rosto, foi chamada por Yoshio, e os dois aqueceram as mãos com os ombros colados um no outro diante da lareira. Minoru sabia que Yoshio tinha o hábito de se retrair em momentos como este, sentindo pena de si mesmo, de sua pobreza, vendo-se no fundo do poço. Franzindo as pálpebras vazias e com a carne das bochechas formando um arco sem resistência, Yoshio fitava o fogo da lareira com ar ausente. Minoru empurrou o corpo de Yoshio com o ombro de propósito como se quisesse derrubá-lo.

— Não faça essa cara! — disse Minoru, rindo e olhando de soslaio para o rosto de Yoshio.

Sentindo aversão pelo comportamento da mulher que parecia zombar de sua miséria, Yoshio ficou calado. Ele detestava a disposição da mulher que, cobrindo-se de um otimismo cheirando a pó de arroz, tentava passar uma camada de ruge em suas emoções como se afirmasse que ela era a única a não perder a compostura

mesmo em uma situação destas. Yoshio subitamente se recordou de uma mulher, uma ex-gueixa, com quem havia vivido por algum tempo antes que ele e Minoru ficassem juntos. Embora essa mulher chegasse a beber na companhia de outros homens todas as noites para ajudá-lo, quando ele estava na miséria, ela se compadecia igualmente pela sorte de ambos e era gentil a ponto de enxugar Yoshio, cansado do trabalho, com suas próprias lágrimas. Embora a mulher ganhasse a vida entretendo homens, diferente de Minoru, ela nunca havia expelido um “vai dar tudo certo”, sem qualquer consideração.

— Por que está tão quieto?

Minoru balançava o corpo de um lado para o outro e riu batendo o ombro contra Yoshio nesse movimento de vaivém.

— Aconteceu uma coisa desagradável hoje — disse Yoshio, curvando-se diante da lareira.

— O que foi?

Em contraste com as palavras de Yoshio, nas quais havia um tom melancólico, a pergunta de Minoru estava cheia de uma coqueteria de tom carmesim.

— Saiu uma crítica a um texto meu na revista XX.

— O que ela dizia?

— “Como alguém pode escrever algo tão rançoso hoje em dia?”

Minoru deu uma gargalhada.

— Mas o que você esperava?

— Como assim?

Yoshio se esqueceu de onde estava e levantou a voz fitando Minoru. Ela se virou para trás em silêncio, mas os olhos de Minoru, que vasculharam o salão vazio obliquamente, viram apenas as toalhas de mesa brancas balançando ao vento. E a luz da lâmpada, refletida em cada um dos recipientes de vidro que guardavam suas posições sobre as mesas que, como se sorrissem, pareciam concordar com aquilo que Minoru pensava em segredo nas profundezas de sua mente. Minoru voltou o rosto para a frente e riu sozinha de novo.

— Você pensa a mesma coisa, não é?

— Sim, penso.

Os olhos de Yoshio, de pálpebras inchadas e ainda mais contraídos, e os olhos de Minoru, de pálpebras finas e bem abertos, fitaram-se por um longo tempo.

Quando Minoru leu o manuscrito desse texto, ela o devolveu a Yoshio e disse:

— É interessante. Está ótimo.

Yoshio achava que, assim como ele sentia que seu trabalho tinha um valor próprio para ele, Minoru tinha igual apreço pelo trabalho dela. O fato de Minoru se mostrar distante e falar com um tom de súbito frio, como se intimamente concordasse com o desprezo dos outros, foi algo inesperado para Yoshio. O desprezo frívolo da mulher em relação às suas dificuldades financeiras, manifesto de modo bombástico por Minoru mesmo nas circunstâncias atuais, era incompreensível para Yoshio.

— Só uma pessoa sem coração diria uma coisa dessas.

Algum tempo depois de dizer isso, os olhos de Yoshio ficaram vermelhos. Minoru voltou o corpo e recebeu os pratos trazidos pelo garçom sem dizer nada.

— Você deve achar que sou uma pessoa realmente imprestável, não é mesmo?

Os dois caminhavam na ladeira completamente escura conversando entre si depois de saírem da estação. Os postes de iluminação, com gotas de chuva escorrendo do vidro das lâmpadas, pareciam representar as sombras dos dois, lamuriando-se ao canto de uma sombria existência.

Era penoso para Yoshio pensar que os dois não tinham um emprego que os sustentasse e que sua pequena autoridade como literato havia se distanciado daquilo que a sociedade esperava dele ao longo dos anos. E, junto com o ressentimento em relação às pessoas que voltaram as costas ao seu trabalho de vários anos, também o irritava o fato de Minoru se encontrar entre estas. Imaginar que, se alguém atirasse uma pedra contra ele, sua mulher sairia correndo para se jogar nos braços de quem a atirou, fazia com que Yoshio sentisse que não havia palavras suficientes para vituperar a mulher à sua frente. O sorriso cínico de Minoru de há pouco se cravava com firmeza no meio de seu peito como dentes afiados e não o soltavam.

— Você sabe como lidar com um traste como eu, não é mesmo? Pode ficar dizendo que seu marido é um homem imprestável. Tirar sarro e rir na cara dele. Você é muito mais fútil do que uma prostituta.

Yoshio disse isso enquanto se afastava a passos rápidos. Minoru seguiu atrás dele calada. A barra de seu quimono estava encharcada e grudava em suas meias e no salto de seus tamancos dificultando a caminhada. Ela não conseguia acompanhar Yoshio que andava rápido.

Quando Minoru finalmente chegou em casa, Yoshio já estava deitado ao lado do pequeno braseiro retangular. Minoru retirou o pãozinho que havia comprado de um pacote e jogava pedaços para Mei, que a havia seguido até a área, sem se voltar para Yoshio que mantinha a luz acesa de propósito.

— Ei!

Yoshio a chamou com uma voz estridente.

— O que foi? — Depois de dizer isso, Minoru acariciou a cachorrinha, perguntando: — Você se sentiu sozinha, não foi? — e não se moveu do lugar.

Yoshio se levantou de repente, ergueu a perna e deu um pontapé na lateral da barriga da cachorra que estava com a cabeça apoiada no colo de Minoru.

— Bote ela para fora!

Ele ficou parado em pé ali, apontando com o queixo como se quisesse enfatizar sua ordem usando os músculos da face. Após ser chutada, a cachorrinha logo rastejou para perto dos pés de Yoshio e mordida a ponta de suas meias querendo brincar.

— Vá para lá!

Minoru agarrou a coleira da cachorrinha e, depois de trazê-la para perto de si, ela a arrastou e a deixou sob a chuva, do outro lado da porta de correr. Então a fechou, entrou na casa e sentou-se na frente de Yoshio, que estava deitado diante do braseiro como antes, cerrando os lábios com firmeza para sufocar os soluços e as lágrimas com o rosto voltado para o alto.

— Talvez devamos nos separar.

Yoshio disse isso e se deitou de costas.

Quando pensava que teria que viver com o corpo dessa mulher, pesado e cheio de um sangue caprichoso, agarrado a seus fracos braços por décadas, por um longo tempo, Yoshio ficava desgostoso. Ele pensou que, na instável existência de quase um ano desde que se casaram, ele nunca havia sido animado por palavras sinceras e gentis da mulher. Quando olhava para trás, era apenas o rosto da mulher com um sorriso displicente, sempre marcado por seu sangue lascivo, que tinha cor no centro dessa miserável existência. Era seu corpo de carne macia que sempre se expunha, lânguido e exalando um odor almiscarado, diante de seus olhos.

— Você não tem futuro se ficar grudada em alguém como eu. Não consigo nem sustentar uma mulher. Mal consigo me sustentar.

— Eu sei disso — disse Minoru com clareza. Ao abrir a boca, lágrimas lhe vieram aos olhos.

— Então não é melhor nos separarmos? Fazer isso agora será melhor para nós dois.

— Eu vou escrever. Darei um jeito.

Os dois ficaram calados por algum tempo.

Um murmúrio rancoroso, daqueles que ao cair da noite amaldiçoava os vivos, atravessou a chuva de súbito vindo do interior do cemitério comunitário na frente da casa e passou entre os dois, que estavam em silêncio, como uma espécie de ameaça.

— O que pensa em fazer? Acha que tem chance? Sua situação é pior do que a minha.

Depois de dizer isso, Yoshio mencionou outras mulheres que iniciaram uma carreira literária na mesma época em que Minoru e elogiou essas mulheres que continuavam a florir com esplendor no mundo literário atual.

— Não vai conseguir. Se eu estou ultrapassado, você está mais ainda.

Minoru chorava em silêncio. Ela não podia deixar de chorar ao pensar nos dois, um homem e uma mulher sem talento que, por infortúnio, nasceram com o desejo de entrar no mundo literário, viram-se rejeitados por ele e, com os espíritos cansados, apoiavam-se um no outro nas profundezas de uma sofrida existência.

— Por que está chorando?

— Mas não é triste? Eu vou me vingar. Vou me vingar de todos por você. Eu prometo!

Minoru disse isso em lágrimas.

— Você não vai ganhar nada com isso. Se quer escrever, comece agora. Depender de um marido frouxo como eu só vai diminuir sua reputação. Se você acredita que consegue, é melhor escrever por você.

— Agora não consigo, não é a hora certa. Não está pedindo demais?

Minoru ergueu os olhos brilhando com lágrimas e fitou o rosto de Yoshio. Ao notar que, lá no fundo de seus insondáveis olhos, ela parecia dizer que faria isso por si só quando a hora certa chegasse, Yoshio sentiu uma renovada aversão se elevar em seu peito.

— De que adianta ficar só falando? São só palavras, você nunca faz nada. É melhor nos separarmos.

Yoshio disse isso como se quisesse encerrar a conversa e se dirigiu ao cômodo dos fundos para estender ele mesmo os futons.

Do lado de cá, Minoru observava os movimentos do homem em silêncio. Yoshio puxou os futons do guarda-roupa com uma das mãos, esticou-os em ângulo e

mergulhou entre eles com a roupa que vestia. Enquanto olhava para a borda dos futons, que pareciam gelados, Minoru se deu conta de que eles passaram um longo tempo discutindo em um lugar sem qualquer aquecimento e de repente sentiu frio, no entanto, permaneceu ao lado da porta de correr com as mãos no interior do quimono e a ponta dos pés frios envolvidas pela sua bairha. E, ao pensar que ela precisava se agarrar a esse homem que provavelmente mal conseguia manter a si mesmo com seus recursos e tentava se desfazer dela a todo custo, novas lágrimas afloraram em seus olhos.

Minoru tinha consciência de que os recursos de Yoshio não chegavam nem a uma fração daquilo que ela até então imaginava que um homem possuiria. Ela não queria ter que depender para sempre desse homem com cujo apoio não podia contar. A ideia de que precisava fazer alguma coisa a afligia bastante. Entretanto, Minoru não conseguia escrever nada. Era como Yoshio havia acabado de lhe dizer, ela não tinha a energia para fazer nada do que dizia na frente dele. Mesmo que se sentisse mortificada a ponto de querer mastigar suas próprias entranhas, ela não conseguia produzir nada. De fato, só lhe restava depender desse homem impotente.

Minoru se levantou dando um suspiro e se dirigiu ao leito de Yoshio sem fazer cerimônia. Então estendeu a mão direita e afastou o futon dele.

— Eu também vou dormir. Me dê um pouco do futon.

Havia apenas um conjunto de futons para os dois. Yoshio despertou assim que ouviu essa voz e procurava pelos óculos à sua cabeceira.

— Durma — disse ele, enquanto se afastava do leito, e foi outra vez para a sala.

Minoru observou esse homem se afastar por um momento e, depois de esticar os futons embolados, pegou seu travesseiro e se enfiou entre eles.

Depois de se deitar, ela ficou rememorando os dias nos quais o coração de um homem simples e sem fibra, e o dela, uma mulher manipuladora e voluntariosa, viviam se desentendendo e passavam o tempo todo discutindo como se apunhalassem um ao outro sem trégua. Neles, não conseguiu encontrar o coração do homem que ela amava e que coloria seus dias como uma franja de fios carmesins que, como seus sentimentos, às vezes se emaranhavam.

4

Foi na época em que as cerejeiras floresciam que Yoshio enfim conseguiu um trabalho. Minoru ia à estação todas as manhãs levando a cachorrinha para se despedir de Yoshio, que carregava seu corpo emaciado e sem energia ao centro da cidade para sustentar a vida dos dois. Por vezes, como faria uma namorada, a alva ponta dos dedos da mulher, bloqueando os cálidos raios de sol, lançava um beijo na direção da janela desse trem. Minoru costumava voltar atravessando o cemitério enquanto conversava com a cachorrinha. Então, deixava a janela do andar de cima aberta e passava o dia lendo com os raios de sol, que continham uma persistente calidez, tocando sua testa como se as pontas das unhas de uma criança coçassem de leve a sua pele. Não raro, Minoru também saboreava sozinha as novas palavras que fluíam de suas leituras para seus pensamentos. E quando as diversas cenas das quais, página a página, gotejava o aroma da arte, em silêncio, transportavam seu coração, murcho e ressequido como seda amassada devido às suas aspirações irrealizadas, a um

distante mundo da fantasia, Minoru se emocionava e, sentindo que o menor corte na bochecha provocaria uma hemorragia por causa do sangue que lhe subia à cabeça, ela dava voltas pelo cemitério. Minoru ficava tão sensível a tudo que até os finos galhos dos espinheiros que roçavam as mangas de seu quimono faziam com que lágrimas lhe viessem aos olhos. Às vezes, sem conseguir reprimir a sua perturbação e suas incontrolláveis emoções, Minoru pressionava a testa contra a lápide de uma pessoa desconhecida no cemitério. Com os olhos cheios de lágrimas, Minoru andava de um lado para o outro nas imediações do templo Tennōji, colorido pelos proeminentes pinheiros verdes, as cerejeiras em plena floração e o intenso céu crepuscular a um canto.

Uma noite, os dois perambulavam pela colina do parque de Ueno. A noite branca, devido às cerejeiras em flor, tinha um leve toque amarelado. As luzes do bosque piscavam vívidas em meio à névoa de flores como os olhos embaciados de uma bela mulher embriagada.

— Que noite bonita!

Minoru disse isso enquanto caminhava, gesticulando com entusiasmo como se expressasse o que sentia com o corpo. O coração de Minoru palpitava ao pensar que, quando as cerejeiras desabrochavam na primavera, os sussurros apaixonados de milhares de pessoas, ocultos no meio do bosque destas colinas, esses doces ecos, começavam a ser anunciados, aqui e ali, em cada pétala de cerejeira das silenciosas colinas. Minoru ficava em pé sob as cerejeiras cujos galhos desciam como dosséis e estendia as mangas de propósito. Então, o aroma das flores se misturava ao odor dos velhos perfumes dos casacos e Minoru perseguia esse aroma intangível, tênue, passo a passo, como se quisesse sentir o bafejo de algo nostálgico.

Yoshio, por sua vez, caminhava devagar, com os braços cruzados com firmeza e cara séria, afastado de Minoru. A ideia da pobreza revolvía em sua cabeça, e mesmo passear à sombra das cerejeiras à noite não lhe despertava qualquer interesse. Minoru, que não tinha um quimono para sair devido ao aperto financeiro em que se viam há um bom tempo, caminhava com um casaco sobre suas roupas cotidianas. Aos olhos de Yoshio, observar as costas de Minoru malvestida e divertindo-se nesse palco, alheia a tudo, era tão patético quanto ter a própria feiura como pano de fundo.

— Já não está na hora de voltar?

Yoshio disse isso e se deteve.

Os dois ficaram parados por algum tempo e, do alto da colina, observavam as luzes do outro lado do lago. Elas o rodeavam formando um círculo. O eco longínquo de um *shamisen* dava a impressão de que essas lâmpadas freíam, e os deixava inquietos. Minoru subitamente se recordou com saudades do peso da bainha macia do quimono que não vestia há muito tempo. A bainha do quimono que vestia agora ficava se abrindo diante dos tamancos e era fria.

— Meus conhecidos vão se reunir em Yoshiwara.

Yoshio disse isso e começou a caminhar. Os dois deixaram a rua Hirokōji para trás, onde a iluminação tingia o céu com um tom vermelho-claro, e dirigiram seus passos para o interior do bairro de Yanaka. O clamoroso som de uma banda tocando em uma rua distante se uniu ao ar frio da montanha, atingiu seus ouvidos morosamente como um torvelinho e seguiu em meio às cerejeiras. O peito de Minoru se encheu de um júbilo primaveril. Ela pensou que havia um mundo ruidoso além

desta colina, um mundo de pessoas animadas e intoxicadas pela noite de primavera. Mas ao se dar conta de que seus pés não poderiam pisar nele, Minoru sentiu uma indescritível solidão.

— Bem que poderíamos nos divertir como pessoas normais, nem que seja por um dia, não é mesmo?

No momento em que Minoru olhou na direção de Yoshio para lhe dizer isso, um riquixá passou ao lado dos dois, silencioso como a carruagem celeste que correu por Miho-no-Matsubara². Seus olhos se depararam com a bela estampa de um quimono de intenso carmesim ao lado do capô como se espiassem uma ilustração colada em uma parede escura. Então o capô do riquixá, que envolvia uma ostentação primaveril, seguiu balançando diante de seus olhos sem se desvanecer.

Minoru não disse mais nada depois disso. Ela caminhava em silêncio, tentando imaginar a que devaneios o homem calado estava entregue.

5

A notícia da morte da esposa do mestre a quem tanto Yoshio quanto Minoru eram profundamente gratos chegou até eles em uma manhã de abril.

Yoshio saiu com suas roupas ocidentais, era tudo o que tinha para vestir. Minoru fez o cálculo de quanto precisaria para retirar seus quimonos da casa de penhores em Nakachô, mas, ao se dar conta de que não podiam se dar a esse luxo, concluiu que não havia outro recurso senão ir até a casa de uma amiga em Koishikawa, e saiu pensando em uma boa desculpa para lhe pedir um quimono emprestado.

Algumas cerejeiras em flor se alinhavam ao longo do muro da casa da amiga, seus galhos pendiam na direção da rua como se exibissem a opulência da família. Fazia muito tempo que Minoru não via a amiga e a encontrou na sala de estar dessa casa. Minoru não conseguiu dizer, de modo algum, que o quimono era para ela. Não haveria problema se fosse solteira, entretanto, estando casada e, apesar da má reputação de seu marido, a ideia de que não podia expor sua pobreza dessa forma não saía de sua cabeça.

Com o sorriso gentil de quem acha que não é de bom-tom para uma mulher fazer especulações negativas sobre os outros, e parecendo acreditar que Minoru pedia um quimono emprestado para uma conhecida, a perspicaz amiga lhe trouxe um quimono formal.

— Teria que ser preto para um enterro, mas, infelizmente, eu não tenho um.

O quimono que a amiga trouxe era de uma cor marrom-avermelhada clara. Havia pequenas borboletas bordadas na bainha.

Chovia nesse dia. Minoru subiu na balsa na Ponte Azuma levando magnólias brancas. Quando a embarcação se afastou da margem, a sombra de memórias de seis ou sete anos atrás surgiu no peito de Minoru junto com a sensação de que seu

² Miho no Matsubara é uma área costeira da Península de Miho, na província de Shizuoka, conhecida por seus pinheiros e areia branca. Também é o cenário da peça “Hagoromo” (“O manto de plumas”), de teatro nô. Ela conta a história de um pescador que encontra um belo manto de plumas em um dos pinheiros da praia e o pega. O manto pertence a um ser celestial, uma mulher, que precisa dele para retornar para seu lar. O pescador pede que ela dance em troca do manto, o que ela faz.

coração deslizava com suavidade. Minoru observou a margem aterrada, que encerrava muitas recordações, de dentro da balsa. As telas de junco da casa de chá, encharcadas e cabisbaixas, expunham sua imagem solitária como um imprescindível pano de fundo do aterro sob a chuva na época das cerejeiras. E os finos rastros de chuva, como se tivessem sido penteados, arranhavam de leve a superfície do rio desde aquele lado. Minoru deitou os olhos outra vez sobre as águas do rio que se apressaram quando o barco deu uma volta. Uma espécie de tristeza, como se sua juventude em algum momento tivesse submergido e desaparecido de modo progressivo nas ondas deste rio, refletia-se ali. As flores de cerejeira da margem, que derrubavam gotas de chuva sobre o rosto da jovem Minoru, perdida em meio a profundas reflexões, agora também estavam floridas como naquela época. Para Minoru, era também como se elas fossem a sombra de um sorriso cruel que tentava deturpar a juventude de uma pessoa, ali também havia ressentimento.

Ao desembarcar na Ponte de Kototoi, as gotas de chuva se derramaram das cerejeiras e caíram com estrépito sobre o guarda-chuva de Minoru como vestígios de lágrimas do passado. Minoru encontrou dois ou três antigos conhecidos que se dirigiam para o mesmo lugar no meio do caminho e, quando passou pelo portão do mestre, já passava da hora que havia combinado com Yoshio.

Ao entrar, a comoção das pessoas ali reunidas ressoava sob os beirais úmidos de chuva. As portas de correr estavam abertas de par em par desde a entrada e a aglomeração de quimonos negros e listrados se estendia até a varanda. Tamancos enlameados se espalhavam depois da porta de treliça dos fundos. Minoru entrou na sala e se sentou com discrição em um canto depois de entregar as magnólias para a criada, sua conhecida de longa data, que encontrou na cozinha. Ali, os filhos pequenos, que haviam perdido a mãe, eram consolados com palavras tristes e abraçados entre as mãos de várias mulheres. A filha mais velha também estava entre as crianças e observava as pessoas que entravam e saíam. Ao ver Minoru, com quem brincava de cinco-marias e jogava bola no passado, a filha mais velha, com os olhos vermelhos e inchados, forçou um sorriso no rosto pálido e a cumprimentou. Minoru não conseguiu mais tirar os olhos da garota.

— Esta menina a imita direitinho!

Ela devia ter cerca de quatro anos quando o mestre disse isso a Minoru e riu. Ela segurava um embrulho de tecido como Minoru sempre fazia e, depois de abaixar a cabeça de modo afetado, dizia:

— A Minoru faz assim! — provocando o riso geral.

Era uma criança que, desde pequena, tinha um sorriso que sempre desenhava linhas nas extremidades de ambos os lados do nariz alto. Minoru não pôde deixar de se sentir impotente ao lembrar o que havia decorrido em sua vida no curto e estranho espaço de tempo em que esta garota havia levado para atingir a altura que tinha agora.

— Ei!

Ao ser chamada, Minoru se virou e viu Yoshio em pé na varanda gesticulando com o queixo.

— Estou indo ao santuário para pegar algum dinheiro emprestado, preciso colaborar com o funeral — disse ele, em voz baixa.

— De quanto precisa?

— Cinco ienes.

Os dois conversaram sorrindo e logo se separaram. Minoru deixou a sala, procurou pelo mestre por toda a parte e por fim o encontrou no meio de um corredor interno pouco iluminado. Sem ver seu rosto direito, Minoru ouviu sua voz, estrangulada pelas lágrimas, cruzar essa escuridão.

— Como tem andado? Está bem? — perguntou ele quando Minoru fez menção de se afastar.

Minoru via uma imagem frágil do antigo mestre, e suas lágrimas impediram que desse uma resposta.

6

Minoru não conseguiu dormir naquela noite. Os coloridos fios de suas lembranças ficavam se emaranhando e se confundiam em seu interior. O aroma das violetas ocidentais enviadas por seu mestre em um dia de primavera se impregnava em seu sangue, doce e nostalgicamente mesclado a essas lembranças.

Minoru procurou calcular há quantos anos havia deixado aquele querido mestre. Já fazia cinco anos que ela havia soltado sua mão. E oito anos já tinham se passado desde o momento em que começou a adorá-lo com todo o seu ser e a buscar sua afeição. Nessa época, a existência de Minoru estava envolta com firmeza pelos pequenos olhos desse mestre. Eles possuíam um brilho penetrante, como se tivessem sido polidos e purificados por suas experiências. Minoru estava convencida de que seu coração não teria para onde ir depois que soltasse sua mão. Por isso, Minoru, que ia todo os dias a Mukōjima de balsa e ficava em pé sobre o embarcadouro, derramava uma lágrima cheia de paixão sobre as sedosas águas do rio tanto na ida quanto na volta.

Porém, o momento de dar as costas ao mestre que tanto amava e admirava chegou. Sem que se desse conta, o momento em que os olhos de Minoru se abriram para o fato de que precisava viver sua verdadeira vida chegou. O momento em que não podia mais entrar todos os dias no escritório de seu mestre e se divertir fazendo o que tinha vontade sentindo o velho odor de cânfora dos livros chegou. E o momento em que a afeição do mestre pareceu uma terrível maldição que paralisava temporariamente sua vontade de viver de verdade chegou. Por acreditar que, se não soltasse a mão de seu mestre, nenhum novo caminho se abriria à sua frente, Minoru passou um longo tempo afastada desse mestre profundamente afetuoso, entretanto, ela não havia completado nenhum novo trabalho depois disso, não tinha nada em mãos, nenhum sinal de que havia despertado. Eram numerosos os dias em que Minoru umedecia seu peito com lágrimas desconsoladas ao se recordar da afeição com a qual o mestre a cercava naquela época. E não havia dia em que Minoru, agora constantemente rechaçada por todos, não se recordasse com saudades de sua juventude, quando, unida a uma única pessoa por uma fé cega, ninguém mais lhe importava.

Esse sentimento era particularmente intenso esta noite. A imagem de seu mestre hoje, cobrindo o rosto com a mão direita como se fosse se desfazer em lágrimas diante do caixão da esposa enquanto ouvia o sutra, não saía da cabeça de Minoru. Yoshio foi ao velório esta noite e ainda não havia retornado.

— Onde arrumou esse quimono?

Yoshio, que havia voltado mais cedo do funeral e esperava pelo retorno de Minoru, lhe fez essa pergunta. Sem responder, Minoru riu ao se recordar de como Yoshio, vestido com roupas ocidentais listradas, era a pessoa que mais chamava atenção na cerimônia de hoje.

— Você emprestou de alguém?

Tanto Minoru, que balançou a cabeça, quanto Yoshio, tinham uma expressão igualmente vexada. O fato de nenhum dos dois ter uma roupa formal para se apresentar em meio a tantas pessoas em uma ocasião como esta era bastante embaraçoso para os dois.

— Essas suas roupas não caíram muito bem.

— Fazer o quê? Ao menos você não fez feio.

Depois de dizer isso, Yoshio observou Minoru vestida com o quimono emprestado mais uma vez. Embora Yoshio lhe perguntasse quem o havia emprestado, Minoru não lhe disse que foi a amiga de Koishikawa. Ela temia que Yoshio se sentisse ainda pior se lhe contasse que havia feito um pedido tão vergonhoso a uma antiga amiga de colégio. Minoru mencionou o nome de uma loja, disse que seu dono frequentava a casa de sua família quase como se fosse um parente, e que foi ele quem lhe arrumou o quimono. Minoru se recordou de como a esposa de um amigo de Yoshio, que diziam estar sempre em apertos, estava bem-vestida e, com uma expressão surpresa, disse a Yoshio:

— Parece que não há ninguém em situação pior entre nossos conhecidos.

— Acho que não mesmo.

Yoshio disse isso e retirou as roupas ocidentais que vestia. E, depois de algum tempo, virou as barras das calças.

— Veja o estado desta barra — disse ele, mostrando os pontos esgarçados para Minoru.

Yoshio precisava vestir essas roupas ocidentais, apropriadas para o outono ou o inverno, mesmo que fizesse calor ou nevasse. Hoje, ao se recordar de Yoshio saindo de casa vestido com este casaco largo cada vez que tinha algum compromisso, Minoru não conseguiu minimizar a pobreza dos dois com algum tipo de zombaria como era de seu feitio. Lágrimas de sincera comiseração pela miséria dos dois brotaram nos olhos de Minoru vindas desse coração calejado por ver tantas cenas tristes.

— Meu pobre, Yoshio!

Lamentando-se, Minoru se virou para o outro lado e também começou a trocar de roupa. Em uma situação que nos obriga a expor nossa penúria em público, nós demonstramos intimidade dessa forma, de modo inconsciente, segurando as mãos um do outro com firmeza, pensou Minoru.

— Temos que dar um jeito de pegar de volta ao menos as suas coisas — disse Yoshio, enquanto saía para ir ao banho público.

Ao ficar sozinha, as imagens do cortejo fúnebre de hoje surgiram diante dos olhos de Minoru. Enquanto essa procissão se estendia e avançava pelo aterro florido, eles cruzaram várias vezes com grupos de pessoas que observavam as flores e dançavam na lama com máscaras no rosto. Ela se recordou de um bêbado que os observava seguir em fila e que disse:

— Vocês estão todos muito animados! — em voz baixa bem ao lado do riquixá em que Minoru se encontrava.

Minoru pensou em contar isso a Yoshio quando este voltasse. Embora fosse uma das pessoas a chorar copiosamente vendo os pequenos que perderam a mãe reunidos diante do caixão, essa tristeza já havia desaparecido em algum lugar.

7

Era a época em que os lírios brancos de que Minoru gostava estavam sempre decorando a alcova da sala ou sobre a estante de livros. Nos dias de folga de Yoshio, às vezes os dois observavam as plantações verdejantes em longos passeios até Ôji levando a cachorrinha. Os dois mergulhavam a cachorra no riacho que ficava atrás do templo Momiji, envolviam-na em espuma de sabão e a lavavam. O verde das tenras folhas dos bordos e os raios de sol se misturavam ao rio e lhe davam uma cor parecida com a da gelatina de ágar-ágar. A cachorrinha molhada era amarrada com uma corrente a uma coluna da casa de chá no alto da montanha, e os dois passavam metade do dia observando a cobertura de tenras folhas de bordo diante de seus olhos sobre a qual tinham a impressão de que poderiam caminhar se a pisassem. Quando paravam diante do que parecia ser a casa de campo de alguém no caminho de volta, Yoshio observava a lateral do andar superior da construção de estilo ocidental em tom cinza-claro cercada por ciprestes e sempre dizia: “Desejo ao menos construir a casa de meus sonhos, não peço mais nada”. Foi também nessa época que Minoru começou a se entreter com os cabelos, mudando o penteado com frequência. Minoru adquiriu o hábito de ir ao salão à margem do lago para ajeitar os cabelos dia sim, dia não. Havia vários pedaços de faixas para prender os cabelos de cor carmim manchados de óleo na pequena gaveta da cômoda de Minoru.

Mesmo nestes dias, o temperamento do homem, correto e pusilânime, e o da mulher, voluntarioso e cheio de ardis, não paravam de se chocar um com o outro e de provocar altercações, sempre em desacordo. A vaidade do homem de não perder para a mulher e a determinação da mulher de não perder para o homem se enredavam até no menor roçar das mangas de seus quimonos, e os dias em que os dois se xingavam até terminarem por se pegar aos tapas não eram incomuns. Quando Minoru lia um texto e a opinião de ambos sobre ele diferia, os dois discutiam aos altos brados, sem se importarem se eram duas ou três horas da noite, e suas vozes ecoavam até a rua da frente. Então, quando Minoru terminava por fechar a boca e começava a fitar a testa estreita de Yoshio com os olhos brilhantes, cheios de um misto de pena e escárnio, os olhos de Yoshio ficavam vermelhos de imediato.

— Não seja impertinente! E você sabe alguma coisa? — dizia ele, com a expressão de quem ia cuspir nela como faria um peão de obra ao insultar alguém. Às vezes, essas palavras não podiam deixar de tirar Minoru do sério.

Quando Minoru pensava que não tinha a quem recorrer para provar que o conhecimento desse homem era inferior ao dela, só lhe restava sentir pena de si mesma e de sua falta de aliados. Minoru esticava o braço, dava um cutucão no ombro de Yoshio e dizia:

— Repita o que disse!

— Repito quantas vezes quiser. Você é uma inútil! Você não sabe nada!

— Como assim? Por quê?

Então Minoru não se calava até que o homem batesse em seu corpo a ponto de não conseguir mais se mover.

— A culpa é sua, por que não pede desculpas? Peça desculpas!

Minoru erguia os braços até a cabeça de Yoshio e tentava puxá-la para baixo à força, mas ela terminava toda quebrada pelas mãos do homem.

— Você vai acabar aleijada se continuar assim — dizia Yoshio, no dia seguinte, ao observar as marcas deixadas aqui e ali no corpo de Minoru. Mais tarde, a brutalidade com a qual havia agarrado a carne frágil da mulher como se fosse fazê-la em pedaços retornava à mente de Yoshio como se fosse um sonho.

Era um dia em que uma chuva leve caiu. Minoru havia lavado muita roupa de manhã cedo, seu corpo estava fatigado e a sensação era a de que uma tábua se estendia sobre sua carne. Nuvens vaporosas como fumaça, suaves e brancas, passavam várias vezes perto do beiral como se espreitassem a mente de Minoru. Os raios de sol atravessavam o úmido ar de início de verão e se derramavam diante dos olhos de Minoru, em pé na varanda, com a beleza de cacos de vidro colorido. Era uma manhã um tanto abafada. A pele suada sob a sarja que Minoru vestia pinicava.

Começou a chover na parte da tarde nesse dia. Depois de colocar a roupa que secava na varanda, Minoru se postou ali outra vez e observou o pequeno jardim regado pela chuva. Apenas as hortênsias plantadas por Yoshio no verão passado se destacavam ao centro do jardim de pouco menos de dez metros quadrados. Embora os dois ou três pés de buxo, cheios de flores brancas e miúdas semelhantes ao granizo, se mostrassem modesta e pobremente a um canto, a sombra das hortênsias que cresceram e se espalharam em um ano era a maior sob o solo desse jardim. Não havia mais nada além disso. O som da leve chuva sobre as folhas das hortênsias se fazia ouvir de vez em quando. Ao ouvi-lo, Minoru se sentiu de súbito nostálgica e ficou um bom tempo observando a chuva cair.

Quando Yoshio chegou em casa no horário habitual, essa chuva já havia parado. Observando Yoshio depois que este voltou, Minoru percebeu que havia alguma coisa no fundo de sua mente.

— Ei, o que pensa em fazer?

Minoru estava arrumando a mesa com calma depois do jantar quando Yoshio lhe fez essa pergunta.

— Por que ainda não se pôs a escrever? Vai desistir?

Minoru soube a que ele se referia assim que ouviu isso. Há cerca de uma semana, Yoshio chegou do serviço e, mostrando-lhe um recorte de jornal, disse:

— Eis um trabalho para você!

Era de um jornal regional, a chamada de um concurso. Yoshio, que sabia que Minoru tinha um texto guardado que ia escrevendo aos poucos, sugeriu que ela apenas o completasse para adequá-lo ao regulamento e o enviasse.

— Se ganhar, trará um alívio para nós — disse Yoshio.

Entretanto, Minoru deu uma resposta vaga e não se pusera a trabalhar até hoje. Isso se explicava porque o prazo final já se aproximava quando Yoshio encontrou essa chamada. E Minoru não achava que conseguiria escrever algo satisfatório nesse curto tempo.

— Por que você não escreve? — insistiu Yoshio, com um tom nervoso e ar contrariado.

— Porque não quero participar de uma coisa que parece mais uma loteria, é por isso que não escrevo.

A proverbial altivez de Minoru se fez notar em sua face, algo percebido por Yoshio.

A ideia de que Yoshio pensava em escapar de suas dificuldades financeiras por meio desse golpe de sorte fortuito desagradava a Minoru. Apesar deste homem não saber fazer a mulher ter prazer com a arte, ele sabe muito bem como fazê-la trabalhar para participar de um jogo azar, ao pensar isso, Minoru ficou possessa.

— Minha escrita não é tão ruim para ser usada nesse tipo de coisa! — repetiu Minoru.

— Não seja impertinente! — esbravejou Yoshio.

O desprezo de Yoshio pela altivez da mulher era sempre expresso neste “não seja impertinente!”. Minoru detestava essas palavras. O rosto de Minoru, que fitava Yoshio, ficou totalmente pálido.

— O que foi que você disse? Não disse que ia trabalhar? Não ia fazer isso por mim? E então?

— Não estou dizendo que não vou trabalhar. Entretanto, nunca pensei em usar o que escrevi para uma coisa dessas. Se quer que eu trabalhe tanto assim, vou para uma central telefônica. Mas nada de usar meus textos para fazer uma aposta, isso eu não quero.

Yoshio, de súbito, jogou o cinzeiro que estava ao lado de sua mão em Minoru.

— Você não dá qualquer valor à nossa vida. Se quer desistir, desista. Que palavras são essas? Como ousa falar assim com seu marido? — disse Yoshio, levantando-se. — Se é para ser assim, vamos acabar com tudo!

Yoshio deu um pontapé na bandeja de comida sobre o chão e foi para cima de Minoru. Ela nunca teve tanto medo da violência de um homem como nesse momento. “O que está fazendo?”. Quando a voz de Minoru, aguda e clara como metal, parecia se cravar no peito palpitante de Yoshio que avançava sobre ela, Minoru reuniu todas as forças que possuía em seus dois braços e empurrou o peito de Yoshio para o outro lado. Depois disso, pela primeira vez, Minoru saiu pela porta dos fundos e correu até a frente da casa para fugir da fúria desse homem.

Do lado de fora, a luz do crepúsculo ainda não havia desaparecido por completo e tinha o prateado do níquel. Uma escuridão maior, na qual espíritos vagavam, ia envolvendo todo o cemitério, e Minoru passou um longo tempo em pé sob sua sombra. Vindos de algum lugar, ecos assustadores de janelas e portas sendo chutadas e quebradas chegavam nervosamente aos ouvidos de Minoru em meio à silenciosa solidão que se concentrava ao seu redor.

Então, teve a impressão de que um grito feminino, aguçado e fino como uma agulha para costurar seda, se misturava a eles. Parecia ser sua própria voz. O sangue que se movia pelo corpo de Minoru ainda estava agitado. E, de vez em quando, ainda se sublevava com violência em algumas de suas artérias. No entanto, Minoru voltou o rosto para baixo sob a força da escuridão que se estendia acima de sua cabeça e ficou refletindo por algum tempo com a firme intenção de examinar cada movimento de seu coração. Então, as palavras de Yoshio: “Você não me dá valor” ecoaram com clareza, como se estivessem imersos em água cristalina, e com os mais variados sentidos, em sua mente.

Minoru era uma mulher que não dava qualquer valor ao homem.

Por sua vez, Yoshio não sabia apreciar nem um pouco a arte da mulher.

Mesmo contrariada, Minoru ainda se esgueirava pela porta da casa de penhores por causa da vida de pobreza que levava com o homem, enquanto isso, Yoshio nunca lhe havia dado sequer um novo livro para incentivar seu amor pela literatura. Para que sua importância mesquinha não se visse reduzida em relação à mulher, Yoshio chegava a fazer coisas para, de modo deliberado, depreciar o esforço da mulher que tentava adquirir novos conhecimentos. Yoshio era o tipo de homem que ignorava como dar ainda mais lustre à mente da mulher que amava essa nova arte, contentando-se apenas em poder compensar materialmente sua incompetência fazendo uso da mão dela. Essas coisas eram repetidas sem cessar na mente de Minoru.

— Se você diz que não lhe dou valor, devo dizer que você não valoriza minha arte.

Minoru sentiu o sangue lhe vir aos olhos ao pensar que era isso que devia ter dito a Yoshio há pouco.

Uma mulher que não valoriza um homem e um homem que não valoriza a escrita da mulher não eram exatamente equivalentes. Talvez fosse desanimador para Yoshio ter uma mulher que não o apreciasse. Yoshio saía todos os dias sem que nunca houvesse mais de duas ou três pequenas moedas de prata dentro de sua carteira. Talvez Minoru, que via essas coisas e assim mesmo não lhes dava importância, não fosse a companheira com quem Yoshio desejasse passar a vida inteira de mãos dadas.

“Realmente precisamos nos separar”.

Minoru começou a caminhar pensando nisso. Lágrimas doloridas escorreram por suas bochechas como se estivessem congeladas nas profundezas de suas pupilas e derretessem.

A escuridão acuava Minoru de todos os lados, impedindo que caminhasse. Uma nuvem de mosquitos voava ao redor de seu rosto com um fraco zumbido. Ao se virar, viu as pontas dos pagodes de pedra que se elevavam aqui e ali em meio a essa escuridão. Elas pareciam se agrupar e vir de joelhos na direção de Minoru como aparições bruxuleantes. Minoru apertou o passo e saiu do outro lado da sebe de espinheiros que cercava o cemitério com a sensação de que era a única pessoa deixada nessa solitária obscuridade.

Ao ver Minoru surgir ali, Mei, que perambulava pelas imediações, voou em sua direção e, levantando a cabeça para vê-la, abanou o rabo junto com todo o corpo. Ao ver esta cachorrinha surgir de súbito, Minoru não pôde deixar de abraçá-la, sentindo que segurava o único ser que se importava com ela neste mundo.

— Obrigada!

Assim que agradeceu à cachorrinha, lágrimas afloraram e caíram de seus olhos outra vez. Minoru caminhou na direção da casa enxugando o rosto na manga do quimono, sentindo que era a primeira vez em sua vida que andava pela rua chorando.

8

Minoru entrou na casa depois de passar algum tempo em pé do lado de fora para averiguar como estavam as coisas no interior. Ao acender a luz da sala de chá e olhar ao redor, não viu Yoshio, apenas as cinzas do cinzeiro que ele havia arremessado antes e as coisas que estavam sobre a bandeja que havia sido chutada se espalhavam ali em desordem. Passado algum tempo, enquanto limpava a sala,

Minoru ouviu um som pesado, como se alguém se virasse no leito, e pensou que Yoshio dormia no andar de cima. A imagem de Yoshio deitado diretamente sobre o tatame com a cabeça e o rosto, de queixo magro e ossudo, e uma nuca fina como a de uma criança enterrados entre os cotovelos dobrados, pairou na mente de Minoru neste instante.

Então o coração de Minoru fraquejou sem remédio diante dessa imagem de Yoshio. Se pegar a caneta para escrever significa “trabalhar” como ele quer, e se isso é sinônimo de fazê-lo feliz, essa é uma tarefa simples, pensou, e, assim, sua disposição havia mudado com uma maleabilidade tipicamente feminina.

O espírito de Minoru, que se digladiava com os outros há um longo tempo e não havia obtido nada até agora, acabou por se intimidar em algum momento e já apresentava sinais de exaustão. Por maior que fosse sua determinação, ela logo se apagava como uma estrela ao amanhecer. Ao final, acabava tendo que depender unicamente da compaixão de Yoshio para viver e, com impotente tristeza, Minoru via a si mesma colocando-se à mercê do homem com uma atitude passiva.

A partir do dia seguinte, ela se sentou na escrivaninha todos os dias e começou a escrever a continuação de um manuscrito que estava pela metade. Isso a cansava, e Minoru teve vontade de desistir várias vezes. Não se sentia nem um pouco inspirada.

Os textos inacabados que havia guardado na escrivaninha até hoje não eram coisas de que gostasse. Eram textos que acabava largando depois de determinado ponto porque exalavam uma espécie de odor pungente do qual não conseguia se livrar de forma alguma. Portanto, antes de se pôr logo a escrever a segunda parte, Minoru ainda precisava revisar a primeira. A sinceridade de Minoru em relação à sua escrita a impedia de ter um pensamento tão insultuoso quanto o de trazer à luz um trabalho que ela havia descartado do jeito que estava. Minoru se demorava revisando a primeira parte.

— Até quando vai continuar com isso? — perguntou Yoshio assim que descobriu esse fato, vindo para seu lado.

— Está muito ruim, eu desisto.

— Não faz mal que esteja ruim, continue!

— Eu não presto para isso! — disse Minoru, misturando as folhas do manuscrito à sua frente.

— Ouça bem, neste tipo de coisa não importa se o trabalho é bom ou ruim. Depende apenas da sua sorte. Mesmo que o trabalho seja ruim, se tiver sorte, tudo correrá bem, então termine de escrever. Se ficar enrolando, não vai dar tempo.

Yoshio tomou as folhas da primeira parte do texto que haviam sido colocadas em ordem das mãos de Minoru. Ela o observou fazer isso com os olhos de quem pergunta: “Então basta que eu escreva?”. Uma sensação desesperadora veio à tona em seu interior. A sensação de que precisava escrever a parte que Yoshio a forçava a completar e jogá-la na sua cara.

— O que vai fazer se eu não conseguir escrever de jeito nenhum?

— Não existe esse negócio de não conseguir escrever, então, escreva!

— Não consigo. Não gosto do que escrevo.

— Não venha com essa, ande logo, faça essa caneta se mexer!

— Não gosto do que escrevo, é inútil!

— Você é sempre assim! Poderia escrever duas ou três páginas enquanto reclama, não acha?

Yoshio contou os dias. Faltavam mais de duzentas páginas para cumprir o número estabelecido pelo regulamento e menos de vinte dias até o final do prazo. Como se tivesse sido acertado por um grão de soja tostado, Yoshio sentiu uma pontada de ódio por esta mulher, que só tinha boca, mas não conseguia ir até o fim daquilo que prometia.

— Você é mesmo uma mulher inútil. Esqueça! Deixe para lá! — disse Yoshio, então retirou da estante o manuscrito que tomara antes e o atirou diante de Minoru, espalhando as folhas. Havia uma inusitada sombra de frieza nos olhos que voltava para baixo.

— O que vai fazer se eu desistir?

Minoru estava inclinada sobre a escrivaninha e, com a cabeça apoiada na mão direita, olhava obliquamente para o rosto do homem. A confusão do rosto de Yoshio — as piscadas dos olhos, os movimentos dos músculos da face pálida e o estremecimento dos lábios — prenunciava o relâmpago iminente.

— Só resta nos separarmos — disse Yoshio, como se a afastasse com um safanão.

Yoshio não pôde deixar de sentir um evidente e pesado fardo ao se dar conta de que não conseguiria nada de Minoru. Para Yoshio, o que os unia um ao outro não era a afeição. Era a força. Se a mulher com quem vivia não pudesse compensar a força que lhe faltava, ele não queria ficar com ela. Ele pensou que, se carregasse o fardo de uma mulher, especialmente uma tão cheia de caprichos como Minoru, seu corpo apenas afundaria cada vez mais no pântano da existência. Yoshio tinha que se livrar desta mulher... Ele era um homem que sempre conseguia fazer uma inabalável oposição a Minoru nessas ocasiões. Era um homem que conseguia mostrar com clareza que poderia sair desta casa e deixar aquele lugar a qualquer momento. Não havia o menor indício de que o homem pensasse em Minoru com particular afeto.

— Vou escrever. Não tenho opção.

Os olhos de Minoru estavam cheios de lágrimas. Então se pôs a recolher as folhas do manuscrito que estavam espalhadas.

9

Minoru usava toda a sua energia para escrever. Os olhos do homem passavam várias horas faiscando na frente da escrivaninha de Minoru como açoites. Com medo deles, Minoru escrevia sem pensar. Às vezes, ela levava a escrivaninha e a lâmpada para baixo do mosquitoireiro e, depois de passar algum tempo deitada de costas como se estivesse morta, levantava-se de repente para escrever. Às vezes Minoru voltava a escrever depois de bater a cabeça várias vezes nos cantos das paredes enquanto fugia dos raios de sol de verão que penetravam no interior da casa da manhã ao final da tarde.

Assim, foi na tarde do último dia do prazo final que a obra foi concluída. Depois de escrever o nome de Minoru no manuscrito e de colocá-lo em um pequeno pacote, Yoshio foi pessoalmente levá-lo ao correio. Enxugando o rosto na manga do *yukata* azul claro empapado de suor, Minoru memorizou estes mais de dez dias. Não vislumbrou nem sombra da bela arte imaginada por ela na ponta da caneta que

moveu acoçada pelo homem. Apenas a influência do temor de ser punida pelo homem pairando como uma nuvem negra. O que sua mão poderia produzir sob essa influência umbrosa e contrária à arte? Ao ter esse pensamento, Minoru não pôde deixar de se desesperar.

Foi depois da metade do mês de agosto. Havia um artigo no jornal dessa manhã que atraiu de súbito a atenção de Minoru.

Depois que Yoshio saiu para trabalhar, Minoru deixou um recado na entrada da casa e saiu também. Então, chegando em Hirokôji, tomou um bonde com destino a Edogawa.

Pouco depois, a figura de Minoru, vestida com um quimono de seda simples e desbotado e segurando um guarda-chuva roxo-azulado igualmente desbotado, estava perdida em uma rua de Ushigome, que tinha uma tonalidade amarelada sob o sol escaldante. As plataformas de seus tamancos de madeira afundavam no cascalho que cobria o solo, dificultando a caminhada e frustrando Minoru. Cada vez que isso acontecia, ela tinha uma palpitação e o suor escorria por suas axilas. O bafo quente que subia por baixo da barra de seu quimono e o calor do sol abrasador que brilhava acima de sua cabeça pinicavam a fina pele de Minoru. Seu rosto estava vermelho como se ardesse em chamas.

Minoru perguntou por um salão de eventos chamado Seigetsu em um posto policial na esquina de uma ponte e virou na direção da periferia de Edogawa. O salão Seigetsu ficava do lado direito dessa rua. Era uma casa de construção antiga, que parecia ter sido a residência de um samurai que servira ao xogunato. Em pé no vestíbulo, ela perguntou por uma pessoa chamada Koyama para a empregada que veio recebê-la.

Minoru foi imediatamente conduzida aos fundos. Minoru esperava que a pessoa com a qual se encontraria aparecesse no enorme salão vazio com o jardim às suas costas. Embora as portas estivessem todas abertas, não havia a menor brisa. E o ar sufocante e a quietude do calor diurno, no qual todas as coisas pareciam estar com a respiração suspensa e imóveis, espreitavam dos cantos dos tatames que haviam adquirido uma coloração avermelhada. Minoru segurava um lenço contra o rosto e usava o leque com assiduidade.

Um homem de baixa estatura veio dos fundos trazendo um cinzeiro e se sentou na frente de Minoru. Seus olhos, de pupilas negras e com longos cílios, estavam inchados como se ele tivesse tirado um cochilo. Como observava muito nas pessoas de Osaka, a saliva tendia a se acumular nos cantos de sua boca quando ele falava. Quando sorria, seu rosto pequeno era preenchido por um encanto feminino.

Embora Koyama não conhecesse Minoru, ele sabia quem era Yoshio. Koyama conversou com Minoru enquanto brincava com o cartão de visita que esta havia lhe dado nas mãos.

Koyama começou a falar sobre a companhia teatral que eles estavam montando. Depois disso, demorou-se explicando que, embora o espetáculo anterior tivesse sido considerado sem graça pelo público por ter sido montado por certo produtor, desta vez, ele seria produzido com muito mais qualidade artística e contaria com a colaboração de duas pessoas chamadas Sakai e Yukida. Mencionou que tinha a intenção de escolher apenas atrizes de boa reputação e não muito vulgares. O melodioso sotaque de Osaka se tornava baço em meio ao ar quente e tinha um ritmo sonolento e sinuoso.

Enquanto Koyama falava, seu rosto dizia que Minoru era uma mulher que parecia entender um pouco do assunto, às vezes, ele se empolgava ouvindo-a falar, e a conversa avançava assim.

— Se estiver mesmo interessada, falarei com os senhores Sakai e Yukida e então darei uma resposta. Acredito que não haja problema, mas como a decisão não depende só de mim, eu a avisarei por carta depois, combinado?

Com isso, Minoru se despediu de Koyama e saiu.

Minoru ficou observando uma única lanterna festiva balançando sob o beiral da casa vazia, afastada das sombras quentes, e quando finalmente entrou, metade do jardim já estava à sombra. Minoru refletia sentada no meio da sala vazia sem tirar o quimono empapado de suor.

À noite, Minoru saiu com Yoshio para ir a um santuário onde havia um festival. As luzes das lanternas vermelhas da ruela do lado do cemitério pairavam em alguns pontos como se um pouco da animação da rua principal tivesse sido trazida até ali e formasse tênues borrões de cor. Também havia portões nos quais mulheres de *yukata* branco se postavam exibindo suas sedutoras mangas esvoaçantes sob essa iluminação. Ao saírem na rua, as luzes das barracas noturnas e a vertiginosa confusão das barras de quimono da multidão transformavam o deteriorado bairro de sempre em um novo mundo.

Os dois entraram no santuário abrindo caminho entre as pessoas. Seguiram pelo lado de uma loja que servia *shiruko*³ onde tigelas vermelhas se amontoavam e se depararam com uma mulher de pele escura de cerca de quarenta anos que chamava o público em voz alta para ver um espetáculo de aberrações com as mangas do quimono arregaçadas. Postando-se diante da cortina que subia e descia e espiando-se o interior, vislumbravam-se duas moças que usavam coletes sobre os quimonos e recitavam o que parecia ser uma narrativa de *jōruri*⁴. Uma delas era tão bonita que não passava despercebida. Várias emoções pareciam emanar de suas pupilas expressivas quando, ocasionalmente, voltava os olhos na direção da multidão do interior do barracão mal iluminado. O pó branco que cobria sua pele, sem brilho como o giz, combinava com as cores chamativas do extravagante quimono de seda junto ao seu peito, o que a tornava ainda mais bonita. O nariz era alto e reto, os lábios, cheios e pequenos.

— Que mulher bonita! — disse Minoru e puxou a manga de Yoshio. — Aquela deve ser a tal da *rokuro-kubi*⁵, não?

Rindo, Yoshio também espiou. No desenho do cartaz acima, uma mulher com os cabelos presos em um coque alto projetava o pescoço de modo titubeante do corpo vestido com um colete e olhava para a multidão na parte de baixo. Yoshio gostava do rosto pintado de branco dessas artistas populares. Yoshio voltou a caminhar, ainda atraído pelos olhos dessa mulher.

Os dois deram uma volta e chegaram na frente de uma casa de chá que ficava em um penhasco com vista para a área de Mikawashima. Lanternas que lembravam frutos de *physalis* pendiam dos beirais envoltos em telas de junco, a cor dessas luzes se refletia nas garrafas de sidra e nas lascas de gelo. Yoshio, que havia comprado

³ Sopa doce de feijão *azuki*.

⁴ Tipo de narrativa cantada e acompanhada por instrumentos musicais como o *shamisen* típica do teatro de marionetes.

⁵ Nome de um ser sobrenatural do folclore japonês que se manifesta como uma mulher que pode esticar e contrair o pescoço à vontade.

castanhas assadas nesse lugar, estava em pé na frente da descida do penhasco e as comia olhando na direção de Mikawashima, escura como o mar. As pessoas que entravam no recinto do festival vindas da parte de baixo passavam na frente dos dois sem cessar.

— Queria pedir sua opinião sobre uma coisa — disse Minoru, ignorando a multidão do recinto e procurando descer do penhasco.

— Sobre o quê?

— Penso em voltar ao teatro.

— Você? Sério?

Os dois desceram e saíram em Nippori depois de atravessarem a passagem de nível. Enquanto caminhavam, Minoru falava sobre sua intenção de ingressar na nova companhia que Sakai e Yukida procuravam montar. Yoshio conhecia Yukida. Era um novo dramaturgo que havia acabado de retornar do estrangeiro. Embora tivessem decidido apresentar a peça de um ato escrita por ele, havia a dificuldade de encontrar uma atriz para interpretar o complexo papel da protagonista, e Minoru estava esperançosa em relação àquilo que Koyama lhe disse durante o dia. Entretanto, não mencionou essa última parte e perguntou o que Yoshio acharia se ela atuasse. Yoshio caminhava em silêncio comendo castanhas.

Yoshio tinha conhecimento de que Minoru já havia feito alarde sobre se tornar atriz antes mesmo de se casarem. Entretanto, ele não sabia quais talentos a mulher possuía. Nessa época, Minoru se juntou a uma companhia teatral e o fato de não ter havido qualquer repercussão quando atuou fazia pensar que ela não tinha muita habilidade sobre o palco. Além disso, Yoshio achava que a aparência de Minoru não a favorecia nem um pouco. Para Yoshio, que estava habituado a ver belas atrizes estrangeiras, a mera ideia de Minoru, esta mulher de rosto achatado e de complexão abaixo da média, aparecer sobre um palco, parecia uma loucura sem tamanho.

— Por que está pensando nisso a esta altura? — perguntou Yoshio, mastigando uma castanha assada.

— Penso nisso há muito tempo. Só não fiz nada porque não tive uma boa oportunidade.

Yoshio questionava a ideia de atuar de Minoru e relutava em dar seu consentimento.

— E por que não? — perguntou Minoru, já em tom belicoso.

Yoshio havia se despido e estava deitado na varanda fumando um cigarro. Minoru se sentou à sua frente pesadamente e observava a postura indolente de Yoshio.

— Porque não é uma vida tão fácil — respondeu Yoshio.

Ele refletia. Ainda se Minoru tivesse talento para atuar e esse pudesse se tornar um trabalho que lhe fizesse ganhar muito dinheiro, tudo bem, mas ao pensar que ela se aventuraria em um mundo incerto e totalmente imprevisível outra vez e que, ao final, terminaria perdida e sem rumo, Yoshio via a coisa mais como um fardo. Além disso, ele se sentiria humilhado se o pequeno grupo de pessoas que ele via todos os dias, e os conhecidos maldosos incluídos entre estes, vissem sua mulher, que não era bonita e que carecia de talento, representando sobre um palco. Yoshio ficaria mais satisfeito se, em vez de ficar pensando nessas coisas, Minoru o ajudasse arrumando um emprego que lhe pagasse um salário regular.

Como em várias ocasiões, a disposição da mulher de se esquecer da vida e pensar apenas em se divertir com a arte despertou seu ódio outra vez.

— Não é melhor ficar quieta e escrever?

— Escrever o quê?

— Vou encontrar um trabalho que permita que você escreva.

— Por mais que tente, nunca serei reconhecida no mundo literário, não é mesmo? Esta é uma boa oportunidade, por isso, quero me lançar outra vez nas artes cênicas. Eu estou confiante. Além disso, se o senhor Sakai e o senhor Yukida forem os diretores, estou certa de que dará certo. — Minoru disse isso com os olhos brilhando.

Na verdade, a paixão de Minoru estava na escrita. Ela descobriu isso por meio do trabalho realizado há pouco. Minoru, que secretamente se orgulhava de poder criar vidas com sua caneta, sentia desgosto quando se recordava de que isso não havia se manifestado de forma alguma em seu último trabalho. Entretanto, não revelou isso a Yoshio. Porque, naquela ocasião, ela o amaldiçoou e retrucou que sua preciosa caneta não seria usada para aquele tipo de aposta. Minoru não podia mais dizer uma coisa tão descarada diante de Yoshio depois de ter proferido essas palavras.

A despeito de si mesma, estava decidida a esquecer a escrita e a trabalhar com afinco nos palcos mais uma vez. Assim, o artigo que viu no jornal recrutando uma atriz para a nova companhia teatral havia caído dos céus.

— Eu acho que você sabe escrever. Então, por que não me ajuda a ganhar a vida dessa forma? E, acima de tudo, mesmo que atue, já não é tarde para alguém da sua idade?

— E há idade para a arte?

— Isso é algo que quem já é do ramo diz. Mas você ainda vai começar, não é?

— Se é assim, pode deixar. Farei isso sozinha. Porque não é nem uma arte nem um trabalho que faço por você. É a minha arte. É um trabalho meu. Assim, que direito você tem de me apoiar? Mesmo que diga que não posso, eu farei de qualquer forma.

Uma chama de desejo se acendeu no peito de Minoru depois de dizer isso, algo que não acontecia há muito tempo. E pensou que precisava subjugar este homem que a subestimava com sua performance sobre o palco a qualquer custo.

— E onde vai arrumar o dinheiro para uma coisa dessas?

— Farei um empréstimo.

10

O aviso da data da leitura da peça chegou pouco depois do cartão de Koyama informando que Minoru ingressaria no grupo.

Observar o novo trabalho progredir assim, dia após dia, diante de Minoru, deixava Yoshio inquieto. Havia dias em que Yoshio não aguentava observar Minoru que, com uma expressão despreocupada e os olhos arregalados, parecia fitar uma sombra de esperança presa em algum ponto distante.

— Se você atuar mal e fizer um papelão, nunca mais sairei na rua, tudo estará perdido dependendo de seu desempenho, esteja avisada!

Minoru ficou descontente ao ouvir isso como se Yoshio tivesse lhe mostrado claramente a pequenez de sua vaidade mundana. Por que este homem não tem mais

confiança?, perguntou-se. Ficou com raiva ao pensar que ele não sabia compartilhar nem um pouco de sua paixão pela arte. E olhava para o rosto desse homem que não possuía qualquer profundidade com deliberada frieza.

— Então não seria melhor nos separarmos? Assim você não passará vergonha por minha causa, não é mesmo?

Desta vez, essas palavras foram proferidas pela mulher, no entanto, Yoshio não estava com muita vontade de comprar briga. O fato de a mulher se apresentar de modo espalhafatoso sobre um palco até fazia com que tivesse certo interesse em vê-la atuando.

— Fico feliz em saber que tem tanta autoconfiança — disse Yoshio e se calou.

Minoru se encontrou tanto com Sakai quanto com Yukida no salão Seigetsu. Ambos eram pessoas que Minoru conhecia. Sakai, por seu lado, trabalhava junto a um professor que almejava criar uma atuação teatral ideal e, para isso, instruía seus vários alunos com forte base teórica. Minoru havia assistido ao *Hamlet* de Sakai e ficado extasiada com suas técnicas de interpretação inovadoras.

Seus olhos e nariz tinham um quê de ocidental, mas era de baixa estatura. Yukida, por sua vez, era extremamente alto. Sua expressão era a de quem estava sempre registrando ideias dentro de seus olhos. Mesmo quando ria, fazia isso de modo abrupto, seu riso parecia vir das profundezas de sua cabeça.

O lépido e aprumado Sakai e o pesado e um tanto encurvado Yukida sempre se sentavam lado a lado a um canto do salão durante os ensaios com os joelhos bem alinhados.

O já mencionado Koyama, por sua vez, movia o corpo miúdo com diligência enquanto seus olhos cheios de carisma e longos cílios iam de um canto a outro.

Havia duas ou três atrizes além de Minoru. Eram todas jovens e bonitas. Apesar do rosto fino, quando a que se chamava Hayako fechava os olhos, ele adquiria um ar melancólico que provocava uma forte impressão. Era uma mulher tagarela. Também havia uma atriz chamada Tsuyako. Seu rosto tinha feições nobres e belas como as de Sadayakko⁶. Minoru, que se encontrava entre elas, de fato, seria a protagonista da peça escrita pelas mãos de Yukida.

Essa protagonista era uma música solteirona. Depois de se apaixonar de modo repentino, ela se afasta do frio mundo artístico que a circundava e procura criar um lar caloroso com seu amante. Ela então ouve a mulher com quem este último estava casado lhe explicar, em parte por ciúmes, o seu ponto de vista sobre o que seria um casamento, e decide retornar, solitária, ao antigo mundo artístico, terminando seus dias sozinha. Era esse o enredo.

Todos os outros atores achavam esse enredo engraçado. Esses outros atores eram um bando de homens que começaram atuando em papéis menores nas peças do movimento liberal⁷ e foram adquirindo experiência até se tornarem profissionais. Dentre estes, cerca de dois foram escolhidos para representar personagens masculinos que apareciam nesta peça. Eles se exasperavam e riam das palavras difíceis que apareciam umas depois das outras e que não conseguiam entender.

⁶ Sadayakko Kawakami (1871-1946), também conhecida como Sada Yacco, foi uma gueixa, atriz e dançarina famosa por suas apresentações no Ocidente. Ela criou a primeira escola para formar atrizes no Japão.

⁷ Esses atores provavelmente atuavam nas peças do teatro criado pelo Partido Liberal e por intelectuais com o propósito de difundir ideias como a dos direitos civis no início do período Meiji (1868-1912).

Já era início de outono e uma chuva fria e contínua caía na época em que Minoru começou a ir amiúde aos ensaios. Havia dias em que os atores, vestidos com quimonos simples e sem forro aparentando estar úmidos, se postavam na varanda do salão Seigetsu enquanto a chuva caía e se queixavam do frio do outono. Havia dias em que Minoru ia cedo ao Seigetsu para praticar suas falas e via Sakai chegar com a gola do casaco molhado levantada com ar de quem sentia frio. Era cada vez mais frequente que a respiração dos dois ficasse suspensa no ar gelado ao se cumprimentarem.

Tanto Yukida quanto Sakai sempre chegavam de manhã cedo na hora marcada. Então os dois perdiam tempo sem fazer nada quase todos os dias até que os preguiçosos atores se reunissem de má vontade. Sempre havia ferrenhas desavenças entre os diretores, cujo temperamento artístico os tornava ansiosos, e os atores, sem seriedade, desorganizados e baderneiros como artistas itinerantes. Sakai, em particular, estufava o peito de irritação e, começando por sua superficialidade, censurava os atores, que não paravam de dizer que aquela era sua natureza de artistas. As comédias de Pinero⁸, traduzidas por Sakai, seriam todas interpretadas por esses atores indisciplinados. Aquele dizia que a atuação destes não tinha qualquer coesão. “Não chega nem perto de uma obra de arte. Não há o que fazer com uma coisa tão desarticulada”, resmungava sozinho, todo nervoso.

Entretanto, esse bando, que vivia do teatro, ficava visivelmente incomodado por alguém como Sakai fazer observações cada vez que abriam a boca para recitar uma fala. Era frequente que eles ficassem de braços cruzados, sem fazer nada, demonstrando uma rebelião silenciosa com expressões de mal-estar diante das críticas de Sakai.

— Isso foi combinado desde o início, então, se vocês não cooperarem e fizerem o que é pedido mesmo que não estejam totalmente de acordo, teremos problemas. Está bem assim, pessoal? Não temos muitos dias, por isso, poderiam dar o melhor de si e decorar suas falas?

Às vezes, Koyama, sentado ao lado de Sakai, dizia esse tipo de coisa franzindo os lábios e olhando para os atores reunidos do outro lado.

Em meio a eles, apenas as mulheres eram consideradas impecáveis. Todas ouviam o que os diretores diziam com atenção e se empenhavam nos ensaios.

— Como é a primeira vez que atrizes desempenharão um papel tão importante, espero que vocês mostrem uma atuação decidida e esplêndida. Quero que atuem lembrando que seu desempenho decidirá o destino desta nova companhia teatral. Desejo mostrar a todos que as atrizes não podem ser subestimadas por meio deste espetáculo — dizia Sakai, lisonjeando-as com boa lábia.

Em meio a tudo isso, o conhecido mau hábito de Minoru já havia despontado. O fato de não se sentir à vontade com este grupo de atores havia extinguido totalmente sua obsessão pelo teatro. Ela não queria mais atuar. E o esforço que fazia misturando-se sempre com estes atores e sujeitando-se a seus gostos vulgares, deixava-a cada vez mais exausta. Quando se recordava de seu comportamento enquanto estava no salão Seigetsu, o que ela via era uma mulher frívola e sem instrução.

Havia mais uma coisa que a desagradava.

⁸ Arthur Wing Pinero (1855-1934) ator, dramaturgo e diretor de teatro britânico.

Uma atriz chamava Rokuko que interpretava um papel secundário ao de Minoru. Era uma atriz bem mais velha do que Minoru, oriunda do antigo teatro. Uma mulher com um belo rosto de artista, de olhos grandes e nariz alto. Sempre que estava na presença dessa Rokuko, Minoru sofria, a grande expertise mundana dessa mulher, que se impunha de um modo peculiar, desencorajava-a. A personalidade forte e obstinada que havia permitido que Rokuko fizesse carreira como atriz e gueixa se revelava em uma atitude desafiadora e implacável, capaz de confrontar e fazer qualquer um recuar. Minoru se irritava com isso, mas também temia Rokuko. E, mesmo quando Rokuko, a coadjuvante, fazia reparos abertos à interpretação de Minoru, esta última, apesar da consciência de sua superioridade artística, não se atrevia a contrariá-la.

Depois que Minoru passou a frequentar a escola primária quando era criança, não importava em que série estivesse, sempre havia uma ou duas alunas da mesma classe que a atormentavam. Minoru costumava levar alguma coisa para dar a essas alunas e adúlá-las. Chegava um momento em que ela não suportava mais ir à escola. Uma sensação muito semelhante ao que se passava neste exato momento com Rokuko.

Rokuko deveria interpretar a mulher do amante da protagonista. Embora Rokuko, habituada a atuar à moda antiga e sem pensar, fizesse com que Yukida perdesse tempo e exclamasse: “Deste jeito não dá!”, ela não se importava nem um pouco com isso. E Minoru, que se empenhava em sua atuação, acabou se fartando dela. E disse a Yukida que não interpretaria mais esse papel. Minoru chorava nessa ocasião.

— Não seja tão sensível. Estaremos em apuros se deixar a peça agora.

Yukida, de poucas palavras, ficou repetindo isso e trouxe Sakai. Este se agachou junto a uma coluna e apaziguou o ânimo de Minoru com muito tato.

— Se você disser uma coisa dessas agora, não poderemos apresentar a peça, por favor, aguarde um pouco. Sempre elogiamos sua interpretação, pense que está fazendo isso por nós e dê o melhor de si. Há uma aluna em nossa escola que atualmente interpreta o papel de Hedda Gabler⁹, mas já estão falando que sua atuação nesta peça não fica nada atrás. Por favor, reconsidere essa decisão.

No entanto, Minoru estava realmente farta.

Ao mesmo tempo em que não conseguia mais reconhecer a autoridade desta companhia teatral, seu orgulho se exacerbava e, por não desejar, em absoluto, que a excelência de seu senso estético fosse minada por circunstâncias desse tipo, ela já não estava mais disposta a ouvir ninguém. Minoru voltou para casa decidida a não aparecer no ensaio a partir do dia seguinte.

Entretanto, a figura de Yoshio, seu, por assim dizer, sustentáculo, logo surgiu diante de seus olhos. Se ela lhe contasse isso, sem dúvida, ele a desprezaria e a acusaria ainda mais de ser uma mulher sem fibra que só falava e não levava nada adiante. Porém, ela não tinha alternativa senão contar a Yoshio.

— É melhor parar mesmo — limitou-se a responder Yoshio. E, de fato, a opinião de Yoshio sobre Minoru correspondia àquela que ela havia imaginado.

— Não tenho mais para onde ir — disse Minoru, levantando a cabeça como se estivesse perdida.

⁹ Hedda Gabler, protagonista da peça homônima de Henrik Ibsen (1838-1906).

O comportamento de Minoru, do ponto de vista alheio, não passou de um pequeno drama. Pois ela precisava subir no palco.

No início, Yoshio disse a Minoru:

— Pedir para ingressar e depois sair por vontade própria é uma grande falta de respeito. Se você realmente está cheia, é melhor dizer que fui eu que não permiti sua participação.

Assim, Yoshio enviou um aviso comunicando sua decisão ao escritório da companhia teatral. Por conta disso, tanto o diretor quanto Yukida assediaram Yoshio, insistindo que autorizasse a participação de Minoru.

A companhia teatral provavelmente não teria dificuldade em encontrar uma atriz para substituir Minoru, mas não havia tempo suficiente para realizar os ensaios de um papel tão complexo. O dia da estreia já se aproximava. Considerando o prejuízo financeiro, Koyama não tinha outra opção senão conseguir que Minoru atuasse de qualquer maneira. Yukida também enviou uma longa carta dirigida a Yoshio.

— É uma situação embaraçosa, então é melhor parar com isso e atuar. Eu também já me cansei.

Yoshio disse isso enojado com a tibieza de Minoru que sempre brincava com suas presas e as largava sem terminar de matá-las. A incontestável decisão de se separar dessa mulher brilhava no fundo de seus olhos também nessa ocasião. Dois ou três dias depois, Minoru voltou a ir ao Seigetsu.

As críticas à performance de Minoru na peça não foram ruins. Todos elogiaram sua inovadora forma de atuação. Entretanto, ao mesmo tempo, era claro para quem quer que a visse, que sua aparência não a qualificava para subir no palco.

As críticas teatrais que se concentraram no fundo artístico da peça elogiaram a atuação de Minoru por ser a primeira vez que ela se lançava na carreira de atriz. Porém, na média, aquelas que se limitaram a comentar a peça, criticaram Minoru. Disseram que suas maneiras eram vulgares, e que ela parecia trabalhar em um bordel. Que sua aparência era realmente pavorosa. Que só se salvavam os olhos. Que, de resto, sua aparência era inferior até mesmo à de uma mulher comum.

Minoru tinha plena consciência de sua feiura. Mas, apesar disso, em seu desejo de subir no palco estava apenas a paixão pela arte. Era ela que, como uma chama ardente, dava forças a Minoru e a conduzia com ousadia. Porém, uma atriz — uma mulher sobre um palco — precisava, em certa medida, ser bonita.

Mesmo que uma mulher possua o poder artístico de um objeto sagrado, não conseguirá manter o equilíbrio de seus encantos se não tiver a aparência de uma flor. A atuação de Minoru foi vilipendiada por algumas pessoas como se lhe atirassem lama.

Minoru via com clareza o abismo desesperador que também se estendia ali. Um dia, depois da peça, Minoru caminhou até a margem do lago carregando um guarda-chuva quando a chuva parou. Yoshio, que nessa noite também havia assistido à atuação de Minoru da galeria, a acompanhava.

Minoru nunca sentiu tanta pena de Yoshio como nesse momento. Desde que essa peça havia entrado em cartaz, Yoshio ia todas as noites ao teatro. E seus pequenos olhos, sempre ansiosos e trêmulos, não deixavam nenhum comentário

alheio lhe escapar. Muitos amigos de Yoshio também foram ver a peça. Ter que manter uma expressão relaxada na frente dessas pessoas enquanto observava a mulher, que não era bonita, sobre o palco, era um sofrimento excruciante para esse homem. Para ele, o ideal era ter uma mulher capaz de deslumbrar as pessoas com sua beleza sobre o palco, mesmo que sua performance deixasse a desejar. Assim, Yoshio era assaltado por sensações amargas indo todos os dias a um lugar cheio de pessoas entre as quais precisava manter sempre um sorriso forçado no rosto.

— Que tal minha atuação esta noite? Acho que foi um pouco melhor.

— Você se saiu muito bem esta noite.

Os dois caminhavam após essa breve troca de palavras. O cansaço de atuar dando tudo de si, espremendo uma gota de seu sangue sobre o palco todas as noites, arrastava Minoru a uma terra distante e triste como um remoinho enquanto ela caminhava. As vozes da crítica perfuravam sua ardente paixão como brocas através das aflições desse belo anseio. Sem que se desse conta, os olhos de Minoru se encheram de lágrimas enquanto seguia contemplando as luzes na beira do lago.

— Você realmente tem talento para atuar. Fiquei mesmo impressionado desta vez. Entretanto, seu rosto a prejudica. Você é muito prejudicada por causa de sua aparência — disse Yoshio, sem esconder o que sentia.

Yoshio detestava se encontrar na posição de ver sua esposa colocada à frente de todos para ter o rosto criticado. Ao mesmo tempo, sentia-se descontente por Minoru ter criado toda essa situação e se exposto em público.

— Seria melhor parar.

Yoshio não pôde deixar de repetir essas palavras.

12

As apresentações da peça terminaram em poucos dias. Chovia na última noite, quando Minoru colocou o espelho e o estojo de maquiagem no riquixá e voltou para casa. Na noite final, havia uma leve tristeza no espírito de todos os atores da trupe que estavam prestes a se separar outra vez por um bom tempo. Os homens embrulhavam a parafernália usada nos bastidores em lenços de tecido ou enfiavam-na em bolsas e, segurando os embrulhos ou as bolsas em uma das mãos, despediam-se tocando a aba de seus chapéus com a outra. A tristeza de ter que vagar outra vez e a incerteza de não saber para onde ir para ganhar dinheiro com o fim dessa companhia teatral pairava em cada uma das bochechas pálidas. A companhia teatral, sem bases sólidas, já estava destinada a se extinguir. Os atores, que se juntaram dessa maneira com a intenção de aproveitar uma oportunidade, perdiam esse trabalho e cada um precisava pensar em como comeria a partir de amanhã. Do alto do riquixá, Minoru observou os atores irem embora depois de se despedirem dessa maneira.

A atriz de quem Minoru se tornou mais próxima durante as apresentações foi Hayako. O marido da adorável Hayako, que diziam ser um ator de baixo escalão do teatro *shinpa*¹⁰ e intérprete de papéis femininos, vinha com frequência ao camarim que Minoru e ela compartilhavam. Hayako tinha uma doença. No dia seguinte a uma

¹⁰ *Shinpa*, ou “nova escola”, é uma forma teatral que surgiu no período Meiji (1868-1912). Ela é caracterizada por peças melodramáticas e mais realistas em contraste com o estilo tradicional do teatro *kabuki*, no entanto, ela ainda mantém os *onnagata*, atores que interpretam papéis femininos, e o acompanhamento musical deste último.

noite em que havia vomitado sangue, ela parecia abatida e sem forças, e quem a via tinha a impressão de que seu corpo descarnado acabaria desaparecendo. Embora se falasse que eles não faziam mais que brigar todos os dias, quando o marido vinha, ele ajeitava a peruca e retocava a maquiagem da mulher. Também era essa Hayako quem discutia sobre o salário que receberiam com Koyama. Minoru não conseguia esquecer-la. Na hora da despedida, Hayako havia dito que a visitaria em breve, mas os dias passavam sem que ela fosse à casa de Minoru.

Eles retornaram aos tempos em que, sentados diante do pequeno braseiro retangular e de frente um para o outro, os dois se examinavam mutuamente até as profundezas de suas almas.

Antes que percebessem, o outono se intensificou e a cor dos raios de sol que incidiam na varanda adquiriram um tom aguado, diluído. E como se a solidão outonal estivesse contida apenas no vento que soprava as franjas das pessoas, o bosque de Yanaka estava sempre quieto e silencioso como um eremita. Sem que se soubesse como, a cor verde, aos poucos, e de modo quase imperceptível, foi se desvanecendo da superfície do bosque.

A subsistência dos dois se tornava cada vez mais difícil. Roupas para a chegada do inverno não cabiam no orçamento. Logo que começaram a viver juntos, a casa estava pintada com as intensas cores de seu amor, então os dois praticamente não notavam o vazio da escassez de móveis, porém, agora que cada um havia depositado seus corações em lugares diferentes e, separados, viviam para si mesmos, a sala desguarnecida apenas deixava seus espíritos ainda mais desolados com o início do frio. Desgostosa com isso, depois de vender alguns livros, Minoru comprou flores ocidentais caras e as espalhou pela casa. Esse desperdício de dinheiro de Minoru era algo que Yoshio não conseguia, em absoluto, ignorar a essa altura.

Yoshio não parava de pensar que precisava deixar essa vida na qual parecia mais estar se divertindo com uma amante. Lágrimas vinham aos olhos de Yoshio quando pensava no pai que, com mais de setenta, ainda trabalhava na prefeitura de sua cidade natal para ganhar alguns trocados. Yoshio não havia, nem uma única vez, enviado sequer algum dinheiro para que o pai comprasse doces. Apesar disso, não se podia dizer que Yoshio não trabalhasse o máximo possível. O que sempre o deixava nessa situação de extrema indignação não era outra coisa senão a extravagância de Minoru.

Yoshio se recordou da mulher que trabalhava entretendo homens com quem viveu no passado. Naquela época, embora ganhassem menos do que agora, ainda assim levavam uma vida normal. Yoshio amaldiçoou a extravagância de Minoru sem cessar.

Ele sentia que poderia recuperar o trabalho que havia perdido no mundo literário mais uma vez se deixasse esta mulher. Ao pensar no desastre que era ter Minoru agarrada a ele, que era por sua causa que não podia caminhar entre os demais de cabeça erguida, Yoshio ficava obcecado pela ideia de que não havia saída senão rechaçar essa mulher.

— Será que você não poderia arrumar um emprego e me ajudar? — repetia Yoshio todos os dias.

Minoru estava ciente de que o dia em que o homem se livraria dela enfim havia chegado.

Por mais de dez anos, Minoru se desfez de todas as suas aspirações para realizar apenas uma única delas. Sem saber o que era, havia alguma coisa que brilhava entre seus olhos e o céu distante e, como se procurasse trazer o coração de Minoru para perto de si, essa luz lhe estendia sempre um raio colorido de esperança. Entretanto, essa luz nunca se transformava em chama ardente e caía sobre Minoru. Através das sombras do coração de Yoshio, Minoru contemplava, com mágoa, uma existência que havia sido perversa apenas com ela.

— Vá até o fim quando fizer alguma coisa, já que você não tem sorte. Além de muito pouca determinação. Você é aquele tipo de pessoa que nasceu para se contentar com uma vida medíocre.

Minoru se recordou das palavras que Yoshio lhe disse. No entanto, Minoru realmente desejava perseguir esse raio de luz até o fim. Mesmo que ele não estivesse destinado a cair em suas mãos, ela desejava ir atrás desse raio de luz por toda a vida. E, enquanto o perseguisse, queria dar sentido à sua própria existência.

Certa noite, depois de voltarem do *Tori-no-Ichi*¹¹, eles tiveram uma conversa séria sobre se separarem.

— Para começar, fico com pena de você. Ganho menos do que um homem qualquer com meu trabalho. Não consigo nem mesmo sustentá-la com meus recursos, por isso, seria melhor nos separarmos por algum tempo, o que acha? Em troca, se tiver condições de lhe dar uma vida de luxo, não me importo se voltarmos a viver juntos.

Essas foram as palavras de Yoshio quando decidiu se separar.

“O que farei se me separar de Yoshio? Como vou viver?”

Foi o que Minoru pensou de imediato. A ideia de perder, de repente, a sombra do companheiro que seguia ao seu lado era insuportável e deixou seu coração apertado. Uma sensação de insegurança, como se escorregasse e caísse do pilar no qual se apoiou por um longo tempo e que estava impregnado com o calor de sua pele, impedia que o coração de Minoru se aquietasse.

— Também vou ter que me separar da Mei, não é mesmo? — disse Minoru, olhando para a cachorrinha que brincava no jardim.

Essa cachorrinha se entrelaçava profundamente na longa história de seu relacionamento. Era essa cachorrinha que consolava os dois com frequência. Minoru derrubou lágrimas involuntárias.

— É mais triste me separar da Mei do que de você. Não é esquisito?

Depois de dizer isso em tom de brincadeira, Minoru ficou chorando por um bom tempo.

13

Por ora, Minoru voltaria para a casa de sua mãe. Yoshio decidiu vender tudo o que tinha e viveria temporariamente em uma pensão.

Depois de arrastá-los e conduzi-los até aqui, de súbito, a irônica mão do destino derrubou uma inesperada fortuna sobre suas cabeças. O manuscrito de Minoru, que Yoshio a havia forçado a escrever no início do verão, foi selecionado no concurso.

¹¹ Literalmente, “Feira do Galo”, festival realizado no mês de novembro em templos e santuários do país onde as pessoas podem adquirir os *kumade*, ancinhos decorativos para atrair sorte e prosperidade.

Isso ocorreu no meio de novembro. Fazia sol do lado de fora. Minoru estava na cozinha, ocupada com os afazeres matinais, quando a pessoa que lhe trouxe essa feliz notícia chegou.

Essa pessoa conversou com Minoru no andar de cima. Depois que ela foi embora, o casal ficou sentado na sala dos fundos, olhando um para o outro, durante algum tempo.

— Será que você ganhou mesmo? — perguntou Yoshio, sem parecer muito convicto.

Antes que cinco dias se passassem, dez notas de cem ienes foram colocadas nas mãos de Minoru. Pela primeira vez, eles foram salvos das dificuldades financeiras que os atormentavam como um câncer.

— Foi graças a mim, não foi obra de mais ninguém. Lembra-se de como me zanguei com você naquela época? Se não tivesse me ouvido, não teríamos tido esta felicidade. — Yoshio disse isso a Minoru como se o mérito fosse todo seu. — Não foi graças a mais ninguém.

Minoru concordava plenamente. Certa vez, quando Yoshio se irritou e disse que ela não sabia apreciar a vida que levavam, a própria Minoru chorou e sofreu para proteger sua arte. Se é para gastar minha caneta fazendo esse tipo de coisa, vou procurar outras formas de ganhar dinheiro com minha escrita, chegou a considerar.

Entretanto, quando pensava que o trabalho escrito daquela forma, sob o flagelo de Yoshio, havia tido um final tão feliz, Minoru não podia deixar de lhe ser grata.

— Foi realmente graças a você — disse Minoru.

Ao imaginar que esse sucesso poderia ser o começo de um novo caminho que se abria diante dela, Minoru se sentiu feliz como se tivesse renascido.

— Com isso, não precisamos mais nos separar, não é mesmo?

— Não só não precisamos mais nos separar como você e eu vamos trabalhar como nunca!

Entre as pessoas que compuseram o júri estava o mestre de Mukōjima¹². Como ele lhe concedeu poucos pontos, a obra de Minoru correu o risco de perder. Yoshio amaldiçoou o mestre de Mukōjima de todas as formas possíveis. E considerou uma benção que Minoru tivesse sido desertada por esse homem. Havia mais dois jurados além dele. Essas pessoas mantiveram a pontuação da obra de Minoru alta. Yoshio sugeriu que Minoru fosse visitá-las. Uma delas era um grande escritor contemporâneo. Ele estava doente e não se encontrava em casa. A outra, era um professor da Universidade de Waseda e crítico influente no mundo literário contemporâneo. Minoru visitou este último. Quando Minoru ia sair, Yoshio mandou Minoru levar um conto que ela havia escrito e guardado a esse professor. Dizendo que seria bom pedir que ele o publicasse na revista que editava e possuía grande prestígio no mundo literário atual.

Minoru obedeceu Yoshio e saiu levando esse conto. Em condições normais, Minoru teria um mínimo de discernimento nesse tipo de situação e, sem dúvida, não

¹² No concurso do qual a autora efetivamente participou, o júri foi composto por Rohan Kōda, seu antigo mestre; o escritor Sōhei Morita (1881-1949), substituindo Natsume Sōseki (1867-1916), que havia adoecido; e o crítico Hōgetsu Shimamura (1871-1918).

enfiaria um manuscrito seu de repente na cara de uma pessoa que via pela primeira vez. No entanto, o espírito de Minoru se encontrava inusitadamente paralisado.

Por sorte, esse professor estava em casa quando Minoru o visitou. E a recebeu de bom grado.

— Seu texto sem dúvida é uma obra de arte. Um trabalho muito bom — disse esse professor com o rosto magro voltado para baixo e os braços cruzados. — Darei uma olhada — acrescentou, ao receber o manuscrito do conto que Minoru lhe entregou.

Esse professor disse que as coisas que as mulheres escreviam eram muito prolixas. Que elas não sabiam ir à raiz de um assunto. Que era esse o defeito dos textos escritos por mulheres. Minoru voltou para casa repetindo essas palavras. E ficou remoendo sem cessar cada um dos termos acadêmicos que saíram da boca desse professor durante sua visita.

14

“Aquele trabalho não tem qualquer valor”.

Não demorou muito para que Minoru começasse a ter essa sensação. As dez notas de cem ienes que podiam ser escondidas em uma das mãos logo evaporaram. Entretanto, o problema não se limitava à questão financeira.

Embora a obra que Yoshio a forçou a escrever tenha trazido um resultado feliz a este lar, isso não teve qualquer efeito sobre a carreira de Minoru. Não teve qualquer repercussão no mundo. Minoru tinha a impressão de que, nesse sentido, sua atuação na peça que, em certa medida, foi motivo de risos, havia provocado uma reação mais apaixonada.

O coração de Minoru aos poucos se questionava. Havia algo que a contrariava na alegria demonstrada por Yoshio como se os dois fossem jogados para o alto em celebração pelas mãos da sorte. O que havia caído de repente sobre a cabeça dos dois não era sorte, era apenas uma travessura do deus do destino para voltar a uni-los. Estava escrito que a vida dos dois logo teria que repetir o mesmo padrão que havia seguido até agora.

Preciso fazer alguma coisa, pensou Minoru, decidida. Preciso recomeçar, pensou. Preciso ampliar minhas forças para aproveitar esta brecha, pensou. Embora o trabalho sem valor de Minoru não tivesse tido impacto em lugar algum, era inegável que, por um bafejo da sorte, uma parte dele havia tomado forma no mundo e que o espírito de Minoru pela primeira vez era sacudido com violência pelo sucesso mundano.

Depois disso, Minoru começou a estudar feito uma louca. Seus olhos, até então prestes a adormecerem, estavam bem despertos. Ao mesmo tempo, Yoshio se tornou algo distante em sua mente. As horas que passava sem a companhia de Yoshio aumentaram. Os momentos em que ela mantinha o rosto voltado para o outro lado mesmo quando Yoshio lhe dizia algo aumentaram. Aquilo que controlava Minoru deixou de ser Yoshio. Pela primeira vez, a força que controlava Minoru emanava de si mesma. O orgulho de Minoru, tão detestado por Yoshio, agora havia sido oculto em algum lugar distante de seus olhos. E, oculto nesse lugar, o orgulho de Minoru urdia e se tornava ainda maior.

— Pode-se dizer que foi graças a mim. Se eu não a tivesse forçado a escrever, isso não teria acontecido.

Nessa altura, Minoru passou a receber esses comentários de Yoshio com um sorriso irônico no rosto. O trabalho feito sob o látego de Yoshio foi recompensado com o dinheiro que Yoshio desejava. Não havia mais nenhuma dívida a quitar com o homem. E não havia nada com que o homem pudesse contribuir na nova empreitada de Minoru que precisava abrir um novo caminho para si por conta própria.

A atitude da mulher pouco a pouco foi calando na mente de Yoshio. De vez em quando, Yoshio observava as costas da mulher que, tendo extirpado o homem de seu coração, se esforçava em galgar um degrau sozinha. Aquela mulher fraca se tornava, desta forma, cada vez mais forte — ele não podia deixar de pensar que uma das motivações para que ela se tornasse forte como se tivessem lhe dado corda era, sem dúvida, resultado da obra que havia sido publicada. E que quem havia fortalecido sua autoestima não era outra pessoa senão ele.

Porém Yoshio não disse nada. Afinal, o trabalho realizado por Minoru era somente de Minoru. A arte de Minoru era somente de Minoru. Minoru havia descoberto sua força por conta própria e começado a se mover. Yoshio não podia dizer nada a esse respeito. Quando pensou nisso, Yoshio experimentou uma sensação de insegurança, como se esta mulher o estivesse deixando para trás passo a passo.

Certo dia, um homem veio até a casa destes dois. Ele era da mesma cidade de Yoshio e aluno de literatura da Universidade Imperial. Minoru soube a identidade de mais uma pessoa que participou do júri que escolheu sua obra pela boca dele. Tratava-se de um novo escritor chamado Minomura. Por meio deste homem, souberam que um dos jurados anunciados no jornal estava doente e por isso foi substituído por Minomura, um bacharel em letras que foi aluno desse jurado. O estudante universitário era um admirador do trabalho de Minomura.

Pouco tempo depois disso, Minoru foi visitar Minomura na companhia desse estudante. Sua casa ficava na parte alta de Kagurazaka.

Quando entrou nessa casa, Minoru viu um homem em pé de frente para uma cômoda na entrada de uma sala pouco iluminada. Ele parecia se ocultar ali e aguardar que os visitantes que recebia pela primeira vez fossem conduzidos aos fundos. Como a porta da sala estava aberta, Minoru podia vê-lo perfeitamente.

Enquanto aguardavam, depois de serem conduzidos aos fundos por uma mulher mais velha que deveria ter sido excepcionalmente bela na juventude, o homem que estava de costas há pouco entrou. Era Minomura, o literato. Uma pessoa de fala e corpo pesados.

Esse literato contou as dificuldades que enfrentou durante a seleção da obra. Quando o manuscrito estava em suas mãos, ele esteve a ponto de ficar empapado devido a uma tempestade de verão e uma enchente, mas sua esposa teve o cuidado de colocá-lo para secar. Aparentemente eles se mudaram para esta casa nessa época porque a sua foi destruída por um deslizamento de terra.

— No início da leitura, não achei a obra assim tão boa, mas ela foi ficando interessante lá pela metade. Porém, achava que isso não era razão para dar cem pontos, foi quando um conhecido chamado Arino veio me visitar. Expliquei a situação e não é que ele disse que eu devia fazer valer minha opinião e que poderia até dar

cento e vinte pontos? A responsabilidade não era de Arino, então ele podia dizer uma coisa tão absurda, o que, obviamente, não era meu caso. Mas foi assim que me arrisquei a botar uma diferença de vinte ou trinta pontos entre a sua obra e a das outras pessoas. Vendo as notas atribuídas pelos outros jurados, você esteve por um fio, não é mesmo?

O literato olhou para Minoru como se somente agora se desse conta do quanto a sorte dessa mulher esteve em suas mãos. Então mencionou as partes da obra que achou boas e as elogiou.

Minoru ouvia, embevecida, as palavras um tanto abundantes em apreciação estética desse literato. E pensou que ali também havia uma pessoa que olhava para ela como se tivesse sido responsável por sua boa sorte.

Arino, o literato que havia sido mencionado há pouco, chegou bem nessa hora. Ele se encolheu ao sentar-se sobre os joelhos magros, espremidos um contra o outro, e conversou esfregando a cara com uma das mãos.

— Mas veja bem. Mas veja bem — repetia ele, como se fosse um hábito. O tom desse “veja bem”, somado à expressão que, de modo gradual, parecia se tingir com um sorriso que brotava das profundezas de seu rosto, era de um encanto cativante.

Minoru teve a impressão de que suas emoções revolviam com vivacidade em seu interior pela primeira vez após muito tempo em meio a essas pessoas. Minomura e Arino diziam o que lhes vinha à cabeça de modo disparatado e cada um tentava puxar o outro para o assunto que lhe interessava. Minoru se divertia ouvindo os dois nesse diálogo em que cada um falava sozinho.

A esposa de Ninomura voltou pouco depois, era uma mulher bonita com ar austero como os personagens femininos interpretados por atores de antigamente. Em seguida, uma jovem russa veio receber lições de dança da esposa de Ninomura.

Com o rosto cheio de animação, Minoru foi entretida ali até tarde da noite. Então foi embora desta casa outra vez na companhia do estudante. Minoru se despediu do literato Arino, que havia saído com eles, junto a uma rua escura no meio do caminho.

Yoshio estava no andar de cima quando ela chegou. Ao ver Minoru se sentar, Yoshio notou a agitação das emoções que se manifestava na vivacidade remanescente nos cantos dos olhos da mulher. Sentindo mais ciúmes da mulher do que nunca, Yoshio se mantinha calado, independentemente do que Minoru dissesse.

— Então, quando ia entrar, o tal do Ninomura estava de costas, escondido no canto de uma sala perto da entrada. Pude vê-lo muito bem de onde estava!

Minoru repetia isso e ria sozinha.

Nessa noite, Minoru teve um sonho curioso. Era um sonho com múmias.

A múmia de um homem e a múmia de uma mulher se sobrepunham, voltadas uma para a outra com os braços e as pernas estendidos como as berinjas¹³ que as pessoas colocavam nas casas no Dia dos Mortos. Tinham uma coloração cinzenta. E, a face da mulher, que parecia ser totalmente ocupada pelos olhos como uma boneca de madeira, se voltava para cima. Seus lábios eram de um vermelho bem vivo. No

¹³ No feriado do Obon, quando as famílias honram os espíritos dos antepassados no Japão, berinjas e pepinos, espetados com palitos como se fossem suas patas, costumam ser colocados nas casas. Eles representariam bois e cavalos que serviriam de meio de transporte para os espíritos virem ao mundo dos vivos e retornarem depois para o mundo dos mortos.

sonho, as múmias estavam dentro de uma grande caixa de vidro e Minoru, em pé ao seu lado, as observava. Ela não sabia o que eram, mas teve a impressão de que alguém lhe explicou que se tratavam de múmias.

Ao acordar pela manhã, Minoru achou o sonho interessante. Se fosse uma artista, pintaria um quadro usando todas aquelas cores, pensou. Era curioso se recordar com tanta clareza de que eram múmias.

— Ouça o sonho que tive.

Minoru se aproximou de Yoshio e lhe contou o sonho. E dizendo: “Sem dúvida, ele deve significar algo”, foi para a frente da escrivaninha e tentou fazer um esboço do que havia sonhado.

— Detesto falar sobre sonhos — disse Yoshio, que passava uma escova no corpo magro da cachorra sob os frios raios de sol.

Chūō Kōron, 1913

Manhã de chuva

Tradução de Mariane Andrade

— Por que você está fazendo essa cara? — disse Harue, enquanto examinava o rosto de Michio e segurava a mão dele, que estava sobre seu joelho.

Quando ele levantou o rosto, Harue sentiu um deslumbramento tão ofuscante a ponto de fazê-la contrair os olhos. Porém suportou, reuniu suas forças para manter seus olhos abertos e, com um leve acanhamento no esvoaçar dos cílios, encarou intensamente o rosto dele. De imediato, Michio ficou todo vermelho e olhou para baixo. Então, tentando puxar de volta a mão que ela havia pego, contorceu seus dedos delgados presos pela delicada mão branca de Harue.

— Você está com cara de choro. — Harue riu e não soltou a mão dele de modo algum.

Depois dessas palavras, realmente, uma lágrima escorreu do olho de Michio.

— Seu bobo.

Harue balançou a mão do homem umas duas ou três vezes e depois a puxou com força em sua direção e a soltou com um estalo. Então, vestiu o *haori* por cima de seu quimono de dormir e saiu para a sacada.

Harue não estava com uma cara muito boa. As sobrancelhas grossas se sobressaíam, nas pálpebras e no canto da boca os vestígios de uma noite intensa se tornavam vincos enrugados e deixavam uma desagradável imagem. Somente nos olhos restava, embaixo das pupilas, umas gotas de afeto, como se eles tivessem se movido a noite inteira, sem poder parar de pensar em amor, umedecendo-os com uma profunda sensualidade. Harue, depois de soltar um pequeno bocejo sem força, olhou distraidamente para a condição do céu, mostrando uma expressão desinteressada e alheia, como se risse somente com o lábio superior.

Um ponto no céu suavizou-se em calor, e gradualmente começou a brilhar em um tom avermelhado. Como se perseguidos por essa claridade, os pingos da chuva de outono diminuíram até que somente gotejavam dos beirais, traçando pequenas listras de chuva. Mas enquanto as observava, elas foram se interrompendo e desapareceram. Os tênues raios solares, que mal eram perceptíveis, espalharam transversalmente suas cores pelos galhos do pinheiro visível depois do muro. Enquanto observava o céu, as nuvens iam desaparecendo gradualmente, Harue sentiu que algo ficou sem graça, como se o belo mundo que ocultava suas coisas preciosas fosse lhe sendo arrancado a partir das extremidades.

— Seria melhor continuar chovendo.

Enquanto murmurava, Harue olhou para baixo da sacada. Era visível a figura de O-Chima, filha da dona da casa, espalhando descuidadamente a água do balde de limpeza. Mesmo sem ter sido penteado desde a hora que acordou, o cabelo de O-Chima, seja a franja, as laterais, a nuca ou as apertadas voltas do penteado tradicional *ichōgaeshi*, tem a tendência de formar ondas dóceis e macias. O cabelo longo e fino constantemente perde a forma, então toda vez que ela mexe com a mão nele, o cabelo balança esvoaçante e sedutor.

O-Chima acabara de descuidadamente espalhar a água quando pensou que algum rosto familiar poderia surgir em alguma das portas de madeira das imediações, então ficou parada do jeito que estava e olhou ao redor por um momento, mas não notou Harue na sacada do andar superior, e assim entrou na casa. A loja de tabaco no outro lado da rua também estava com a porta de correr de vidro completamente fechada e não era possível ver a figura habitual da garota da loja. Na casa vizinha, e também na casa diagonalmente oposta, o silêncio espreitava as esferas brancas de vidro fosco das lâmpadas dos portões. Como se esse silêncio protegesse a estrutura das casas, todos os lugares estavam decepcionantemente quietos.

Quando Harue estava prestes a descer para o andar de baixo, espiou o quarto da porta de correr.

Uma parte da porta de papel estava aberta e dali era possível ver as listras vermelhas de um quimono de dormir. O pesado quimono de dormir, que antes estava abandonado e revirado, retornara ao seu estado original, provavelmente Michio voltou para baixo dele. Enquanto pensava isso, Harue desceu as escadas, sem falar com ele.

— Então já está acordada — soou a voz da O-Taka, vinda da sala do térreo.

Harue continuou indo ao longo do corredor externo em direção ao lavabo.

— Senhorita, quer que eu pegue água quente? — disse logo O-Chima assim que seu olhar encontrou com o de Harue. Ela estava ali em pé esperando Harue vir da casa.

A pele de O-Chima tinha uma textura lustrosa como marfim e, mesmo quando abria bastante os olhos, não era possível discernir bem o formato deles, já que seus cílios eram longos demais. O nariz era baixo, porém as sobrancelhas eram finas e os lábios eram adoráveis. Sobre um par de quimonos de grosseiras listras pretas e cinzas, vestia uma gola removível, debaixo da qual se projetava ligeiramente a gola vermelha do quimono interior. O-Chima cuidadosamente lavava com benzina as tiras de tecido desbotadas de estampas vermelho escarlata que ela ganhava de alguns conhecidos, as costurava umas nas outras com ponto cego para então utilizá-las como faixa para segurar as longas mangas de seu quimono. O *obi* de meia espessura estava amarrado apertado e como suas pontas de cetim preto estavam penduradas de cada lado de modo estiloso, Harue achava a figura de O-Chima adorável e irresistível.

— Adorei o seu estilo — disse Harue, com um sorriso realmente gentil, olhando para o rosto de O-Chima. — Sinto muito pelo incômodo noite passada.

— Não. Não foi nada.

O-Chima abaixou a cabeça e, por algum motivo, seu rosto ficou vermelho. Para disfarçar, ela tentou cobrir a boca com o avental de seda estampada, porém rapidamente ficou ruborizada até a linha dos cabelos.

— Quer tomar um banho quente? — perguntou O-Chima de novo. Como Harue concordasse com a cabeça, O-Chima retornou rapidamente em direção à cozinha.

Harue colocou uma manga sobre a outra e se recostou perto de um pilar. Os ramos de cavalinha se estendiam viçosos atrás de onde havia uma pequena estátua de Jizō¹. Quando ela repousou sua consciência naquele verde, como se o cansaço da noite passada gradualmente retrocedesse, conseguiu retornar para um estado de espírito claro e sem preocupações. Pensamentos sobre amor e homens também acabaram desaparecendo. Como se inesperadamente restasse somente a si mesma no fundo de seu coração, um relaxamento silencioso ressurgiu e durante um breve tempo Harue se sentiu absorvida por ele.

— A senhora está com frio? — O-Taka trouxe uma almofada e cumprimentou Harue.

Quando jovem, O-Taka fora amante do pai de Harue. Depois disso, ela se casou com o dono de uma pequena loja de chá, quando seu esposo morreu, deixou-lhe uma pequena quantia em dinheiro. O-Taka começou a emprestar esse dinheiro e, com os juros crescentes de sua fortuna, agora ela e sua filha vivem sem precisar fazer nada. O-Chima era a filha da esposa anterior do dono da loja de chá.

Devido a essa conexão, depois que o pai de Harue morreu, O-Taka de vez em quando ia visitar a casa de Harue para manter uma relação entre as duas.

Por causa da sua libertinagem, Harue havia pernoitado na casa de tal mulher, e assim que amanheceu, ela ficou com tanta vergonha que nem uma só palavra inteligível saiu de sua boca. Porém, O-Taka não mostrava sinais de descontentamento e com destreza facilmente continuou a conversa.

Harue não achava que O-Taka fosse uma mulher confiável e verdadeira. Harue também não ia com a cara dela.

O-Taka já tinha passado dos sessenta anos, mas ainda não parecia nem ter saído da casa dos cinquenta. Ela era uma mulher alta, a ponto de ultrapassar a altura de um homem comum e seu rosto também era largo. O nariz dela era pontudo e alto. Quando zombava de alguém, por via de regra, aquelas grandes narinas se moviam e inflavam um pouco. Mesmo sendo lábios de velha, eles tinham uma cor bonita, bem vermelha. Esses finos lábios vermelhos estavam sempre secos e, por isso, ela deliberadamente franzia a boca e projetava o lábio inferior para frente, fazendo beicinho. Embora as rugas cobrissem toda a superfície de seu rosto, como todas as suas feições eram grandes, seus belos olhos e lábios não pareciam estar enterrados pelas rugas.

Além disso, ela tinha uma pele bonita e radiante. Seus olhos eram grandes e possuíam um brilho aguçado que fazia imaginar o quão inescrupulosa a vida desta velha senhora havia sido. Porém O-Taka, de propósito, costumava deixar pender tristemente as suas pálpebras, do mesmo modo que alguém míope cerra os olhos, e se voltava para as pessoas com um olhar fraquejante. Mas mesmo assim, quando

¹ Pequenas estátuas de pedra Jizō, uma divindade budista que cuida das crianças e viajantes, podem ser normalmente encontradas na beira de estradas.

havia algo que a deixasse insatisfeita, ou quando suspeitava de seu interlocutor, seus olhos brilhavam e se movimentavam para lá e para cá arregalados.

O cabelo de O-Taka ainda era consideravelmente bonito. Os cabelos grisalhos pintados de preto estavam presos em um coque alto estilo *marumage*, próprio das mulheres casadas, visto de trás, o cabelo das laterais era macio e cheio como o de uma mulher em seu auge. Também esta manhã, O-Taka havia penteado cuidadosamente os cabelos e espetado um grampo ornado do tipo *mimikaki*² na parte de trás. Além disso, vestia um quimono interno de crepe negro leve sob um quimono de seda negra. Não havia um só espaço entre as golas dos dois, dando a impressão de formar uma só gola grossa, que ela utilizava ao estilo *nukiemon*, deixando a nuca à mostra. Também trazia um lenço junto à gola.

O-Taka, para manter a calma de Harue, falava de forma gentil e suave, criando uma interação natural para não faltar com a educação e se intrometer demais. Na noite passada, quando pela primeira vez Harue visitara a casa dela, O-Taka já sabia o que estava na mente de Harue sem nem ter que perguntar.

— De qualquer forma, como o andar de cima está vazio, realmente não faça cerimônia e por favor venha sem preocupação, você não sabe o quanto fiquei feliz por sua franqueza. Mas, bem, você veio à minha casa porque sou de sua confiança, não é? — Assim dissera O-Taka muito satisfeita. Então, no escuro da noite gelada, conduziu ao andar superior o casal cansado de andar sem rumo. E os aqueceu com todo tipo de gentilezas, fazendo com que se sentissem à vontade.

Harue não queria se acostumar com isso, mas conseguia relaxar sob os cuidados de O-Taka, que acolheu de olhos fechados os seus caprichos atuais. E assim, inconscientemente, sentiu-se inclinada a ser mimada de bom grado. Ela estava a ponto de depositar inteiramente nas mãos de O-Taka seu coração contendo seus tenros segredos... —

O-Chima estendeu um tapete florido e sobre ele instalou sua própria penteadeira que havia trazido. Então enfileirou ali os seus apetrechos de beleza.

— Vamos preparar algo para vocês comerem — disse O-Taka enquanto acenava para O-Chima ir para dentro.

Depois disso, Harue penteou o cabelo, lavou as mãos e enxaguou a boca, enquanto pensava na pessoa no andar de cima. Como ela se impôs sobre ele noite passada, era difícil para ele voltar para casa e aparecer diante de seus pais. Além disso, quando pensava em como poderia consolar os sentimentos do seu jovem amante preocupado, Harue não conseguia ficar calma.

Deve estar chorando na cama. Era a primeira vez que saía de casa às escondidas, sem que seus pais intransigentes soubessem. Não dava para saber até que ponto essa preocupação estaria machucando seu coração inocente e gentil.

— Como é bobo — disse ela, quando pensou nisto.

Ter descido as escadas murmurando isso a fazia se sentir extremamente patética. Então, pensando em pedir para O-Chima falar para ele ir tomar banho, Harue abriu a porta corrediça de papel enquanto esfregava o rosto com um pano molhado e chamou por ela.

Assim que O-Chima foi para o andar de cima, Harue dissolveu pó de arroz na mão e se maquiou. Entretanto, esta manhã estava tão aborrecida que Harue não

² *Mimikaki* era um instrumento fino para limpar a cera de ouvido. No período Edo eles eram encaixados em grampos de cabelo ornamentados.

estava muito animada para se maquiar. Mas tais coisas não importavam, ela não ficaria satisfeita se não fizesse o coração de Michio voltar a ser doce e gentil com ela novamente, como na noite anterior, quando se uniram pela primeira vez. Havia um tempo que Michio estava bravo com ela. Ele fazia uma expressão contrariada e não falava com ela. Desde a noite passada... —

Harue colocou um fim a estes pensamentos e, enquanto se perguntava o que O-Chima, que ainda não havia descido, estava fazendo, subiu ao andar de cima silenciosamente. O-Chima estava em pé ao lado da porta de papel com uma expressão angustiada.

— O que aconteceu?

— Ele não dá resposta.

— Se é assim, deixa para lá.

Harue sorria com os olhos enquanto observava o rosto de O-Chima, apontando com o queixo como se dissesse "tudo bem, pode se retirar". Quando Harue entrou, Michio estava acordado e sentado, já vestido para sair.

— Nem foi tomar banho — disse Harue surpresa. Imediatamente, Harue odiou se separar de Michio dessa forma.

— Pensei em voltar para casa — disse Michio, enquanto olhava para baixo, dando petelecos nas cinzas de carvão do braseiro com a ponta do dedo. As sobrancelhas cheias e bonitas mostravam uma tristeza silenciosa no modo como se curvavam para baixo. E assim, naquela manhã que lhe confrontou com novos sentimentos, frente àquela mulher, a vergonha fez suas bochechas tremerem até o canto dos olhos.

Harue o observou com uma tristeza sufocante, mas também nostálgica.

— Quero voltar para casa.

Enquanto permanecia em pé, Harue repousou uma mão gentil nos ombros dele. O homem tremeu levemente. Dos olhos de Harue, as lágrimas começaram a transbordar enquanto observava fixamente aquele homem acanhado, desde a pequena boca fechada em uma linha firme até o pescoço, onde a gola do quimono interno de fina seda cinza clara estava dobrada de forma impecável.

— O quê? Vai voltar para casa?

Michio ficou quieto.

Momentaneamente, pareceu que o tempo iria abrir, mas de novo a chuva de outono recomeçou, as gotas dispersas caíam e paravam, caíam e paravam. Michio se resignou a passar o dia inteiro nesta casa, disperso, foi tomar um banho quente. Ainda assim, Michio detestaria encontrar O-Taka, por isso, tentou se esgueirar pela porta dos fundos. Em pé, na varada, Harue ficou observando Michio se afastar segurando um guarda-chuva. Observou a figura dele se afastando, então voltou sozinha para o cômodo do andar superior.

Em um canto do cômodo que O-Chima havia arrumado cuidadosamente, em cima do *haori* dobrado com esmero, estavam os pertences de Michio e seus livros embrulhados em crepe. Por um momento, Harue observou essa cena com o coração apaixonado de alguém que precisava dizer algo. Tais artigos masculinos construíam uma imagem de algum modo gentil e doce, eles expunham a atitude obediente de um homem que costumava fazer tudo do jeito que ela mandava. Para Harue, eles eram adoráveis.

Harue se sentou perto deles e se reclinou perto do cabideiro. Vários pensamentos se enroscavam em sua mente. Por tal Michio, Harue se apaixonou completamente. Abandonou seu casamento e amou-o por mais de meio ano, com todo seu coração egoísta. Em relação à idade, Harue poderia ser a irmã mais velha dele, por isso não tinha pensado que iria forçar esse tipo de amor sobre ele, mas sem querer, a relação dos dois decaiu até o estado atual. *Depois disso, como ela continuaria se transformando?* Quando Harue pensava nisso, em seu peito, ondas do mar se quebravam e tremiam tenuamente, do mesmo modo que os belos olhos de Michio estremeeceram um momento atrás. Nesse ínterim, às vezes o sonho da noite passada emergia no coração de Harue, pesava e pesava, então desaparecia. Correndo atrás desse sonho, Harue tentava beijar o sorriso da boca dele mesmo que por força. Enquanto se impacientava com isso, acabou cochilando.

— Jovem senhora.

Harue não sabia se O-Chima havia chamado duas ou três vezes de fora da porta de papel.

— Já está tudo pronto, por favor me chame quando quiser — disse O-Chima depois de abrir gentilmente a porta de papel.

Ouvindo sua voz, Harue despertou de vez.

— Obrigada. — Harue olhou para o rosto de O-Chima e riu. — Por que não entra aqui?

Harue estendeu o braço das dobras do quimono e fez um gesto convidando O-Chima. Então, retirou de seu dedo um anel incrustado de rubi e pérolas, embrulhou-o em papel e colocou-o dentro da gola do quimono de O-Chima, na altura de seu peito.

— Está tudo bem. Mesmo não sendo grande coisa, por favor, cuide bem dele... — disse Harue para que O-Chima não recusasse o presente, ao mesmo tempo em que retirava um cigarro da cigarreira de Michio. Tragou profundamente para se manter acordada.

O humor de Harue mudou completamente em relação a alguns momentos atrás. Agora o coração dela estava leve e animado. O-Chima havia lhe despertado um afeto nostálgico, assim, quis fazer algo mais pela felicidade dela.

— O que a sua mãe está fazendo?

— Está preparando a refeição.

— Às vezes, até penso em vir visitar, mas não sei se seria muito incômodo.

— Claro que não, sinta-se à vontade.

O-Chima olhou para Harue de relance, mas logo depois abaixou os olhos.

— Só duas pessoas morando em uma casa espaçosa dessas é um desperdício, não é?

— Sim. O andar de cima esteve alugado por um bom tempo. Oportunamente, ele estava livre agora...

— É mesmo?

Através da fumaça de seu cigarro, Harue fitou o quarto de seis tatames onde ainda restavam os vestígios de seu amor.

— Então, talvez eu alugue ele por um tempinho... — disse Harue de brincadeira, rindo enquanto olhava para O-Chima.

Sem razão alguma, Harue tinha a sensação de que este quarto se tornaria o lar do amor dos dois. Assim, o observou em êxtase por um longo tempo, com um certo

capricho coquete de querer abarcar com os braços e esconder sob as mangas longas e leves de seu quimono cada canto daquele quarto impregnado com os odores da noite anterior.

— Se for assim, a minha mãe com certeza vai ficar muito contente.

Depois de dizer isso, O-Chima contou que até aproximadamente quinze dias atrás, Kotsuta, uma gueixa do bairro de Yanagibashi, alugou esse quarto. E previsivelmente, ela se encontrava ali com o seu amante.

O amante tinha esposa e filho, além disso, estava completamente falido, e para o patrão dela, um cliente assim era complicado, mas os dois estavam completamente apaixonados um pelo outro.

— A minha mãe prestava bastante atenção neles, sabe? Para que isso tudo não terminasse em algo como um suicídio duplo... Por um tempo, eu fiquei realmente assustada. Houve uma época em que eles passavam dois, três dias seguidos no quarto só dormindo.

— Os dois se separaram?

— Sim, por fim decidiram terminar. A mulher era uma boa pessoa e muito bonita, o homem também não era mau. Entretanto, Kotsuta costumava vir chorar para a minha mãe perguntando “por que eles tinham que se separar?”

Assim que ouviu isso, um sentimento detestável se apossou de Harue. O espírito de um casal que chorou miseravelmente um pelo outro ainda persistia ali. Isso fez com que o ânimo de Harue, que havia sido levantado a duras penas, despencasse de novo na depressão.

— Minha mãe ficou muito preocupada, sabe como ela é, né? Por isso eu pedi para ela parar de alugar o quarto para pessoas assim. Mas como ela é gananciosa...

O-Chima queria contar mais a respeito dessa ganância para Harue, mas ela não podia falar mais. Isso porque, recentemente, O-Taka começou a recomendar que O-Chima se tornasse concubina de alguém. O-Chima odiou isso de tal maneira que pensou em sair de casa sozinha para trabalhar de ajudante em algum lugar. —

Harue permaneceu um tempo imóvel sem dizer nada. A chuva havia ficado mais forte desde uns momentos atrás, o som das gotas nas calhas ressoava ao redor. Por certo, houve uma manhã em que aquele casal entrelaçou seus corações nas profundezas de um amor inseparável, estremecendo juntos enquanto ouviam uma chuva igual a essa.

Os olhos dela.

Os olhos dele.

Seriam iguais aos seus próprios olhos e aos de Michio? O peito de Harue momentaneamente se contorceu em agonia.

— Kotsuta está trabalhando na casa antiga, é claro. Ele a vê com frequência nos eventos que ela faz. Mas ela se faz de desentendida.

Enquanto dizia isto, O-Chima claramente pensava sobre o valioso presente que recebera de Harue de modo inesperado. Então, quando contemplou o porquê de somente nesta manhã específica tamanha felicidade se derramar sobre si, seu peito começou a bater forte e seu rosto ruborizou-se. O-Chima queria descer logo para mostrá-lo a O-Taka, estava toda inquieta, quase a ponto de se levantar do assento, queria muito colocar o anel em seu próprio dedo e examiná-lo bem.

Logo, permanecer daquele jeito se tornou insuportavelmente solitário para Harue. Pensou em como seria bom se Michio voltasse logo. Se eles não se prometessem um para o outro depois disso, ela não conseguiria se acalmar. Harue saiu para a sacada, olhando fixamente em direção à rua.

— Ele voltou — comentou O-Chima para Harue, apontando com o dedo para a rua diretamente à sua frente. O-Chima acabara de vir para a sacada quando avistou a figura de um homem vindo com um guarda-chuva inclinado.

— Sim, vindo daquela direção.

Harue também já o havia avistado desde antes, pois estivera observando a direção de onde aquela pessoa vinha caminhando.

— Vou ir mostrar para minha mãe o que você me deu — disse O-Chima e desceu as escadas animadamente.

Que tipo de coisas ele está pensando enquanto anda? Harue encarou fixamente a figura do homem.

O guarda-chuva do homem gradativamente ficou maior e maior, como se estivesse se expandindo, logo se aproximou a ponto de estar bem na frente de seus olhos. Neste momento, Harue sentiu que pensamentos amorosos se expandiam e queimavam em seu peito de uma vez, como se tivessem sido atíçados.

Enquanto Harue tentava controlar seu coração, esperou imóvel enquanto Michio subia até ela. Michio subiu todas as escadas em pouco tempo. Então trocou olhares com Harue que havia se virado para ele na sacada. Abriu um sorriso como um céu sem nuvens e foi para a sala.

No momento em que Harue viu o sorriso daquele homem, teve consciência de que poderia fazer tudo que quisesse com ele, não importa o quê.

Daqui para frente, qual será a melhor forma de fazer com que o coração dele sinta o mesmo que o meu?, pensou ela extasiada.

Shūsai Bundan, 1914

Noite de primavera

Tradução de Pedro Malta Chicaroni

Um

Ao perceber o som da chuva, Ikue olhou em direção à janela. Ela estava aberta. Os respingos da chuva forte molhavam a soleira. No chuvoso céu de fim de tarde que dali se via, havia uma luz como seda branca, que ia mudando pelas gotículas cristalinas alinhadas nas cores avermelhadas dos botões dos galhos do bordo. O rosa das flores de camélia próximas à cerca flutuava por entre os amontoados de folhas verdes. Ikue levantou-se e foi à janela, olhar para fora.

As árvores, atingidas pela chuva, estavam luminosas e vagas. A luz oblíqua das lanternas dos beirais vazava fraca pelas esferas de vidro fosco, envolvendo a cor suave da noite de primavera, que lembrava o vermelho das bochechas de uma mulher maquiada. Pela janela, entrava o doce aroma dos trevos encharcados pela chuva.

Por alguns momentos, Ikue se manteve em pé e observou a chuva que caía turva, como se derretesse, e as luzes, as flores e o verde. No soar suave, úmido e forte da chuva havia algo como um segredo sussurrado, que cativa o peito de uma mulher.

— Ai, que chuva boa.

Enquanto assim pensava, Ikue olhava longamente o cair da chuva. Levantando o rosto, observava a chuva que vinha por cima dos telhados, dentro da qual a luz se dissolvia gentilmente no céu. Enquanto escondia em algum lugar a lembrança dos antigos amores de Ikue, a chuva de primavera tecia emoções sem fim e respingava em sua branca testa. Gotículas finas como uma neblina molharam sua franja.

— Ai, que chuva boa.

Assim pensou Ikue enquanto olhava a chuva, que com um barulho agradável, voltou a cair levemente. Veio à sua mente a jovem figura de seu primeiro amor de mais de dez anos atrás. Os vestígios daquele homem do qual teve que se separar, apesar de seu amor, penetraram seu peito cheio de pesar. Quantos homens não havia que ela gostaria de encontrar mais uma vez em uma noite de primavera como esta. Enquanto lembrava deles um por um, apreciava a úmida sensação da chuva que carregava a infiel fragrância da primavera.

Ela viu a ajudante trazendo algo e escutou o som das louças sobre a bandeja. A ajudante disse algo ao homem, que lhe respondeu:

— Não.

E após a ajudante retirar-se, ele chamou:

— Ikue!

Estranhamente, Ikue se incomodou com a voz do homem. Manteve-se calada, sentindo que ele estragava seu humor. Imaginava o estado do homem sentado à mesa sozinho e de braços cruzados, mas mesmo que pensasse em sentar-se ao seu lado, isto não lhe prestava. Era mais divertido ficar ali daquele jeito observando a chuva cair do que se juntar a ele.

— O que foi?

Shigeo se levantou e pôs-se ao lado de Ikue. No fundo de suas palavras havia uma certa raiva de criança mimada. Shigeo observava o rosto de Ikue. Desde que se encontraram há pouco, vinha achando as ações da mulher frias. Quando dizia algo, ela logo o olhava, rindo com os olhos, como que lhe fazendo de idiota.

De tempos em tempos, a mulher suspirava aflita. Mesmo sua habitual gentileza, calculada para dissimular afeto, havia desaparecido. Como se dissesse que tudo e todos a incomodavam mais do que era capaz de aguentar. Mesmo de frente para o homem, Ikue olhava para longe com seus ombros baixos e uma feição descontente. Ikue tinha a impressão de que ele não entendia o coração das mulheres. Disfarçadamente, Shigeo pôs sua mão no ombro de Ikue.

— Que chuva boa, não? Estou olhando a chuva. Que chuva boa, né?

— Qual a graça da chuva? — sussurrou Shigeo entediado, enquanto observava a chuva, assim como Ikue.

Aos poucos a chuva tornava-se mais leve, o salgueiro próximo ao portão esvoaçava graciosamente seus verdes brotos. Essa delicada cena se refletia nos olhos de Ikue, lembrando a figura de um menino em uma gravura de Harunobu¹.

— Ah, chuva boa.

Enquanto mexia na gola de seu quimono que ficara úmido, voltou a se sentar em frente à panela que a empregada colocou no fogo, descansando sua cabeça em suas mãos. Depois de algum tempo, Shigeo também veio sentar-se. Ele olhava fixamente para baixo.

— Vamos comer? — disse Ikue gentilmente e, enquanto olhava o rosto do homem, levou os *hashi* à boca e separou-os com uma das mãos.

— Sim — respondeu o homem quase sem abrir os lábios, e pegou os *hashi*.

Hoje a pele de Shigeo estava um tanto amarelada, dando um ar de sujo para o arredor de seus olhos. Os seus lábios vermelhos de sempre também estavam esbranquiçados e secos. Ikue novamente se virou em direção à janela e olhou para fora. A chuva parecia parar e estava escurecendo. O ar úmido que carregava o fatigado cheiro do outono movia-se delicadamente em sua direção, como se tentasse envolver a macia carne branca na sala.

Shigeo estava calado como sempre. Mesmo em frente à mulher, Shigeo não dizia nada. Se Ikue segurar sua mão, ele apenas deixará, se Ikue lhe for carinhosa, ele mostrará um sorriso lisonjeado pelo amor da mulher, mas, após isso, como se as emoções se apagassem, se calará, como de costume, com uma expressão de placidez.

Ocasionalmente Ikue encarava essa feição amarga e dura como pedra do rosto de Shigeo. Nestes momentos, Ikue tentaria chamar-lhe a atenção, mas esta noite isto lhe parecia muito incômodo.

— Você está sempre calado, né? — disse Ikue, mostrando-se desinteressada.

¹ Suzuki Harunobu (1725-1770), famoso gravurista de *ukiyo-e*.

Nesta noite, o jeito tosco desse homem desacostumado com mulheres e que não entendia de amor lhe era especialmente entediante.

— Você realmente é uma pessoa insossa.

Enquanto Ikue pensava isso do fundo de seu coração, ela fitou os belos olhos do homem, cujas pálpebras se enrugavam, tornando-os de alguma forma insuportavelmente feios. Shigeo podia ser visto, levemente, em seus movimentos, tentando envolver-se naquele amor, mas aquilo era tudo. Por trás dessas bajulações, não havia o menor resquício da atração da forte carne de um homem, que aticaria os sentimentos de uma mulher. Nem mesmo em seus sonhos, ele saberia corresponder ao olhar desejoso de uma mulher com uma risada sedutora, nem nada do tipo.

A princípio, Ikue achava adorável a inocência atrapalhada do homem que não conseguia compreender o intenso apego de uma mulher que envolvia seu coração. Mas agora, achava apenas irritante tudo sobre Shigeo, que não tinha a força para reciprocitar seus sentimentos apaixonados com mais ímpeto. Mesmo na carta que lhe endereçou, ele não soube imbuir suas palavras de paixão. Em uma grafia rígida, coisas como paixão, amor, saudade e carinho foram escritas de uma forma estranha, quase como se fossem respostas de uma prova.

Para Ikue, essa carta foi um desprazer. Ikue sempre tentava não ler palavras como "paixão" que são usadas apenas conceitualmente. Mais do que sem fervor, as cartas escritas por Shigeo eram sempre cartas insossas.

Ikue sempre pensava em Shigeo como uma bela marionete. Além disso, pensava nele como um homem igual ao pilar de uma casa. Em raras ocasiões, inclinar-se contra ele a fazia sentir-se bem, mas olhá-lo de frente não lhe inspirava coisa alguma. O amor de Shigeo era tão grosseiro que ela não sentia nenhuma emoção nem quando o abraçava, nem quando brigavam. Ikue enjoou deste parceiro. E assim, cansou-se de manipulá-lo.

Dois

Calado, Shigeo abria o livro que carregava e, sem lê-lo, voltava a fechá-lo.

Ele manteve sua boca fechada. Seus olhos um pouco avermelhados erguiam-se e flexionavam-se, Ikue observava o movimento desses músculos. Ele parecia esperar inerte que a mulher fizesse algo. De propósito, Ikue tragava seu cigarro com uma feição fria.

— Me cansei completamente de você — pensou em dizer Ikue.

Nos momentos em que o homem agia assim, da maneira de sempre, ela imaginava-se dizendo coisas deste tipo.

Enquanto imaginava, Ikue entediou-se ainda mais.

— Então, vamos embora — disse Ikue que, em seguida, jogou seu cigarro no braseiro.

— Sim — respondeu Shigeo obedientemente, e levantou-se.

Como era a primeira vez que lidava com o comportamento frio e enérgico de uma mulher, Shigeo não sabia como agir. O irônico olhar nada gentil de Ikue não lhe dava nenhuma abertura. Ikue se levantou, ajeitando-se. Como, após saírem daqui, ela ficará lado a lado deste homem novamente e nada terá a dizer, Ikue começou a andar calada. A partir daí, ela sentia não aguentar mais. Ikue sentiu-se exausta ao pensar

em desperdiçar desesperadamente palavras doces como se para enganar crianças, da forma que sempre fazia.

— Já que está chovendo não seria melhor nos separarmos logo? — e, assim dizendo, deixou a sala. Pensou em ir ver Kyôko após se despedir de Shigeo.

No momento em que pensou em Kyôko, um amor perverso pareceu queimar no peito de Ikue. Pensava sobre o quanto queria fazer o que bem entendesse com o adorável coração daquela jovem mulher nesta noite. Queria vê-la coberta de tons de vermelho, de acordo com seus desejos, a qualquer custo. Como o rebentar de uma flor de peônia, Ikue imaginou a aparência de Kyôko como se ela estivesse prestes a despedaçar em suas mãos enquanto a abraçava, e sentiu como se sua carne tremesse.

Visitada por um estranho prazer, Ikue olhava com anseio para as luzes do portão de um restaurante. A chuva havia parado. Ela abaixou o guarda-chuva e passou a andar um pouco à frente do homem.

— Hein, vamos nos separar? — disse Ikue quando Shigeo chegou ao seu lado, parando no lugar.

Apesar disso, Shigeo não respondeu imediatamente, olhava a escura rua com os olhos pensativos.

Mesmo com seus geta de plataforma alta, ela conseguia andar sem problemas pelas ruas. Apesar das luzes ocasionais, a rua era levemente escura. Em frente a uma estalagem, carruagens estavam alinhadas, voltadas para a rua. Enquanto atravessava a rua estreita, Ikue pressionava a mão do homem calado através da manta dele.

Shigeo pôs a mão para fora e segurou a mão enluvada de Ikue. Ao fazer isso, perguntou sem jeito:

— Cansou-se de mim?

— Por que está me perguntando isso?

Ouvir suas próprias palavras, que confirmavam que ela havia se cansado dele, foi desagradável aos ouvidos de Ikue.

— E se tiver? O que fará? — disse Ikue como se o encurralasse por maldade, e esfregando seu braço no homem, riu.

Ikue sentia em suas bochechas o vento morno após a chuva.

— Não farei nada — disse Shigeo em voz baixa e se calou.

— Você não se tornou desagradável nem nada do tipo. Gosto de você.

Ao dizer isso, Ikue pensou que estava prestes a começar a dizer algo que não precisava ser dito, como fazia sempre. Shigeo ria ocasionalmente, como se para dizer que Ikue podia falar à vontade, enquanto ela lhe dizia incessantes palavras libidinosas. Sendo para Shigeo, Ikue era capaz de dizer todo e qualquer tipo de coisa, o quanto fosse.

— Você pensa em mim? Pensa sempre apenas em mim?

— Mesmo quando estamos distantes, você pensa em mim. Continue pensando e pensando em mim, a ponto de não conseguir dormir. Não me esqueça.

— Você é realmente uma pessoa adorável. O adorável, adorável, adorável Shigezinho, não é?

— O que será que eu devia fazer com você?

Ikue continuou a dizer coisas do tipo. Pensando em como sempre lhe dizia essas frases clichês cheias de doces palavras, Ikue continuou. Ao falar essas coisas a

Shigeo, sentia-se bem, como uma cantora ao cantar uma canção que conhece bem. Shigeo ouvia isso com alegria.

Apesar do jovem coração de Shigeo não ser capaz de distinguir até que ponto as melosas palavras de Ikue eram verdadeiras, e até que ponto eram futilidade, mesmo assim recebia essas palavras com seriedade, como se fossem importantes votos de amor.

Toda vez que Ikue, como que por mania, perguntava se ele pensava nela, Shigeo respondia de forma enfática: “Sim”.

No entanto, por algum motivo, às vezes ele parecia sentir raiva de ser usado como brinquedo por uma mulher por conta da rusticidade de seus sentimentos. Ikue sabia disso. Ikue achava estranho pensar que ele estava exigindo amor verdadeiro de uma mulher como ela.

— Eu sou uma adúltera — disse Ikue como se estivesse brincando.

— Mesmo se eu pensar em você de dia, não sei por quem irei me apaixonar de noite. Entendido?

Ao ouvir isso, Shigeo sorriu como se não tivesse opção. Na sombra daquele riso, havia um quê de suspeito. Essa expressão de Shigeo às vezes causava uma intensa onda de compaixão no coração de Ikue, mas havia momentos em que ela sentia o desejo de torturá-lo até satisfazer-se.

— Mentira. É mentira. Eu gosto é de você. Não penso em mais ninguém! Seus lábios são encantadores, seus olhos são lindos. Olha pra cá, quero te ver direito.

E assim dizendo Ikue pegou o rosto de Shigeo com ambas as mãos.

— Hoje eu vi uma pessoa incrível. Será um problema se não conseguir esquecê-la.

E após dizer isso, olhou com frieza para o rosto de Shigeo longamente.

Ambos caminhavam sem rumo, sem dizer nada. Ikue pensou em se separar dele ao chegarem na rua principal, cheia de luzes, onde passava o trem.

— Então, adeus.

Enquanto olhava fixamente para as cores das molhadas e vertiginosas luzes, Shigeo não queria que se separassem.

— Vamos andar um pouco mais.

Dizendo isso, Shigeo manteve-se em pé, sem se mover.

Três

Da rua principal, eles adentraram uma ruela. Ao fim desta, encontraram-se na encosta de um rio. Do outro lado dele havia apenas três luzes, que lançavam um fraco brilho. A água do rio estava preta, corria com calma.

Ikue andava observando as águas. Elas escondiam-se por detrás dos armazéns de bambu alinhados à beira do rio. De um dos lados, seguia uma parede preta, de sua beira, em frente à baixa treliça, lanternas penduradas brilhavam fracas e encantadoras.

— Vamos alugar um lugar para morarmos juntos, só nós dois? — disse Ikue repentinamente.

Por que, ao ver as cores suaves das luzes refletidas no vidro embutido nas portas de correr de um certo sobrado, essa imagem abrupta e idealizada de uma vida feliz para ambos surgiu no coração de Ikue?

— E então, eu ficarei apenas observando seu rosto. E você? O que faria?
Shigeo, silencioso, riu.

— Como pensei, ficaria calado, sem dizer nada. Hein? Caladinho — disse Ikue, parecendo entediada.

Entretanto, as fantasias de seu coração tornavam-se cada vez mais exageradas. Imaginou com clareza sua própria figura, a qual achava interessante, com as mãos no colo enquanto apenas observava o rosto do homem. Naquele momento, era como se ele houvesse se transformado no homem de meia-idade do qual Ikue lembrara-se antes, enquanto olhava a chuva pela janela daquele restaurante.

Apesar de o amar, separou-se daquele homem sem que nada mais ocorresse. Ele ainda era belo, como se tivesse 23 ou 24 anos. Sua cor era branca e o contorno alongado de seu rosto tinha algo de espirituoso, um ar de infidelidade de um homem acostumado com mulheres, como se estivesse sempre sofrendo por suas emoções, estava tudo no rosto daquele homem.

Ikue havia visitado a casa deste homem. Na ocasião, vestiu um quimono *awase*². O verde e estimulante sol de maio inundava o grande jardim da casa. Junto deste homem, Ikue passeou por este amplo jardim. Ambos adentraram os fundos do arvoredo que o bordejava. O homem, que tinha vários filhos, tratava Ikue como uma, abraçando-a gentilmente pelas costas. O homem lhe pedia cuidado, ao ver que ela estava para tropeçar na raiz de um bambu, atenciosamente dando apoio ao corpo dela e rindo. Na sombra deste dia verdejante, a figura do homem era jovial e bela.

Por ter sido picada por um mosquito do mato, a bochecha de Ikue ficou vermelha e inchada, quando voltaram para a casa, o homem trouxe seu próprio perfume e o esfregou na marca da picada.

— É uma sensação boa, não? — disse o homem com leveza, enquanto segurava com força a mão direita de Ikue, que segurava um pano. Ambos trocaram um olhar risonho por alguns momentos, parados rente à janela.

Devido aos olhares da esposa, Ikue não podia visitar o homem com frequência. Por causa de seu status, o homem não podia sequer sair com Ikue. Como em um acordo implícito, ambos esperavam uma boa oportunidade e, enquanto encobriam seus sentimentos, muito tempo se passou. Ikue não podia nem ao menos enviar-lhe cartas. Até hoje, como se ele se lembrasse dela de repente, este homem ainda lhe dirigia ocasionais cortejos. Mesmo estando decidida, Ikue não conseguia apagar completamente esse homem de seu coração, sua amorosa e vívida impressão persistia. Ela queria apenas vê-lo, uma vez ao mês, uma vez a cada dois meses já estaria bom, assim pensava Ikue. Entretanto, ela não poderia dizer algo tão imaturo para aquele homem. O amor daquele homem era como uma sombra, e apenas pensar nisso já deixa Ikue tomada por sentimentos profundos, como se fossem o romper das ondas de um amor sem limites. Por alguma razão, Ikue lembrou que seu amor por aquele homem tinha sido o verdadeiro amor de sua vida.

Ikue caminhava desatenta enquanto se entregava a essas divertidas fantasias. Quando de repente viu a água do rio, Ikue ficou ali e encarou a água preta por um longo tempo. Assim como ela, Shigeo observava a água, parado, enquanto fumava.

— Vamos — disse logo Shigeo, ao perceber que Ikue estava parada há muito tempo.

² Forma de se vestir um quimono em duas camadas, típica dos meses frios do ano.

Quatro

— Então, adeus — disse Ikue para Shigeo, no canto da escura ponte.

Do outro lado, as luzes de um *outdoor* piscavam alternadamente, azuis e vermelhas. O trem estava guinchando ao passar ao longe. No meio do céu, grupos de estrelas apareciam.

— Vamos nos separar.

Ouvindo isso, Shigeo pegou na mão de Ikue, que o olhou fixamente. Por baixo das abas do chapéu, brilhavam seus lindos olhos.

— Por favor, fique mais um pouco. Você vai para casa de qualquer maneira, não?

— É que estou exausta — disse Ikue, de forma desagradável.

Como se dissesse que o guarda-chuva era pesado, ela inclinava-o para frente de propósito, deixando as gotas respingarem.

— Então vamos de trem, juntos.

— Não, vamos pra casa sozinhos. Andar de trem não seria entediante? Afinal, você segue calado.

Enquanto apertava a mão de Ikue, ele tentou dizer alguma coisa, mas seu olhar pareceu aflito, como se houvesse sido tomado por uma emoção.

— Não quer voltar sozinho?

Shigeo concordou com a cabeça.

— Então, como um sinal de adeus...

Ikue puxou a mão de Shigeo em sua direção e voltou seu rosto para cima, em direção ao rosto dele.

— Está bom, não? Adeus.

Ikue atravessou a ponte novamente, separando-se de Shigeo.

Cinco

Enquanto ia andando sozinha, Shigeo, de quem se separara, havia se entranhado levemente em seu corpo, não saindo de seu peito. As luzes da cidade escura tremulavam, deixando o coração de Ikue um pouco deprimido.

— A casa de Kyōko.

Enquanto pensava isso, não sentia mais o ardor de antes. Ikue tentou pensar nos olhos dos quais gostava particularmente, mas mesmo isso não cativou seu coração. Como o desejo de encontrar Kyōko havia sumido, por um tempo Ikue, sem saber o que fazer, caminhou entristecida.

No caminho, havia a casa de um professor de dança. O lindo som dos passos no palco era alto, duas ou três pessoas dançavam. Esse som vinha ressoando até a rua. Misturado a ele, havia o baixo tom de um *shamisen*³. Enquanto andava sem direção, acabou em um belo bairro com casas enfileiradas, que pareciam salões de chá. Viam-se os arbustos de dentro dos grandes portões, e as luzes das lanternas de papel douradas estavam lindamente molhadas. De algumas das casas, também fluía uma luz clara e elegante. Até passou por uma casa em que estava estacionado um coche com a lona abaixada, voltado em direção à rua. De uma ruela estreita, vieram

³ Instrumento de cordas tradicional japonês.

duas *hangyoku*⁴ brincando. Uma delas vestia um *haori* sobre seu quimono tingido ao estilo *yūzen*⁵. Seus *geta* esmaltados sobre meias *tabi*⁶ brancas se destacavam por entre a frente das saias de seus quimonos vermelhos, dobradas na altura da cintura. A fresta entre a barra das saias e o topo das *tabi* era mínima, traçando uma linha vibrante.

Enquanto as seguia com os olhos, Ikue foi virando as ruas à direita. Ela acabou em uma pequena ponte. Abaixo dela, havia um barco e várias canoas aportadas. Ikue parou para observar a luz do barco que estava logo abaixo. A luz parecia levemente molhada, saindo pela janela da embarcação, cuja tampa parecia ter sido removida.

Em algum momento, Ikue se encontrou no mesmo lugar em que havia se separado de Shigeo. O trem movia-se para o longe. Ikue foi andando em sua direção.

Seis

Ikue subia uma ladeira na região de Yamanote. Por lá, havia algumas grandes cerejeiras ao lado das ruas e dentro dos jardins das casas. Elas estavam florescendo, fina e delicadamente. Aos poucos, o tempo estava abrindo.

Ao atravessar uma ponte sobre uma pequena vala e chegar à frente de um certo portão, Ikue parou para observar o andar superior da casa, bloqueado pelos galhos de pinheiros. Quando a noite chegava, ouvia-se o som do *koto* vindo do andar de cima, mas esta noite estava quieto. A porta de chuva foi deixada aberta. Como lanternas que iluminam do alto, as cores das luzes criavam um degradê por entre as portas de tela.

Enquanto imaginava se Kyōko estaria ou não, Ikue entrou pelo portão. Mesmo tocando a campainha, ninguém vinha recebê-la.

Ikue abriu a grade sozinha e foi para a entrada. A velhinha que já conhecia veio até lá.

— Ah, pois não? — disse ela com uma expressão carinhosa.

— Ela está?

— Sim.

Dizendo isso, a velhinha se ajoelhou.

Ikue entrou, tirando seu casaco. Quando Ikue vinha visitar, ninguém a levava ao quarto de Kyōko. Sem se importar, Ikue caminha silenciosamente pelo corredor até os fundos, em direção ao quarto.

A janela redonda no final estava mal iluminada, e estava tão silenciosa como se não houvesse ninguém na sala. Ikue se perguntou se Kyōko já tinha ido dormir, mas quando se virou para a direita e abriu o *shōji* na entrada, descobriu que Kyōko não estava lá. A almofada para visitas estava desarrumada, ao lado da mesa de Kyōko, como se ela tivesse recebido alguém.

Ikue ficou ali sentada, pensando se Kyōko voltaria logo a esta sala. Na frente das prateleiras onde bonecas e brinquedos estavam bem alinhados, havia um *kogomezakura*⁷. Na alcova, havia duas ou três telas de seda emolduradas.

⁴ Aprendizes de gueixa.

⁵ Método tradicional de tingimento japonês, usado principalmente para criar estampas características.

⁶ Meias com separação entre o dedão do pé e o restante dos dedos.

⁷ Literalmente significa pequena cerejeira de arroz. Flor de primavera. Outro nome para o *yukiyangagi*, literalmente salgueiro da neve, provavelmente devido à sua coloração branca.

A cor da almofada tingida em yūzen que Kyōko sempre deixava no chão refletiu nos olhos de Ikue profundamente, como se em concordância, o que fez Ikue finalmente ir em sua direção e sentar-se sobre ela. Em cima da escrivaninha, cheia de pincéis e cadernos de desenho, havia apenas um livro pequeno deixado no canto em uma posição diferente da dos outros. Na capa desse livro, havia a ilustração de uma princesa como as da era Fujiwara, que cobria seu rosto com um leque. Viam-se as onze ou doze camadas de seu quimono, e a cor vermelha intoxicante de seus cabelos soltos e desalinhados. Acima dela, havia algo escrito em letras romanas de caligrafia ímpar.

— “The Irresistible Argument”.

Enquanto lia o título, abriu o livro discretamente.

Belas ilustrações estavam impressas uma após a outra. A ilustração de “A Prova Imbatível” foi pintada com cores intensas de branco, vermelho e preto.

O *obi* da mulher, solto, fluía. Sua mão nua se esticava em direção ao céu, entrelaçando-se em algo. O cenário era de galhos de cerejeira e havia uma lanterna ilustrada com o caminho de pedras de um jardim. Sob a mesa, estava caído um ornamento de cabelo *kanzashi*.

Havia muitos homens parecidos com Tanjirō⁸ e Hisamatsu⁹. No reflexo da penteadeira, uma linda menina escondia o rosto entre suas longas mangas enquanto um homem segurava seu *obi* de laço longo em estampa *kanoko*¹⁰, que estava entrelaçado e desordenado.

Ikue virava as páginas uma por uma, observando interessada. Na página quatorze ou quinze, acabaram as ilustrações. Quando percebeu, estava olhando novamente a ilustração da princesa na capa do livro. Então, leu novamente as letras ocidentais em silêncio.

— A Prova Imbatível — repetiu Ikue.

Mas, imediatamente, perguntou-se quem era o dono desse livro. Como estava em cima da mesa, imaginou que com certeza Kyōko o havia visto.

— Kyōko viu isto.

Provocada por uma misteriosa curiosidade, por um momento, Ikue fixamente esboçou algo em seu coração. De repente, o cheiro de perfume que normalmente exalava do quimono de Kyōko preencheu o ar, permeando o nariz de Ikue. Por baixo das longas mangas e grossas bainhas, ela imaginava a pele de Kyōko enquanto continuava a folhear o livro. Ikue pensou ouvir a respiração de alguém ecoando por ali.

Sete

A velhinha veio lhe servir chá. Ao perguntar se Kyōko não estava, ela lhe respondeu que Kyōko estava no andar de cima.

Hoje não havia ninguém na casa, além de Kyōko e da velhinha, estava apenas Hara, um amigo que sempre vinha visitar.

⁸ Personagem de livro de Tamenaga Shunsui (1790 - 1844). Conhecido por ser um homem atraente, amado por diversas mulheres.

⁹ Personagem que se tornou tema de peças de *kabuki* e *jōruri*, as quais acabam no seu suicídio duplo com sua amada, Osome.

¹⁰ Estampa branca e vermelha que lembra o pelo de um veado.

— Devo avisar eles? — perguntou a velhinha com prontidão, mas Ikue disse que ia ela mesma ao andar de cima.

A velhinha saiu novamente do quarto.

Ikue saiu do quarto enquanto pensava que talvez Hara tivesse escrito aquele livro e, passando pelo corredor, subiu até o andar de cima. A porta de correr estava bem fechada e a entrada estava escura.

De dentro da sala, ouvia-se a voz baixa de Kyōko. Em silêncio, Ikue abriu a divisória de onde vinha a voz e entrou. Agachada no canto da sala de piso de tatames, Kyōko se virou surpresa. Hara estava de pé atrás dela.

O rosto de Hara ficou corado. Começou a titubear, como se estivesse desconfortável. Kyōko levantou-se rapidamente, ajeitando sua roupa na altura do joelho, e cambaleou. Seu rosto maquiado estava pálido, e apenas seus olhos estavam vermelhos. Seu *sokuhatsu*¹¹, que estava amarrado em um grande coque, estava frouxo com fios soltos da franja até a testa formando anéis.

Ikue se surpreendeu com a beleza do rosto dela. Kyōko ergueu sua mão pálida, como se ela tivesse perdido todo o sangue de seu corpo, e ajeitou seu cabelo. Como uma pétala de flor frágil, seu rosto era branco, e nesse rosto que parecia prestes a desaparecer, seus olhos bonitos brilhavam nitidamente por entre seus cílios longos e curvos.

— Quando você chegou?

Kyōko disse isso baixinho, mas sua respiração estava intensa. Ikue olhou para o homem chamado Hara. Ele não tinha para onde ir, já que não havia nada dentro da sala de tatames. Por isso, abriu a divisória e saiu para o corredor. O rosto com cabelos compridos, óculos e lábios que tinham algo de amável deixou uma impressão duradoura em Ikue.

— Hara, entre também — disse Kyōko.

Ikue então colocou suas mãos nas mangas.

— Vamos lá para baixo?

Kyōko, com uma expressão de esforço, mostrou um sorriso para Ikue. Enquanto ria, o sangue começou a fluir em seu rosto, e seus músculos tensos se suavizaram. O cheiro, a suavidade e a delicadeza faziam o pequeno corpo de Kyōko parecer que iria desmoronar na cor vermelha de seu rosto com o menor toque. Seus olhos queimavam como um poema lascivo.

— Lindo rosto. Que lindo rosto, não é?

Ikue não tirou seus olhos de Kyōko. Kyōko rapidamente cobriu o rosto com a manga e desceu de repente. Ikue ficou parada, olhando para o canto da sala de tatames onde Kyōko esteve agachada. As luzes iluminavam o tatame uniformemente. No canto, não recaía nenhuma sombra. Não importava quanto tempo passasse, Hara não entrava no cômodo.

Oito

Ikue também desceu as escadas. Não foi ao quarto de Kyōko, mas ficou na varanda olhando para o jardim escuro pela porta de vidro. Estava escuro lá fora, não era possível enxergar nada. Aqui também se sentia o cheiro dos trevos, que vinha frio e refrescante da escuridão de fora, como se purificasse o peito de Ikue. Depois de um

¹¹ Penteado com um coque preso no alto da cabeça.

tempo, Ikue percebeu que Hara estava descendo do andar superior, e então foi ver Kyōko.

Ao entrar no quarto, Ikue imediatamente voltou seus olhos para o canto da mesa. O livro continuava lá. Kyōko estava debruçada sobre a mesa. A gola do seu *haori* estampado de ondas intensas estava caída um pouco além de seus ombros. Seu pescoço maquiado de pó branco estava coberto por cabelos soltos e descuidados. Seu penteado estava completamente desfeito e caía em direção à costeleta do lado direito.

— Kyōko.

Ikue tentou chamá-la. Kyōko levantou o rosto e olhou em sua direção. Uma risada infantil deixou seus lábios.

— Está se sentindo mal?

— Não.

Kyōko balançou a cabeça e, então, olhou fixamente para a capa do livro no canto de sua mesa.

— O visitante foi embora, está tudo certo? — disse a velhinha por detrás da porta de correr.

— Sim.

Kyōko, que havia respondido com uma voz surpreendentemente alta, pegou aquele livro e apressadamente saiu do quarto, como se houvesse se lembrado de algo, mas retornou quase no mesmo instante.

— The Irresistible Argument — disse Ikue rindo, ao olhar o rosto de Kyōko.

Então, pegou na mão de Kyōko e a puxou para frente de seus joelhos. Ikue abraçou o corpo de Kyōko, que estava encostado ao dela, com todas as suas forças, pressionando sua bochecha contra o cabelo desarrumado.

— Você está tremendo?

O corpo de Kyōko tremia levemente. Ela fechou sua pequena boca e olhou para cima de seus próprios joelhos como alguém que havia perdido a alma.

— Ei, o que foi?

Por trás, Ikue segurou os braços de Kyōko e sacudiu seu corpo. Como se fizesse carinho em uma criança que colocou no colo, ela colocou sua bochecha contra a bochecha de Kyōko. Então, um por um, tirou os grampos de seu cabelo. Os apliques caíram em frente ao peito de Ikue. Ikue desamarrou por completo o cabelo dela e o acariciou. Seu longo cabelo oscilou, caindo como ondas pelas costas de Kyōko. Ikue escutou silenciosamente a respiração dolorosa dela, sentiu-se como se realmente estivesse no clímax de seu amor, enquanto segurava-a em seus braços.

Ikue sentiu o corpo em fogo ao pensar em quanto desejava agradar Kyōko. E assim, sonhou com o prazer disforme de observar em segredo o avanço desse êxtase de querer vagos, impelidos pelo poder assustador daquela “irresistance”.

Kyōko acompanhou Ikue até o lado de fora. Apesar de Ikue ter dito que ela não precisava acompanhá-la, Kyōko veio com ela sem lhe dar ouvidos. Com os cabelos soltos, ela usava um longo cachecol de veludo com um brilho preto. De dentro desse veludo aparecia o branco e adorável queixo de Kyōko, como se estivesse embrulhado.

Era tarde da noite, e estava escuro, quente e silencioso lá fora. Os salgueiros ao longo da cerca escondiam suas cores com suavidade. Uma voz secreta encoberta

por uma bela carne parecia permear a superfície desta noite escura. Ikue estava agitada. Ela segurou na mão de Kyōko.

— Já está tarde. Você deveria voltar para casa.

— Não, não tem problema.

Kyōko de fato a acompanhou. Ela estava banhando seus lindos olhos na escuridão, como se gostasse da sensação do vento noturno inundando seu corpo. O charme das suas pequenas bochechas, como as de uma criança, nas quais pairava uma tênue palidez de fraqueza, perturbava Ikue enquanto caminhava.

— Lindo, lindo, é verdadeiramente lindo.

Disse Ikue para Kyōko depois de parar repentinamente de andar. Então, pousou seus lábios nestas bochechas, de novo e de novo.

— Então, vá para casa. Até aqui já é suficiente?

— Não, mais um pouco. Até a estação de trem — disse Kyōko olhando para baixo, sem enxergar o rosto de Ikue.

— Olhe só. É que está tão escuro.

Enquanto Ikue olhava ao redor, Kyōko levantou o rosto e observou o local.

— O trem não vai passar — disse Kyōko, observando ao longe o sopé da ladeira. Lá havia uma luz. Absorvendo a treva das árvores aprisionadas na escuridão, a cor dessa lâmpada vermelha reluzia de uma quina escura, como um pesadelo.

Shinchō, 1914

Os sedutores frutos de goji

Tradução de Karen Kazue Kawana

Também hoje Chisako veio ao campo com a intenção de apanhar frutos de goji. Ontem, ela estava na companhia de Nobuko, sua amiga, mas Nobuko disse que estava com dor de cabeça hoje e não veio apesar do convite de Chisako.

Depois que Chisako descobriu os frutos vermelhos de goji em um canto deste campo, ela passou a vir aqui todos os dias para apanhá-los. O pé de goji era tão grande que os galhos carregados de frutos semelhantes a corais vermelhos pendiam fora do alcance de suas mãos. Esses galhos, envolvidos pela hera, cresciam ao lado das raízes de uma faia. Os galhos do pé de goji e a hera, além de uma trepadeira não identificada, se emaranhavam e subiam ao longo de uma treliça de bambu rústica levantada por alguém ao redor do campo. A treliça de bambu se curvava na direção de um barranco sob o peso dos galhos envolvidos pela hera. O mato dessas imediações crescia tão alto que chegava à altura do obi de Chisako.

O trem passava na parte de baixo. Às vezes mulheres carregando crianças nas costas se postavam ali com os aventais brancos flutuando ao vento de outono para que as crianças vissem o trem passar. Chisako não era a única a descobrir os frutos de goji aqui. Todas as crianças que vinham brincar no campo viam os frutos vermelhos faiscando como gotas coloridas junto desta faia e vinham apanhá-los. Chisako havia descoberto o pé de goji crescendo aqui recentemente junto com Nobuko.

— Os verdes são melhores para brincar de apito¹.

Dizendo isso, as duas procuraram por frutos verdes e grandes. A amiga Nobuko feriu as mãos nos espinhos ao puxar um galho.

— Vou pegar um galho inteiro.

Nobuko, em sua excitação infantil, puxou e arrancou o galho com essas mãos feridas. O galho, quebrado à força, se safou das mãos da garota com toda a energia da faia na qual estava embaraçado e ricocheteou com um estalo. Todas as folhas farfalharam. Arrastada pelo galho, Nobuko deu dois ou três passos cambaleantes à frente. Seu coração batia forte enquanto contemplava o pequeno galho que ficou em suas mãos. Chisako ficou indescritivelmente assustada observando a obstinação da amiga. Ela também foi surpreendida pelo estalo e pelo ricochete do galho.

— Ai, que susto!

Nobuko riu. Ela estava definitivamente assustada por ter sido arrastada pelo galho. O pequeno galho retirado por Nobuko estava cheio de frutos vermelhos e

¹ A palavra empregada é “hoozuki”, que designaria o fruto da physalis ou as ovas de um molusco marinho (“umi hoozuki”). Tanto as ovas deste último, esvaziadas de seu conteúdo, quanto os frutos, sem a sua polpa, serviam para as crianças se divertirem colocando-os na boca e assoprando para produzir sons. O fruto verde de goji talvez servisse ao mesmo propósito aqui.

verdes escondidos entre as finas folhas. As duas se agacharam e arrancaram os frutos de goji um a um com os dedos, arrastando os *obi* de musselina cor de pêssego sobre a grama. Chisako os pegava e colocava em uma das mãos. Alguns frutos de goji também iam parar dentro das mangas curtas de seu quimono de flanela.

— Amanhã a gente vem de novo! — disse Chisako, e as duas voltaram alegremente para casa.

As duas vieram juntas ao campo para apanhar frutos de goji no dia seguinte e no dia depois deste. Garotos perseguiam libélulas com longas varas com cola de passarinho no campo. Quando eles as viram chegar, o mais velho tentou apanhar o laço de gaze vermelha de Chisako com a vara.

— Uma borboletona! Uma borboletona!

As crianças ao seu redor vibraram animadamente. Em pé, Chisako se encolheu colocando as mãos sobre o rosto e chorou. Nobuko afastou o garoto:

— Vou contar para seu pai! Vai ver só, eu vou até a sua casa. Sei muito bem onde você mora!

O garoto mais velho deu uma risada bem-humorada e puxou a vara. A dobra do ajuste de seu quimono se estufava na cintura. A figura do garoto, com um *obi* violeta, metade das pernas à mostra e calçando chinelos, foi se afastando nos confins do campo junto com as sombras das outras quatro ou cinco crianças.

— Eu sei onde é a casa daquele garoto. Ele foi embora porque eu disse que ia dedurar ele — disse Nobuko. — Vou soltar seu laço.

Chisako deixou que a amiga retirasse o laço que prendia seus cabelos, dobrou-o e colocou-o no bolso.

— Eu também tenho um, veja!

Nobuko trazia um laço branco enrugado por não ter sido passado depois de ser lavado.

— O meu é feio, não é? O seu é bonito, por isso ele fez graça.

As duas caminharam em direção ao pé de goji de mãos dadas. Elas cantavam em voz alta pisando a grama. Um gafanhoto saltou sobre a bainha de Chisako.

— Minha mãe disse para eu vir com um chapéu. Acabei esquecendo — disse Chisako, olhando para os raios de sol que brilhavam intensamente.

Os cabelos macios e avermelhados das duas pareciam ter sido queimados por terem absorvido os fortes raios de sol. As pontas desgrenhadas brilhavam com uma delicada cor dourada. Os torsos de forma cilíndrica das duas garotas, arredondados e esguios, seguiam lado a lado em meio à grama. As pernas das duas saltavam como gafanhotos. As tiras vermelhas das sandálias estavam presas nos dedos de seus pequenos pés. As canelas de Chisako, arredondadas e flexíveis como *mochi*, surgiam sob a bainha revirada do quimono e eram expostas para derreter sob o forte sol de outono. Quando se agachou, a bainha do quimono se abriu permitindo vislumbrar suas coxas roliças. Um gafanhoto também saltou sobre estas. O matagal estava abafado por causa do ardente sol de outono como o fundo de um caldeirão sobre o fogo. O bafo do mato aquecido era suavemente soprado sobre os pés das duas.

Dedos pequenos e finos passaram um longo tempo colhendo frutos de goji também nesse dia. Por mais que os colhessem, os frutos de goji pareciam não acabar nunca; acima e abaixo, galhos se curvavam para o alto, pendiam para baixo e se esticavam, ultrapassando o campo de visão de seus pequenos olhos. As duas

constantemente levantavam as cabeças e observavam os frutos maduros nos lugares mais altos.

— Olhe só quantos ali! Quantos!

Nobuko disse isso, mas não tentou puxar os galhos como havia feito dois ou três dias atrás. As duas foram embora quando se cansaram. A cor do final de tarde de outono permeava o campo. Um pôr do sol vermelho ardia ao longe, no céu distante. Vários corvos passaram voando sobre suas cabeças.

Embora as duas morassem na mesma vizinhança, elas não frequentavam a mesma escola. Chisako estudava em uma escola de padrão um pouco superior ao da escola de Nobuko.

Ela ficava a cinco ou seis quadras daquela onde Nobuko estudava. As duas, que moravam a duas ou três casas uma da outra, tornaram-se companheiras de brincadeiras fora da escola.

Depois que voltavam das aulas e se encontravam, ambas imediatamente se recordavam dos frutos de goji. Ir ao campo para colhê-los era a maior diversão das duas. Algo que adoravam fazer. Os frutos que colhiam no campo acabavam perdidos em algum lugar sem que fossem usados para brincar de apito. Apesar disso, assim que as duas se viam, seu interesse infantil se voltava para os frutos de goji de imediato.

— Vamos lá colher os frutos! — diziam, e as duas partiam para o campo de mãos dadas. Os frutos vermelhos de goji as aproximaram ainda mais uma da outra.

Depois de quatro ou cinco dias, Nobuko se cansou dos frutos de goji. Assim mesmo, quando Chisako vinha chamá-la, ela dizia:

— Sim, vamos! Pegaremos um montão! — e saíam juntas. Chisako aparecia sem falta depois de voltar da escola.

— Isso já não tem mais graça nenhuma.

Nobuko dizia isso na hora de voltar e, às vezes, jogava os frutos de goji no meio do campo.

Chisako realmente não conseguia tirar os frutos de goji da cabeça. À noite, ao se deitar, ela pensava: “Amanhã vou ao campo com Nobuko. Vamos pegar frutos de goji!”, e dormia feliz.

O sentimento de Chisako em relação aos frutos de goji era como o das mulheres que amavam joias. Chisako morria de amores por eles. O pé de goji que crescia e se espalhava ao lado da faia estava imbuído pelo inexaurível sentimento de apreço infantil de Chisako. O prazer, a alegria e a sensação de intimidade de ir apanhar esses frutos junto com Nobuko fazia o peito de Chisako saltitar cada vez que ela pensava nisso.

Chisako foi à casa de Nobuko depois de terminar o dever no domingo. Nobuko não saiu de pronto. Chisako a esperava aparecer em pé debaixo da janela. O irmão mais novo de Nobuko fazia birra e gritava chorando no interior da casa.

— Eu não vou, estou com dor de cabeça. A gente se vê amanhã — respondeu Nobuko pondo a cara para fora da janela. O chapéu de palha de Chisako com uma rosa encarnada se afastou.

— Desculpe, Chisako! — disse Nobuko com a voz abatida e rouca.

— Tudo bem!

Chisako virou a cabeça e deixou a casa de Nobuko.

Chisako foi subindo a ladeira sozinha. Lá no alto, ela deu meia-volta e olhou para baixo com o cordão do chapéu na boca. Não havia ninguém no alto da ladeira. Chisako se sentiu sozinha. Pensava em voltar para casa. Chisako balançava o corpo parada ali com o cordão na boca.

Porém, Chisako se pôs a caminhar. Ela sentiu um desejo repentino de ver os frutos de goji. O matagal e as sebes ao lado de onde os frutos de goji cresciam surgiram tenuemente diante de seus olhos. Ela queria ir até lá para vê-los nem que fosse por um instante. Ela saiu correndo ruidosamente pela rua.

Chisako chegou à entrada do campo depois de dobrar a sebe de três ou quatro casas. A superfície do campo absorvia a luminosidade do espaço circundante. O dia de outono corria cintilante sobre o mato, o céu estava azul, o mato ardia com um leve rubor. Por alguma razão inexplicável, uma dura vibração pairava nas imediações do campo vindo das profundezas do ambiente pristino. Um vento solitário e calmo soprava sobre o campo como água se acumulando sobre cobre queimado. Chisako seguia pelo campo sozinha pisando a grama.

Ela ficou surpresa.

O mesmo garoto que havia perseguido seu laço com a vara com cola de passarinho no outro dia estava em pé ali. Hoje, ele segurava uma vara com um saco branco na ponta. Ele estava sozinho e parecia sentir frio. Sorriu ao ver Chisako. Ela ainda trazia o cordão do chapéu na boca, mas, ao ver o garoto sorrir, fez o mesmo.

— Para onde está indo? — perguntou o garoto esticando o pescoço. Ele vestia um quimono tingido de preto, preso por um *obi* violeta.

— Vou pegar frutos de goji — respondeu Chisako.

O garoto disse “Ah, é?” e, depois de observar Chisako de relance, seguiu seu próprio caminho. Uma borboleta de coloração amarelo-clara com contornos pretos saiu voando atrás dele.

Chisako caminhou na direção em que os frutos de goji se encontravam. O bafo quente do matagal também se fazia sentir a seus pés agora. Ela pisava a grama com os pés cobertos de areia. Pequenas borboletas amarelas saíam voando quando ela dava um passo. Sentindo-se sozinha, Chisako caminhava cantando em voz baixa. Sua mão balançava frouxa a cada passo junto com o *obi* de musselina cor de pêssego. As cores da flanela de listras vermelhas e desbotadas eram indistintas sob os raios de sol. Chisako se aproximava cada vez mais dos frutos de goji.

O vento começou a soprar subitamente vindo da faia. Chisako sentia o sopro do vento e procurava pelos frutos vermelhos com os olhos, postada ao lado do pé de goji. A sombra da faia se precipitava sobre eles com um toque aquoso. Os frutos vermelhos, tão desejados por Chisako, cresciam fora de seu alcance. Não restavam mais tantos frutos próximos que pudesse colher com as mãos. Chisako estendeu os braços e apanhou alguns poucos.

Ela tirava um, colocava-o sobre a mão, deixava o grande fruto vermelho que havia apanhado com esforço cair sobre o mato e o pegava de volta.

Ela se sentia sozinha e entediada sem Nobuko. Sua solidão foi aumentando enquanto fazia várias coisas sozinha. O pé de goji também estava quieto e cabisbaixo. Chisako colocou alguns frutos na manga do quimono e ia voltar para casa.

Ao se virar, sem saber desde quando, havia um homem em pé ali. Ele segurava um pequeno embrulho de tecido. Vestia um *hakama* esbranquiçado.

— O que você está fazendo aqui sozinha? — perguntou ele a Chisako.

Chisako pensou que aquele era um homem desconhecido e teve medo. Chisako tentou passar ao seu lado sem dizer nada. A luz do sol oscilava vermelha atrás dele.

— O que está fazendo? — perguntou o homem outra vez a Chisako.

Sua voz tremia. Chisako tinha um irmão mais velho de idade próxima a deste homem. Chisako pensou em seu irmão. Então seu coração se moveu com simpatia.

— Estou colhendo frutos de goji — respondeu Chisako em voz baixa.

— Você consegue colhê-los? — perguntou ele novamente.

Chisako balançou a cabeça. A ressequida rosa artificial farfalhou sobre seu chapéu.

— Deixe eu pegar para você — disse o homem e quebrou um galho de goji com uma das mãos.

Esse galho era o que ficava em um lugar alto e que Chisako e Nobuko sempre observavam juntas com os rostos voltados para cima. O galho do qual Chisako e Nobuko haviam desistido por estar fora do alcance de suas mãos. Esse galho foi facilmente quebrado pela mão do homem. Mesmo tendo sido quebrado, o galho não ricocheteou de volta com um som assustador como ocorreu quando Nobuko fez o mesmo. A força do homem era maior do que a do galho. Ele entregou o galho a Chisako.

— Quer que eu pegue mais?

— Não.

Chisako balançou a cabeça outra vez. O galho estava carregado de frutos de goji. Os frutos de goji vermelhos, nunca tocados pela mão de ninguém e completamente maduros, pendiam como as incontáveis gemas de um colar e produziam um som seco. Foi assim que o galho que Nobuko e ela contemplavam com os rostos voltados para cima veio parar em suas mãos. O galho removido deixou uma abertura oval atrás de si, um pedaço do céu, distante e branco, era visível através das sebes. Chisako se sentia feliz segurando o galho nas mãos. Chisako abaixou a cabeça e disse “Obrigada!” para o homem.

Ele retirou um pequeno lenço e limpou as mãos escuras de sujeira. Quando Chisako se pôs a caminhar, o homem a seguiu. Chisako caminhava em silêncio arrastando o grande galho no chão. Os passos hesitantes e curtos de Chisako eram graciosos.

— Vamos dar a volta por aqui — disse o homem tomando a mão de Chisako.

— Por onde?

— Pelo outro lado, é só me seguir. Talvez haja frutos de goji ainda melhores ali — disse o homem gentilmente e com a voz trêmula a Chisako.

A figura de Chisako com o galho de goji seguiu ao lado do grande corpo do homem como uma sombra. Finos e maleáveis, os belos cabelos de Chisako iam de um lado para o outro em negras ondulações presos às suas costas. Sob a aba do chapéu, os apreensivos olhos de Chisako, bonitos como estrelas, de vez em quando espiavam o rosto do homem ao seu lado. O brilho do sol incidia sobre a testa branca do homem. Os dois davam voltas e desciam a rua, indo cada vez mais para o fundo do campo.

Um sol pálido fazia sua rotação como um fogo fátuo. Os telhados das casas do outro lado da linha de trem eram visíveis da estrada que seguia descendo. Raios amarelos escorriam como peçonha do pálido sol sobre os telhados. Um trem passou.

A fuligem escura esbarrou na faia que se elevava ao lado do pé de goji e se curvou. A fuligem se intensificou e o campo ficou momentaneamente escuro.

Só vinte ou trinta minutos depois é que os gritos agudos de Chisako puderam ser ouvidos ecoando pela viela ao longo do muro a um canto no fundo do campo. O carteiro passava pela viela nesse exato momento, mas, embora tenha ouvido os gritos, ele não se deteve. Uma mulher que morava perto da casa de Chisako cruzou com o carteiro nesse local na volta das compras e ouviu os gritos de Chisako. A mulher se aproximou da cerca e espiou na direção de onde vinham os gritos. Ela viu as listras vermelhas do quimono de flanela de Chisako do lado de um barracão que caía aos pedaços a um canto. A mulher não tinha como entrar ali e foi embora. Ela achou que a voz que ouviu era parecida com a de Chisako. Depois que essa mulher foi avisar a família de Chisako, sua jovem tia saiu correndo assustada.

Quando ela chegou ao lado do barracão indicado pela mulher depois de dar a volta no campo, encontrou Chisako sob os cuidados de um homem desconhecido.

— Um rapaz com ar de estudante saiu correndo daqui quase agora — disse o homem e olhou para a tia de penteado desfeito.

— O que aconteceu? — perguntou a tia para esse homem, prendendo a respiração, com ar de afronta.

Ele disse que foi surpreendido pelos gritos da garota quando estava de passagem e que havia acabado de entrar passando pela cerca.

— O que aconteceu, Chisako?

Chisako chorava doridamente quando a tia colocou a mão em seu ombro. O chapéu estava no chão, pisoteado. O galho de goji estava em pé contra a madeira do barracão. O sol brilhava intensamente nos frutos vermelhos. A tia logo identificou duas ou três gotas de sangue caídas junto aos pés de Chisako.

— O que é isso? Esse sangue...

A tia, que intuiu algo, fitava Chisako; seu peito estremecia devido a uma raiva e a uma indignação contraditórias inspiradas por um inesperado sentimento de vergonha. Chisako chorava em voz alta.

— Será que ela não se machucou?

O homem já parecia ter passado dos quarenta. Ele recolheu seu guarda-chuva do chão depois de aconselhar a jovem tia a levar Chisako o quanto antes para casa, deu meia-volta e foi se afastando.

— Pobrezinha!

Três ou quatro pessoas das vizinhanças vieram correndo e se juntaram no campo. O homem que voltava conversou com elas em voz baixa e seguiu caminho. Na saída do campo, o homem se encontrou com um policial. Ele gesticulava com as mãos olhando para esta direção enquanto falava algo para o policial.

A jovem tia se afastava do local carregando Chisako nas costas. O cordão do chapéu que havia caído no chão estava pendurado em uma de suas mãos. Chisako continuava a chorar nas costas da tia. As pessoas da vizinhança foram se aproximando e perguntavam: “O que aconteceu?”. Mas a tia não deu qualquer resposta. Seus lábios pálidos estavam firmemente cerrados de vergonha.

Como o policial veio correndo, a tia teve que se haver com ele. O policial insistiu e fez com que ela retornasse para o local do incidente carregando Chisako nas costas. O galho com os frutos de goji que estava apoiado nas tábuas do barracão foi

tocado pela espada do policial e tombou de lado. As folhas estavam murchas e sem vida. O segredo estaria para sempre encerrado no interior da cor vermelha de seus frutos.

Chisako passava o dia deitada sobre o futon com um saco de gelo na cabeça. Os pontos de seu ferimento não cicatrizavam devido a um inesperado acesso de febre.

— Foi realmente uma coisa estúpida o que aconteceu...

O rosto da mãe sempre ficava ruborizado de embaraço quando as pessoas vinham visitá-la. O irmão mais velho de Chisako chutava o travesseiro da irmã inconsciente. Quando Chisako abria os olhos, ele voltava a chutar seu rosto com a ponta dos dedos dos pés.

— Ficar de cama por uma coisa dessas!

A mãe tentava contê-lo, mas ele não a ouvia. O coração do irmão de vinte anos abrigava uma espécie de repulsa que o fazia pisotear uma flor já despetalada. Seu coração se enchia de ódio cada vez que via a irmã.

— Morra, sua idiota! — dizia, cuspidando sobre ela.

Ele não escondia sua raiva nem mesmo quando os parentes os visitavam.

A jovem tia, que sabia o que se passara naquela ocasião, por sua vez, era questionada por todos. Uma vil curiosidade brilhava nos olhos das pessoas que lhe faziam perguntas. A jovem tia era a primeira a demonstrar sua contrariedade.

— Não gosto disso. De falar sobre o que aconteceu. Eu também não me lembro de nada, sabe?

— Aquele sangue no chão. Você também deve ter se assustado quando viu o sangue, não é?

— Sim, levei um susto!

A jovem tia solteira empalideceu quando tocaram nesse assunto. Com os lábios bem cerrados de vergonha, ela não respondeu mais nada.

Em meio a estes, apenas o pai se compadecia de Chisako. Ele temia que as feridas externas se transformassem em feridas permanentes no coração de Chisako. Seria preciso decidir que rumo dar à vida de Chisako dependendo do que acontecesse com seu espírito nos próximos anos. — A ideia de fazer com que se tornasse religiosa lhe ocorreu de súbito.

— E há outro remédio? É como ter uma filha aleijada.

Esse sentimento de pena sempre lhe dava vontade de chorar.

Quando os parentes vinham, todos falavam sobre como a delinquência juvenil estava fora de controle.

— É por isso, sabe? As meninas são uma grande preocupação — diziam as mulheres.

“Demos uma boa história para os parentes contarem por aí”, era o que pensavam a mãe e Chisako desgostosas.

— Cair nesse tipo de conversa durante o dia! Se tivesse cinco ou seis anos, mas com treze, que pouca vergonha! É porque é uma cabeça oca! — disse a mãe para sua jovem irmã.

Vários dias depois, quando finalmente deixou o leito, Chisako revelou que havia sido ameaçada com uma faca naquela ocasião. Chisako passava os dias sentada no alpendre com o rosto sem cor e o olhar vazio.

— Essa menina parece estar possuída por um espírito. Totalmente possuída! Ela não passa o dia todo com ar perdido? — sussurrou a jovem tia para a irmã mais velha.

Chisako não queria sair de casa mesmo tendo se recuperado o suficiente para ir à escola.

— Se ela não quiser ir, deixem que falte.

O pai recomendou que os demais não contrariassem muito a vontade de Chisako. O choque ainda permanecia em seu coração. O pai desejava que o ambiente ao redor de Chisako fosse o mais tranquilo possível.

Entretanto, Chisako era constantemente destrutada pelos demais enquanto o pai estava ausente durante o dia.

— Você não é mais minha filha — disse a mãe histérica e com veemência certa vez.

Os sentimentos da mãe ardiam de ressentimento e ódio com frequência por causa de um incidente ou outro. A mãe voltava esse ressentimento diretamente a Chisako.

— Eu não a criei para ser uma vagabunda! Você é motivo de riso para os parentes. Eu também virei motivo de riso.

A mãe olhava para Chisako com uma raiva inquebrantável puxando a filha caçula para perto dos joelhos. Nessas ocasiões, Chisako passava o dia todo chorando sozinha em um canto da casa.

— Você não serve para mais nada. Seu pai também diz isso.

Todos os membros da família diziam a mesma coisa a Chisako. Até a jovem tia deliberadamente passou a evitar Chisako. Todos tinham vergonha de ficar perto dela. Ninguém procurava ser gentil ou alegrar Chisako. Rostos maldosos, cruéis e severos a torturavam.

Chisako não conversava com ninguém. Era como se a fizessem rolar no interior de uma dura pedra dia e noite.

— Inútil!

Essas palavras se remexiam tristemente em sua alma. Em silêncio, Chisako permanecia com ar ausente no canto da casa.

Certa manhã, os frutos vermelhos de goji retornaram de súbito à sua mente.

Os raios de sol da manhã próxima do mês de novembro tingiam gloriosamente o solo vermelho do jardim. A água na bacia de pedra se crispava em ondas frias. O solitário final de outono fazia sua última visita junto às sombras das aspidistras. A empregada saiu do jardim e foi para o lado de fora carregando a caçula da família nas costas. Chisako as viu sair agarrada à coluna do alpendre. Depois daquele terrível incidente, Chisako não havia mais botado os pés fora de casa. A oposição da família para que Chisako não saísse de casa era mais forte do que o desejo desta de fazer isso.

— Você não está indo à escola, certo? Melhor parar — dizia a mãe, e não permitia que Chisako saísse de modo algum.

Três meses já haviam se passado desde então. Os frutos vermelhos de goji lhe vieram à mente pela primeira vez esta manhã.

Chisako se perguntou se ainda haveria frutos vermelhos de goji no canto do campo. Ela sentiu um desejo incontrolável de ir até lá para vê-los. O sol incidia com intensidade ao redor da casa à tarde. Chisako estava no jardim, envolvida pelos

suaves e mornos raios de sol. Chisako saiu pela porta de madeira dando a volta no jardim como a empregada fizera pela manhã.

Chisako foi sozinha ao campo subindo a ladeira. O pé de goji ao lado da faia continuava a espalhar seus galhos. Os frutos vermelhos amadureceram e escureceram. Diferente das outras vezes, os frutos vermelhos se encolhiam atrás das folhas estreitas e murchas como se estivessem de luto pelo mundo. Um vento frio passava soprando por ali.

Chisako olhou com nostalgia para os frutos de goji. Porém, não os colheu. Apenas se limitou a contemplar os frutos vermelhos e logo deixou o lugar. Chisako havia se esquecido daquilo. Ela se esqueceu de que a mão do homem havia maculado a adorável imagem dos frutos de goji. Pensando que havia feito algo ruim e repreendendo-se por ter saído de casa sem avisar ninguém, Chisako se apressou em voltar. A rua estava movimentada. Pessoas iam e vinham. Chisako entrou no jardim pela porta de madeira.

A ausência de Chisako, que durou vários minutos, não passou despercebida dos demais. “Onde você esteve?”, perguntaram-lhe todos. “Fui ao campo”, respondeu Chisako dizendo a verdade. Tanto a mãe quanto a tia olharam uma para a outra em silêncio ao ouvirem isso.

— O que foi fazer no campo? — perguntou a tia a Chisako.

— Fui ver os frutos de goji — respondeu, porém, tanto a mãe quanto a tia não acreditaram que essa fosse a verdade.

“Aquele homem deve ter vindo procurar por Chisako”, disseram mãe e tia entre si.

— Diga a verdade! Diga a verdade! — Por mais que mãe e tia pressionassem Chisako, não havia uma verdade a ser dita. Chisako chorou.

— Você está proibida de sair!

Os olhares desconfiados da família não perdiam Chisako de vista. O pai também não entendia o que Chisako foi fazer no campo. “Ver os frutos de goji”, ele não entendeu o que ela quis dizer com isso. O pai achou que Chisako se cansou de ficar em casa e havia saído para brincar.

A família discutia sua transferência para uma escola afastada a partir do próximo período. Ficou decidido que Chisako permaneceria em casa até então. O pai disse a Chisako que ela precisava revisar as lições para não esquecer o que havia aprendido.

Chisako estudou sozinha. Não demorou muito para que os sedutores frutos vermelhos de goji se insinuassem vividamente a Chisako. Em sua visão, as mãos do homem foram surgindo em meio aos frutos vermelhos de goji. As mãos do homem se fizeram claramente sentir sobre o corpo de Chisako. As mãos do homem esmagavam seus amados frutos vermelhos e se tornavam cada vez maiores, expandiam-se cada vez mais.

(Fim)

Bungei Sekai, 1914

A vida dela

Tradução de Karen Kazue Kawana

1

Ela se casou com Nitta quando tinha vinte e um.

Nitta se apaixonou por ela depois de se conhecerem em um encontro casual. Yuko também amava o homem. Nitta tentou se casar com Yuko nessa época, mas, devido a apreensões comuns a uma jovem inteligente e capaz de autorreflexão dos tempos atuais, Yuko se sentia insegura em relação ao casamento. Mais do que medo do casamento, Yuko questionava em demasia o que seria dela depois que se casasse. A incerteza sobre a forma como seria tratada pelo homem depois do casamento, em particular, fez com que ela dirigisse um olhar novo e perscrutador a todas as formas de vida conjugal da sociedade.

Ali, via-se apenas uma espécie de humilhação da mulher, o que inevitavelmente deixava Yuko indignada. Uma grossa corrente envolvia a cintura de todas as mulheres. Havia apenas rostos pálidos como o de fantasmas que perderam toda a noção de individualidade. Algumas mulheres se tornavam histéricas devido aos ciúmes do amor dos homens e ao enfado de suas existências; outras, atarefadas com a lavagem das fraldas dos bebês da manhã à noite, davam respiros malsãos até mesmo quando enchiam um balde com água; já outras, eram absolutamente servas dos homens. No próprio coração feminino, comprimido em nome de marido e filhos, todo o sangue vivo que devia circular com o maior vigor se encontrava turvo e estagnado, coberto de poeira, como esgoto em uma vala. As mulheres não tinham tempo para refletir de modo ponderado e metódico sobre coisas como o amor genuíno. Elas não sabiam fazer mais que simplesmente dispensar alguma atenção a seus filhos de modo apressado, a mesma afeição instintiva e rudimentar com a qual cachorras e gatas acarinhavam os filhotes que pariram. As mulheres também não tinham tempo de refletir sobre sua responsabilidade no lar.

Uma mulher não sentia nem um pingo de responsabilidade, ou coisa parecida, pelo serviço doméstico. As mulheres se limitavam apenas a colocar as mãos prontas e inconscientemente sobre qualquer trabalho que se apresentava a elas. De fato, tarefas diversas se empilhavam como uma montanha sobre a mulher em seu lar. Farrapos de roupas se amontoavam à sua frente sem cessar dia após dia durante toda a sua vida. As tarefas diárias se sucediam de uma hora a outra, quase sem limites, intermináveis. Assim, as mulheres ficavam exaustas até mesmo para descobrir o

grande significado da responsabilidade em suas existências. Como as imagens sobre andores que avançavam oscilantes nos festivais, empurrados por trás e puxados pela frente, as mulheres tinham seus espíritos enclausurados e levavam existências de cegas; seus corpos, como essas imagens, eram empurrados por trás e puxados pela frente dia após dia.

Quando pensava nesse tipo de vida de uma mulher, Yuko estremecia. Independentemente do que acontecesse, ela não queria levar esse tipo de vida. Quero viver esta existência sendo eu mesma até o fim. Não quero uma vida conjugal na qual meu espírito será subjugado pelo ego masculino. Viverei sozinha, honrando minha existência, a qualquer custo. Yuko estava decidida a não cair na armadilha do casamento sob a pusilânime desculpa do amor. Yuko procurava se estabelecer profissionalmente para manter sua independência financeira. Yuko prosseguia os seus estudos defendendo ainda mais seu bravo espírito de aprimoramento enquanto se sustentava com sua escrita inexperiente. Então conheceu Nitta e, sem querer, apaixonou-se por ele.

Nitta não parava de pedir a Yuko que se casassem. Nitta queria obter a comprovação de que possuía completamente a mulher que amava. Porém, Yuko não concordou com isso durante algum tempo. Sua inteligência a fazia sofrer para conciliar a paixão inesperada com o casamento; confusa, ela questionava se não seria melhor abandonar a paixão de uma vez como um modo de se afirmar. Ao se dar conta de que esse seria um recurso artificial para ela, Yuko sofreu ainda mais.

— Quero viver com liberdade de alguma forma. Também quero que minha paixão seja livre e natural. Não quero que tenhamos a obrigação de nos casar por amor. Não é possível evitar algo como o casamento e viver a liberdade da paixão que sentimos um pelo outro pela eternidade? — perguntou Yuko a Nitta.

Para Nitta, essas palavras de Yuko desconheciam a carne, não passavam de fantasias de virgem. Nitta achou graça da seriedade de Yuko. E, ao mesmo tempo, Nitta confessou a Yuko a violência com a qual desejava sua carne. Apesar de enrubescer ao ouvir essas palavras explícitas de Nitta, Yuko não podia desprezar o desejo desse homem. Yuko achou o desejo de Nitta natural. No entanto, Yuko realmente não tinha vontade de se casar. Mais do que o sentimento do homem que almejava a carne, era a vontade deste de obter o casamento que fazia Yuko sentir a covardia e a baixeza masculina. Ceder a carne ao amado era de eterno arbítrio de Yuko, porém, concordar com o casamento era encerrar sua vida entre as mãos do homem. Para Yuko, a pressão do homem para se casar equivalia a acorrentá-la e prendê-la dentro de casa pelo resto da vida.

— Não vou casar.

A essas palavras de Yuko, Nitta respondeu:

— Suas ideias estão erradas. Será que você não está me vendo como os outros homens? Acredito ter uma compreensão um pouco mais moderna sobre as mulheres. Eu não a julgo em absoluto inferior a mim. Eu a considero uma pessoa que possui os mesmos direitos que eu em todos os sentidos. Respeito sua vontade de ser independente. Obviamente não podemos estabelecer uma relação conjugal como as que existem na sociedade. Você será minha companheira em tudo e eu serei seu amigo. Reconhecerei sua liberdade ainda mais do que fiz até agora e lhe franquearei os caminhos que for seguir. Permitir que você cresça livremente, também permitirá que eu cresça livremente. Não estou simplesmente pedindo que se torne uma dona

de casa. Ao mesmo tempo em que a torno minha esposa, irei respeitá-la como uma mulher que possui um espírito, aí está a base de meu ideal de casamento. Esse é o verdadeiro casamento. E também é um casamento espiritual. Se não quiser um casamento desse tipo, então eu também não preciso pedir que se case comigo — disse Nitta com entusiasmo.

Yuko ficou extremamente feliz com as palavras do homem. Eram palavras que realmente expressavam uma compreensão da mulher. Ouvir as palavras do amado, que mais do que revelar que ele a compreendia, estavam prenhes de uma profunda compreensão das mulheres, fez com que Yuko estimasse ainda mais seu caráter e ela não pôde deixar de achar esse sentimento elevado. Como diz Nitta, esse é o verdadeiro casamento. Ele diz que reconhece minha liberdade. E que também respeita minha vontade e minha arte. Yuko não podia deixar de acreditar nas palavras desse homem. Meu amado é uma pessoa moderna. Yuko acreditava que seria a mais feliz das mulheres por viver de acordo com o entendimento moderno desta pessoa moderna.

Os dois se casaram. Yuko foi recebida na casa de Nitta, tornou-se nominalmente sua esposa e passava manhãs e tardes junto com ele. Os dois decidiram viver em quartos separados. Ambos proibiram um ao outro de entrar livremente tanto no quarto de Yuko quanto no de Nitta. Era ali que Yuko estudava. Yuko, para quem a ideia de ser sustentada pelo marido era humilhante, se esforçava para produzir qualquer coisa, por mais insignificante que fosse, com suas próprias forças. Nitta era filósofo e crítico da modernidade. Ele também se fechava em seu quarto, absorvido na escrita e na leitura.

Os dois acabaram precisando de uma empregada. Limpar a casa, lavar a roupa e cozinhar; Yuko não conseguia dar conta de tudo. Tornar-se dona de casa, em particular, levaria à deterioração de suas ideias. Tanto Yuko quanto Nitta temiam que isso ocorresse. Essas horas de atividades domésticas que arrancavam Yuko de suas valiosas horas de estudos também eram incômodas para Nitta. Por isso, decidiram colocar uma empregada. Jovens empregadas entravam e eram substituídas uma após a outra na casa de Nitta. Eles não encontraram nenhuma que considerassem ideal.

Todas as empregadas eram desleixadas. O trabalho que faziam era caótico, irregular, vagaroso e negligente. Se não recebessem ordens, seus cérebros entorpecidos, enferrujados, permaneciam imóveis por horas. Elas confundiam o significado da palavra “diligência”. Achavam que fazer aquilo que lhe diziam era ser diligente. Se nada lhes fosse dito, elas não faziam nada. Elas sentiam que se antecipar e fazer o que não lhes era pedido era uma impertinência. Ao final, a empregada ideal, cujo cérebro refletiria a imagem de Yuko como dona de casa tal qual um espelho e que faria tudo sem a necessidade de palavras, não foi encontrada.

Yuko logo se cansou. Cansou-se de dar ordens e de ensinar. O incômodo de ter que dar ordens e repetir a sequência dos afazeres domésticos de seu quarto para uma empregada deixou seus nervos enfraquecidos. Os gestos diários das empregadas ignorantes tocavam, um a um, os nervos da inteligente Yuko. Em vez de discutir o dia inteiro com esse tipo de empregada, Yuko achava que dar conta do serviço doméstico sozinha era muito menos complicado, além disso, poderia assegurar que seu tempo seria realmente seu dessa forma. As empregadas entravam no quarto de Yuko — onde nem mesmo seu marido, Nitta, podia entrar quando bem

entendesse — de modo casual e incessantemente, perturbando sua tranquilidade para perguntar coisas como:

— O que faço com aquilo? O que faço com isto?

Yuko dispensou as empregadas. Ela fez uma clara distinção entre o tempo para o serviço doméstico e seu tempo de estudos e criou o hábito de manter sua cabeça na cozinha nas horas dedicadas à cozinha.

Isso era fácil. Nitta também tencionava se ocupar de parte do serviço doméstico. Ele acreditava que, por serem iguais, esse era seu dever. Se Yuko ia à cozinha, ele também ia à cozinha. Enquanto Yuko cortava os vegetais, Nitta acendia o fogão. Se Yuko lavava a louça, Nitta terminava de enxugá-la escrupulosamente com um pano de prato. A limpeza da casa também era feita pelos dois. Na verdade, parecia que a refeição se tornava mais saborosa desse jeito. Yuko se sentia mais aliviada e calma do que colocando uma empregada ignorante na casa para perturbá-la. A mente exaurida pelas atividades intelectuais de Yuko era substituída pelo cansaço do corpo e lhe dava uma sensação até agradável. Yuko colocava sua energia nos braços finos e deixava os arredores relativamente amplos da casa limpos. Às vezes, vestida com um avental, ela chegava a gostar de cortar vegetais com uma faca afiada.

— Fazer o serviço doméstico até que é bom. Minha mente está trabalhando com extrema *finesse*, é como se meus neurônios se movessem sobre uma engrenagem. Estou tão feliz por ter encontrado esta sutileza em mim! — disse Yuko.

Yuko trabalhava arduamente.

Porém, isso também não durou muito. Tarefas mezinhas das quais não conseguia dar conta se amontoavam de modo inexorável diante dela. As camisas por lavar do homem, as meias por cerzir — Yuko precisava estar atenta até mesmo a esse tipo de coisa. Mesmo que o serviço estivesse em dia, a ordem não reinava por muito tempo. Yuko precisava entreter cada uma das visitas todos os dias. Encarregar-se do chá, preparar o café, coisas triviais que retalhavam o dia de Yuko e a perturbavam. No início, Nitta lamentava isso e procurava realizar essas tarefas, mas, assim como a mulher pensava em seu tempo, o homem também não podia deixar de pensar em seu próprio tempo. Nitta se ocupava do serviço doméstico da mesma forma que Yuko. Nitta trabalhava e procurava auxiliar a mulher com as tarefas dela. Ele não sabia quantas horas de sua atividade principal seriam perdidas nessas atividades insignificantes. Nitta não podia deixar de pensar sobre isso no interior de seu quarto. Então, de modo inconsciente, Nitta começou a negligenciar o serviço doméstico. Sobre ele, em particular, pesava o fardo de duas vidas. Nitta precisava trabalhar mais do que antes para ganhar o sustento. E, assim, os fatos da vida cotidiana não podiam deixar de forçar o próprio Nitta a assumir responsabilidades e obrigações de um homem moderno em relação à sociedade. — Quanto maior era sua consciência disso, mais naturalmente sua atitude refletia que ele considerava seu trabalho pesado e grande e os afazeres domésticos, como lavar suas camisas e ajudar a preparar o cozido, extremamente leves. Voltado para sua escrivania, ele deixou de ter o cuidado de correr até a cozinha assim que ouvia algum ruído vir dali. Os afazeres domésticos de Yuko aumentaram cada vez mais. E ela chegou a um ponto em que as executava como podia. As tarefas, uma sujeira caótica, desnorteavam e atormentavam ainda mais a inexperiente Yuko.

Por vezes, Yuko mergulhava em uma confusão da qual não conseguia sair e negligenciava a limpeza da casa. Entretanto, mesmo que isso acontecesse, o amor e

a compreensão de Yuko em relação ao trabalho do homem não permitiam que ela ficasse parada. O desejo de manter o homem em boa disposição lhe dava alento e a animava a trabalhar. O coração da inteligente Yuko se movia com extrema perspicácia ao redor do homem. Independentemente do momento, ela não conseguia abandonar esses sutis cuidados. Quase como se estivessem ao alcance de suas mãos, esses sentimentos e sensações ocasionais de Nitta se refletiam no âmago de Yuko. Ela não conseguia esquecer a boa vontade que a levava a fazer o possível para que seus cuidados mantivessem o ânimo do homem tranquilo.

O homem era dado a sair. Nitta, que possuía várias relações fora de casa, saía bastante todos os dias. Yuko praticamente deixou de sair de casa. Yuko achava extremamente incômodo ter que se arrumar para sair a não ser para fazer compras na vizinhança. Isso se dava porque Yuko precisava considerar o serviço doméstico. Como uma neurótica, Yuko estava obcecada em realizar e se livrar do serviço doméstico para ganhar ao menos uma hora para se dedicar a seus próprios estudos. Certo dia, depois de várias semanas trancada em casa, dormindo à noite e acordando pela manhã, Yuko contemplava o céu limpo com distração. E, incitada pela cor desse céu, ela se recordou da sensação de prazer e de liberdade da época em que viajava sozinha. Entretanto, Yuko imediatamente rechaçou essa sensação.

— Viajar não me interessa mais hoje em dia.

2

Yuko não conseguia, em absoluto, se concentrar em seus estudos. Trancada em seu quarto, Yuko refletia sobre a sua vida atual. Às vezes, ela tinha a sensação de que até mesmo o amor conjugal lhe parecia opressivo. Yuko abominava a subserviência que, de modo inconsciente, sempre a levava a buscar a si mesma nas sensações de Nitta.

Sua vida estava totalmente subordinada ao homem. Essa era a realidade irrefutável da vida dos dois. Nitta, que reconhecia a liberdade da mulher e que lhe havia prometido franquear o caminho para que ela vivesse como desejava, tinha consciência de que a existência que os dois levavam presentemente roubaria a liberdade da mulher. Nitta ficava penalizado quando via Yuko, que antes vivia cheia de energia, com uma sensibilidade artística intensa e vibrante, sem qualquer energia, com o rosto pálido, trancada dentro de casa o tempo todo. Embora desejasse, na medida do possível, livrar Yuko dos enervantes afazeres domésticos, até mesmo os esforços para fazer isso logo exauriram Nitta. Ele observava a adorável figura da mulher que se esforçava para realizar o serviço doméstico com perseverança e zelo, mas não podia fazer nada além de voltar o rosto para o outro lado e apaziguar seu coração com esse admirável zelo de Yuko.

— Está conseguindo estudar?

— Estou sim.

Ouvindo essa resposta, Nitta não tinha alternativa senão ficar em silêncio e sentir alívio. Nitta se sentia muito feliz quando via a esposa, que se dedicava a ele de bom grado e com afeição, ao seu lado. Mais do que a Yuko que via enfiada em seu quarto, imersa em seu próprio trabalho, Nitta sentia um amor ainda mais profundo pela Yuko que o servia com sentimentos de esposa. Era desolador e doloroso para Nitta que Yuko almejasse ter mais tempo para se trancar em seu quarto sacrificando

este amor. Entretanto, Nitta não confessou isso a Yuko. Nitta se envergonhava porque achava que esse era um pensamento ofensivo em relação à companheira que lhe era intelectualmente igual. Nitta então se repreendeu pela indignidade de buscar esse tipo de sentimento em Yuko. Assim mesmo, Nitta não conseguia, de modo algum, rechaçar o fato de que Yuko lhe parecia extremamente bela e adorável enquanto realizava o serviço doméstico com a doçura, a inquietação e os pequenos cuidados típicos de uma esposa. Sem dúvida, Nitta se entristecia pela completa transformação de Yuko em dona de casa por sua causa, no entanto, quando se sentia mentalmente exausto, por exemplo, era duro olhar para o rosto de Yuko que, como o dele, manifestava angústia intelectual.

Yuko tinha consciência de tudo isso. Sempre sabia absolutamente tudo o que Nitta sentia por ela. Já havia se surpreendido com a súbita expressão de júbilo que, por vezes, aflorava no rosto de Nitta, sem que este se desse conta, quando ela era a esposa virtuosa. Quanto mais notava isso, mais Yuko ficava desapontada com sua vida. Apesar disso, o amor de Yuko por Nitta fazia com que ela não contrariasse o desejo de Nitta, que buscava nela a esposa virtuosa. Diante da satisfação de Nitta, Yuko sentia que uma espécie de coqueteria, que a levava a desejar ser uma boa esposa, havia permeado as profundezas de seu coração. Para Yuko, esse era o início de uma assustadora concessão.

A intensa dor de Yuko a levou a interpretar sua vida da forma mais justa e a tentar compreendê-la de verdade. Sua incompetência em relação ao serviço doméstico, ter que dar conta do serviço doméstico apesar de sua incompetência, o amor pelo marido, sua compreensão em relação ao trabalho do marido — além do mais importante, a dor por sua arte, sua liberdade e sua vida estarem sendo esmagadas pelo casamento. Yuko refletia, anotava e avaliava essas coisas uma a uma como se fizesse cálculos. Mesmo quando estava na cozinha, ela era subjugada pela dor de, ao final, não ter a perspectiva de prosseguir com seu laborioso trabalho. No entanto, quanto mais ela era absorvida pelo serviço doméstico, mais sua inteligência a impedia de permanecer insensível a tudo. Ela se tornava cada vez mais exigente, em particular, com as roupas do homem, e também com o tempero da comida que ela lhe servia, esses eram cuidados que ela não podia negligenciar. Contrário ao que se podia esperar, em várias ocasiões, Yuko era torturada por essa sua inteligência.

Ela pensou várias vezes em voltar a viver sozinha para escapar da confusão dessas contradições. Se ficar sozinha, terei minha fiel e gentil mãe em casa. Essa mãe se encarregará de todos os trabalhos domésticos que me sobrecarregam no presente. Não terei que me preocupar com minhas próprias roupas. Cozinhar e lavar, nenhuma dessas coisas vai me perturbar. Estarei na posição em que Nitta está agora e poderei trabalhar com liberdade. Poderei estudar com liberdade. Yuko não conseguia deixar de ansiar pela época em que estava sozinha e era dona de sua vida. Yuko pensava em voltar a viver sozinha.

“Nosso amor é amor. O amor que sentimos um pelo outro não se transformará em infelicidade só porque não vivemos juntos. Ao contrário, poderemos nos afastar das coisas incômodas que confundem nossos corações e seguir com nossos estudos tranquilamente”, pensou Yuko.

No entanto, isso não passava de conjectura. Separar-se de alguém depois de meio ano juntos era algo extremamente doloroso. Yuko não conseguiria superar esse esforço.

Yuko também reconsiderou várias coisas. “Toda a sua vida atual é amor. Não há nada além de amor. Viver a plenitude e magnitude desse amor é a natureza de sua vida atual.” Quando seu cérebro foi preenchido por esse novo sentido, como se tivesse despertado, Yuko acreditou que conseguira apreender claramente qual era a crença correta para sua vida. A vida de amor é bela, a vida de amor é pura e ditosa, repetia ela de novo e de novo. Para que essa crença não lhe escapasse, ela procurou apreendê-la firmemente com sua alma. Ela se esforçaria para que todo o sentido de sua vida a partir de então derivasse desse amor.

Uma vez, ela chegou a pensar que perder seu tempo arrumando os cabelos e se maquiando para o homem era degradante, entretanto, foi reconfortada pela ideia de que era seu amor por ele que a levava a se fazer bela. Foi reconfortada pela ideia de que fazer o serviço doméstico era uma expressão de sua sinceridade em relação a ele. Considerar o serviço doméstico um sacrifício é injusto. Preciso discriminar todas as tarefas clara e minuciosamente. Isso me fará forte. Executarei todo o serviço doméstico sem dificuldade e seguirei expandindo o caminho de minha própria existência. De um lado, cumprirei meu dever de esposa e, de outro, seguirei vivendo como uma mulher que possui um espírito sem pestanejar. Isso não será nenhuma contradição em minha vida. Acredito que a realização de meu amor conseguirá seguir com certa harmonia por essas duas linhas paralelas, pensou Yuko.

Essa ideia conseguiu acalmar um pouco os pensamentos confusos de Yuko. Depois de realizar o serviço doméstico com prazer, ela conseguia retomar o trabalho no quarto com tranquilidade e descontração. Havia certa alegria nessa disposição descontraída. Ela conseguia observar o humor de Nitta com extrema objetividade novamente. Os dois desfrutavam cada vez mais do amor como um casal. Os sentimentos da esposa eram cingidos pela força do marido, infinitamente dóceis e livres de qualquer tipo de egoísmo, algo de extrema beleza para Yuko. Diferente de uma simples amizade — embora tivesse lhe dado esse nome fraterno para associar a vida dos dois a uma parceria — o amor do homem como marido era diferente de um indefinido sentimento fraterno, ele era são e tinha um poder irresistível. Às vezes, Yuko era arrebatada por esse poderoso amor. Quando era arrebatada por esse amor, sem se dar conta, Yuko era faceira e adulava os sentimentos do marido. Entretanto, Yuko deixou de considerar sua coqueteria subserviente. O desejo instintivo que machos e fêmeas possuíam naturalmente se manifestava com essas diferenças sutis de força em seus corpos, o que despertava um profundo encantamento em Yuko.

3

Dois anos se passaram entre ambos. A vida dos dois foi feliz por algum tempo. Ela se agarrava à crença no amor e dissipava constantemente todas as insatisfações e carências.

Entretanto, essa crença no amor logo ameaçou escapar e cair de uma de suas mãos. Inúmeras vezes, os dois esbarravam no fato de que, em suas vidas, além de amarem um ao outro, eles também tinham que brigar um com o outro. Quando precisavam brigar, ela logo se arrependia, no entanto, cada vez que isso acontecia, uma vaga e confusa humilhação costumava remanescer tenuamente em seu âmago. Ela olhava para esse vestígio de desprezo em si mesma com uma amarga, amarga, sensação.

Obviamente, Yuko não abandonou o trabalho em seu quarto. O hábito de longos meses também fez com que Yuko se tornasse hábil na execução do serviço doméstico, e ela podia se dedicar com ainda mais entusiasmo a seus estudos no quarto. Seus colegas artistas, anteriores ao casamento, também passaram a visitá-la com frequência nessa época. Todos eles eram homens. Ela tinha fiéis amigos do sexo masculino. Eram jovens esclarecidos que respeitavam o brilhante talento e a excepcional arte de Yuko, e ela os considerava seus companheiros espirituais. Quando esses amigos faziam visitas, eles gostavam mais de conversar com Yuko do que com Nitta. Yuko, por sua vez, ficava feliz por acolher esses jovens que apreciavam e compreendiam sua arte como havia feito no passado. Yuko, que havia se escondido e permanecido afastada da sociedade durante algum tempo devido ao serviço doméstico, não conseguia conter uma renovada excitação ao se encontrar com esses amigos depois de tanto tempo. Os olhos de todos eles brilhavam com adoração juvenil pela arte. Apenas observar esse brilho fazia seu peito se agitar de alegria. As palavras dos amigos, ardendo com um novo anseio, não paravam de fazer seu coração vibrar alto e forte depois de tanto tempo. Ela se separava deles embriagada de alegria, uma vívida alegria que a fazia desejar tomar as mãos desses jovens e dançar no vasto céu das aspirações artísticas.

Depois disso, quando ela despejava todos esses anseios artísticos sobre Nitta e esperava que Nitta energicamente acalmasse essa intensa excitação, Yuko imediatamente ficava desapontada como se tudo tivesse escurecido. Isso se dava porque não havia ninguém mais mesquinho e frio do que Nitta nessas ocasiões. Com a expressão de quem estava no auge do mau humor, ele caía em um estranho silêncio. Yuko se sentia miserável quando o pungente silêncio do homem, que parecia esmagar todo o tipo de dor como dentes, atingia seu peito embebido em aspirações e tristeza, como uma lâmina. Yuko prendia a respiração, ofegante e sufocada, e só lhe restava perguntar calmamente por que o homem estava com essa expressão de descontentamento. Em uma dessas ocasiões, Nitta disse:

— Bem, você precisa se relacionar com pessoas desse tipo?

— E por que não poderia me relacionar com elas?

— Não há uma razão, é porque se relacionar com esse tipo de gente me incomoda.

— Como pode dizer uma coisa dessas?

Surpresa com a grande falta de compreensão do homem, Yuko se calou e olhou para o rosto de Nitta.

— Você não me leva nem um pouco a sério, não é mesmo? — disse ela com calma. — Estes amigos, para mim, são os amigos mais valiosos e pelos quais sinto uma imensa gratidão. Por que não posso me relacionar com eles? Não é curioso? Acho que não tenho o direito de fazer objeções a seus amigos. O mesmo vale para você. O que lhe dá o direito de fazer uma objeção dessas?

— Não é uma objeção. É porque não me agrada que você fique conversando com esses jovens.

— Ora, como você é ignorante! Como é mesquinho! Não percebe que me insulta assim? Você não reconhece minha liberdade?

Ela praguejou ainda mais contra o homem. Disse que não estava fazendo nada errado.

— Você não quer que eu veja ninguém? Que eu viva solitária? Não posso ter amigos?

Yuko ficou triste e chorou. Nitta lhe parecia muito cruel. Um homem de pedra sem compaixão ou compreensão. Ela se encheu de ódio pelo homem.

— Eu estou errado. No entanto, não posso fazer nada — disse Nitta.

Nitta não podia fazer nada em relação a esse estúpido e grotesco ciúme. Não lhe passava pela cabeça franquear o caminho da vida da mulher.

— Perder cem amigos não a tornará solitária. O que a leva a pensar isso? Eu não possuo muito mais compreensão e compaixão para com você do que seus cem amigos? Você não precisa de amigos. Melhor ficar só.

Yuko chorou com mais intensidade ainda. Que tristeza de vida! Yuko apenas continuou a chorar amaldiçoando o homem.

O amor dos dois eventualmente os fez virar essa página. Envergonhado por seu ciúme, Nitta pediu desculpas a Yuko. Era natural que a mulher se sentisse insultada. Yuko retornou à sua animada existência. Ela podia conversar livremente com Nitta sobre as palavras apaixonadas de seus amigos com entusiasmo.

— É tão bom nos entendermos! É uma felicidade! Não posso desapontar Yuko de forma alguma — jurou Nitta, então, para si mesmo.

Entretanto, isso também foi temporário. Nitta não conseguia, de modo algum, apagar o descontentamento que sentia depois que Yuko recebia seus amigos. Com uma expressão aborrecida e sombria no rosto, Nitta não dirigia a palavra a Yuko por algum tempo.

— Ele realmente está sofrendo. Ele se esqueceu de como era nosso casamento. Ele não passa de um homem comum. Um homem que não consegue entender a mulher de uma nova maneira.

Embora Yuko, às vezes, criticasse Nitta sozinha, cada vez que fazia isso, ela sabia que uma terna compaixão pelo homem escorria como a água do degelo.

Ela precisava se encolher nas profundezas do desespero de sua escura vida. Ela não tinha motivo para temer o marido, porém, não suportava olhar para a expressão descontente de Nitta.

— Você não confia em mim. Não me compreende. Você me ofende.

Mesmo que dissesse isso diante do homem repetidas vezes, a dor do homem que não conseguia controlar esse ciúme acabava despertando sua compaixão e ela terminava por lhe perdoar tudo. Como resultado, ela naturalmente passou a evitar seus amigos. Os jovens artistas sem mácula e que lhe eram próximos, em algum momento, foram afastados por Yuko.

— Estou um pouco ocupada agora...

— Há visitas em casa...

Dando-lhes essas desculpas, ela procurava reduzir um pouco o sofrimento de Nitta. Quando Yuko não se encontrava com os amigos, Nitta mantinha o rosto voltado para baixo como alguém que confessa seus pecados perto de Yuko. Nessas ocasiões, eles se amavam ainda mais profundamente.

Entretanto, Yuko se sentia sozinha. “O que devo fazer?” Ela olhava ao seu redor como se examinasse o ambiente em constante irritação. Yuko, que desejava expandir sua vida, não podia deixar de ficar triste por esta, ao contrário, contrair-se e tornar-se cada vez menor. Ter que viver sozinha, grudada em Nitta, era muito sufocante para Yuko. Embora Yuko não amasse ninguém além de Nitta

presentemente, ela não conseguia deixar de desejar ter os amigos artistas ao seu redor. As ideias destes lançavam diversos matizes no pensamento de Yuko e, assim, davam novo alento ao desejo artístico que soçobrava nela. Para Yuko, essas pessoas eram um estímulo. Yuko precisava abrir mão até mesmo desses preciosos amigos por Nitta.

O próprio Nitta tinha vários amigos. Obviamente, eles não eram do outro sexo. Nitta se reunia com essas pessoas e as visitava. Se Yuko sugerisse que Nitta cortasse as relações com esses amigos, qual seria a sua resposta?

— Eles são importantes para mim — diria, sem dúvida.

Homens e mulheres não são iguais? Por que Nitta podia ter amigos enquanto eu não?

“Se fizesse amizade com pessoas de meu sexo, com certeza não haveria problema algum.”

Depois que isso lhe ocorreu, Yuko ficou desapontada ao pensar que não havia nenhuma pessoa de seu sexo de quem desejasse fazer uma verdadeira amiga.

Nessa época, Nitta traduzia um longo romance estrangeiro. Nitta precisava realizar os mais diversos tipos de trabalho para ganhar o sustento dos dois. Yuko achava absolutamente humilhante uma mulher ser forçada a viver à custa do marido, então, em parte como uma forma de estudo, ela pegava os trechos mais fáceis e ajudava com a tradução. À noite, zelosamente, ela também reconfortava o exausto Nitta. Durante o dia, ela estava ocupada com o serviço doméstico. Nitta também reconfortava Yuko. Enquanto os dois se sentavam frente a frente no quarto de Nitta, fazendo a caneta correr, ajudando-se mutuamente a buscar sentidos e a explicar suas traduções, o vento que anunciava as novas folhagens do mês de junho soprava do lado de fora da janela e enchia o cômodo com o aroma das árvores, semelhante ao de saquê fresco. Os dois eram genuinamente felizes. Nitta, em particular, era feliz. Ela tinha talento. E era perspicaz. Não havia reparos a lhe fazer, ela era serena. Ela também era habilidosa em tudo o que fazia. E era exímia para organizar suas atividades. Seu riso amoroso era belo. As visitas dos amigos homens se tornaram escassas e agora ela estava totalmente só. Ela havia conseguido manter até mesmo a mãe, sua família imediata, afastada. E ela estava firme e diligentemente ao seu lado, auxiliando-o com seu trabalho — Nitta pensava que eles levavam uma vida feliz.

— Eu nunca amarei outra mulher — disse Nitta para Yuko.

4

O corpo de Yuko aos poucos perdia o vigor. Sem que pudesse apontar um motivo, ela tinha a impressão de que algo estava errado com ele. Sentia pontadas no peito e dores de cabeça; o cérebro, em particular, estava sempre imerso em um nevoeiro mórbido. Nitta disse que deveria ser porque Yuko se exercitava pouco, porém, Yuko continuava sem vontade de sair de casa.

Yuko ficou horrorizada ao refletir sobre o quanto sua vida havia se tornado acomodada nessa época. Era a acomodação que observava nos doentes cuja enfermidade havia se tornado crônica. Não se incomodar nem um pouco com uma doença, embora ela estivesse dentro do corpo, era uma coisa assustadora. Yuko não era feliz em absoluto. Pois, apesar de Yuko achar que sentia uma felicidade infinita quando o amor dos dois estava em sintonia, essa sensação de felicidade logo se

convertia em uma assustadora e infeliz sensação. E, em todas essas ocasiões, Yuko não deixava de argutamente perceber que o amor de Nitta tendia a ser egoísta. Embora Yuko fosse bastante compreensiva com o fato de serem as circunstâncias nas quais ele se via que inconscientemente tornavam suas exigências em relação à mulher egoístas, o comportamento amoroso desse homem egoísta sempre despertava descontentamento em Yuko.

Às vezes, sua crença no amor parecia estar prestes a ser lançada ao chão. A crença no amor pouco a pouco se desbotava em seu coração. Quando ela procurava preservar a crença no amor, ela também tinha que abraçar um amor egoísta e unilateral. Isso era impossível para Yuko. É extremamente ridículo tentar extrair o sentido de minha existência colocando o amor em seu centro. Não é necessário que eu ame. Eu também preciso estar preparada para brigar com ele por mim. Coisas como a crença no amor me levarão à ruína. Não posso fazer uma coisa tão fraca quanto me perder em nome de algo tão vago e dogmático quanto uma crença no amor, pensou Yuko. Para uma mulher que vivia apenas no interior de um amor tão delimitado, ela abrigava um universo de aspirações um tanto excessivas em seu espírito. Seu coração, às vezes, ficava a tal ponto irrequieto que ela sentia a necessidade de esfaquear as coisas ao seu redor.

Yuko parou de ajudar o marido com o trabalho e passou a se esconder em seu quarto. Ali, Yuko se devotava inteiramente à criação de sua própria arte. Entretanto, para seu horror, o hábito de quase dois anos de serviço doméstico não parava de incitá-la neuroticamente a realizar as mais diversas tarefas. A sequência dessas tarefas surgia em sua mente de modo desavisado e paranoico quando ela estava sentada à escrivaninha e a atormentava. Além disso, não se podia dizer que ela se esquecesse completamente de Nitta. Ela se sentia em paz apenas enquanto Nitta estava ausente, porém, quando Nitta estava em casa, por alguma razão, sua atenção se dirigia a ele e perturbava suas reflexões.

A caneta de sua produção literária não avançava nem um pouco. Dias de alheamento se seguiam enquanto estava no quarto. Ao final, Yuko sofria sozinha, pensando ser alguém incapaz de criar um mundo todo seu. Seu estado físico se tornava cada vez mais parecido com o de alguém que sofria de histeria. Às vezes, ela chorava intensamente e se irritava. Até mesmo sentir a energia produtiva que transbordava do corpo de Nitta era motivo de inveja para Yuko. Então ela odiava a força da autoridade invisível do homem que constantemente consumia sua vida.

Yuko passou a atacar e a se opor ao homem com maior frequência. Depois que passou a sentir prazer em iniciar brigas com ele sem motivo algum, de modo rude e ignorante, ela sentia orgulho; era como se, apenas nesses momentos, ela o tivesse subjugado. Nitta acreditava, de modo errôneo, que se comprazer dessa forma com sentimentos grosseiros era uma característica da personalidade dela que havia permanecido oculta até então e que se revelava agora. Nitta não podia deixar de criticar esse comportamento egoísta da mulher. O bom entendimento e a conexão espiritual entre os dois se perdeu. Até tentarem se entender era humilhante para ambos. Os dois que, no início, juraram e acordaram seguir o caminho da vida mais elevada, agora se desprezavam como se um considerasse o outro uma pessoa mesquinha e vulgar.

“A culpa é do casamento”, isso era o que tanto Nitta quando Yuko não podiam deixar de pensar. Não havia nada de sublime e espiritual como inicialmente haviam

imaginado no casamento dos dois. Havia apenas uma união da carne. Eles dariam continuidade a um amor de animais baseado apenas nessas impressões — foi o que Yuko chegou ao cúmulo de pensar.

“Na verdade, a submissão da esposa, a devoção da esposa, a castidade da esposa e a discrição da esposa fazem parte de uma etiqueta de vida especialmente escolhida como um grande meio de embelezar a vida conjugal. É preciso aprender a etiqueta da vida conjugal em vez de uma moralidade feminina e viver escondida à sua sombra para suportar a exposição à humilhação da vida conjugal”, escreveu Yuko, revoltada, no canto de uma folha de papel certo dia.

Entretanto, passado algum tempo, a inteligente Yuko se esforçou para reabilitar sua própria vida mais uma vez. Ela pensou que, se não fosse possível jogar sua existência atual fora, restava adaptá-la para deixá-la a seu gosto. Ela decidiu seguir o destino feminino no qual havia adentrado e buscar um novo eu no interior dele. Embora essa fosse uma desditada decisão, ela acreditava que isso lhe permitiria dar uma direção para seu espírito durante algum tempo.

Seus esforços não foram vãos. Uma crítica escrita por ela enfim foi publicada, ela logo recebeu os elogios de alguns jovens e ganhou reputação. Esse texto, no qual expressava sua opinião sobre a vida de uma mulher presa no casamento com pungência, revelava a meticulosidade de seu pensamento, a franqueza de sua expressão e o ardor de suas emoções. Os homens a celebravam, diziam que a jovem tinha potencial e que, diferente das outras mulheres, havia uma centelha de consciência em suas ideias. Depois que esse texto foi publicado, Yuko voltou a receber a visita de muitas pessoas. Os antigos amigos artistas, que outrora se afastaram dela, também apareceram. Ela ficou feliz em revê-los. Curiosamente, também havia homens ao seu redor que tentavam lhe dirigir sentimentos de particular intimidade. Ela também não sentia nenhum tipo de desprezo por eles.

Ao mesmo tempo, a situação no lar melhorava. Nitta também estava contente por Yuko realizar seu próprio trabalho pela primeira vez depois do casamento. Yuko, a seu turno, não podia deixar de ficar feliz ao notar isso. A vida de Yuko começava a brilhar. Tudo era motivo de orgulho para Yuko. Até mesmo cuidar do serviço de casa lhe dava uma sensação de orgulho que não se recordava de ter sentido antes.

— Uma mulher que, de um lado, arruma a casa e, do outro, procura se estabelecer na sociedade no mesmo ritmo que um homem, sem dúvida, trabalha duas vezes mais do que um homem. Independentemente da diferença de força, a mulher é superior em termos de quantidade de trabalho.

Esse tipo de orgulho aumentava ainda mais essa energia de Yuko na realização de suas atividades.

5

Os dois também puderam voltar a se amar com tranquilidade. Livre das perturbações de sua vida cotidiana, Yuko podia se concentrar totalmente em seu universo criativo. Nessa época, ela conseguia deixar de lado parte do serviço doméstico, que considerava tão importante, sem peso na consciência.

Foi bem na época em que Yuko fazia um grande esforço para não ceder à nebulosa atração por certo homem de seu círculo que procurava se tornar mais

íntimo dela. Yuko descobriu que havia algo errado com seu corpo e isso a deixou cismada por um bom tempo. Então, quando soube que estava grávida, ficou chocada como se tivesse esbarrado em um fato inesperado. Nesse dia, Yuko passou o dia inteiro chorando em seu quarto.

“Está tudo acabado!”, pensou.

Em triste desespero — em vez de pensar na tolice de acreditar que os dois nunca teriam filhos — Yuko não parava de pensar com desalento na nova responsabilidade que seria acrescida à sua vida a partir de então.

— Agora também tenho que pensar em ser uma boa mãe. Preciso pensar na responsabilidade de ser mãe.

Nitta não se compadecia nem um pouco com esse desespero de Yuko. Nitta estava feliz pelo fato de terem um filho.

— Você está feliz por eu me tornar uma escrava? Você se regozija por eu ter que sacrificar minha vida por você e por uma criança.

Yuko disse isso a Nitta em lágrimas. Nitta ficou calado. Preciso pensar na minha responsabilidade para com a criança tanto quanto você. Eu apenas não tenho que sentir a dor do parto. No entanto, não há nada que possa fazer a esse respeito. Nitta pareceu um homem tão pérfido aos olhos de Yuko que ela não fez nenhum comentário sobre isso.

Yuko também se envergonhava de seu corpo diante das outras pessoas. Yuko sentia um profundo embaraço especialmente em relação a este homem por quem se sentia atraída. Por que será? Yuko não gostava sequer de pensar sobre isso.

— Depois que a criança nascer, prometa que a entregará imediatamente a algum lugar. Há algo mais importante do que uma criança para nós, não há?

Quando Yuko disse isso, Nitta concordou. Se cuidar de uma criança for um empecilho para que escreva, podemos fazer isso, disse Nitta. Obviamente, Nitta amava mais Yuko do que essa criança que ainda não havia nascido.

— Por que as mulheres têm que ter filhos?

Yuko amaldiçoou esse destino natural da mulher. O ódio por Nitta voltou a perturbar suas emoções. Yuko saía de casa em desespero dia após dia. Uma exasperação que a fazia querer destruir o corpo chocando-se contra alguma coisa impedida que ficasse parada.

Entretanto, seu corpo estava ainda mais sadio. A criança em seu ventre, ignorando a angústia da mãe, crescia mês a mês. A criança em seu ventre procurava transmitir o sutil calor do amor desse útero ao toque da mãe como se desejasse exortar o amor materno. De vez em quando, Yuko era estimulada por essa sensação.

— Autoconsciência. Isso me faz ter consciência de que sou mulher.

Yuko não conseguia escapar de seu desespero. Ela abandonou o trabalho que estava fazendo. Sem se importar com isso, dez meses se passaram em um piscar de olhos.

Um adorável menino nasceu no inverno de seu terceiro ano de casados.

Nitta escolheu um bom nome para o filho. Yuko, que havia insistido em mandar a criança para algum lugar assim que ela nascesse, parecia ter se esquecido disso e não tocou no assunto depois do parto.

— Responsabilidade materna.

Para Yuko, esse tipo de coisa não tinha significado. Yuko não pensava em nada além de amar o que ela amava agora. Suas emoções se encontravam no limite da

tensão por ela amar o que amava. Ela não conseguia deixar essa criança nos braços de outra pessoa nem por um segundo. Completamente envolvida por um amor belo e natural, nada mais lhe ocorria a não ser contemplar esse adorável ser.

Yuko teve que colocar uma babá para cuidar dessa criança. O trabalho diário de Yuko aumentou ainda mais. Entretanto, esse tipo de trabalho não incomodava Yuko nem um pouco. Não era raro que ela não dormisse o suficiente à noite por causa da criança. Ela não negligenciava sua atenção nem por um segundo enquanto procurava notar as expressões de dor no pequeno rosto do pequeno ser. Com toda a atenção, todos os cuidados e precauções para com o pequeno ser, ela não tinha tempo para pensar em si. Os olhos de Yuko estavam vermelhos devido às noites insones e a textura de sua pele estava horrivelmente áspera e pálida, no entanto, ela não se sentia nem um pouco cansada. Nitta, que não aguentava mais observar o estado lastimável de Yuko da manhã à noite, começou a falar em dar a criança para alguém.

— Como posso entregá-lo nas mãos de outra pessoa? Eu mesma cuidarei dele. Ele é tão adorável! Responsabilidade materna, sacrifício materno, eu transcendi todas essas coisas. Não penso em mais nada disso — disse Yuko.

6

Seu espírito voltou a despertar para as aspirações mundanas. Segurar o adorável filho nos braços se tornou insuficiente para satisfazer seus desejos em relação à vida. Quando via que Nitta, em particular, precisava trabalhar o dobro do que trabalhava antes, ela não podia ficar parada observando seu esforço. Ela achava que precisava ajudá-lo ao menos no aspecto material.

Ela ia para seu quarto com o bebê nos braços. Porém, o bebê não parava de atrapalhar seu trabalho. Quando o ímpeto criativo se apossava de Yuko, ela se limitava a derramar lágrimas, abraçada ao bebê sem conseguir odiar ou gritar com esse adorável estorvo. Depois que lágrimas de inexplicável frustração caíam de seus olhos, impotente, ela abraçava essa pequena existência como se não houvesse mais forças em seu corpo.

A babá era inútil para cuidar da criança. De fato, ela perturbava mais do que ajudava. Nitta a aconselhou a chamar sua mãe ao menos para aliviar o trabalho com a criança. Embora a mãe fosse uma boa pessoa, ela não era alguém que realmente conseguisse compreender a vida de Nitta e Yuko. Era uma mulher que parecia acreditar que todas as pessoas tinham a mesma mentalidade que a dela. Tanto Nitta quanto Yuko precisavam sempre ostentar sorrisos amarelos diante dessa mãe.

A mãe prontamente veio para junto da filha e do neto, mas Yuko, que não estava acostumada a cuidar de um bebê, não ficou nada feliz por esta se dar o peculiar direito de lhe dizer o que devia fazer. A ideia de Yuko de como criar o filho era completamente diferente daquela da mãe. Yuko se queixava disso com a mãe todos os dias e, auxiliada pela licença das relações familiares, Yuko brigava com a mãe. A sensibilidade de Nitta, que se interpunha entre as duas, também aborrecia Yuko.

“Se ela fosse mãe de Nitta, sem dúvida, eu teria muito mais paciência”, era o que pensava quando decidiu que já era hora de sua mãe ir embora. A mãe também

não podia oferecer sua ajuda nesta casa por muito tempo. Ela tinha que cuidar dos netos, filhos dos irmãos de Yuko.

Yuko voltou a manter a criança perto dela. Não raro, ela lia carregando o bebê nas costas ou fazia a caneta correr enquanto o amamentava. Embora o bebê crescesse saudável e forte, de vez em quando, a febre se manifestava em seu pequeno corpo, assustando a jovem mãe, ou ele chorava desamparadamente, sem que a mãe compreendesse o que ele queria. Como no período posterior ao casamento, quando Yuko passou algum tempo sem conseguir trabalhar neste quarto, ela não conseguia realizar nem metade do trabalho que desejava.

— Quanto tempo eu tenho para mim, afinal de contas?

Yuko voltou a pensar em seu tempo. Diferente da época em que apenas o serviço doméstico a ocupava, agora que o bebê a ocupava, ela não conseguia fixar horários para si mesma. Ela não tinha alternativa senão tirar proveito de inesperadas aberturas de tempo do bebê. Ela não tinha alternativa senão realizar seu verdadeiro trabalho durante esses intervalos.

No entanto, logo um segundo hábito entrou na vida dela. Da mesma forma que, primeiro, conseguiu deixar parte do serviço doméstico por fazer sem peso na consciência, ela também conseguiu moderar sua atenção em relação ao bebê. Moderação em tudo era a melhor coisa. Ela se tornou capaz de seguir um raciocínio enquanto estava na companhia do bebê, organizar ideias enquanto estava em pé na cozinha e de sintetizá-las enquanto lavava a roupa. Ela conseguia permanecer calmamente sentada à escrivaninha enquanto ouvia o bebê chorar.

Essa não era realmente uma misteriosa força da existência? Ela conseguia dividir, conciliar, seccionar, isolar e organizar suas duas ou três existências. Observada do exterior, a vida dela era bem trágica. Porém, mesmo se encarregando do serviço doméstico, ela publicava mais obras literárias e escrevia mais críticas do que antes. Ela parecia padecer sob o jugo do inevitável destino feminino que procurava sobrepujar com esforço e determinação. Uma vida miserável, digna de comiseração, entretanto, ela própria não sentia isso. Havia o orgulho de uma mãe pelo filho, a autoridade de uma esposa em relação ao marido, além do orgulho em relação à sua arte, um orgulho que ela evitava interpretar como orgulho. Devia ser chamado de amor, não de orgulho. O amor pelo filho, o amor pelo marido e o amor por si mesma. Tudo era amor. Sua vida era amor. A força de minha vida é a força do amor, pensava.

Ela acreditava que sua percepção do amor era realmente vasta e ilimitada. Diferente de sua crença anterior no amor, desta vez, ela havia passado a considerar a si mesma como a encarnação do amor. Irradiando contentamento, ela não se descuidava de criar seu mundo.

Estes problemas da vida de Yuko, será que eles nunca mais se repetiriam? Provavelmente ela teria uma segunda criança. Então, como havia se sentido atraída por aquele homem na época em que estava grávida do primeiro filho, ela passaria por novas tentações. Pois sua sensibilidade artística inevitavelmente a tornava suscetível a fascínios e atrações de todos os tipos. — Seu universo criativo se expandiria ilimitada e infinitamente quanto mais adentrasse nele. Nessas ocasiões, ela teria que confrontar sua atual vida de amor de novo. Não seriam pequenas batalhas como as que de vez em quando lampejaram em sua vida até então, mas batalhas maiores, sem dúvida, afligiriam sua alma.

E, quando por fim compreendesse que não era possível escapar da inevitável e triste sina de uma mulher, ela invocaria uma nova “vida de amor”.

Chūō Kōron, 1915

Esplendor

Tradução de Karen Kazue Kawana

1

Komatsu havia exaurido quase todos os seus recursos e não dispunha nem mesmo do que trocar por dinheiro. Pensando em ir até a casa de Nonose para obter um empréstimo, ela subiu em um riquixá quando anoiteceu e foi a Yûrakuchô.

Nonose estava resfriado e repousava no andar de cima.

— É tão tarde! Está vindo de algum lugar?

Kaneko, sua esposa, surgiu dizendo isso com um sorriso franco no rosto de compleição escura. Ela tratava Komatsu sem reservas em ocasiões como esta, dispensando-lhe um acolhimento particularmente amistoso.

— Você está voltando de algum lugar, não é mesmo? Não está vindo de sua casa, certo? A uma hora destas!

Seu olhar risonho dizia que ela sabia de onde Komatsu estava vindo. Evitando dar uma resposta, Komatsu observava, absorta, as mãos de Kaneko que servia o chá. Ao ver a expressão acolhedora de Kaneko, Komatsu ficou comovida e, sentindo-se mais à vontade, pela primeira vez, teve vontade de se abrir e falar com calma sobre os últimos acontecimentos. Kaneko descrevia animadamente a sua ida ao *Tori-no-Ichi*, no dia anterior, mas, como se tivesse se recordado subitamente de algo, foi à sala adjacente, abriu a gaveta de uma cômoda e voltou trazendo um corte de tecido tingido que estava embrulhado em um lenço. Ela o estendeu diante de Komatsu.

— Tingi o tecido que você me deu nesta cor linda. Dê uma olhada. Como minha pele é escura, tingi nessa cor, você acha que combina comigo?

Ela havia tingido o corte de seda que Komatsu havia lhe dado com uma cor escura. Komatsu o tomou nas mãos com um movimento rápido, observou a cor e a elogiou. Então Kaneko retirou da gaveta um quimono que Komatsu havia lhe dado e que havia mandado ajustar.

— Você tem tantos quimonos melhores, não precisava ter tido esse trabalho — disse Komatsu, com um sorriso sem graça, olhando de longe para o quimono nas mãos de Kaneko.

A luminária, trazida do outro cômodo para a sala, estava pendurada perto da cabeça de Komatsu. O brilho de sua lâmpada incomodava os olhos de Komatsu, que havia começado a sentir dor de cabeça desde que entrou nesta casa. Quando Kaneko

foi guardar esses artigos outra vez na cômoda, Komatsu a seguiu até a sala adjacente pouco iluminada para lhe pedir dinheiro.

— Muito bem, vou falar com Nonose.

Kaneko foi ao andar de cima em seguida. Komatsu voltou para junto do braseiro e observava o *kumade*¹ recém-comprado de cor vermelha que estava sobre o guarda-louça quando Nonose finalmente desceu. Ele se curvou diante de Komatsu, em um cumprimento formal, e, como se isso lhe fosse penoso, sentou-se no lugar antes ocupado por Kaneko vestindo um quimono acolchoado. O rosto de contornos definidos, com nariz alto e boca bem delineada, tinha uma aparência borrada e disforme devido aos olhos inchados por causa da febre. Com o rosto voltado para a luz, Nonose expelia o fumo pelo nariz com ar enfermiço.

— Está gripado?

— Sim.

Nonose pensava em algo enquanto fumava seu cachimbo e, no momento em que o bateu contra o braseiro para derrubar as cinzas, disse:

— A viúva Toda veio aqui antes de ontem.

— O que ela queria?

— Ela disse que gostaria de ficar com Mieko.

Komatsu ergueu seus belos olhos emoldurados por longos cílios e os fixou sobre o rosto de Nonose.

— Além disso, ela ouviu dizer que seu comportamento continua deplorável e, por isso, acha que deixar Mieko com você seria prejudicial para o futuro dela.

Komatsu voltou o rosto para baixo com ar descontente. Kaneko havia descido do andar de cima em silêncio e colocava mais carvão no braseiro.

— Ela pode dizer o que quiser, mas se eu não quiser abrir mão de Mieko, acabou a conversa, não é mesmo? — disse Komatsu, depois de algum tempo, como se explodisse sob a pressão da dor que reprimia.

— No entanto, veja, você também devia refletir bem sobre o assunto. O que pensa em fazer daqui para frente ficando com Mieko? Acabará perdendo tudo o que possui e, quando esse dia chegar, passará por dificuldades, não tem pena dela?

Ter sua situação atual, instável como se suas costas estivessem em fogo, exposta por Nonose de modo tão claro era penoso para Komatsu.

— Eu sei disso — apressou-se em dizer, interrompendo as palavras de Nonose.

Nonose se calou com uma expressão contrariada e bebeu o chá quente que Kaneko lhe serviu. Então seus olhos se moveram das roupas de Komatsu, confeccionadas inteiramente em seda, para suas bochechas pálidas e emaciadas, extenuadas pela situação em que ela se via. Alguns fios de cabelo macios haviam escapado do penteado e as tocavam.

— Na verdade, não tinha qualquer intenção de falar sobre sua vida. Mesmo quando a viúva Toda veio aqui, sugeri que ela conversasse diretamente com você. Acabei tocando no assunto porque a vi.

Komatsu ficou em silêncio.

Na época em que Toda, marido de Komatsu, estava vivo, as pessoas rumorejavam que Nonose, um homem excessivamente bonito que atuava como gerente dos negócios da família e tinha franco acesso à sua casa, seria amante de

¹ Ancinho decorativo adquirido no festival *Tori-no-Ichi* feito de bambu com vários talismãs para atrair boa sorte e prosperidade.

Komatsu, a extravagante mulher do patrão. Mesmo depois da morte de Toda, Nonose consolava Komatsu, que não conseguia viver com a ríspida sogra e o cunhado e a esposa despóticos, mas, embora Nonose se esforçasse em melhorar a posição periclitante de Komatsu às escondidas, esta fazia o que tinha vontade e passou a sair para se divertir sozinha, indo aos lugares que costumava frequentar com o marido dissipador e, fazendo jus à sua reputação, esbanjava o quanto podia. O boato era que Nonose e a esposa rondavam Komatsu e faziam com que ela gastasse seu dinheiro. Assim que ouviu esse boato, Nonose se retirou da casa dos Toda de imediato e deixou de frequentá-los. Mesmo depois que Komatsu saiu da casa da família, no quinto ano após a morte do marido, levando consigo a filha mais nova, Mieko, e deixando para trás apenas Jun'ichi, o filho mais velho e herdeiro do marido morto, Nonose se manteve totalmente à distância. Nessa época, Nonose havia ouvido falar que Komatsu tinha um caso com um ator. Obcecada apenas em se divertir, ela também dissipou a fortuna que havia recebido ao deixar a casa dos Toda em um piscar de olhos e, embora Nonose tivesse conhecimento de que, às vezes, ela pedia que Kaneko a ajudasse a vender algumas coisas, ele se mantinha em silêncio enquanto observava, com indiferença, a que ponto Komatsu havia se arruinado.

Por alguma razão, esses altos e baixos de incidentes ocorridos entre ele e os Toda no passado, bem como sua relação de amizade com a família, pairavam agora na mente de Nonose. Um deles, o sincero esforço que havia despendido para ajudar a esposa de seu patrão, o falecido Toda, a quem desejava ser leal, revolia intensamente em seu coração. O passado em que o espírito frívolo da esposa também havia tripudiado sobre essa sinceridade como uma coisa sem valor, e a consciência de que era tarde demais quando observava sua ruína, deixavam o coração de Nonose pesado. Uma alma de menina pródiga e ignorante do mundo transparecia em algum lugar na expressão desse rosto cansado que, voltado para baixo, parecia comovente aos olhos de Nonose. Ele os afastou do rosto de Komatsu e permaneceu em silêncio por algum tempo.

— Deixem a questão de Mieko para depois, agora, o assunto é dinheiro. Neste momento, isso é mais urgente para ela, não é mesmo? — intrometeu-se Kaneko, porém, depois de bater na cabeça que parecia pesada com as mãos duas ou três vezes e de friccioná-la energicamente, Nonose não deu resposta.

— Se bem que não há muito dinheiro em casa, mas acho que podemos dar um jeito — continuou Kaneko, com cálida consideração e gentileza em sua loquacidade.

Por fim, Nonose pediu que Kaneko lhe trouxesse a carteira, puxou cerca de dez notas de cinco ienes de seu interior e as colocou diante de Komatsu.

— Quando trabalhava para o senhor Toda, as pessoas diziam que eu devia estar ganhando rios de dinheiro. Mas, como vê, por alguma razão, eu continuo pobre. Se lhe der estas notas, não terei mais nada — disse Nonose rindo.

Ele pediu licença porque sentia calafrios e logo foi para o andar de cima.

Komatsu sentiu alívio quanto ficou a sós com Kaneko e observou seu rosto com simpatia.

— As coisas vão se resolver de uma forma ou de outra, melhor não se preocupar demais. É impossível pedir que uma pessoa habituada ao luxo como você se torne frugal de repente, não é mesmo?

Kaneko retirou os *mochi* coloridos que havia comprado na feira e começou a grelhá-los no braseiro. Ela ouvia Komatsu lhe falar sobre a velha empregada que vivia em sua casa e sobre Mieko.

— Você ainda é jovem e bonita, vai ficar bem. Ainda pode esperar por muitas coisas boas da vida, então, não se preocupe.

As palavras esperançosas de Kaneko se impregnaram em Komatsu. A dor agonizante que parecia sufocá-la enquanto estava sentada na frente de Nonose há pouco havia desaparecido e ela via um mundo esplêndido como o de seu passado se estender diante de seus olhos. Como um destino sombrio poderia se infiltrar em um mundo tão esplêndido quanto esse? Procurando deliberadamente não se voltar para as profundezas deste pavoroso destino no qual ela afundava pouco a pouco no presente, Komatsu fixava seus olhos no vazio como se o desafiasse. Entretanto, o sangue no branco de seus olhos cansados inspirava pena.

— Ora, você ainda tem essa presilha! — disse Kaneko, fitando a cabeça de Komatsu.

Komatsu passou as mãos sobre os cabelos e tocou em uma presilha de ouro na qual havia um diamante. Ela a retirou e a depositou sobre o colo sorrindo.

— Você ainda usa uma presilha dessas nos cabelos!

— Na verdade, tinha me esquecido completamente dela. Mesmo tendo o hábito de colocá-la todos os dias quando arrumo os cabelos.

— Se ainda possuir coisas desse tipo, pode vendê-las e viver com o dinheiro por algum tempo.

— Não posso, não tenho mais nada. Perdi tudo. Realmente tinha me esquecido desta presilha. Fique com ela — disse Komatsu.

Ela já não trazia nenhum anel nos dedos há muito tempo.

— Sua situação não é assim tão ruim. Vendendo só esta presilha, você conseguiria o mesmo valor que Nonose lhe deu agora, e bem rápido.

— Não preciso dela, vou deixá-la com você. Nonose também precisa do dinheiro, então, se tiver alguma utilidade para ela, fique à vontade — disse Komatsu, entregando a presilha a Kaneko.

— Quando pensar que não tem nada, mais presilhas assim surgirão de suas gavetas! — disse Kaneko rindo.

2

Otoku ainda estava desperta e costurava. A nuvem lúgubre que ainda pairava no interior da casa jogou um balde de água fria no ânimo de Komatsu e a deixou irritada. Komatsu se sentou perto de Otoku como se ainda estivesse imersa em suas fantasias e observou a empregada que, como sempre, estava calada e com uma expressão severa e mal-humorada.

Otoku tinha muitos cabelos brancos para alguém de cinquenta anos, com eles presos por um pente no alto da cabeça e o rosto liso, inchado e pálido, voltado para baixo, ela costurava uma blusa vermelha para Mieke. Os dedos de ambas as mãos estavam meio encobertos pelas mangas de seu quimono, enquanto Komatsu observava aquele grande corpo manuseando a agulha, curvado e murcho, aos poucos ela começou a sentir pena de Otoku. Seu rosto mal-humorado estava

particularmente desalentado esta noite. Depois de um longo intervalo sem que a empregada ou a patroa falassem algo, Komatsu, por fim, disse:

— Vá dormir.

E começou a despir o quimono, porém, como Otoku disse que continuaria acordada e mexia no tecido, Komatsu cobriu os ombros com o quimono que estava prestes a retirar e voltou a se sentar diante do braseiro.

— Acabei de ouvir de Nonose, os Toda querem ficar com Mieke.

Komatsu se recordou dessa conversa e a contou para Otoku. Embora não ignorasse que a mulher mal respondia às perguntas que ela lhe fazia nos últimos tempos, Komatsu desejava compartilhar o que sentia com a empregada, que também amava Mieke como se fosse sua própria filha, e prosseguiu, afirmando enfaticamente que, não importava o que acontecesse, ela não se separaria de Mieke.

— Eles já me tiraram Jun'ichi, agora querem Mieke, o que estarão pensando? A viúva Toda é muito egoísta, não é mesmo? Acham que vou entregá-la para eles?

Komatsu disse isso procurando angariar a simpatia de Otoku, no entanto, esta não deu uma resposta de imediato.

— Acho que seria melhor para a menina — disse Otoku, por fim.

— Ir para a casa dos Toda?

— Isso mesmo. Se ela continuar com você, ninguém sabe o que pode acontecer. Mieke seria mais feliz morando com a avó agora.

— Será mesmo?

Komatsu sorriu e se calou. As coisas que gostaria de dizer se agitavam em seu peito, mas, como se as contivesse, ela cerrou os lábios e abaixou a cabeça. Então lágrimas afloraram em seus olhos. Eram lágrimas de uma dor indescritível. Otoku não percebeu que essas lágrimas começaram a escorrer sobre as belas bochechas de Komatsu.

— Você está colhendo o que plantou, não há nada a ser feito, mas tenho pena da menina. Ela é inocente. Não é possível dizer quais dificuldades ela enfrentará se ficar com você.

Komatsu ouvia o que Otoku dizia em silêncio.

— De qualquer forma, não passo de uma simples empregada, se não tiver trabalho amanhã, tudo bem, mas a menina, coitadinha!

Otoku falava com rispidez e grosseria, havia ódio em sua voz.

Otoku veio para cuidar de Mieke quando Komatsu deixou a casa dos Toda. Ela não gostava do irmão mais novo do falecido patrão e da esposa dele e, poder viver com Komatsu e Mieke, era uma inesperada ventura para ela. Otoku sabia que Komatsu tinha dinheiro suficiente para viver confortavelmente pelo resto da vida e desejava servi-la por um longo tempo, até que Mieke, em um futuro distante, encontrasse um bom marido e lhe desse netos. Otoku aguardava com ansiedade o dia, dezenas de anos a partir de então, em que cuidaria dos netos de Komatsu. Porém, a vida desregrada de sua irresponsável patroa em pouco tempo extinguiu esse sonho por completo. Otoku passou a odiar Komatsu a partir desse momento. Quando Otoku, horrorizada, pensava em como uma mulher havia gastado sozinha, em um ou dois anos, uma soma que ela nunca conseguiria juntar mesmo se vivesse várias vidas e guardasse todos os seus parques proventos, Otoku achava que algum castigo divino se abateria sobre sua patroa. Otoku acreditava que Komatsu, que não demonstrava qualquer amor materno pela pequena Mieke e que, enamorada de um ator, havia

perdido tudo, sem dúvida, afundaria na miséria. Depois que tomou conhecimento de que Komatsu estava vendendo suas posses com a ajuda de Kaneko, esposa de Nonose, Otoku fechou a cômoda com as roupas de Mieko à chave e tentava evitar que Komatsu a abrisse. E assim, Otoku vivia nesta casa apenas para fazer companhia a Mieko enquanto imaginava um futuro incerto.

— Por que você diz que tem pena de Mieko? Por que ela seria uma “coitadinha”? Por acaso deixei que faltasse comida na mesa? Que sofrimento estou causando a Mieko? Se você acha que sou uma patroa tão inútil assim, vá logo embora! — explodiu Komatsu com os finos lábios trêmulos e as bochechas tingidas pela excitação.

As insinuações deturpadas e a forma de pensar daquela velha ignorante, que não conhecia nada além dos preconceitos do populacho do qual era oriunda, tocou nos nervos de Komatsu, que ficou enfurecida.

— Não preciso de seus serviços. Cale a boca, você não sabe de nada! — disse Komatsu, virando o rosto para o lado. O esforço que fazia para conter sua cólera abafou suas últimas palavras.

— Se quiser que eu vá embora, posso fazer isso a qualquer momento. Só fique nesta casa até agora por causa da menina.

Otoku guardava sua costura com o rosto erguido, a ponta do nariz redondo, os olhos pequenos e repentinamente aflitos e tristes, esse rosto lembrava uma máscara barata de madeira representando uma velha. Ela logo dobrou o tecido vermelho, colocou a caixa de agulhas sobre ele junto com os demais apetrechos de costura e se recolheu no pequeno quarto ao lado da cozinha.

Komatsu permaneceu desperta com ar abatido depois de ficar sozinha. O amor excessivo de Otoku por Mieko e sua visão preconceituosa, de certa forma, impediam que Komatsu fosse afetuosa com a filha, além disso, Otoku acreditava que sua dissipação as levaria a passar por dificuldades no futuro, mas a raiva e o ressentimento que sentia passaram rápido. Essas coisas logo deixaram de importar para Komatsu. Havia algo mais importante em que precisava refletir. Ela tentou pensar, mas sua cabeça estava pesada, obstruída, e ela não se recordava do que era tão importante. Embora a ideia de ir até a casa de seu irmão mais velho em Osaka levando Mieko para que esta vivesse com ele e a cunhada tivesse lhe ocorrido, Komatsu ainda se dizia que não era isso e espremia seu cérebro.

Uma existência arrebatada por um grande tsunami — Komatsu teve a impressão de ver o terrível destino que a aguardava. A majestosa figura de uma mulher, brilhando em todo o seu esplendor, era engolida pelo tsunami e, em seu lugar, surgia a figura patética de uma mulher que, abraçada à filha, não sabia como sobreviveriam até o dia seguinte.

— Isso nunca vai acontecer — murmurou Komatsu para si mesma.

Uma dama glamorosa, em seu auge, cercada por vários homens e mulheres, essa era ela até ontem. Komatsu se agarrava a essa imagem pregressa e tentava esquecer a presente penúria. Como se quisesse trazê-lo até si, Komatsu conjurou a imagem de Koisaburō, ator famoso no momento, que havia se mantido sempre junto dela naqueles tempos. Ela ainda poderia vê-lo quando quisesse. Ao pensar em Koisaburō, a única pessoa que não havia lhe dado as costas, Komatsu ficou cheia de si, como se ainda estivesse no auge de seu esplendor, e se animou.

Os sentimentos revoltos que irrompiam em Komatsu impediam que ela permanecesse em sua própria casa por um momento sequer. Um profuso e forte vento de inverno soprava sobre a janela ensolarada do quarto no andar superior fazendo com que as folhas avermelhadas e secas batessem contra ela como se a arranhassem. Fechada nesse quarto, Komatsu, que havia dormido até tarde, despertou melancólica e, enquanto pensava que a noite logo chegaria, submergia em sua desolação sem saber o que fazer. O dinheiro trazido de Yûrakuchô há quatro ou cinco dias já havia se reduzido. Ela então se recordou da presilha que havia deixado lá e pensou em ir à casa de Nonose.

Dois dias antes, ela havia ido à casa de chá Chimaki com a intenção de ver Koisaburô mais uma vez, porém, ele não compareceu ao encontro.

— Ele é uma pessoa que não cumpre com a palavra, não é mesmo? Volte amanhã, pedirei que ele venha sem falta.

Foi o que lhe disse a proprietária da casa de chá, e Komatsu foi embora sem vê-lo. Ela se sentia um tanto deprimida e não havia retornado àquele lugar ontem. Porém, ao se recordar disso agora, Komatsu ficou cada vez mais desejosa de rever os quarteirões com suas luzes vermelhas. O prazer de Komatsu agitou seu peito entorpecido pela paixão como se ele o engolfasse, ela queria ir logo à Chimaki, ver o querido rosto de sua proprietária e, então, esperar por seu amante inebriada por doces emoções. Komatsu se levantou e desceu ao andar térreo.

Mieko comia doces, sentada sozinha ali. Ao ver a mãe descer, ela foi ao seu encontro e ficou olhando para seu rosto como se esperasse um carinho, mas Komatsu apenas olhou de relance para a fita vermelha que prendia os cabelos da filha e foi lavar o rosto na sala de banho.

— Mie, a vovó foi para algum lugar? — perguntou Komatsu para Mieko ao retornar, mas esta não lhe disse nada que fizesse sentido, e Komatsu não conseguiu imaginar para onde Otoku teria ido. Ela deve voltar logo, refletiu Komatsu e foi outra vez para o andar de cima onde se preparou para sair, no entanto, Otoku testava a paciência de Komatsu, pois nunca voltava, por mais que o tempo passasse.

— Mie, a vovó disse para onde ia? — perguntou Komatsu, espiando o andar de baixo, onde Mieko ainda comia doces, sentada ao lado da janela na entrada da casa.

— Não sei — respondeu a filha com a boca cheia.

— Para onde será que ela foi?

Komatsu se sentou ao lado de Mieko, mas não conseguia se acalmar. Ela suspeitava que Otoku não havia apenas saído para realizar alguma incumbência.

— A que horas a vovó saiu?

— Quase agora.

— Quase agora, mas quando? Sabe dizer mais ou menos a que horas?

— Então, foi quase agora.

Fazia tempo que Mieko não era envolvida por um dos braços da mãe e, encantada, ela recebia seu afago. Komatsu se levantou e abriu a porta do pequeno quarto ao lado da cozinha. As coisas de Otoku haviam desaparecido das prateleiras do guarda-roupa.

— A vovó foi embora!

Ao ouvir essas palavras murmuradas pela mãe, Mieko se aproximou e espiava o interior do quarto da mesma forma.

— A vovó voltou para casa sem contar para a mamãe.

— Para a casa dela?

— Sim. Que vovó má, não é mesmo?

Komatsu pensou que Otoku havia feito aquilo por ressentir o que ela havia lhe dito algumas noites atrás. Ela fechou a porta do quarto enquanto observava o interior do guarda-roupa vazio com uma sensação desagradável. Komatsu foi para a sala puxando Mieko pela mão e, sentindo-se de repente só, também fechou as portas desse cômodo.

— Ela fez isso para me ver em apuros.

Ela logo pensou no inconveniente de não ter com quem deixar Mieko para sair.

— Vou levá-la comigo.

Komatsu foi até a cômoda de Mieko pensando em fazê-la trocar de quimono. Ela se recordou de que Otoku sempre estava com a chave do móvel e tentava imaginar onde ela poderia tê-la deixado quando olhou sobre a cômoda e a encontrou ali.

O desaparecimento repentino de Otoku fez com que Komatsu se sentisse insegura e deprimida. Ela também começou a achar incômodo sair com Mieko e, enquanto trocava o quimono da filha, hesitou e reconsiderou a ideia várias vezes. A mãe refletia em silêncio sentada perto do braseiro enquanto Mieko se postava ao seu lado, também com ar distraído e calada.

— Bem, vamos sair.

O rosto de Komatsu, até então desanimado, se iluminou e ela foi fechando as janelas e portas da casa, algo a que não estava habituada. E, embora tivesse encostado a porta da frente, Komatsu não se preocupou em trancá-la e saiu puxando a mão de Mieko. Estava calmo do lado de fora e começava a escurecer. Elas subiram em um riquixá no meio do caminho e foram para a casa de Nonose, mas este não se encontrava lá e Kaneko, a esposa, jogava cartas com algumas visitas.

— Que surpresa! Você trouxe Mieko! — disse Kaneko, postada no meio da escada, olhando para Komatsu no andar de baixo.

Kaneko a convidou a subir e, ao chegar ao andar de cima, Komatsu encontrou duas mulheres que conhecia de vista, era com elas que Kaneko jogava cartas.

— As duas estão sendo sangradas aqui, então uma nova jogadora é muito bem-vinda!

A mulher mais velha que disse isso era uma viúva, proprietária de um grande restaurante de comida ocidental em Kyōbashi. A outra, mais jovem, uma amiga de longa data de Kaneko, vivia como concubina de um homem. Ambas receberam Komatsu de modo amistoso. Kaneko abraçou Mieko e beijava suas encantadoras bochechas. Todas elogiavam Mieko, repetindo que ela era linda e adorável.

Estimulada por essa companhia, Komatsu jogou duas ou três rodadas e, como continuasse a perder, foi ao andar de baixo levando Mieko para descansar um pouco. As luzes já estavam acesas e Maki, a empregada, se movia atarefada na cozinha. Enquanto fumava sozinha com os olhos pousados sobre a cabeça da bem-comportada Mieko, ela começou a se sentir desamparada como uma pessoa sem teto

vagando pelas ruas com uma criança, e seu coração ficou estranhamente perturbado. Ela não podia ficar parada ali. Sem saber o que fazer, chamou Kaneko.

— Um segundo, já estou indo!

Kaneko desceu apressadamente assim que pôde, mas, ao ver Mieko em pé com uma expressão aborrecida, olhou para Komatsu e disse:

— Se precisar, posso pedir que Maki leve Mie para casa.

— Na verdade, minha empregada foi embora. Esse é o problema.

— Otoku foi embora? O que aconteceu?

— Ela estava desanimada porque não via futuro para mim. Outro dia, ela se queixou e ficou irritada e eu também acabei dizendo coisas que não devia e só piorei a situação.

— Se ela foi embora, não há o que fazer, mas isso é bem inconveniente para você, não é mesmo? — disse Kaneko com os olhos sobre os dedos alvos e delicados de Komatsu.

Apesar de ter chamado Kaneko para lhe contar isso, sua ansiedade não se abrandou. Komatsu fitava o rosto de Mieko em silêncio.

— As duas irão embora logo. Até lá, fique à vontade. Conversaremos com calma depois disso.

Chamaram por Kaneko e ela imediatamente foi ao andar de cima. Embora também a chamassem para jogar mais uma vez, Komatsu não tinha qualquer vontade de se juntar a elas. Quando Mieko começou a choramingar, ela saiu com a filha e se dirigiu para ruas mais movimentadas.

4

Enquanto Komatsu caminhava a esmo comprando doces e brinquedos para Mieko na rua por onde o bonde passava, a presença da filha, que não se desgrudava dela para onde quer que fosse, começou a aborrecê-la. Com os nervos à flor da pele, às vezes, ela desejava se desvencilhar da pequena. Uma incontrolável exasperação se apossou de Komatsu, e ela teve vontade de afastar Mieko, diligentemente agarrada a seu dedo indicador, com um safanão.

Mieko seguia a mãe para onde quer que ela fosse caminhando sob as luzes brilhantes. Ela vestia um quimono de seda de mangas longas demasiado caro e um casaco do mesmo tipo, mas não trazia cachecol ou capa, e o frio vento noturno deixava suas bochechas avermelhadas. Komatsu caminhava com mais vagar do que a menina pela rua pavimentada, mas quando os olhares que as pessoas lhe lançavam ao passar sob as luzes das lâmpadas se tornaram incômodos, ela apertou o passo como se tivesse se recordado de onde estava. Todas as mulheres que a viam passavam por ela sussurrando alguma coisa. Os homens também passavam voltando os olhos para seu rosto. Ela entrou em uma viela escura puxando Mieko e continuou caminhando. O som dos pequenos passos de Mieko se aceleravam enquanto ela seguia junto da barra do quimono da mãe.

— Mie, você consegue ficar sozinha na casa da tia Kaneko, certo? — perguntou a mãe para Mieko quando cruzavam uma ponte de pedras geladas.

Com a cabeça erguida, Mieko contemplava as belas luzes vermelhas que apareciam e desapareciam ao longe em silêncio. Como Mieko não desse uma resposta, Komatsu se calou e não voltou a lhe fazer outra pergunta.

Ao regressar à casa de Nonose, ela encontrou Kaneko preocupada.

— Mie, você deve estar cansada!

Kaneko envolveu Mieko em seus braços e a levou para perto do braseiro. As visitas já haviam partido e o andar de cima também estava silencioso. Ainda inquieta, Komatsu se aproximou do braseiro.

— Que empregada sem juízo! O que terá passado pela cabeça dela?

Kaneko havia se recordado da conversa anterior e falava com Komatsu enquanto aquecia as mãos de Mieko com as pontas dos dedos.

O coração de Komatsu se conturbava enquanto estava ali.

Ela não suportava ver o rosto de Kaneko, nem ficar sentada nesta casa, e se irritava sozinha. A luz demasiadamente fraca também dava um ar lúgubre à sala e fazia com que Komatsu se sentisse desconfortável. Apesar de Kaneko ter se recordado da conversa, ela não queria nem pensar na velha empregada.

— Você pode sair agora?

— Não há nada que me impeça de sair... — respondeu Kaneko, fitando Komatsu. — Aonde pensa em ir?

— Estava pensando em ir ao teatro.

— É uma boa ideia, posso acompanhá-la! — disse Kaneko, soltando as mãos de Mieko. — De qualquer forma, precisamos jantar antes. Você deve estar com fome, não é mesmo?

— Podemos comer fora — respondeu Komatsu, como se quisesse sair o quanto antes.

— Eu vou junto! — disse Mieko, que ouvia a conversa.

Ela olhava para o rosto da mãe e de Kaneko, a ideia de ser deixada sozinha nesta casa fazia até mesmo seu coração infantil se sentir solitário.

— Claro que vamos levá-la, não iríamos deixá-la aqui! — disse Kaneko, levantando-se irrequieta e trazendo o espelho para perto de si. — Preciso pentear os cabelos — murmurou Kaneko, olhando para o espelho. Então se lembrou de Komatsu e perguntou: — Você não quer se arrumar primeiro?

Ela estava prestes a ceder seu lugar diante do espelho para Komatsu, mas esta respondeu que não era necessário e deixou que Kaneko continuasse a se pentear.

Os preparativos de Kaneko foram demorados. Ela pediu água quente para a empregada e a usou para ajeitar o penteado e limpar o rosto. Enquanto isso, melancólica e com a cabeça cada vez mais pesada apoiada nas mãos, Komatsu estava imersa em seus pensamentos.

Komatsu deixou que Kaneko e Mieko saíssem antes dizendo que iria em seguida e foi sozinha de riquixá até a Chimaki, em Kobikichō. Ela não pensava em nada além de se encontrar com Koisaburō. O riquixá seguia sem que prestasse atenção ao caminho e, quando finalmente chegou à casa de chá, ainda eram oito horas.

Okatsu, uma das empregadas da casa de chá, veio à sala sem revelar qualquer traço de contrariedade no rosto depois de ser avisada sobre a chegada de Komatsu. Okatsu comentou que Komatsu não havia retornado depois do sucedido na última visita.

— Estava preocupada, achei que tivesse ficado ofendida — disse, com uma expressão gentil.

Então pediu que outra empregada fizesse uma ligação para o teatro, mas esta logo voltou e avisou que Koisaburō não poderia vir.

— Se ele não pode vir, não há nada a fazer, melhor deixar para lá.

Apesar de Komatsu dizer isso com clareza e indiferença diante de Okatsu, seu coração relutava em fazê-la deixar o lugar de imediato.

— Há uma mulher que não o larga ultimamente. Bem, é verdade que ele está doente, mas também há esse empecilho. Pode ser que ele não tenha como se livrar dela. Espere mais um pouco. Eu mesma farei a ligação.

Dizendo que Komatsu devia estar com frio e procurando remediar a situação demonstrando cortesia, Okatsu fez com que ela se cobrisse com um quimono forrado. O fogo ardia sob o futon do *kotatsu*. O tecido de seda da parte superior do futon estava tingido com motivos retangulares e de cor roxa na parte inferior. Como Komatsu dissesse que não queria comer nada, Okatsu pediu que outra empregada trouxesse biscoitos e lhe serviu chá quente.

— Liguei mais uma vez para verificar como ele está, não se preocupe. Peça-lhe que espere um pouco — disse Okatsu e deixou a sala.

As luzes das lâmpadas eram refletidas na superfície da porta corrediça como se fossem esferas brancas. Sua base era decorada com um padrão xadrez em tinta negra sobre um fundo prateado. Com as costas apoiadas em uma coluna de madeira, Komatsu aquecia as pontas dos dedos dos pés no interior do *kotatsu* e, embora aguardasse pela resposta da ligação já há algum tempo sozinha nessa pequena sala, nem Onao, a proprietária, nem Okatsu, a empregada, apareceram mais. Komatsu não ousava exigir que essas pessoas se apressassem, sua autoconfiança havia se evaporado como um sonho e, com ar abatido e cabisbaixa, imóvel e calada, seus olhos se fixavam sobre seus joelhos. Os longos cílios lançavam sombras sobre suas bochechas, seu rosto tinha uma expressão contrariada. Quando seu casaco roxo subitamente resvalou do cabideiro em que estava pendurado, Komatsu voltou os belos olhos surpresos em sua direção, mas, ao vê-lo, voltou a abaixar os ombros com desânimo, deu um profundo suspiro e olhou para baixo.

Diferente da época em que esbanjava o dinheiro que tinha de sobra, Komatsu se sentia desconfortável vindo à Chimaki. Antes, suas roupas e objetos pessoais naturalmente reluziam de luxo, mas logo sua situação se tornou tão precária que agora não era mais possível manter as aparências diante dos outros, e Komatsu sofria por surgir tão pobremente vestida diante da proprietária e das empregadas do lugar. No entanto, ao pensar que aquela seria a última vez, ela teve a estranha e um tanto pesarosa sensação de que aquele era o fim de sua relação. Se Koisaburō não vier, não há mais nada a fazer, pensou Komatsu com resignação, e abominou a imagem de “mulher arruinada” que surgiu de modo vívido em sua mente também nesse instante. Ao menos enquanto se encontrava na Chimaki, Komatsu desejava resgatar a antiga magnanimidade e procurava se recordar repetidas vezes de como havia se divertido durante o longo tempo em que frequentou esta casa, porém, uma frieza sombria como as profundezas do inferno espreitava seu coração. A desolação a corroía, era como se, em algum momento, ela tivesse sido separada do glorioso mundo em que tratava seus favoritos — homens e mulheres que a serviam e a adulavam — com prodigalidade e com os quais dispndia cem, mil moedas de ouro, por uma grossa cortina, e ele tivesse recuado para um lugar distante. O interior dessa magnífica cortina era preenchido pelo esplendor de outra pessoa. E seu Koisaburō estava

envolvido com firmeza por esse esplendor. No interior dessa cortina, ela agora via o belo Koisaburō que, no passado, se aninhava adoravelmente entre as suas esplêndidas mangas como se elas fossem asas, nos suntuosos braços de outra pessoa, desdobrando-se em todo tipo de adulações como fazia com ela. Em algum momento, encerrada no interior da magnífica cortina, essa inextinguível e profunda paixão se afastou por completo de Komatsu, subsistindo tristemente em seu coração.

— Já está na hora de ir.

Komatsu não falava com ninguém, isso apenas escapou de seus lábios junto com um suspiro enquanto estava sozinha. O eco das palavras proferidas em voz baixa permanecia no interior da sala acentuando ainda mais o silêncio. A tênue sombra dos pequenos crisântemos brancos do *tokonoma* tremeluziu como se eles tivessem sido atingidos por esse eco.

— Vou embora — repetiu Komatsu, desta vez, em voz alta, chutando o futon do *kotatsu* e se levantando.

Ela não queria ficar em um lugar onde era ignorada. O fato de Onao, a proprietária, pela primeira vez, não ter aparecido para cumprimentá-la também feriu a sensibilidade de Komatsu. Possessa, ela também estava decidida a nunca mais ver Koisaburō e foi tocar a campainha. Quem apareceu foi Onao, a proprietária.

— Sinto muito por tê-la feito esperar. O que Okatsu estará fazendo? Você ficou aqui sozinha?

Onao entrou na sala de joelhos com maneiras um tanto cerimoniais e, ao chegar diante de Komatsu, cumprimentou-a abaixando a cabeça com as mãos enfiadas nas mangas do quimono esticadas como asas. Seu rosto comprido parecia ter murchado e ficado mais estreito, enchendo-se de rugas com a idade. Com os cabelos presos em um coque no alto da cabeça e a gola do quimono um pouco afastada da nuca, as costas de Onao pareciam ainda mais curvadas. Ela parecia ter feito companhia a algum cliente, pois suas bochechas estavam levemente coradas e havia um resquício de saquê em seus lábios.

— Infelizmente, o telefone estava ocupado e só agora conseguimos fazer uma ligação. Ele disse que não está mesmo bem, mas que, apesar disso, tem se esforçado para fazer as apresentações no teatro. Como você veio na outra noite só para vê-lo, pedi que ele desse uma passada rápida por aqui, mas, você sabe, ele se comporta como uma criança mimada quando fica doente e não ouve o que lhe dizem, não é mesmo? — disse Onao rindo.

— Agradeço a sua atenção — disse Komatsu de modo lacônico e se preparou para ir embora.

— Realmente sinto muito por vê-la partir dessa forma. Marcaremos um novo encontro assim que ele estiver melhor.

— Certo, até mais.

A expressão de Komatsu era novamente serena e gentil. Ela se despediu da proprietária e deixou a casa de chá.

5

Estava frio no interior no riquixá. Mesmo sob a proteção da capota, ela não havia parado de tremer depois de ser trespassada pelo ar gélido do exterior ao sair

pelo portão da Chimaki. Komatsu mordeu os lábios e prendeu a respiração para suportar o frio. Seus lábios estavam gelados. Mesmo cobrindo-os com o comprido cachecol de veludo, o frio continuou a penetrar todo o seu corpo a partir desse único ponto antes que começasse a sentir algum calor. Komatsu puxou o quimono acolchoado com o qual Onao a havia coberto e o segurou junto de sua gola com firmeza.

Tênuas sombras de tom lilás produzidas pelo luar se espalhavam do lado de fora. A geada brilhava fria ao receber essa luz. As lâmpadas que se elevavam aqui e ali traçavam longas linhas e obstruíam a visão de Komatsu no interior da capota. A superfície do solo parecia coberta de água. A geada permeava o riquixá que corria em silêncio. Komatsu observava a monótona, fria e congelada noite de inverno através da pequena abertura na frente da capota, mas as ruas escuras que se seguiam umas às outras se tornaram insuportavelmente deprimentes e enervantes. Como se o riquixá corresse enquanto submergia nas camadas inferiores de um mundo onde as luzes tivessem sido extinguidas, sombras escuras se sobrepunham a sombras escuras e a visão de Komatsu, às vezes, era bloqueada pela mais completa escuridão.

— Onde será que estou?

Komatsu procurou imaginar o percurso da Chimaki, de Tsukiji até a casa para onde haviam se mudado em Akasaka, mas ela não tinha a menor ideia de onde estava. Ela já havia retornado da Chimaki para sua casa atual quatro ou cinco vezes e se recordava do trajeto, mas pensou que nunca havia passado por ruas tão escuras. O riquixá enfim cruzou uma ponte.

Komatsu fechou os olhos e, recostada no riquixá com a cabeça baixa, procurava não olhar para a rua escura. O riquixá balançava docemente e o frio penetrante deixou de ofender a pele de Komatsu. E, na impressão de quietude no fundo de seus melancólicos olhos cerrados, quase como se roçasse sua testa, pairava uma prazerosa visão tingida de vermelho. Ela se tornou cada vez mais nítida à frente dos olhos fechados de Komatsu até que a bela imagem de Koisaburō, envolta em tons de carmim e roxo, surgiu refletida ali.

Sob os longos cílios, os olhos de Koisaburō fitavam Komatsu com inocente nostalgia. Esses olhos se fixavam em Komatsu com uma insistência que fazia seu coração arder com uma paixão real.

O ar frio sobre sua pele aveludada... Surpresa, essa sensação fez com que Komatsu despertasse de sua fantasia como de um sonho. Ao abrir as pálpebras que pareciam ter sido coladas, a visão de Komatsu foi ofuscada pelo intenso brilho das luzes do lado de fora. Confusa, ela passou algum tempo fitando essa inesperada luminosidade, mas sua consciência, uma vez intoxicada de leve pelo prazer dessa fantasia, logo voltou a ser tomada de desejo e, imaginando que Koisaburō estava sentado ao seu lado no escuro interior do riquixá, chegava a ouvir a fricção do forro de seu casaco com clareza.

Komatsu se arrependeu de súbito por não ter ligado diretamente ao teatro quando estava na Chimaki há pouco. Mesmo por telefone, se o convite tivesse sido feito pela minha própria boca, tenho certeza de que seu sentimento de obrigação não permitiria que ele dissesse não, pensou ela. Por ter vergonha de se comportar como uma garotinha insistente, Komatsu deixou tudo por conta da proprietária do estabelecimento, mas, agora, estava insatisfeita e, quando a impaciência de ao menos escutar a voz de Koisaburō com os próprios ouvidos aumentou, ela se

alvorçou e não podia mais ficar parada. Obcecada pela ideia de ligar de algum telefone, ela se apressou em falar com o condutor do riquixá.

— É possível encontrar um telefone aqui por perto?

Ao ouvir Komatsu lhe fazer essa pergunta, o jovem condutor se deteve e, depois de pensar um pouco, retornou cerca de dez metros na direção de onde vieram e entrou em uma viela escura. O condutor parecia ter se enganado e, depois de lançar um olhar até o fim da viela, murmurou algo para si mesmo e deu meia-volta. Quando Komatsu observou a rua, viu que estava na periferia de Shinbashi. O riquixá correu sob a sombra dos salgueiros por algum tempo, então entrou em uma viela que cruzava a rua e encontrou uma pequena cabine telefônica iluminada. Komatsu ligou para a casa de Koisaburō desse telefone e ouviu que ele não voltaria aquela noite. Komatsu ficou desapontada e, embora pensasse que seria inútil, ligou para a casa de chá que costumava frequentar no teatro. Ela perguntou sobre o estado de saúde de Koisaburō, mas quando ouviu que era Komatsu quem ligava, a dona do estabelecimento informou que aparentemente Koisaburō também havia pedido para que o substituíssem na apresentação final desta noite e foi embora mais cedo porque estava doente.

— Se tivesse ligado um pouco antes... Você tinha marcado um encontro com ele esta noite? — perguntou a proprietária em tom descontraído, com uma voz baixa e grave.

Komatsu se recordou de que foi nessa casa de chá que sua paixão teve início, era como se ouvisse a voz de uma velha conhecida de quem havia permanecido separada por algum tempo. Uma estranha nostalgia impregnava o coração de Komatsu quando ela desligou o telefone e deixou a cabine.

Komatsu se deu por vencida e voltou a ser envolvida pela capota do riquixá. A bela face de seu amante infiel surgiu e desapareceu diante de seus olhos.

— Há uma mulher que não o larga ultimamente.

Komatsu repetiu as palavras da proprietária da Chimaki e pensou nessa mulher que estava apaixonada por Koisaburō. Ela imaginou Koisaburō, que costumava se apoiar semidesnudo em seu colo, agora no colo de outra mulher, e se sentiu esmorecer, tomada ao mesmo tempo por um cansaço, horror e tristeza inexoráveis como se uma invencível e enorme força a encurralasse. A ideia de que, ao final, ela havia sido excluída do grupo dos privilegiados, irrompeu novamente no peito de Komatsu.

As sobrancelhas de Koisaburō. Sobrancelhas desenhadas em preto sobre traços carmesins que se erguiam em uma pincelada na sua parte mais grossa; olhos cujos cantos se elevavam com um brilhante sombreado, telas de pura seda, emoldurados por longos cílios que fitavam docemente de soslaio; um charme que capturava o olhar das pessoas. Komatsu seguia à deriva, de uma memória a outra, enquanto se atormentava intimamente pensando que essa era, enfim, sua derradeira despedida de Koisaburō. Nenhuma tristeza pairava no coração de Komatsu, mas essa sensação fúnebre a incomodava. Komatsu não tinha vontade de ir assim ao teatro em Ginza onde Mieko e Kaneko a esperavam. Ela queria fazer algo que a animasse para se livrar dessa sensação que a consumia, e seus pensamentos passavam rapidamente de uma coisa à outra. Então, quando teve a ideia de usar o dinheiro que tinha para comprar um presente e enviá-lo à casa de Koisaburō enquanto ele

estava ausente, ela se abriu em um sorriso como se uma flor tivesse desabrochado em seu coração.

Komatsu fez com que o riquixá retornasse para a Avenida Ginza, pediu que ele esperasse em uma esquina e caminhou por algum tempo observando várias lojas. Quando levantou os olhos para o grande relógio da torre que se erguia no céu escuro, os ponteiros indicavam que faltavam dez minutos para as onze. A maioria das lojas já havia fechado as portas, e Komatsu não encontrou uma que vendesse algo que a agradasse. Ela se cansou disso e retornou ao riquixá. A cabeça de Komatsu doía como se fosse se partir, e seus passos eram cambaleantes como se estivesse bêbada.

Ela foi direto para Yūrakuchō onde encontrou Kaneko, que já havia retornado.

— Mie não parava de chorar, pedi que alguém a avisasse quando chegasse ao teatro e viemos embora. Ela finalmente dormiu — disse Kaneko, com uma expressão aborrecida e taciturna, sentada junto ao braseiro.

Bungei Sekai, 1916

Antes de desmoronar

Tradução de Igor T. Yamanaka

Os dois caminhavam seguindo o curso do rio. A noite tinha apenas começado, mas já não se via ninguém além dos dois ao longo da margem. A superfície da água apagava os contornos da margem oposta na escuridão, restando somente as luzes das casas flutuando silenciosamente, a correnteza seguia adiante até onde os olhos permitiam. Incontáveis estrelas brilhavam no céu escuro. Michiko as observava fixamente. Anos se passaram desde a última vez que pôde olhar para um céu noturno e estrelado como aquele. Seu brilho cintilava suavemente, como se revelando a intimidade de longa data que compartilhavam. Afinal, quando ela era uma menina, eram as estrelas que lhe faziam companhia, dando cores à sua criativa imaginação. Seu coração encheu-se de pesar ao perceber que os antigos sonhos que haviam desaparecido de dentro de si ainda estavam contidos naquela luz, como se refletisse seu coração pueril. Seus olhos enchiam-se de lágrimas enquanto caminhava olhando para o céu, lamentando uma juventude que já se passou.

Sentia tudo dentro do seu coração de criança com uma nostalgia da qual era familiar. Naquele momento ela já sabia que estava dependendo da compaixão e ternura de R.

R era um amigo de longa data, mas ela nunca havia sentido tanta intimidade ou ternura da parte dele como naquele momento. Foi quando, após perder até mesmo o pouco que lhe mantinha na arte, desesperou-se a ponto de abandonar a si mesma, entregando-se à ruína e à indolência. Sentia-se deprimida, incapaz de lidar com a efemeridade de sua vida, enquanto podia somente observar seu destino autodestrutivo, pois não conseguia buscar qualquer ânimo por conta própria. Seu parceiro, F, também nada podia fazer. Ele amava a arte de Michiko, mas quando sua arte perdeu o brilho, achou que a solução não estava em si mesmo.

— A essência da arte não vive para sempre. Depois do auge, o fim logo chega. É assim mesmo. Não tem problema. É só fazer outra coisa.

Foi o que ele disse à Michiko. E então ele a aconselhou que utilizasse a fama de seu nome, sua inteligência e sua perspicácia para alcançar a proeminência em meio à sociedade. Entretanto, tais conselhos e palavras de consolo não tocaram seu coração, que ainda lutava com as decepções da vida. Ela permanecia deprimida atrás das velhas cortinas rubras que encerravam seu mundo imaginário, e quanto mais ela ressentia o frio da sombra da sua ruína ali refletida, mais ela se acostumava com sua indolência.

Ninguém além dela mesma olhava para sua situação miserável com compaixão. F, que por muito tempo sentiu-se oprimido pela arrogância de Michiko, não sentia tristeza pelo fim de suas atividades. Na verdade, achava até cômico.

— Acho que ela não tem mais jeito — dizia ele sobre aquela Michiko impotente, enquanto ria com escárnio.

R também passou muito tempo ao lado de sua amiga, observando seu estilo de vida cheio de presunção e frivolidade. Quando esse estilo de vida passou a entrar em conflito com sua própria simplicidade e honestidade, ele também se afastou de Michiko. Os dois já não eram mais amigos próximos. Porém, R ainda sentia um laço que os unia, e por isso ele nunca a esquecera. Preocupado, ele observava de longe esse estilo de vida desregrado que ela mantinha.

Michiko se deteriorava por inteira, mas ainda assim ele era capaz de encontrar uma luz, um resquício de beleza nela. Sua forma de pensar demonstrava sua lucidez, honestidade e beleza, transmitindo a ele uma graciosidade harmoniosa através de seus grandes e cativantes olhos. A nostalgia carregada pelas palavras que ela lhe dirigia, da sua inocência e pureza, era afetuosa, como ondulações da alma levadas até ele aos poucos. Ela sempre foi despreocupada e ingênua. Em meio aos seus risos naturais e descontraídos, mostrava a si mesma com franqueza. Ela não fingia saber o que não sabia. Sua emoção delicada e feminina era doce como a transformação da menstruação da mulher que não sabe o que é dar à luz, do sangue impuro ao leite materno puro. Para R, isso parecia profundamente gracioso. Ele observava aquela beleza nata que ele se via desejando, alienada de seu corpo, como se fosse uma nuvem que, por mais que tente, jamais consegue tocar.

— Você não tem consciência da sua própria beleza. Não percebe que existe algo precioso habitando essa sua mente, de outra forma, jamais a veria tão pura e bela como a vejo agora. Está se machucando e se destruindo sem sequer saber da sua beleza. Você precisa pensar em como viver de acordo com essa beleza. Pois você a possui. Só é possível atingir a completude dessa forma. Então você encontrará a verdadeira arte iluminada.

R não sabia quantas vezes já havia repetido isso em seus pensamentos. Bastaria que aquele seu belo espírito despertasse. Com tais pensamentos, ficava ele de coração partido por aquela mulher que, se continuasse assim, eventualmente acabaria sucumbindo. Ele lamentava sua cegueira.

Foi na tarde de certo dia. Quando foi visitar Michiko por mero acaso, ela estava recostada em uma cadeira trançada de vime que havia em seu quarto. Naquele dia ela não estava enérgica como de costume. Ela o observava em silêncio, sua mão tocando a bochecha sobre o cabelo bagunçado, como se evitando que algo pesado que a oprimia até então a afetasse. Além da janela, o céu intenso do verão envolvia o verde intenso das folhas das árvores. As cores fortes e a luz quente eram interceptadas por uma cortina azul, projetando uma sombra lânguida sobre seu rosto pálido. Vestida com um quimono preto sem forro, como se estivesse pronta para dormir, deixava transparecer um cansaço letárgico.

— O que houve? Estava descansando?

Ele a olhou inquisitivamente. Sentiu tanta melancolia vindo dela, como jamais havia sentido até então.

— Está adoecida?

E, às suas perguntas consecutivas, ela respondeu que não. Sua voz estava firme e forte como sempre, mas seus olhos o observaram com o mesmo pânico que se sente ao, por mero descuido, pôr as mãos em algo que deveria estar trancado a sete chaves, e ao moverem-se novamente, voltaram-se para o chão com um aspecto tristonho. E então voltou o rosto na direção da parede. Daí em diante, ela ficou sem olhar na direção de R. Ela demonstrava uma irritação obstinada, ficando o tempo todo com as costas voltadas para R, como se pedisse para que a deixassem sozinha com seu mau humor, que deixassem de tentar entender seu mau humor. Ele também ficou o tempo todo de pé, afastado da cadeira trançada. Ficou fitando-a, tentando descobrir o que a deixava tão angustiada.

Aquela Michiko silenciosa e melancólica tinha algo naturalmente poético. Sua feição corriqueira agora perturbada, seu esplendor superficial, seu tom de voz arrogante. Todas essas imperfeições estavam escondidas nesta poesia. E era isso que o cativava. R não disse uma palavra, imóvel, até que Michiko voltasse a olhá-lo. “O que será que a aflige? O que ela quer despertar deve ser algo que ela mesma busca. Seu espírito naturalmente belo deve ter começado a detestar a decadência de sua própria vida. E por isso mesmo o caos de sua mente está afligindo-a.” Ele queria desesperadamente dizer algo para confortá-la, mas, incerto de como tocar o coração dela com sua compreensão, manteve-se calado. Eventualmente, ela finalmente voltou-se para R, e quando ela o olhou com o sorriso que tanto adorava, ele perguntou, afobado:

— No que você está pensando?

Mas Michiko manteve-se calada, devolvendo-lhe um olhar silencioso com um misto de repúdio e desdém, como se dissesse que jamais compreenderia o que ela estaria a pensar. E quando sentiu seus devaneios apaixonados, que faziam seus nervos estremecerem inconscientemente, serem inspirados por aquele olhar, ela escondeu suas aflições nas profundezas de seu coração e voltou à sua disposição enérgica.

Toda a vez que R se recordava da “aflição” dela, um desejo puro de lhe oferecer tudo aquilo que sabia irrompia dentro de si com entusiasmo. O coração de R palpitava toda a vez que achava que ela tinha encontrado o incentivo para dar o passo que faltava em direção a um mundo melhor, um mundo que ela deveria ser capaz de ver com clareza. E assim, ficava observando de longe as aflições escondidas nas profundezas de seu coração, enquanto sentia uma energia sem propósito brotando em si ao imaginar que era sua a mão que a guiaria.

Desde então, Michiko começou a sentir um grande apreço pela imutável e gentil amizade de seu velho amigo, quase como se precisasse dela. E quanto mais se apegava à amizade, mais sentia sua fraqueza, seu cansaço e sua frustração sendo apaziguados pela compaixão de R. Quando ela se sentia acariciada por sua ternura, como se a abrigasse em seus braços até que caísse no sono... Ou quando era gentil como alguém que enxuga silenciosamente as lágrimas que escorrem pelo seu rosto... Ou mesmo quando ele a protegia com as gotas de amor que encontrava em suas lágrimas de ansiedade e sofrimento... A gentil compaixão que a comovia nesses momentos dava um doloroso “alívio” ao seu coração, desgastado pelo cansaço que causava seu tumulto interior, pelo sofrimento que deixava seu coração insípido e pela irritação que causava sua inanidade. Ela sentia tudo em sua volta se preencher com uma tranquilidade e conforto que jamais sentira antes. Sentia-se solitária quando R

não vinha. Quando a sombra dessa solidão se juntava à desesperança e ao incômodo que sentia em relação à sua vida, ela se fechava em inexpressável tristeza e melancolia. Sentia-se contente ao vê-lo. Expressava, de forma natural, tamanha alegria pueril, que chegava a sentir uma nostalgia de quem volta aos bons e velhos tempos, e permitia que se esquecesse do seu presente. O mundo ilusório ao qual R a levava parecia muito com o sonolento mundo da eternidade que via quando criança. Lá havia somente misericórdia e bondade. Com facilidade, conseguia soltar a pesada respiração que há anos prendia em seu peito. Nada se opunha ao seu coração. Carícias, como o silencioso soprar do vento, acalmavam-na. Não mais sentia espinhos em seus sentimentos, ou a necessidade de abusar de seu próprio coração. Quando queria entrar nesse mundo, buscava R. E ele sempre a levava.

A compaixão de R parecia com o amor do mentor com o qual Michiko estudou quando era menina. Era ele quem mais amava e valorizava a inocência da pequena Michiko. Também achava amável sua expressão vazia como a de uma boneca viva. Era uma menina tola que nada sabia sobre o mundo. Durante toda a sua vida teve a alma vazia como o rosto daquela boneca, e em toda a sua vida a única pessoa que realmente desejou que ela vivesse feliz foi seu mentor, fato este que lhe permitia notar algo naquele amor que, somente agora que se tornara uma pessoa cheia de angústia e vergonha, poderia notar. E a tristeza de ter virado as costas para o amor dele que, na época, era a pessoa mais importante para ela, maculava sua alma com uma vergonha humana. Toda a vez que Michiko se lembrava dele, era dominada por um arrependimento, remoendo a tristeza de ter manchado e estragado esse relacionamento. Enquanto suspirava pelo mentor de antigamente, seguiam-se os dias em que pensava sobre o amor de R.

Lágrimas saudosas começaram a brotar em seu rosto. Eram lágrimas que expressavam um vago amor pela vida. Essas lágrimas também eram pelas memórias de R. Sua tristeza silenciosa e sua brandura gentil fizeram-na sentir-se patética pela primeira vez. Patética por só saber lamentar, por descobrir que era uma coisinha pobre e pequena. Patética, pois, mesmo desejando a força para se apoiar, para depender de alguém, era incapaz de fazê-lo.

Também nesta noite, Michiko caminhava enquanto contava a R sobre sua infância. Quando estava com R, passava a maior parte do tempo falando sobre seus tempos de criança, absorvida em suas memórias. Michiko se divertia falando sobre a inocência de tempos passados, enquanto contrastava sua graciosidade e ingenuidade de criança com o que havia se tornado.

— Você dizia umas coisas muito inteligentes. Imagino que naquela época você já tinha consciência de que é preciso amar a natureza.

Era uma história sobre um arbusto de flores brancas que ainda tinha somente botões de flores de que Michiko cuidava com carinho. Seu avô, então, pegou uma grande tesoura e podou a árvore para oferecer ao altar dos falecidos, o que a deixou furiosa a ponto de chorar. Era uma árvore pequena, não tinha nem metade do tamanho dela quando criança, mas ela acompanhou os galhos crescerem, e neles brotarem inúmeros botões. Ela e sua irmã esperavam ansiosas pelo florescer desses botões. Isso aconteceu quando ela tinha cerca de quatorze anos.

Certa manhã, ela notou que a árvore estava toda cortada, como se estivesse careca. Descobriu o que aconteceu quando sua irmã contou que seu avô cortou tudo

para oferecer no altar. Ao confrontá-lo, ele disse que não tinha problema, pois era uma oferenda aos falecidos.

— Os falecidos não vão ficar felizes recebendo um galho só com botões.

Por muito tempo, Michiko chorou, aborrecida. No jardim também havia uma árvore de camélias — era uma bela árvore de que seu avô cuidava com muito carinho — se era para oferecer no altar, havia outras flores para oferecer. Michiko ficou muito irritada, tamanho o pesar que sentia por sua árvore que teve os galhos cruelmente cortados. Ela ficou com muito ódio do cabeça-dura do seu avô. Junto com sua irmã indiferente, ela ficou postada ao lado da árvore, deixando clara sua indignação enquanto recriminava seu avô. Aquela pobre árvore careca lhe parecia triste e deplorável.

Enquanto contava essa história, Michiko chegou a suspeitar se tais palavras realmente saíram de sua boca naquela época. Parecia-lhe estranho que ela, quando criança, soubesse mais sobre a compaixão com os falecidos do que seu avô. Ela provavelmente só achou que os falecidos não ficariam felizes recebendo algo que causou tanta tristeza a ela e à pequena árvore.

— Apesar de ser uma criança obediente, eu chorava com frequência. Ficava chorando num canto por qualquer coisa.

Aquele mentor a apelidou de “chorona”. E dizia, rindo da fraca Michiko, para que tomasse cuidado com o demônio da tristeza. Isso fez com que, por muitos anos, ela se esquecesse de chorar. Seu coração endureceu-se como um torrão de terra, fazendo com que ela não derramasse uma lágrima de tristeza sequer.

R parecia melancólico também nesta noite, enquanto ela continuava contando sobre como ela, quando criança, não contrariava ninguém em suas atitudes e palavras. Ele sempre tinha muito assunto com Michiko, mas quando acabava sentindo algo impuro naquela amizade, começava a fugir até mesmo da forma correta de amizade na qual acreditava. Quando seu coração sincero era dominado pela vergonha do desejo velado por trás daquela amizade, ele simplesmente negava tal desejo com algo correto. Dessa forma, era capaz de ignorá-lo, voltando-se para sentimentos mais puros. Mas essas impurezas traíam seu coração, causando-lhe tanta angústia que lhe parecia uma punição. E quanto mais ele desejava somente manter a divertida e pacífica amizade que tinham, mais a sombra e as feridas do passado, e a vida que veio vivendo de forma inconsciente, e os vestígios de sua aversão ao amor mostravam a cara e enevoavam seus sentimentos. A visão de que ele era uma criatura infeliz fazia-se ainda mais evidente quando estava com sua amiga. Sofria com as expectativas que tinha sobre o amor — imaginava que se machucaria tentando conquistar aquela que realmente amava, e desta forma, o passado no qual era incapaz de amar voltaria a se repetir, ainda mais doloroso, ainda mais miserável. A solidão da qual ele queria tanto reclamar parecia subir como a maré quando via Michiko. Mas ele sempre evitava isso. Enquanto conversavam sobre si mesmos, R sentia que aquilo era um assunto no qual não se deveria tocar, e por isso a mantinha afastada. E isso somente fazia com que R caísse ainda mais na melancolia.

Eles pararam na margem do rio, observando a superfície da água. As luzes da noite ficavam escondidas atrás da fileira de telhados pretos do outro lado do rio. A correnteza escura estava silenciosa. Mais adiante, o silêncio desse rio atravessaria cidades agitadas, junto com o ar da cidade grande.

Ficaram em silêncio, frente à água escura, incapazes de dar voz à solidão que os afligia. Enquanto encaravam a escuridão que viam à frente de suas vidas, um barco apareceu de repente. Os dois viram o barco ao mesmo tempo, o fogo de sua lamparina tremeluzindo ao vento da noite.

— Tem um barco vindo.

Michiko observou o barco. O barqueiro era um pequeno menino. Ele passou na frente dos dois, apressado, enquanto o barco flutuava como um mero pedaço de madeira. Ao verem aquele barco de perto, sentiram o mesmo sentimento agradável e descontraído que sentiam sempre que estavam juntos. E aquele pequeno barqueiro lhes parecia muito contente.

— Que tal um passeio de barco? — perguntou R olhando para Michiko.

— Será que ele nos levaria?

Ao ver que, interessada, ela começou a andar na direção da água, R chamou o garoto.

— Para onde está indo?

— Até Umayabashi.

— Será que pode nos levar?

— Claro.

Sem pensar duas vezes, o menino aproximou o barco da margem. Encontrou um lugar, a uns sete metros de distância, onde poderia parar o barco e remou até lá.

O barco era pequeno demais para os dois. Ao subirem, o barco balançava tanto que parecia prestes a virar.

— Tá tudo bem. Acabei de levar dois homens nesse barco — disse o menino com uma voz alta e enérgica ao ver a apreensão estampada em seus rostos.

Água havia entrado no barco. E para que o barco não balançasse, R puxou o assento até o canto e fez com que ela ali se sentasse. O barco então balançou como uma folha caindo da árvore, afastando-se da margem, e logo estava no meio da água, flutuando com a correnteza.

— Não se mexam!

Quando R sentiu o barco sacudir violentamente com o remar do menino, imediatamente chamou por Michiko. Ele estava com mais medo ainda por sua amiga. Ignorando o que lhe foi dito sobre os homens que levou anteriormente, R olhava para o pequeno barqueiro a remar com empolgação e inquietação, como se fosse uma brincadeira, e começou a rir, achando engraçado sentir-se tão ameaçado por uma criatura tão pequena. O barco era levado pela correnteza sem ímpeto. Cercados pela água em todo o entorno, um medo profundo tomou conta deles.

— Está com medo? — Ele fitou Michiko, imóvel e encolhida de frio. Ainda era meados de agosto, mas o vento que soprava sobre aquelas águas já trazia consigo o frio do outono. Era um frio que parecia penetrar na pele. O fogo da lamparina presa ao barco estava bem em frente ao rosto de Michiko. Na frente da lamparina estava R, curvado. Para Michiko, o rosto de R parecia indistinto em meio à escuridão, e a figura do barqueiro mal entrava em sua visão. Aquele único ponto de luz embaçava levemente sua visão, fazendo com que todo o resto ficasse cercado em escuridão. De vez em quando eles conseguiam discernir um sorriso nos lábios um do outro em meio às sombras. Quando ela sorria, R sentia alívio. Viram-se brevemente, somente os dois, em um mundo nebuloso e envolto na escuridão, separado de todo o resto,

protegidos pelo menino barqueiro. R levantou-se e, trocando de lugar com o menino, começou a remar.

Aquela pessoinha, que até então não havia permanecido afastada de seus olhos, sentou-se ao lado dela. O menino observava a margem distante enquanto esticava as pernas. O barco já não balançava como antes. De pé, R perguntou a idade do barqueiro. Disse que tinha doze anos. Contou também que esta noite estava trabalhando no lugar do seu pai.

— E o que aconteceu com o seu pai?

— Pegou um resfriado e está de cama.

A voz rouca e melancólica de R parecia permear a água. Michiko somente ouvia aquelas vozes, sem prestar atenção na conversa. E então ela imaginou naquela figura envolta em trevas uma melancolia sufocante, como se uma indescritível força reprimida estivesse se movendo no fundo da água, sem parar, em direção ao único desejo de sua vida. Não demorou até que R parasse, cansado.

— O que foi? — Agora novamente de pé, olhou apressada para ela através da lamparina.

As luzes brancas dos postes ao longo da margem escura de Banba pareciam assombrações. Em meio àquela escuridão, um salgueiro criava uma sombra negra. O barco ia flutuando enquanto raspava nas pedras da margem do rio.

— Olhem ali!

R olhou em direção às luzes azuis e vermelhas de Asakusa manchando o céu. Uma longa ponte preta estava bem na sua frente. Michiko avisou sobre a ponte, mas ele a ignorou.

— Você estava tão dura e tensa, sem conseguir fazer nada. Parecia até uma princesa aprisionada — disse R, rindo quando foi pagar o menino e descer do barco, enquanto olhava para ela.

Ao imaginá-la sentada imóvel naquele pequeno barco, R sentia seu coração se encher de encanto. Voltando a se calar, ele voltou a andar com Michiko pela margem oposta à que haviam embarcado no barco do menino.

Depois daquela noite no rio, sempre que ele ia vê-la, Michiko passava a maior parte do tempo dormindo. Quando R perguntava se estava se sentindo mal, ela respondia:

— Sim, um pouco — e ficava de mau humor, e quase sempre não falava mais nada. Sempre que sentia seu olhar letárgico pousando sobre R, imediatamente desviava o olhar. Debaixo da brilhante lâmpada pendurada no alto do teto, vestindo um quimono branco, com o rosto pálido enquanto ficava jogada sobre sua cadeira trançada, ela parecia tão frágil, como se estivesse prestes a desaparecer em meio às suas profundas angústias. R somente conseguia ficar olhando para o seu rosto abatido e, eventualmente, ia embora sem nada dizer.

Era como se Michiko estivesse doente. Seu coração estava doente. Preocupava-se com algo gentil, e era uma cativa desse algo. Isso estava adoecendo seu coração. Uma tristeza estranha a ela, que a deixava perplexa.

Uma preocupação patética e incomum. Somada à angústia persistente que atormentava sua vida, era um sofrimento duplo que a oprimia a ponto de se tornar insuportável.

Ela era apática a tudo o que fazia. Lá fora fazia sol todos os dias. O sol do meio-dia ainda era forte o suficiente para atravessar as cortinas, mas quando a luz começou a ficar mais fraca, o céu de início de outono, junto do orvalho, fazia o céu ser dominado por uma bela e nobre cor azul-marinho, substituindo o calor debilitante. Ela ficava olhando esse céu da janela. E ali ficava, até o anoitecer. O desejo de escapar enchia sua mente incessantemente. Talvez quisesse escapar daqueles sentimentos puros que a faziam sofrer tão gentilmente. Ou talvez quisesse escapar daquele amor seco e abusivo. E assim, ela seguia com medo de pensar com clareza.

Ela seguia a vida sem rumo.

— O que foi que aconteceu com você?

Mesmo tentando ser severa consigo mesma, ela não conseguia encontrar a força para sequer tirá-la dessa angústia e voltar ao estado anterior de indolência. Tudo em sua vida parecia tedioso. Todo aquele tempo que passou irritada tentando encontrar um caminho para sua vida em meio ao vazio e ao declínio parecia-lhe agora totalmente sem sentido.

— Minha vida está toda errada.

Quando se deu conta, já estava pensando nisso. Certa vez, R disse a ela que era triste como mesmo com tanto talento, ela ainda não tinha retratado a beleza de sua alma uma vez sequer em sua vida. Quando foi que ele apareceu, enchendo seu coração com um significado tão profundo...?

Os dois estavam passeando no zoológico. Ainda era o começo do verão mas, assim como no inverno, os animais estavam presos em jaulas escuras, respirando com dificuldade devido ao calor. Passarinhos espalhavam gotas de água para todo o lado, seus olhos redondos brilhando enquanto se banhavam. Os grous, separados pelas grades, bicavam uns aos outros. Enquanto se divertiam com a briga dos grous, os dois descansavam na sombra de uma árvore e sentiam nas folhas do bosque o frescor do início do verão. O cheiro dos animais subia da terra, fazendo Michiko se sentir nostálgica.

Foi naquele momento. Quando ela improvisou um conto de fada chamado “O sacrifício do pássaro” para que R ouvisse, ele a elogiou, dizendo que aquela era a melhor de suas obras até então. E fitando-a com os olhos de quem elogia uma criança que havia feito algo incrivelmente maravilhoso, continuou:

— As suas obras até agora não tinham alma.

Foi a primeira vez que tais palavras escaparam de sua boca. Sem dar muita atenção a elas, Michiko ficou rindo enquanto o ouvia e observava a beleza de um círculo de luz do sol que se agitava na sombra da árvore.

Essas palavras de R mostravam algo a ela. Essas palavras, que naquele momento havia ignorado como algo sem importância, ainda estavam gravadas em algum canto do seu coração. Diziam que aquela arte que a adornava até então não tinha valor algum. E com uma vergonha que parecia apunhalar seu coração, ela refletia sobre a vida que havia levado até então.

— Viver a vida com os nervos à flor da pele como você deve ser tão cansativo.

Ele também disse isso a ela certa vez. Quando a viu no ócio em meio à sua vida de autoindulgência.

Sua casa estava sempre repleta de uma atmosfera de jovens mulheres autoindulgentes. Junto a ela estavam sempre uma ou duas amigas que se juntavam à sua indolência. Ao dar atenção a essas pessoas, ela acelerava sua ruína enquanto se

deixava indulgir em suas vadiagens e brincadeiras. E deixando-se levar por tais brincadeiras, ridicularizava coisas que lhe eram sérias, como se estivesse apunhalando o próprio coração. Foi em um desses momentos que ele veio por acaso e ficou observando-a, sentado no canto do quarto.

Para Michiko, os olhos dele sempre pareciam refletir perplexidade e desdém, como se dissesse “por que ela não percebe que isso é uma falta de vergonha?” Ela não fazia afronta alguma ao desdém naquele olhar, esforçando-se para evitá-lo, tamanha vergonha e angústia que sentia inconscientemente.

— Minha vida é só minha. Não te interessa o que faço ou deixo de fazer.

As palavras que usava para afrontar F até então pareciam desmoronar em um vergonhoso remorso ao ver aquele olhar de R.

— Realmente estou levando uma vida medíocre. — Tais autorreflexões surgiam em sua mente.

Ao mesmo tempo que acreditava ser odiada e desprezada por R, sentia também como se ele estivesse cuidando para que um precioso cerne de sua vida não saísse dos eixos, causando-lhe grande agonia.

— Eu não sei mais o que fazer. Minha vida está uma bagunça.

Quando Michiko deixou escapar tais palavras, como se estivesse inventando desculpas para si mesma, as palavras que ouviu de R foram aquelas:

— Viver com os nervos à flor da pele acaba cansando o ser humano. E em sua vida ficam somente restos. — E completou, murmurando: — Também não faço ideia do que se deve fazer...

Lembrando-se disso, Michiko sentou-se vagarosamente na cadeira trançada onde estava antes deitada. Era uma fadiga que, ao longo de várias semanas, amolecia pouco a pouco seu corpo endurecido por tantos anos de resistência e estresse. Lá fora já começava a escurecer, silencioso e sem vento. Insetos faziam barulho na grama da colina logo abaixo de sua janela. “R às vezes vem visitar quando anoitece”. Com tais pensamentos, também essa noite, sentia a solidão de esperá-lo enquanto ouvia o som dos insetos. Era um som jovial e agradável, como se tivesse acabado de nascer e sentisse vergonha do mundo. Não sabia que inseto era aquele, mas ela ficou por um bom tempo ouvindo aquele som claro e sutil.

— Boa noite. Que houve?

Foi F quem veio. Depois de andar duas, três vezes pra lá e pra cá, encostou-se na estante de livros com uma postura rude, as pernas abertas em formato de M. E ficou olhando em volta daquele quarto bem-organizado e decorado.

— Vim para te oferecer esses ingressos — disse ele, tirando do bolso a carteira, e dela, vários ingressos para o teatro.

Eram ingressos coletivos para ver um ator chamado M, do teatro i. F o conheceu quando, por coincidência, o ator foi comprar uma peça em sua galeria de arte, e quando F foi entregar a peça, aproveitou para visitar sua casa. Foi então que F se viu obrigado a comprar vários de seus ingressos coletivos.

— Será que você também não viria?

— Eu? Não quero — disse casualmente enquanto olhava para F com um sorriso vingativo.

— Por quê?

— Ora, faz mais de meio ano que não boto os pés naquele teatro. Não quero ir naquele lugar — dizendo isso, Michiko não conseguia apagar o sorriso do rosto.

Ela continuava encarando F. Ainda sentada na cadeira trançada, apoiava as mãos nela enquanto balançava os pés. Seu rosto estava pálido, seus cabelos desgrehados. Olhando perplexo para os ingressos, F repetiu:

— Por que você não vai?

Um ator chamado K costumava se apresentar nesse teatro. Michiko gostava tanto desse ator que, ao longo de um ano, frequentou somente esse teatro.

Ela também costumava se apresentar nos palcos, e por isso nunca se afastou dos teatros. Era diferente das pessoas que iam assistir porque simplesmente gostavam de teatro. Em sua busca pela expressão da arte sobre o palco, sempre que assistia a uma peça de teatro, fosse clássico ou novo, fazia questão de voltar seu olhar crítico para todos os atores com franqueza. Ela tinha pouca habilidade sobre o palco, parecia uma bolinha de falta de talento rolando sobre uma tábua, mas o fogo que queimava de seus profundos instintos eventualmente iluminaria o seu verdadeiro caminho. Era sempre através da fraca luz deste fogo que ela observava os espetáculos. Dali vinham suas críticas. Estava sempre insatisfeita com todos. Para o novo teatro, que permitia a liberdade na expressão da psique, tinha críticas cada vez mais minuciosas de acordo com sua própria experiência, e para o teatro clássico, sentia que seus atores se moviam de forma rotineira, sem paixão alguma, o que não satisfazia suas aspirações artísticas. Detestava ambos. Ignorava os conhecimentos sistemáticos que compunham as convenções perpetuadas no teatro japonês, mas em seu passado, houve uma pessoa que lhe proporcionou os olhos de um mestre da dramaturgia necessários para distinguir tais convenções através da direção da peça. Se tratava de xxx, uma atriz idosa que a instruiu quando começou no teatro. xxx era uma pessoa cheia de autoestima, que quando estava sobre o palco nada cedia, que demonstrava com muito prazer seu orgulho, como uma branca peônia. Teve um destino malfadado quando não conseguiu acompanhar os tempos e todos os seus pertences de valor acabaram em um canto de um circo de horrores, mas quando teceu duras críticas a um grande ator da geração naquele camarim, suas palavras não foram entendidas como asneiras de uma velha qualquer. Eram palavras esplêndidas, que causavam arrepios e que criticavam de forma correta e clara sua consciência artística. Por causa dela, desenvolveu suas habilidades e conseguiu enxergar um pouco de luz nas artes cênicas através do teatro clássico. Quando estava assistindo, lembrava-se com frequência das máximas de xxx que se habituara a ouvir, e que pareciam renascer como ironia viva para atingir em cheio aquele bando de atores sem que ninguém soubesse.

Dentre eles, descobriu que gostava, e somente gostava, de K, quando percebeu que a natureza da sua arte vinha do “poder da tristeza”. Quando sentiu esse poder da tristeza deixar a marca escura da depressão e da sedução da melancolia, como uma enfermidade artística, sobre o palco desse ator.

Michiko ia ao teatro i junto com Y, sua amiga. Y também adorava esse ator. As covas de seu rosto sempre a tremer pateticamente, seus pequenos olhos que continham um brilho de angústia e a melancolia de seus movimentos tornavam-no afável aos olhos de ambas. Sentiam na pele um desejo carnal emanando de seu corpo exposto, sempre concentrado nas covas do seu rosto, na luz dos seus olhos, no tremor dos seus lábios. Michiko sempre se deixava levar pelos sentimentos triviais que envolvem adorar um artista. Deixava-se levar por ele. Certa vez ele até deu a ela

as sobrancelhas do figurino de um personagem de uma peça que ela gostava bastante, com a ajuda de uma jovem mulher que a visitava regularmente.

O motivo pelo qual ela parou de frequentar o teatro era simples. Começaram a circular rumores sobre como Y estava comprando favores dele, ou sobre como Michiko fazia o mesmo, ou sobre como as duas brigavam por ele. Furiosa com tais rumores infundados, ela acabou parando de frequentar o teatro. Achava tais rumores humilhantes. Para ela, que era ignorante sobre atos imorais, tal humilhação era particularmente desagradável. Quando sua preferência por um lutador de sumô chamado L também levou a rumores sobre ela comprando seus favores, também parou de frequentar as lutas por raiva. Por que será que as pessoas logo assumiam perversidades repulsivas com seus olhares vulgares? Ela sentia um enorme desgosto por tais coisas. Mas sua frivolidade, sua extravagância e sua incapacidade de autorreflexão revelavam sua autoindulgência, levando essa sociedade acostumada com vulgaridades a arrastar seu nome em tais depravações carnavais.

Por isso ela deixou de frequentar esses lugares. Ela ainda ia a outros teatros, mas ir ao teatro i chegava a ser doloroso de tão humilhante — até mesmo sua indolência era carregada de arrogância. Ela conseguia se livrar temporariamente da sua indolência quando se sentia instigada a ignorar seus sentimentos. Por sua indolência, queria fazer somente o que bem entendia, e não aceitava nada menos do que isso. Não passava por sua cabeça que sua indolência a tornava difícil e a fazia passar vergonha. Nesses momentos, ela sempre perdia o interesse no que estava fazendo.

— Não vou mais naquele lugar — disse ela rispidamente, seu corpo todo enchendo-se de raiva ao pensar sobre como F, e até mesmo A, um artista plástico que era amigo íntimo de F, acreditavam que ela realmente se envolveu com K.

— Ora, então não há o que ser feito. Será que alguém compraria esses ingressos?

— Você vai?

— Vou sim.

— Posso oferecer para alguém. Deixe dois ou três ingressos aí.

Sem ter mais o que ali fazer, F foi embora assim que deixou os ingressos.

Michiko voltou a se deitar sobre sua cadeira trançada.

“Ele não é o tipo de pessoa que levaria consigo esses meus destroços e os esconderia bem longe daqui”, ela pensou.

Alguém subiu as escadas e acendeu a luz do seu quarto. A luz da lâmpada expulsou do quarto a luz suave que entrava pela janela. O brilho esbranquiçado do céu ainda não tinha desaparecido.

Foi a empregada quem subiu. Assim que terminou seus afazeres, imediatamente desceu escada abaixo. Depois, Michiko ficou novamente só. Ela procurou pelo som dos insetos, mas eles já não cantavam mais, deixando-a em uma cruel solidão.

— Ela não pegaria os meus destroços para esconder.

Enquanto murmurava tais pensamentos, focou seu olhar no céu, e finalmente conseguiu ver uma estrela sem brilho. E depois mais uma, em um lugar onde ela não esperava. As estrelas apareciam exatamente onde ela fixava sua visão, como se seu olhar sugasse as estrelas do céu. Isso a deixava alegre como uma criança.

Por baixo dessa alegria inocente, seu sangue se agitava por um profundo amor. Seu coração enchia-se de uma compaixão de quem, com lágrimas, consente docilmente aos desejos gentis e aos sentimentos suaves de alguém. Naquele céu, ela enxergava a sombra de alguém oferecendo sua gentileza, e de outro alguém que a aceita com sinceridade. Ela os olhava fixamente. Sem que percebesse, os olhos de Michiko encheram-se de lágrimas.

Por um tempo, sentiu seu coração se agitar devido àquelas lágrimas de amor. Elas limpavam e purificavam seu coração. Um desejo avassalador tomou conta do seu peito: um desejo de se entregar à única coisa disposta a mostrar a verdade desse mundo ao seu corpo e alma, cansados de sua vida arruinada e apodrecida. Aquele mundo estava prestes a se abrir para um novo lugar. Um mundo que buscava quando era uma menina, com um coração que se obstinava a manter puro e adorável, a ponto de ser sufocante. Seu peito estremecia com seu sangue inocente.

— Se realmente fosse possível encontrar esse belo mundo, como isso mudaria o meu destino?

Uma tristeza angustiante imediatamente fechou seu coração. Quando entendeu que no destino que lhe foi determinado há muito tempo não havia outro caminho senão a morte, fechou os olhos e, como se levada por um sonho, mergulhou nas recordações da vida que levou até então. Desde o passado, quando ainda estava casada com F, até o presente momento.

A vida dos dois era um desastre. Michiko se lembrava de tudo detalhadamente. Depois de quase dez anos juntos, não se passava um dia sem que eles brigassem. F era extremamente ganancioso, e até mesmo seu amor por Michiko, sua propriedade, era movido somente por seus próprios interesses. E isso sempre levava à rebeldia dela. Essa rebeldia a deixava ainda mais desregrada. Isso causava um conflito sem fim. Foi F quem a lançou para o caos da vida pública, e para isso, ele sacrificou sua capacidade de ganhar seu sustento, o que não diminuiu sua ganância. Quando ela perdia a reputação que conquistara às custas dele, era algo que o afetava diretamente. Ele não pensava em nada além de cuidar para que aquilo que era conquistado não fosse perdido. Era essa sua felicidade.

— Parece que estou sempre sendo puxada por ele, em prol dele. Eu não tenho ambição alguma — murmurava ela, olhando para ele sempre que estava cansada.

A discrepância irremediável entre o amor e a vontade dos dois fazia com que apontassem coisas que um não entendia sobre o outro, culpassem um ao outro, e assim, exacerbavam os seus egos. Michiko era imprudente em sua busca por uma ambição. Enquanto F, pensando sempre em si mesmo, — e para ele, Michiko era uma parte de si — buscava alavancá-la de acordo com suas intenções superficiais. Era ela quem sustentava a casa, mas seu ego maluco e extremo a mantinha sempre presa. Quando essas amarras acabavam por machucá-la, ela resistia utilizando-se dos seus bens para se rebelar e ser indulgente consigo mesma. Para manter sua felicidade egoísta, ele perdoava e ignorava sua rebeldia e seus excessos, mas satisfazia seu amor egoísta dominando-a fisicamente.

Ela nunca pensou que F a amava de verdade. F, por sua vez, nunca pensou que ela o amava. Desta forma, encontravam refúgio machucando um ao outro com desdém, escárnio e ódio. E entremeando tudo isso, havia o deplorável conforto dos desejos carnis.

A casa deles era um campo de batalha. Egoísmo e repulsa, prepotência e arrogância, xingamentos aos gritos, raiva e desprezo — nervos ficavam à flor da pele, sentimentos oprimiam sentimentos. A grosseria das palavras dele a intimidava. E quando se cansava, revidava com palavras igualmente vulgares. Ela gostava de estar sempre rodeada de coisas belas, dóceis, tranquilas e amáveis, mas nunca buscava tê-las à sua volta — achava humilhante mostrar qualquer fraqueza na frente dele. Em sua eterna rebeldia às paixões egoístas e à malícia dele, ia suprimindo qualquer suavidade e delicadeza de sua vida. Quanto mais agressiva se tornava, mais obstinada ficava. Sua determinação e sua rebeldia implacável foram derrubando a imprudência, a perversidade e a teimosia dele. Afinal, quando ela tentava compreendê-lo, demonstrar um pouco de brandura, tudo era dominado e arruinado por seu egoísmo tirano, quando ela se utilizava de palavras vulgares para insultar seu caráter vulgar, olhava com desprezo, entre suas lágrimas patéticas, para si mesma em meio à sua fúria. E ainda assim, ela nunca conseguia deixar para trás essa vida. Enquanto seguia nesse desprezível conflito de sentimentos cegos, com os olhos cheios de lágrimas de desprezo, com o corpo tremendo de desprezo e com uma pessoa desprezível, tudo o que os conectava era um laço carnal pútrido.

Aos poucos ela passou a viver conformada com essa situação. Toda a vez que despertava nela algum desejo emocional e nada recebia dele, que era incapaz de compreendê-la, tamanha a sua indiferença, ou mesmo quando sentia na pele a falta de qualquer sabedoria de sua parte que os impedia de ter qualquer conversa significativa, sentia um enorme desalento dessa vida de ignorância mútua. Sempre sentia isso, e ainda assim, seguia conformada. Há muito tempo, um vizinho filósofo chamado G disse a ela que jamais seria feliz enquanto não se afastasse de F. Ao vê-la sofrer com a exigência física dobrada sobre a vida dos dois, deteriorando a si mesma e a tudo que lhe era importante, sentia pena. E então dizia a ela:

— Se você não o ama, por que não o largar e ser livre?

Nessa época, ela desabafava com frequência para G que não amava F nem um pouco, e que se sentia forçada a segui-lo — mesmo assim, não se separava dele. Quando pensava na separação, um apego emocional a fazia sofrer. Ela odiava tais sentimentos amargamente. Quando perceberam que nunca conseguiriam cortar esses laços por conta própria, resignaram-se, acreditando que era seu destino permanecerem dessa forma por toda a vida. E ela achava que não tinha outro jeito a não ser sustentar a casa por conta própria em meio a tudo isso. Michiko, que antes era obstinada o suficiente para tentar oprimir a tirania de F, passou a ignorá-lo, tamanho o seu desprezo por alguém que era inferior a si mesma em tudo. E nunca pensava com seriedade sobre onde estava o amor naquele relacionamento. Para ela, o desprezo por F era amor. Ódio era amor. Conflito era amor. Desejo carnal, imundo como insetos rastejantes a crescer na lama, era amor.

Depois disso, sua vida desencaminhou ainda mais. Mesmo sendo capaz de sustentar a casa por conta própria, nunca buscou por algo importante para o seu espírito, e assim, ela foi se perdendo na indulgência do seu coração livre de amarras. Com a autoindulgência que lhe era permitida pelos interesses egoístas de F, sua vida ficava cada vez mais depravada. Vivia brincando com amores frívolos e passageiros e divertindo-se com vadiagens triviais. E assim, chegou à conclusão de que era nessas coisas que estava a beleza da vida. Passou a acreditar que a beleza estava na autoindulgência, na frivolidade. Mais do que o amor do desejo carnal de F, divertir-se

em sua autoindulgência era muito mais belo. Essa ilusão de beleza a seduzia. Passava praticamente todos os dias divertindo-se, brincando com amor. Amava humanos, flores, pássaros e bonecas. Divertia-se, tornando tudo fantástico e poético através da beleza de sua autoindulgência. Ia e vinha o tempo todo de suas vadiagens, buscando por uma beleza que a arrebatasse momentaneamente. Ela amava, em especial, o que havia de belo nas mulheres.

Não havia estabilidade alguma em sua vida de autoindulgência. No fundo, detestava a autoindulgência e buscava por seriedade. Suas vadiagens não passavam de distrações. Assim como, inconscientemente, aprendia a conviver com o fato de que odiava e desprezava a malícia de F, ela também se via incapaz de sair dessa vida indulgente, ainda que a odiasse. Forçava-se a buscar alguma beleza nesta vida para se satisfazer. Eventualmente se cansou dessa vida. E resignando-se, em desespero, à tristeza de achar que não passava de uma pilha de destroços ambulante, continuava afundando nas profundezas da indolência e da vadiagem.

Tanto no passado como no presente, Michiko via, agora com mais clareza, a si mesma perseguir um prazer superficial e barato, enquanto deixava-se envolver por um amor abusivo e cruel. E agora, mais do que ressentimento, seu peito se enchia de um nojo intenso e fervoroso.

— Eu quero mesmo viver uma vida decente. Esta vida não dá mais. — Foram inúmeras as vezes que tais palavras de anseio e negação surgiram em seu peito.

Quando sentia angústia ao refletir sobre sua arte, sua casa e seu próprio comportamento, procurava por algo vago, negava o presente, e irritava-se com o ódio que sentia de si mesma. Mas isso nunca passava de um monólogo para si mesma. Não importava aonde fosse, ela nunca sabia o que era esse algo que ela procurava. Mas agora os sussurros de alguém disposto a ouvir seu monólogo e ajudá-la em sua procura chegaram aos seus ouvidos.

Os olhos dele apareciam em suas ilusões, carregadas de lamentos e tristeza, como se dissesse:

— Sua infelicidade foi ter ao seu lado alguém incapaz de fazê-la florescer de verdade.

Por que será que a vida parece tão gentil e bela? A vida sorri para mim com toda a sua gentileza. Estou tentando aceitar esse sorriso com um coração belo. Assim como quando eu era virgem... Meu peito se enche de lágrimas puras.

Mas aí há uma ilusão gentil. A vida sorri gentilmente para mim porque ela está tentando me desiludir.

Mas o que eu faço com essas lágrimas verdadeiras? O que faço com a serenidade destes sentimentos tranquilos? Por que é que lágrimas caem frente à tal desilusão? É porque é verdadeiro. Algo está tentando me atizar. Algo está tentando me dar lágrimas verdadeiras para chorar minhas mágoas. Algo que vai abrandar todos os meus caprichos, tudo o que há de errado comigo. Tudo isso vem do meu passado, que ainda guardo com carinho.

Não é mais o mundo belo que o deslumbre dos desejos me mostrava até agora. Através destas lágrimas, as inocentes lágrimas dos meus tempos de menina, vi um mundo belo de verdade.

E se eu conseguisse viver somente destas lágrimas? Ah, consigo ver essa cena no peito daquela pessoa. “É preciso acreditar”, é o que diz a feição daquela pessoa.

— Torne-se uma boa pessoa. Por que você faz questão de fazer mal a si mesma? Olhe bem para sua própria alma. Essa alma que você tem desde que nasceu é tão gentil, tão bela. Jamais deixe que ela seja maculada. — Era o que diziam seus olhos para mim o tempo todo. Agora eu entendo.

Ele é uma boa pessoa. Ele jamais me ridicularizaria. Jamais me desprezaria. E com sua amizade, me perdoaria por tudo. Por toda minha vida, jamais conheci alguém que me tratasse com tamanho perdão e gentileza.

Michiko foi até sua mesa e começou a escrever tais palavras no pedaço de papel que havia ali... e parou sua caneta nessa parte. Pois, em suas próprias palavras ali despejadas, ela sentiu o destino novamente. O que apareceu em seu peito foi algo mais denso e inevitável do que a sombra do destino que viu em meio à felicidade e tristeza que sentiu enquanto contava as primeiras estrelas da noite, era uma sombra escura como o inferno.

Michiko dobrou o papel em que escreveu e guardou-o em seu bolso. E então levantou-se e, pela janela, olhou para a escuridão lá fora. Muito tempo se passou desde a última vez que saiu. Durante esse tempo, nenhum de seus amigos de libertinagem foi visitá-la, como costumavam fazer. Um pensamento lhe surgiu sobre esses amigos. Ao ser privada dos risos alegres daquelas pessoas despreocupadas, ela não sentiu falta de nenhuma delas. E então ela se lembrou dos ingressos que F deixou. Ela precisava repassar aqueles ingressos para essas pessoas.

Por muito tempo ela ficou de pé em frente à janela. E ficou pensando por muito tempo sobre F enquanto olhava para um ponto fixo naquela escuridão. Quando ela começou a desprezar aquela vida angustiante, chegou a pensar em se mudar para um interior afastado de tudo junto com F. Mas F não quis. Ele era o tipo de pessoa que, devido à sua ganância e vaidade fúteis, queria ser sempre relevante na vida pública.

A escuridão parecia continuar até o céu, denso e sem fim. De repente, sentiu em seu coração cansado de tanta preocupação, um amor fraternal por F, que jamais havia sentido antes...

Taikan, 1918

Sobre os tradutores

Daniela Motano Patrocínio — É bacharel em Língua, Cultura e Literatura japonesa pela FFLCH/USP e mestranda do mesmo programa.

Igor T. Yamanaka — É bacharel em Letras Português/Japonês pela FFLCH/USP. Atua como tradutor e intérprete.

Karen Kazue Kawana — É doutoranda em História e Teoria Literária do IEL/Unicamp, doutora em Filosofia pelo IFCH/Unicamp, mestra em Literatura Japonesa pela USP. Autora da coletânea de poemas *Pequenas coisas* (Bestiário, 2021); da novela *O homem do jardim* (Urutau, 2022) e de *Cancioneiro da desilusão, um pseudo-renga* (Urutau, 2022). Traduziu autores como Motojirō Kajii, Osamu Dazai, Yuriko Miyamoto, entre outros.

Mariane Andrade — É mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa da USP. Estagiária do Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE). Bacharela e Licenciada em Letras Português e Japonês pela USP. Participa do Grupo de Pesquisa Pensamento Japonês: princípios e desdobramentos desde 2021.

Pedro Malta Chicaroni — É bacharel em Letras Português/Japonês pela FFLCH/USP. Participa do Grupo de Pesquisa Pensamento Japonês: princípios e desdobramentos desde 2021. Pesquisador associado da curadoria de Assuntos do Japão do CEÁSIA-UFPE.

Thais Diehl Bresolin — É mestranda em Língua, Literatura e Cultura Japonesa pela USP e bacharela em Letras - Tradutor Português/Japonês pela UFRGS. Participa do Grupo de Pesquisa Pensamento Japonês: princípios e desdobramentos desde 2021. Atua como tradutora desde 2013.